

Il Leopardi

Tomasi
di
Lampedusa



Livraria Bertrand

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Giuseppe Tomasi di Lampedusa
O Leopardò

Título do original: **Il gattopardo**

Tradução de Rui Cabeçadas

Capítulo I

ROSÁRIO E APRESENTAÇÃO DO PRÍNCIPE – O JARDIM E O SOLDADO MORTO – AS AUDIÊNCIAS REAIS – O JANTAR – DE CARRUAGEM PARA PALERMO – IDA A MARIANNINA – REGRESSO A S. LOURENÇO – CONVERSA COM TANCREDO – NOS ESCRITÓRIOS DA ADMINISTRAÇÃO: AS PROPRIEDADES E OS RACIOCÍNIOS POLÍTICOS – NO OBSERVATÓRIO COM O PADRE PIRRONE – REPOUSO DURANTE O ALMOÇO – D. FABRÍCIO E SEU FILHO PAULO – A NOTÍCIA DO DESEMBARQUE E, DE NOVO, O ROSÁRIO

Maio, 1860

“Nunc et in hora mortis nostrae. Amen.” A recitação quotidiana do rosário terminara. Durante meia hora, a voz calma do Príncipe havia recordado os mistérios Gloriosos e Dolorosos; durante meia hora, outras vozes entremeadas haviam tecido um sussurro ondulante em que sobressaíam as flores de ouro de certas palavras insólitas: amor, virgindade, morte. Durante aquele sussurro o salão rococó parecia ter mudado de aspecto; até os papagaios que abriam as asas irisadas na seda das tapeçarias haviam-se mostrado intimidados; e, entre as duas janelas, Madalena, na qual todos habitualmente viam uma bela e opulenta loira, perdida não se sabe em que sonhos, tinha tomado uns ares de penitente.

Calada, agora, a voz, tudo regressava à ordem na desordem do costume. Pela porta por onde os criados haviam saído, Bendicó, o grande cão de fila, a quem a forçada exclusão havia magoado, entrou e abanou o rabo.

Lentamente, as senhoras principiaram a erguer-se e, aos poucos, o refluxo oscilante das suas saias ia deixando a descoberto os nus mitológicos desenhados no fundo leitoso dos azulejos. Apenas permanecia escondida uma Andrómeda, a quem a batina do Padre Pirrone, atrasado nas orações suplementares, impediu, por um bom momento, de rever o seu prateado Perseu, que, sobrevoando as vagas, corria a libertá-la e a beijá-la.

No fresco do tecto as divindades acordaram. Filas de tritões e dríades precipitavam-se dos montes e mares, entre nuvens cor de framboesa e lilás, em direcção a uma transfigurada Concha de Oiro, a fim de exaltar a glória da Casa de Salina; tão transbordantes de satisfação se mostravam que as mais elementares regras de perspectiva foram violadas. E os Deuses maiores, os príncipes entre os Deuses, Júpiter o Fulgurante, Marte o Carrancudo, Vénus a Langorosa, que haviam precedido a multidão dos Deuses menores, pareciam agora sustentar de boa vontade o escudo azul com o Leopardo dançando.

Sabiam perfeitamente que durante vinte e três horas e meia voltariam a ser os senhores da villa. Nas tapeçarias das paredes, os macacos voltavam a fazer momices às catatuas.

Também os mortais da casa de Salina, sob aquele Olimpo palermitano, desciam apressadamente das altas esferas místicas. As raparigas compunham as pregas dos vestidos enquanto trocavam entre si rápidos olhares azulíneos e palavras na gíria do pensionato. Há mais de um mês, desde os “motins” do quatro de Abril, que as haviam mandado voltar do convento; agora, era com saudade que recordavam os dormitórios de baldaquins e a intimidade colectiva do Convento de Salvador. Os rapazes mais novos brigavam já pela posse de uma imagem de S. Francisco de Paula; o primogénito e herdeiro, o Duque Paulo, começava já a sentir vontade de fumar, mas, com receio de o

fazer na presença dos pais, contentava-se em apalpar, através da algibeira, a palha entrançada da cigarreira. Desenhava-se-lhe no rosto emaciado uma melancolia metafísica: o dia havia-lhe corrido mal, pois Guiscardo, o alazão irlandês, tinha-lhe parecido em má forma e Fanny não conseguira encontrar o meio (ou o desejo?) de fazer-lhe chegar à mão o habitual bilhete cor-de-rosa. Para que se havia então sacrificado o Redentor?

Com insegura autoridade a Princesa deixou cair, secamente, o terço na bolsa bordada de azeviche, enquanto os seus belos olhos maníacos observavam os filhos escravos e o marido tirano. O seu corpo minúsculo projectava-se para este num vão desejo de domínio amoroso.

Entretanto, o Príncipe levantou-se e, ao choque do seu peso de gigante, o soalho estremecia. Durante uns instantes, os seus olhos claros reflectiam o orgulho daquela efémera confirmação do seu domínio sobre homens e coisas.

Depois, poisou o enorme missal vermelho que estivera na sua frente durante a recitação do rosário e guardou o lenço em que apoiara o joelho; um pouco de mau humor turvou-lhe o olhar, quando viu a pequenina nódoa de café que, desde a manhã, havia ousado quebrar a vasta brancura do colete.

Não era gordo; era apenas imenso e forte. A sua cabeça tocava (nas casas habitadas pelos mortais comuns) o florão inferior dos lustres, e os seus dedos sabiam dobrar como papel as moedas de ducado. Havia sempre, entre a villa Salina e a loja de um ourives, um contínuo vaivém a fim de se consertarem os garfos e as facas que a sua ira contida, à mesa, fazia frequentemente dobrar em arco. Aqueles dedos sabiam aliás usar de extrema delicadeza, quando acariciavam ou se entregavam a certas brincadeiras; e disto, para sua desgraça, se poderia lembrar Maria Stella, sua mulher; e,

ainda, sob o seu toque delicado, os parafusos, os aros e botões esmerilados dos telescópios, óculos e “pesquisadores de cometas”, que enchiam, lá no alto da villa, o seu observatório particular, não sofriam qualquer dano.

Os raios do sol poente daquela tarde de Maio incendiavam a tez rosada e os cabelos cor de mel do Príncipe. Eram estes que denunciavam a origem alemã de sua mãe, aquela Princesa Carolina cuja soberba, trinta anos atrás, havia enregelado a Corte um tanto negligente das Duas Sicílias. Mas no sangue fermentavam-lhe outras essências germânicas, e estas mais incômodas para um aristocrata siciliano, naquele ano de 1860, de que podiam ser atraentes uma pele clara e uns cabelos loiros no meio daquela gente de pele olivácea e cabelos negros. O seu temperamento autoritário, uma certa rigidez moral, a sua propensão às ideias abstractas, no ambiente moral um tanto mole da sociedade palermitana, haviam-se mudado, respectivamente, em tirania caprichosa, perpétuos escrúpulos morais e desprezo pelos seus parentes e amigos, os quais lhe pareciam andar à deriva nos meandros do vagaroso rio do pragmatismo siciliano.

Ele era, numa família que, durante séculos, não havia nunca sequer sabido fazer a soma das despesas e a subtracção das dívidas, o primeiro e último a possuir uma forte e mais que notória inclinação para as ciências matemáticas.

O Príncipe havia-as aplicado à astronomia e, desta forma, obtido com elas razoáveis sucessos públicos e belíssimos prazeres privados. Com efeito, a tal ponto, nele, o orgulho e a análise matemática se tinham associado, que alimentava a ilusão de que os astros obedeciam aos seus cálculos (como aliás pareciam fazer) e que os dois planetas que havia descoberto (chamara-lhes Salina e Esbelto em homenagem à sua propriedade e a um inesquecível perdigueiro) propagavam a fama da sua casa nas estéreis plagas do céu entre

Marte e Júpiter. E, assim, os frescos da villa representariam mais uma profecia que a adulação de um pintor.

Solicitado, por um lado, pelo orgulho e intelectualismo materno, por outro, pela sensualidade e condescendência do pai, o nobre Príncipe Fabrício vivia, sob a carranca de Zeus, em perpétuo descontentamento, entregando-se à contemplação da ruína da sua raça e do seu património sem dar mostras de qualquer actividade e, o que é mais, sem tentar pôr-lhe um termo.

Aquela meia hora entre o rosário e o jantar era um dos momentos menos irritantes do dia e, horas antes, já de antegozava-lhes a calma equívoca.

Precedido de um Bendicó excitadíssimo, desceu a pequena escada que conduzia ao jardim. Encerrado entre três muros e um dos lados da villa, esta clausura conferia-lhe um ar de cemitério, acentuado ainda mais pelos montículos paralelos que ladeavam os pequenos canais de irrigação e que lembravam túmulos de gigantes magríssimos. Na argila avermelhada as plantas cresciam em espessa desordem; as flores surgiam ao deus-dará e as sebes de murta pareciam ali dispostas mais para impedir que para dirigir os passos.

Ao fundo, uma Flora, manchada por líquenes amarelo-negros, exhibia, com resignação, os seus mimos mais que seculares; de cada um dos lados um banco sustentava uma almofada bordada, comprida e enrolada, talhada, também ela, em mármore cinzento.

A um canto, o oiro de uma acácia introduzia uma nota de alegria intempestiva. De todos aqueles torrões emanava uma sensação de beleza depressa amortecida pela indolência.

Mas o jardim, refreado e macerado entre aquelas barreiras, exalava perfumes untuosos, carnais, levemente pútridos, como os líquidos destilados

das relíquias de certos santos; o perfume apimentado das violetas sobrepunha-se ao aroma convencional das rosas e ao oleoso das magnólias que se concentravam nos cantos. Muito ao de leve, percebia-se ainda o perfume da hortelã-pimenta misturado ao aroma infantil da acácia e ao cheiro a confeitaria da murta. O perfume de alcova das primeiras flores das laranjeiras do pomar transbordava por cima do outro muro.

Era um jardim para cegos. A vista constantemente se ofendia, mas o olfacto, esse, podia extrair dele um prazer violento, embora grosseiro. As rosas Paul Neyron, cujas estacas ele próprio adquirira em Paris, haviam degenerado. Primeiro estimuladas, depois extenuadas pelos sucos vigorosos e indolentes das terras sicilianas, queimadas por Julhos apocalípticos, haviam-se transformado numa espécie de couves cor de carne, obscenas, que destilavam, porém, um aroma denso, quase desonesto, que nenhum criador francês teria ousado esperar. O Príncipe levou uma delas ao nariz e foi como se aspirasse a coxa de uma bailarina da Ópera. Bendicó, a quem em seguida a ofereceu, retraiu-se nauseado e apressou-se a ir procurar sensações mais saudáveis no meio do estrume e das lagartixas mortas.

Para o Príncipe, porém, aquele jardim perfumado foi causa de obscuras associações de ideias. “Agora, sim, cheira bem, mas há um mês...”

Recordava a repugnância que as baforadas adocicadas haviam espalhado por toda a villa antes que tivesse sido removida a sua causa: o cadáver de um jovem soldado do Batalhão de Caçadores 5 que, ferido na escaramuça de S. Lourenço, contra as tropas rebeldes, tinha vindo morrer, sozinho, debaixo de um limoeiro. Haviam-no encontrado de bruços, no meio do trevo espesso, o rosto mergulhado no sangue e nos vômitos, as unhas cravadas na terra, coberto de formigas; sob as bandoleiras os intestinos violáceos haviam formado uma poça de lama. Tinha sido Russo, o guarda, a encontrar aquela

coisa desfeita, a voltá-la, a cobrir-lhe o rosto com o seu lenço vermelho e, com um pau, a meter as entranhas para dentro do rasgão do ventre e cobrir depois a ferida com as abas azuis do capote, cuspiendo continuamente de nojo, não precisamente em cima mas bastante perto do cadáver. Tudo isto com uma habilidade cuidadosa. “O fedor destes malandros não pára nem quando estão mortos”, dizia. E fora tudo o que comemorara aquela morte solitária.

Quando os camaradas sonolentos o vieram tirar (sim, haviam-no arrastado pelos ombros até à carreta, o que fez com que a estopa do boneco saísse outra vez para fora), foi acrescentado ao rosário da tarde um De Profundis pela alma do desconhecido.

E, como a consciência das senhoras ficou satisfeita com isto, não mais se voltou a falar no assunto.

O Príncipe foi raspar um pouco de líquen dos pés da Flora e pôs-se a passear de um lado para o outro. O sol poente projectava-lhe a imensa sombra sobre os canteiros fúnebres.

De facto, não se havia falado mais no morto e, no fim de contas, os soldados são soldados precisamente para morrer em defesa do Rei. A imagem daquele corpo estripado voltava-lhe, porém, muitas vezes à memória, como para pedir que lhe desse paz pelo único meio possível para o Príncipe: superando e justificando o seu derradeiro sofrimento com uma necessidade geral. À sua volta pairavam outros espectros ainda menos atraentes que aquele; porque morrer por alguém ou por qualquer coisa está certo, é da própria natureza das coisas; mas era preciso saber ou, pelo menos, ter a certeza que as pessoas sabem por que ou por quem se morre.

Era isto o que perguntava aquela face desfigurada e era exactamente neste ponto que as coisas começavam a confundir-se na névoa.

“Mas é evidente que ele morreu pelo Rei, caro Fabrício”, ter-lhe-ia respondido, se o Príncipe o tivesse interrogado, o seu cunhado Málvica, aquele Málvica escolhido sempre como porta-voz da multidão de amigos. “Pelo Rei, que representa a ordem, a continuidade, a decência, o direito e a honra. Pelo rei que, sozinho, defende a Igreja e impede o desmembramento da propriedade, objectivos finais da seita”.

Magníficas palavras estas que se referiam a tudo quanto era caro ao Príncipe no mais íntimo do seu coração. Qualquer coisa porém soava falso ainda. Sim, o Rei; até aqui tudo estava bem; conhecia-o, pelo menos o que tinha morrido há pouco; o actual era apenas um seminarista vestido de general e, para dizer a verdade, não valia grande coisa. “Mas isso não é raciocinar”, rebatia Málvica; “um determinado rei pode não estar à altura da função mas a ideia monárquica permanece válida na mesma”. Também aquilo estava certo; mas os reis que encarnavam uma ideia não podiam ou, pelo menos, não deviam descer, através dos tempos, abaixo de um certo nível; senão, meu caro cunhado, também a ideia sofre com isso.

Sentado num banco, ali estava ele contemplando, inerte, a devastação que Bendicó ia operando nos canteiros. De vez em quando, o cão levantava para ele os olhos inocentes, como a pedir-lhe um louvor pelo trabalho realizado: catorze cravos despedaçados, meia sebe arrancada, um rego obstruído.

Parecia mesmo um ser humano!

– Chega, Bendicó, anda cá.

E o animal acorria, poisava-lhe na mão o focinho sujo de terra, ansioso de mostrar-lhe que a tola interrupção do belo trabalho cumprido lhe havia sido

perdoada.

Oh! Aquelas audiências, aquelas muitas audiências que o Rei Fernando lhe havia concedido, em Caserta, em Capodimonte, em Portici, em Nápoles... no inferno!

Ao lado do camarista de serviço, que o guiava tagarelando, com o bicorne debaixo do braço e os mais frescos ditos napolitanos nos lábios, percorriam-se intermináveis salas de arquitectura magnífica e de um mobiliário desagradável (exactamente como a monarquia bourbónica), enfiava-se em corredores sujos e pequenas escadas vacilantes e chegava-se a uma antecâmara onde muita gente esperava: caras fechadas de esbirros, caras ávidas de suplicantes recomendados. O camarista desculpava-se, fazia-o transpor o obstáculo daquela gente vulgar e conduzia-o a uma outra antecâmara, a que era reservada às pessoas da Corte: um pequeno compartimento todo azul e prata dos tempos de Carlos III; após uma breve espera, um criado batia levemente à porta e chegava-se à Presença Augusta. O gabinete privado era pequeno e pretensiosamente simples; nas paredes caiadas um retrato do Rei Francisco I e outro, de aspecto azedo e colérico, da actual Rainha; por cima do fogão, uma Madona de Andrea dei Sarto parecia espantada de ver-se rodeada por litografias coloridas representando santos da terceira ordem e santuários napolitanos.

Em cima de uma mesa, com a lamparina acesa em frente, um Menino Jesus de cera; sobre a secretária modesta, papéis brancos, papéis azuis, papéis amarelos; toda a administração do Reino chegada à sua fase final, a da assinatura de Sua Majestade (D. G.).

Por detrás desta barreira de papelada, o Rei, já em pé para não ser obrigado a levantar-se; o Rei com o seu carão gordo e mortiço entre umas suíças

loiras e que vestia uma casaca militar de tecido grosseiro donde brotavam, em cascata roxa, umas calças tufadas. Dava um passo em frente com a mão direita já virada para o beijo que depois recusaria.

– Viva Salina, felizes olhos que te vêem!

O sotaque napolitano ultrapassava de longe, em sabor, o do camarista.

– Rogo a Vossa Majestade que me perdoe por não trazer a farda da Corte; mas estou em Nápoles apenas de passagem e não queria deixar de apresentar os meus cumprimentos a Vossa Majestade.

– Tu estás doido, Salina; sabes que aqui em Caserta estás como em tua casa. Em tua casa, com certeza.

“Em tua casa, com certeza – repetia, sentando-se por detrás da secretária e demorando um instante a mandar sentar o visitante.

– E como vão as pequenas?

O Príncipe sabia que era altura de cometer um equívoco ao mesmo tempo licencioso e beato.

– As pequenas, Majestade? Na minha idade, e sob o sagrado vínculo do matrimónio?

A boca do Rei ria, enquanto as mãos, severamente, arrumavam os papéis.

– Nunca me atrevia a tanto, Salina. Perguntava pelas tuas pequenas, as princesinhas? Concetta, a nossa querida afilhada, já deve estar crescida, uma autêntica senhora.

Da família passou-se à ciência.

– Tu, Salina, não só te honras a ti mesmo, como a todo o Reino! Grande coisa é a ciência, quando não se põe a atacar a religião.

Depois, a máscara do Amigo era posta de lado, e assumia a do Soberano Severo.

– E, diz-me cá, Salina, o que é que se diz de Castelcicala na Sicília?

Salina não tinha intenção de dizer uma palavra sobre o partido real nem tão-pouco sobre o partido liberal, mas não queria trair o amigo; defendia-se e mantinha-se nas generalidades.

– Um cavalheiro, um glorioso ferimento, mas talvez demasiadamente idoso para as muitas fadigas de lugar-tenente.

O Rei anuviava-se; Salina não queria prestar-se ao papel de espião, logo, Salina não valia nada para ele. Com as mãos apoiadas na secretária preparava-se para o despedir.

– Tenho muito trabalho, todo o Reino assenta nos meus ombros.

Era altura de dourar a pílula; a máscara amigável voltou a sair para fora da caixa.

– Quando voltares a Nápoles, vem mostrar Concetta à Rainha. Eu bem sei que ela é demasiado nova para ser apresentada à Corte, mas nada impede um simples almoço íntimo. Macarrão e raparigas bonitas, como se costuma dizer. Até à vista, Salina. Passa bem.

Certa vez, porém, a despedida fora desagradável.

O Príncipe, recuando diante do Rei, havia já feito a segunda reverência quando este o chamou.

– Escuta, Salina! Disseram-me que ele tem más companhias em Palermo; aquele teu sobrinho Falconéri... porque não o metes na ordem?

– Mas, Majestade, Tancredo só se preocupa com mulheres e com as cartas.

O Rei perdeu a paciência.

– Salina, Salina, tu estás doido. Tu, o tutor, é que és responsável. Diz-lhe que tenha juízo. Adeus!

Voltando a percorrer o itinerário faustosamente medíocre para ir assinar o livro de cumprimentos da Rainha, o desânimo invadia-o: a cordialidade plebeia havia-o deprimido tanto como a manha policial. Felizes os seus amigos que interpretavam aquela familiaridade como prova de amizade e a ameaça como manifestação de poder real; ele não podia. E, enquanto se entregava à má língua com o impecável camareiro, ia perguntando a si mesmo quem seria destinado a suceder naquela monarquia que ostentava já os sinais da morte no rosto. O Piemontês, a quem chamavam o “Cavalheiro” e que fazia tanto estardalhaço na sua pequena capital fora de mão? Não seria a mesma coisa? Dialecto piemontês em vez de napolitano?

Pronto, já bastava de perguntas.

Haviam chegado ao livro. Assinava: Fabrício Cor-bera, Príncipe de Salina.

Ou talvez a República de don Peppino Mazzini? “Seja, transformar-me-ei no senhor Corbera!”

A grande volta de regresso não o acalmou. Nem mesmo o encontro já marcado com Cora Danolo o pôde consolar.

Mas que havia ele de fazer, se as coisas eram assim mesmo? Agarrar-se às realidades presentes sem dar saltos no desconhecido?

Ouviam-se agora as detonações secas das descargas, como as que haviam soado, não há muito tempo, numa praça miserável de Palermo; mas para que serviam também aqueles tiros?

– Nada se consegue com os pum! pum! Não é verdade, Bendicó?

“Ding, ding, ding” tocou a sineta que anunciava o jantar. Bendicó corria já, com a água a correr-lhe na boca, em busca de comida.

“Um autêntico piemontês”, pensava Salina, subindo as escadas.

O jantar na villa Salina, como era uso no Reino das Duas Sicílias, servia-se com um fausto verdadeiramente ruinoso. O número de comensais (eram catorze, entre patrões, filhos, governantes e preceptores) bastava, por si só, para conferir imponência à mesa. Esta, coberta de uma finíssima toalha já remendada, resplandecia sob a luz de um grande lustre precariamente suspenso da “ninfa”, sob o lampadário de Murano. Pelas janelas entrava ainda muita luz, mas as figuras brancas sobre fundo escuro que, nas portas, simulavam baixos-relevos, perdiam-se já na sombra. Maciças eram as pratas, esplêndidos os copos de cristal facetado da Boémia, que ostentavam, sobre um medalhão liso, as iniciais F. D. (Ferdinandus dedid), em recordação de uma munificência real; os pratos, porém, cada um assinado por uma sigla ilustre, eram apenas os sobreviventes dos estragos cometidos pelo pessoal da cozinha e provinham de serviços díspares. Os maiores, grandes Capodimonti, de larga cercadura verde-amêndoa, salpicada de pequeninas âncoras douradas, eram reservados para o Príncipe, que gostava que as coisas à sua volta fossem à sua escala, excepto a mulher.

Quando ele entrou na sala de jantar, já lá estavam todos reunidos; só a Princesa sentada, os outros de pé, atrás das cadeiras. Em frente ao seu lugar, sobressaíam, ladeados por uma pilha de pratos, os flancos prateados da enorme terrina de tampa coroada pelo Leopardo dançando. Era o próprio Príncipe a tirar a sopa para os pratos, tarefa que lhe era grata, símbolo das atribuições alimentares do pater famílias.

Naquela noite, porém, como há já um certo tempo não acontecia, ouviu-se, ameaçador, o tinir da concha contra as paredes da terrina: sinal de grande cólera contida, um dos ruídos mais pavorosos que havia, como, quarenta anos depois, contava um filho sobrevivente. O Príncipe havia reparado que Francisco Paulo, o filho de dezasseis anos, não estava ainda no seu lugar. O rapaz entrou logo a seguir (“desculpa, papá”) e sentou-se. Não sofreu censura, mas o Padre Pirrone, que mais ou menos tinha as funções de cão de guarda, inclinou a cabeça e agradeceu ao Senhor: a bomba não havia explodido, mas o vento da sua passagem tinha gelado as pessoas à mesa e, de qualquer forma, o jantar estava estragado.

Enquanto comiam em silêncio, os olhos azuis do Príncipe, escondidos entre as pálpebras semicerradas, fixavam, um por um, os filhos que ficavam mudos de terror.

E, no entanto, pensava: “Que bela família!” As raparigas gorduchas, florescentes de saúde, com covinhas maliciosas nas faces e, entre a testa e o nariz, aquela famosa ruga, a marca atávica dos Salinas.

Os rapazes, magros mas fortes, exibindo no rosto a melancolia da moda, manejavam os talheres com comedida violência. Um deles, João, o filho segundo, o mais querido e o de feitio mais difícil, há já dois anos que estava ausente. Um belo dia desaparecera de casa e durante dois meses não haviam tido notícias dele. Até que chegou de Londres uma carta, fria e respeitosa, em que se pedia desculpa pelos cuidados que havia causado, os tranquilizava quanto à sua saúde e, coisa estranha, afirmava preferir a modesta vida de empregado num depósito de carvão à existência “demasiado mimada” (leia-se: presa) dos palermitanos. A saudade, os cuidados pelo moço perdido naquele famoso nevoeiro da cidade herética atenazaram raivosamente o coração do Príncipe, fazendo-o sofrer imenso.

Tornou-se ainda mais sombrio. Tão sombrio que a Princesa, sentada ao seu lado, estendeu a mão infantil e acariciou-lhe a manípula poderosa que repousava sobre a toalha. Gesto inesperado que lhe desencadeou uma série de sensações: irritação por se ver lamentado, sensualidade que, embora despertada pela mulher, para ela não se dirigia. Num relâmpago apareceu ao Príncipe a imagem de Mariannina com a cabeça afundada na almofada; secamente, levantou a voz.

– Domingues – disse a um dos criados –, vai dizer a don António para atrelar os baios ao coupé; vou a Palermo, logo a seguir ao jantar.

Depois, reparando nos olhos da mulher que se haviam tornado vítreos, arrependeu-se da ordem; mas era impossível pensar em retirar uma ordem já dada e, assim, insistiu, unindo a ironia à crueldade.

– Padre Pirrone, venha comigo; estaremos de volta às onze; poderá passar duas horas no Convento com os seus amigos.

Ir a Palermo de noite, e naqueles tempos de desordem, não podia, manifestamente, ter outro objectivo senão o de uma aventura galante de baixa categoria, mas levar como companhia o padre da casa era de um despotismo verdadeiramente ofensivo. Pelo menos, assim o pensou o Padre Pirrone, que se ofendeu; como era natural, porém, cedeu.

Apenas engolida a última nêspera, ouvia-se já o rodar da carruagem no pátio; enquanto um criado estendia a cartola ao Príncipe e o tricórnio ao jesuíta, a Princesa, já com lágrimas nos olhos, fez uma última, embora vã, tentativa.

– Mas Fabrício, nestes tempos, com a estrada cheia de soldados e de malandrins... pode acontecer-te algum mal.

Ele riu-se.

– Palermices, Stella, palermices; que queres tu que me aconteça? Todos me conhecem; homens com dois metros de altura não há muitos, em Palermo. Adeus!

E beijou apressadamente a testa ainda lisa que apenas lhe chegava à altura do queixo. Mas, ou porque o perfume da pele da Princesa lhe despertasse ternas recordações, ou porque, atrás dele, o passo contrafeito do Padre Pirrone lhe tivesse invocado sermões pios, quando se viu diante do coupé esteve quase a desistir do passeio. No momento em que ia abrir a boca para ordenar que recolhessem a carruagem, um grito violento “Fabrício, meu Fabrício” veio da janela, seguido logo de gritos agudíssimos. A Princesa iniciava uma das suas crises histéricas.

– Vamos – disse para o cocheiro, que na boleia, de chicote atravessado na barriga, esperava –, vamos, vamos a Palermo levar o Reverendo Padre ao convento.

E bateu com a portinhola, sem dar ao criado tempo a fechá-la.

Ainda não era noite. A estrada, muito branca, corria entre altos muros e, mesmo à saída da propriedade dos Salinas, avistava-se, à esquerda, a villa semiarruinada dos Falconéri, e que pertencia a Tancredo, seu sobrinho e pupilo. Um pai esbanjador, marido da irmã do Príncipe, havia dissipado todo o património para morrer em seguida. Fora uma daquelas ruínas totais em que se acaba por mandar fundir a prata dos galões das librés. Depois da morte da mãe, o Rei havia confiado a Salina a tutela do sobrinho, ao tempo com catorze anos, e o rapaz, ao princípio quase ignorado, tornara-se extremamente querido ao irritável Príncipe, que encontrava nele uma alegria turbulenta, um temperamento frívolo, assaltado, por vezes, por imprevistas

crises de seriedade. Sem que ousasse confessá-lo, teria preferido tê-lo como primogénito, em vez daquele pateta do Paulo.

Naquele momento, Tancredo, com vinte e um anos, levava uma boa vida com o dinheiro que o tutor não regateava e que, por vezes, acrescentava do seu próprio bolso. “Que estará aquele rapaz a tramar”, pensava o Príncipe quando passavam em frente da villa Falconéri, à qual uma enorme buganvília, transbordando em cascatas de seda episcopal para fora do portão, conferia, na obscuridade, um aspecto de fausto verdadeiramente abusivo. “Quem sabe o que estará ele a tramar?” Porque, quando o Rei Fernando havia falado das más companhias do rapazola, havia cometido uma falta ao dizê-lo, mas, a verdade é que, quanto aos factos, tivera razão. Preso numa rede de amigos jogadores e de um certo tipo de amigas que o seu encanto atraía, Tancredo havia chegado ao ponto de manifestar simpatias pela “seita” e ter relações com o Comité Nacional Clandestino; quem sabe se recebia também dinheiro deles, como recebia do Tesouro Real. Tivera de se mexer bem e, inclusivamente, foram necessárias algumas visitas pessoais a um Castelcicala céptico e a um Maniscalco, demasiado cortês, para evitar que o rapaz, depois do quatro de Abril, sofresse graves aborrecimentos. Tudo isto era desagradável, mas Tancredo, segundo pensava o tio, não tinha culpa alguma; a culpa era daqueles tempos disparatados em que um rapazote de boas famílias não se podia entregar a umas pândegazinhas sem se ver envolvido em amizades comprometedoras. Que época!

– Maus tempos, estes que correm, Excelência! – A voz do Padre Pirrone soou como um eco dos seus próprios pensamentos. Refugiado no canto do coupé, esmagado pela mole maciça do Príncipe e amachucado por aquela manifestação de tirania, o jesuíta sofria na carne e no espírito, mas, não

sendo um homem medíocre, transferira imediatamente as suas penas efémeras para o mundo perdurável da história.

– Olhai, Excelência!

E apontava os montes abruptos da Concha d'Oiro, ainda iluminada pelas últimas claridades do crepúsculo. Pelas encostas e no alto dos montes ardiam dezenas de fogueiras; eram os fogos que as tropas rebeldes acendiam todas as noites, ameaça silenciosa à cidade régia e conventual. Pareciam aquelas lamparinas que se vêem arder nos quartos dos doentes graves, nas noites derradeiras.

– Vejo, sim, Padre, vejo.

E pensava que talvez Tancredo estivesse junto de uma daquelas fogueiras, atiçando, com as suas mãos aristocráticas, o fogo que expressamente ardia para liquidar todas aquelas mãos. “Na verdade, que belo tutor eu sou para este pupilo que pratica todas as loucuras que lhe vêm à cabeça!”

A estrada agora começava a descer um pouco e, pertíssimo, avistava-se Palermo, completamente às escuras. As suas casas baixas e amontoadas eram esmagadas pelas moles imensas dos conventos; eram às dezenas, todos enormes, muitas vezes agrupados aos dois e três; conventos de homens e de mulheres, ricos e pobres, nobres e plebeus, conventos de jesuítas, beneditinos, franciscanos, capuchinhos, carmelitas, liguoristas, agostinhos... Mais alto, erguiam-se cúpulas esguias, de curvas incertas, como seios esvaziados de leite; eram, porém, os conventos que davam à cidade a sua verdadeira dimensão e carácter, aquele ar solene, aquela presença da morte que nem mesmo a frenética luz siciliana conseguia afugentar. Era quase noite cerrada e àquela hora os conventos dominavam, como déspotas incontestados, a paisagem. Era verdadeiramente contra eles que aquelas

fogueiras da montanha ardiam, atizadas, de resto, por homens que muito se assemelhavam aos que viviam nos conventos: como eles, frenéticos, orgulhosos, ávidos de poder, em suma, como habitualmente, de ociosidade. Era o que o Príncipe pensava, enquanto os baios desciam a passo a descida; pensamentos, aliás, que contrariavam a sua natureza mais profunda, mas que nasciam dos cuidados sobre a sorte de Tancredo e de um impulso sensual que o levava a revoltar-se contra a repressão dos sentidos que os conventos encarnavam.

A estrada atravessava os laranjais em flor e como o luar anula uma paisagem, assim o perfume nupcial das flores anulava todas as coisas: o cheiro dos cavalos suados, o cheiro do coiro dos estofos da carruagem, o cheiro do Príncipe e do jesuíta, tudo era eliminado por aquele perfume islâmico que evocava o almíscar e carnavais de além-túmulo.

O próprio Padre Pirrone deixou-se comover.

– Que bela terra, Excelência, se...

“Se não fossem tantos jesuítas”, pensou o Príncipe, a quem a voz do padre havia interrompido dulcíssimas antevisões.

Mas imediatamente se arrependeu da má educação não consumada e, com a mão enorme, bateu no tricórnio do velho amigo.

Ao chegarem aos arredores da cidade, perto da villa Airoidi, uma patrulha mandou parar a carruagem. Vozes com o acento da Apúlia e de Nápoles mandaram parar. Baionetas esguias bailaram sob a luz oscilante de uma lanterna, mas um oficial subalterno reconheceu imediatamente o Príncipe, que levava o chapéu alto sobre o joelho.

– Queira desculpar, Excelência, podeis passar.

E, para que não voltassem a ser incomodados por outros postos da guarda, mandou mesmo subir para a boleia um soldado. O coupé, um pouco mais lento por causa do novo passageiro, continuou a avançar; contornou a villa Ranchibile, ultrapassou Torreros e as hortas de Villafranca e entrou na cidade pela Porta Macqueda. No Café Romeres e nos Quatri Canti di Campagna os oficiais das patrulhas da guarda riam-se enquanto sorviam enormes copos de refresco. Era, porém, este o único sinal de vida da cidade: as ruas estavam desertas, e nelas apenas se ouvia o passo cadenciado das rondas que passavam, de bandoleiras brancas cruzadas no peito.

E, de um e doutro lado, em fila contínua os conventos: a Abadia dei Monte, os Stimmati, os Crociferi, os Teatini; todos paquidérmicos, negros como alcatrão, imersos num sono vizinho da morte.

— Padre, daqui a duas horas voltarei para o buscar. Boas orações!

E o pobre Pirrone, de alma confundida, bateu à porta do convento, enquanto o coupé continuava pelas travessas e ruelas.

Deixando a carruagem no palácio, o Príncipe dirigiu-se a pé para o seu destino. A rua era pequena, mas o bairro tinha má fama; soldados completamente equipados, o que revelava imediatamente que se haviam escapado furtivamente dos seus aquartelamentos nas praças, saíam, de olhar pasmado, das casitas baixas onde uma planta de basílico nas graciosas janelas explicava a facilidade com que haviam entrado; rapazolas de aspecto sinistro, usando umas calças largas, discutiam naquele tom de voz baixo dos sicilianos enraivecidos; de longe chegava o eco de descargas disparadas por qualquer sentinela nervosa. Ultrapassado o bairro, a rua prosseguia ao longo do cais; no velho porto de pesca baloiçavam, meio podres, barcos com o aspecto desolado de cães sarnentos.

“Sou um pecador, eu sei-o, e duas vezes pecador: perante a lei divina e perante o amor humano de Stella. E disso não pode haver dúvidas. Amanhã terei de me confessar ao Padre Pirrone.” Sorriu, pensando no íntimo que talvez aquilo fosse supérfluo, pois, decerto, o jesuíta não havia de ter dúvidas sobre os pecados que iria cometer. Mas, imediatamente, o seu espírito de sofista retomou o comando da situação. “É verdade que peço, mas peço para pôr termo ao pecado, para não continuar a excitar-me, para arrancar este espinho que me atormenta a carne, para não ser levado a cometer maiores pecados. O Senhor sabe-o bem.” Sentiu-se inundado por uma súbita ternura por ele mesmo. “Pobre de mim! Sou um homem fraco”, pensava, enquanto, com o passo poderoso, martelava a calçada imunda. “Sou um fraco e ninguém me ajuda. Stella! Diga-se a verdade! O Senhor sabe como a amei: casámos aos vinte anos. Mas ela agora é tão tirânica e tão velha!” A sensação de fraqueza passara-lhe. “Ainda sou um homem vigoroso; como posso, pois, contentar-me com uma mulher que na cama, antes de a apertar nos meus braços, faz sempre o sinal da cruz e que, depois, nos momentos de maior emoção, não sabe dizer mais do que: Jesus-Maria! Na altura em que nos casámos, quando ela tinha dezasseis anos, tudo isto me exaltava, mas agora... Tive sete filhos dela, sete, e nunca lhe vi o umbigo. Será isto justo?” Quase gritava, excitado por aquela angústia egocêntrica. “Estará certo? Pergunto a vós todos!” E dirigindo-se ao arco da Catena: “Ela é que é a pecadora!”

Esta tranquilizadora descoberta reconfortou-o, e foi assim que bateu à porta de Mariannina.

Duas horas depois já ia de volta, no coupé, com o Padre Pirrone. Este estava perturbado: os seus irmãos de convento haviam-no posto ao corrente da situação política, muito mais tensa do que parecia no isolamento calmo da

villa Salina; receava-se um desembarque dos piemonteses no Sul da ilha, pelos lados de Sueca; as autoridades haviam notado no povo uma efervescência silenciosa: a escumalha das cidades esperava o primeiro sinal de enfraquecimento do Poder para se entregar à pilhagem e ao estupro; os padres estavam alarmados e três deles, os mais velhos, haviam sido enviados para Nápoles, no barco correio da tarde, com os papéis do convento.

– O Senhor nos proteja e poupe este santíssimo Reino.

O Príncipe quase não o ouvia, imerso como estava numa serenidade saciada, mesclado de certa repugnância. Mariannina havia-o olhado com aqueles grandes olhos opacos de camponesa e a nada se tinha negado; havia-se mostrado humilde e serviçal: uma espécie de Bendicó de saio de seda. Num momento de particular deliquescência, exclamava: “Meu Príncipe grandalhão!” Satisfeito, sorria agora com aquilo; era sem dúvida melhor que mon chat ou mon singe blond^[1] que denunciavam os momentos homólogos de Sarah, aquela prostitutazita parisiense que ele havia frequentado quando há anos, pelo Congresso de Astronomia, lhe haviam dado a medalha de ouro. Melhor que mon chat sem dúvida; muito melhor que “Jesus-Maria”; pelo menos não era sacrilégio. Era boa rapariga a Mariannina; havia de trazer-lhe seis metros de seda vermelha, da próxima vez que fosse ter com ela.

Mas, também, que tristeza: aquela carne jovem tão manipulada, aquele impudor resignado; e ele próprio, o que era? Um porco e nada mais. Veio-lhe à cabeça um verso que lera por acaso numa livraria de Paris, ao folhear um volume de cujo autor já não se lembrava, certamente um daqueles poetas que a França produz e esquece todas as semanas.

Revia a pilha amarelo-limão dos exemplares por vender, a página, uma estranha página, e de novo ouvia aqueles versos com que uma poesia extravagante terminava:

*... donnez-moi la force et le courage
de contempler mon coeur et mon corps sans dégoût.*

E, enquanto o Padre Pirrone continuava a ocupar-se de um tal La Farina e de um tal Crispi, “o Grandalhão” adormeceu, numa espécie de euforia desesperada, embalado pelo trote dos baios, aos quais a luz oscilante dos lampiões iluminava as nédias garupas. Acordou na curva da estrada, mesmo defronte da villa Falconéri. “Também aquele é um bom rapaz que vai atiçando o fogo que o há-de queimar”.

Ao entrar no quarto matrimonial, quando viu a pobre Stella, a dormir, com os cabelos bem arrumados na touca, toda suspirosa, no enorme e altíssimo leito de cobre, comoveu-se e enterneceu-se. “Deu-me sete filhos, e foi minha, apenas minha.”

Um cheiro a valeriana flutuava no quarto, último vestígio da crise histérica. “Pobrezinha da minha Stella”, afligia-se ele ao subir para a cama. As horas passaram e não conseguia dormir: Deus, com mão poderosa, misturara no seu pensamento três fogos: o das carícias da Mariannina, o dos versos franceses e, ameaçador, o das fogueiras das montanhas.

Pela manhã, contudo, a Princesa teve ocasião de fazer o sinal da cruz.

Na manhã seguinte, o sol iluminou um Príncipe revigorado. Havia já tomado o café e, de roupão vermelho com flores negras, barbeava-se diante do espelho; Bendicó apoiava a enorme cabeça na pantufa. Barbeava a face direita, quando viu aparecer no espelho atrás de si, o rosto de um rapaz, um

rosto magro, fino, com uma expressão de ironia um pouco receosa. Não se voltou e continuou a barbear-se.

– Tancredo, que andaste tu a fazer a noite passada?

– Bons dias, tio. Que andei eu a fazer? Absolutamente nada: estive com uns amigos. Uma santa noite; ao contrário de certas pessoas minhas conhecidas que foram divertir-se a Palermo.

O Príncipe aplicou-se a barbear bem aquele bocado de pele um tanto difícil entre o lábio e o queixo. A voz ligeiramente roufenha do sobrinho tinha uma vivacidade tão juvenil que era impossível zangar-se; mas talvez fosse lícito surpreender-se. Voltou-se, e, com a toalha sob o queixo, olhou o sobrinho. Este estava de fato de caça, casaco elegante, polainas altas.

– E posso saber quem são essas pessoas conhecidas?

– Tu, Tiozão, tu. Vi-te com estes meus olhos no posto da guarda da villa Airoidi, quando falavas com o sargento. Bonita coisa, na tua idade! E em companhia de um reverendíssimo padre! Velhos libertinos!

Já estava a ser insolente de mais; julgava que podia permitir-se tudo. Entre as pálpebras semicerradas aqueles olhos azuis-escuros, os olhos da mãe e os seus próprios, fixavam-no, sorridentes. O Príncipe sentiu-se ofendido: o rapaz não sabia até onde podia ir; faltava-lhe, porém, a coragem de ralhar-lhe; de resto, ele tinha razão.

– Mas porque estás tu assim vestido? O que é? Um baile de máscaras logo de manhã?

O rapaz tornou-se sério; o seu rosto triangular tomou uma inesperada expressão de virilidade.

– Vou-me embora, tio, parto daqui a uma hora. Vim dizer-te adeus.

O pobre Salina sentiu apertar-se-lhe o coração.

– Um duelo?

– Sim. Um grande duelo com o rei Francisquinho-Deus-te-Guarde. Vou para as montanhas, para Ficuzza; não o digas a ninguém, sobretudo a Paulo. Vão acontecer grandes coisas, tio, e não quero ficar em casa. De resto se cá ficasse apanhavam-me logo.

O Príncipe teve uma das suas costumadas e inesperadas visões: uma cena cruel de guerrilhas, descargas no meio dos bosques, e o seu Tancredo por terra, de tripas à mostra, tal como acontecera àquele desgraçado soldado.

– Estás doido, meu filho! Ires meter-te com aquela gente; são todos uma súcia de bandidos e aldrabões; um Falconeri deve estar connosco, do lado do Rei.

Os olhos voltaram a sorrir.

– Do lado do Rei, com certeza, mas de que Rei?

O rapaz teve um daqueles seus acessos de seriedade que o tornavam impenetrável e querido.

– Se nós não estivermos lá, eles fazem uma república. Se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude. Expliquei-me bem? Um pouco comovido abraçou o tio.

– Até à vista, até breve. Voltarei com a bandeira tricolor.

A retórica dos amigos havia também marcado um pouco o sobrinho; mas não, naquela voz roufenha havia um acento que desmentia a ênfase. Que rapaz! Dizendo ou fazendo palermices; ao mesmo tempo, contradizendo-as. E o seu Paulo que naquele momento devia estar certamente a vigiar a digestão de

Guiscardo! Este, sim, era o seu verdadeiro filho. O Príncipe levantou-se à pressa, arrancou a toalha do pescoço, remexeu numa caixa.

– Tancredo, Tancredo, espera!

Correu atrás do sobrinho, pôs-lhe na algibeira um rolo de moedas de oiro e apertou-lhe o ombro. Este ria.

– Subsídias agora a revolução! Obrigado, Tiozão, até breve, dá um grande abraço meu à tia.

E precipitou-se pela escada.

Chamou Bendicó, que seguia o amigo enchendo a villa de ladridos alegres. Depois, terminou a barba e lavou a cara. O criado veio calçar e vestir o Príncipe. “O tricolor! Bravo, o tricolor! Enchem a boca com estas palavras, os patifes. E que significa aquele sinal geométrico, macaqueado dos franceses, e tão feio em comparação com a nossa bandeira branca com o lírio de oiro no centro? E que se pode esperar de um amontoado de cores berrantes? “

Era o momento de pôr à volta do pescoço a monumental gravata de cetim negro. Operação difícil durante a qual era bom que se suspendessem todas as meditações políticas: uma volta, duas voltas, três voltas. Os enormes e delicados dedos compunham as pregas, alisavam as rugas, pregavam na seda a pequena cabeça de Medusa de olhos de rubi.

– Um colete lavado. Não vêes que este está sujo?

O criado ergueu-se nas pontas dos pés para lhe enfiar a sobrecasaca castanha; perfumou-lhe um lenço com três gotas de bergamota e deu-lho; as chaves, o relógio de corrente, o dinheiro foi ele que os meteu na algibeira. Olhou-se ao espelho: impecável. Era ainda um belo homem! “Velho

libertino! Uma brincadeira pesada de Tancredo! Queria vê-lo na minha idade, um carga de ossos como ele é.”

As suas passadas vigorosas faziam tinir os vidros dos salões que atravessava. A casa estava serena, luminosa e em ordem, e, sobretudo, era sua. Descendo as escadas, compreendeu. “Se quisermos que tudo fique como está...” Tancredo era um grande homem: sempre o tinha pensado.

Os escritórios da administração estavam ainda desertos, silenciosamente iluminados pelo sol que atravessava as persianas corridas. Mesmo sendo o lugar da villa destinado à prática das maiores frivolidades, o seu aspecto era de calma austeridade. Nas paredes caiadas, reflectindo-se no soalho encerado, pendiam enormes quadros representando as propriedades da casa de Salina; em molduras negras e douradas viam-se pintadas a cores vivas: Salina, a ilha das montanhas gémeas, rodeada pela renda espumante de um mar onde caracolavam galeras embandeiradas: Querceta, com as suas casas baixas à volta da Igreja Matriz, para onde convergiam grupos de peregrinos azulados; Ragattisi, apertada entre vales; Argivocale, minúscula na enorme seara salpicada de camponeses no trabalho; Donnafugata, com o seu palácio barroco, para onde se dirigiam carruagens escarlates, verdes, douradas, carregadas, ao que parece, de garrafas e violinos; e muitas outras ainda, todas protegidas por um céu limpo e tranquilizador e pelo Leopardo sorrindo entre os compridos bigodes. Todos com um ar de resta, todos desejosos de exprimir o iluminado império, directo ou indirecto, da Casa de Salina: ingénuas obras-primas de arte rústica do século anterior, que não podiam, porém, delimitar extremas, precisar as áreas ou os rendimentos, coisas que de facto permaneciam desconhecidas. As riquezas com muitos séculos de existência haviam-se transformado em arrebiques, em luxo, em prazeres, e nada mais; a abolição dos direitos feudais havia decapitado ao mesmo tempo

as obrigações e os privilégios; a riqueza, como um vinho velho, havia deixado cair no fundo da pipa as borras da cobiça, dos cuidados, e mesmo as da prudência, para conservar apenas o calor e a cor. E, assim, acabava por se destruir a ela própria: esta riqueza, que havia atingido o seu objectivo, compunha-se agora apenas de óleos essenciais e, como os óleos essenciais, evaporava-se rapidamente. E já algumas daquelas propriedades de ar festivo haviam levantado voo e delas restavam apenas aquelas telas pintalgadas e os seus nomes. Outras pareciam aquelas andorinhas de Setembro que, embora ainda presentes, já estão reunidas em grande gritaria nas árvores, prestes a partir. Mas eram tantas...; parecia que jamais poderiam acabar.

Apesar de tudo, e como habitualmente, a sensação do Príncipe ao entrar no escritório foi desagradável. No meio do compartimento erguia-se, como uma torre, uma secretária com dezenas de gavetas, nichos, concavidades, esconderijos, tampos; aquela massa de madeira amarela com embutidos negros tinha tantos alçapões e outros mecanismos como um palco teatral; havia tampos, planos corrediços e dispositivos secretos, que ninguém, excepto os ladrões, sabia fazer funcionar. Estava coberta de papéis e, se bem que a previdência do Príncipe tivesse tido o cuidado de uma boa parte deles se referir aos saborosos domínios da astronomia, o resto era suficiente para encher de desagrado o coração do Príncipe. Veio-lhe subitamente à ideia a secretária do Rei Fernando em Caserta, também ela cheia de decisões a tomar, e como ela capaz de dar a ilusão de que interferia na torrente do destino que, muito ao contrário, corria livremente noutra vale.

Salina pensou numa droga há pouco descoberta nos Estados Unidos da América, que permitia que as pessoas não sofressem durante as operações mais graves e que fossem felizes no meio das suas desventuras. Haviam-na

baptizado com o nome de morfina, este grosseiro substituto químico do estoicismo antigo, da resignação cristã. Para o pobre Rei aquela administração fantasmagórica substituía a morfina; ele, Salina, tinha também a sua e de espécie mais requintada: a astronomia. Expulsando as imagens de Ragattisi perdida e de Argivocale oscilante, mergulhou, pois, na leitura do mais recente número do Journal des Savants. “Lês dernières observations de l'Observatoire de Greenwich présentent un intérêt í ou t particulier...”

Em breve, porém, foi obrigado a exilar-se daquelas geladas regiões estelares. Don Ciccio Ferrara, o guarda-livros, entrou.

Era um homenzinho seco que escondia a sua alma de liberal ambicioso e rapace por detrás de uns óculos tranquilizadores e de gravatas imaculadas. Naquela manhã apresentou-se mais animado que o costume: percebia-se perfeitamente que as mesmas notícias que haviam deprimido o Padre Pirrone tinham agido sobre ele como um excitante.

– Tristes tempos, Excelência – disse depois dos cumprimentos rituais. – Vão acontecer grandes desgraças, mas depois de uma certa confusão e de alguns tiros tudo começará a correr melhor; vai haver uma nova época de glória para a nossa Sicília; se não fosse o facto de tantos rapazes terem de perder a pele, só haveria razão para estarmos contentes.

O Príncipe resmungava, sem, contudo, exprimir uma opinião.

– Don Ciccio – disse em seguida –, é preciso pôr um pouco de ordem na cobrança das rendas de Querceta; há já dois anos que não se recebe um tostão.

– A escrita está em dia, Excelência – era a frase mágica. – Falta apenas escrever a don Angelo Mazza, para ele pôr a acção; hoje mesmo levo a carta a Vossa Senhoria para assinar.

E afastou-se para ir remexer nos enormes livros da escrita.

Estes, numa caligrafia minuciosa e com dois anos de atraso, registavam todas as contas da Casa de Salina, excepto as que eram verdadeiramente importantes.

Ficando de novo só, o Príncipe demorou a mergulhar nas nebulosas. Estava irritado, não já contra os acontecimentos em si, mas contra a estupidez de don Ciccio, em quem havia identificado a futura classe dirigente.

“Exactamente o que o homenzinho disse é que não é verdade. Lamenta os rapazes que vão rebentar, mas, se bem conheço a qualidade dos dois adversários, serão bem poucos; precisamente e apenas os que forem necessários para se redigir um comunicado vitorioso em Nápoles ou em Turim, o que aliás dá na mesma. Ele, por sua vez, acredita numa época “gloriosa para a nossa Sicília” como diz, coisa que nos tem sido prometida na altura dos muitos desembarques que já sofremos desde Nicias. Época que não chegou. E, de resto, porque havia ela de chegar? E que irá então acontecer? Ora! Negociações ao ritmo de descargas inofensivas. Depois tudo ficará na mesma, embora tudo tenha mudado.”

Voltaram-lhe à cabeça as palavras de Tancredo, mas agora compreendia-lhes todo o alcance. Ficou tranquilo e deixou de folhear a revista. Olhava as encostas do monte Pellegrino, queimadas, escalavradas, eternas como a miséria.

Pouco depois chegou Russo, o mais característico dos seus dependentes, segundo pensava o Príncipe. Esbelto, embrulhado não sem uma certa elegância na bunaca de veludo canelado, olhos ávidos sob uma testa sem remorsos, o homem era, para ele, a perfeita expressão de uma classe em

ascensão. Aliás, respeitoso e quase sinceramente afectuoso, pois praticava as próprias ladroeiras convencido de exercer um direito.

– Imagino como Vossa Senhoria terá ficado aborrecido com a partida do senhor Tancredo; mas estou certo de que a ausência dele não vai durar muito e tudo acabará bem.

Mais uma vez o Príncipe se encontrou perante um dos enigmas sicilianos.

Nesta ilha de segredos onde as portas das casas são trancadas e onde os camponeses dizem não conhecer o caminho para a sua aldeia que se avista lá no monte, a cinco minutos da entrada, nesta ilha, apesar de um ostensivo luxo de mistérios, a reserva é um mito.

Fez sinal a Russo para se sentar, olhou-o fixamente nos olhos.

– Pedro, falemos de homem para homem. Tu também estás metido na coisa?

Metido não estava, respondia ele; era pai de família e estes riscos são para os mais novos como o Sr. Tancredo.

– Pensa que escondo alguma coisa a Vossa Senhoria, que é como se fosse meu pai?

No entanto, três meses antes, havia escondido, no seu celeiro, trezentos cestos de limões do Príncipe e sabia que o Príncipe o sabia.

– Mas devo dizer que o meu coração está com eles, com esses corajosos rapazes.

Levantou-se para dar entrada a Bendicó, que fazia tremer a porta sob os seus assaltos amigáveis. Voltou a sentar-se.

– Vossa Senhoria sabe-o; não se pode mais: perseguições, interrogatórios, papelada para qualquer coisa, um secreta a cada canto da casa; uma pessoa de bem não pode já levar a sua vida como quiser. Depois, em contrapartida,

teremos liberdade, segurança, impostos mais pequenos, facilidades, comércio, todos ficaremos melhor; só os padres vão perder. O Senhor protege os pobrezinhos como eu e não a eles.

O Príncipe sorria: sabia que era o próprio Russo que através de interposta pessoa desejava comprar Argivocale.

– Serão dias de muita desordem e confusão, mas a villa Sabina vai ficar segura que nem uma rocha; Vossa Senhoria é o nosso pai e eu tenho muitos amigos aqui. Os piemonteses virão de chapéu na mão apenas para apresentar cumprimentos a Vossa Senhoria. E afinal é o tio e tutor de D. Tancredo.

O Príncipe sentia-se humilhado: neste momento via-se descido à categoria de protegido dos amigos de Russo; o seu único mérito, ao que parecia, era o de ser tio de Tancredo. “Dentro de uma semana acabarei por descobrir que vou salvar a vida porque tenho Bendicó cá em casa.”

Torcia uma orelha do cão entre os dedos, com tal força que o pobre animal gania, honrado sem dúvida, mas sofredor.

Pouco depois, algumas palavras de Russo deram certo alívio ao Príncipe.

– Tudo vai ficar melhor, creia-me, Excelência. Os homens honestos e habilidosos poderão progredir. O resto ficará como dantes.

Afinal, esta gente, estes liberais do campo, queriam, apenas, poder enriquecer mais facilmente. Era tudo. As andorinhas iriam levantar voo mais cedo. E nada mais. De resto havia ainda muitas no ninho.

– Talvez tenhas razão. Quem sabe?

Agora havia compreendido o sentido oculto de todas as palavras enigmáticas de Tancredo, as retóricas de Ferrara; as falsas, mas reveladoras, de Russo, haviam-lhe entregue o seu tranquilizador segredo. Muita coisa iria passar-se,

mas tudo seria uma comédia; uma ruidosa e romântica comédia com algumas gotas de sangue nas roupas burlescas. A Itália era o país dos reajustamentos, não havia nela a fúria francesa; mas também que havia acontecido de novo em França com exceção do movimento revolucionário de Junho de 48? Tinha vontade de dizer a Russo, no que foi impedido pela sua inata cortesia: “Já compreendi tudo muito bem. Vocês não nos querem aniquilar a nós, os vossos “pais”. Querem apenas tomar o nosso lugar. Com doçura, com boas maneiras, metendo-nos talvez na algibeira alguns milhares de ducados. Não é assim? O teu sobrinho, caro Russo, julgará sinceramente ser barão; e tu tornar-te-ás – que sei eu! – no descendente de um grão-duque de Moscovo, por causa do teu nome, apesar de seres o filho de um labrego com o cabelo ruço, como exactamente o teu nome indica. E tua filha, antes disso, terá desposado um de nós, talvez até o próprio Tancredo, com os seus olhos azuis, e as suas mãos finas. De resto, é bela, e uma vez que comece a lavar-se... “Porque tudo fica na mesma.” No fundo na mesma, apenas com uma insensível substituição de classes. As minhas chaves douradas de camareiro, o cordão vermelho de S. Gennaro, terão de ficar na gaveta e irão acabar numa vitrina do filho de Paulo; mas os Salinas ficarão e talvez tenham qualquer compensação: o Senado de Sardenha, a fita verde de S. Maurício. Brincadeiras!”

Levantou-se:

– Pedro, fala com os teus amigos. Há cá bastantes raparigas, é preciso não assustá-las.

– Fique Vossa Excelência sossegado, que já falei. A villa Salina ficará tão calma como um convento.

E sorriu, com ar irónico e benévolo.

D. Fabrício saiu seguido de Bendicó. Queria subir para procurar o Padre Pirrone, mas o olhar suplicante do cão obrigou-o a dirigir-se para o jardim; Bendicó, na verdade, conservava ainda na memória exaltadas recordações do belo trabalho da tarde anterior e queria terminá-lo segundo todas as regras. O jardim estava ainda mais odoroso que na véspera e sob o sol matutino o oiro da acácia sobressaía menos. “Mas os soberanos? Os nossos soberanos? E que é feito da legitimidade?” Este pensamento perturbou-o um momento; não se podia iludir. Por instantes foi como Málvica. Estes Fernandos, estes Franciscos, tão desprezados, apareceram-lhe como irmãos mais velhos, confiantes, afectuosos, justos, autênticos reis. Mas já as forças de defesa da sua calma interior, sempre tão vigilantes nele, acorriam em socorro, com a infantaria do Direito, com a artilharia da História. “E a França? Não é, acaso, ilegítimo Napoleão III? E não vivem talvez felizes os Franceses sob o reinado deste Imperador iluminado que os conduzirá certamente aos mais altos destinos? De resto, entendamo-nos bem. Acaso estaria ele, Carlos III, perfeitamente legitimado? Também a batalha de Bitonto foi, como as futuras batalhas de Bisaquino ou de Corleone ou qualquer outra em que os piemonteses receberão os nossos à paulada, uma daquelas batalhas que se fazem para que tudo fique na mesma. De resto nem mesmo Júpiter era o rei legítimo do Olimpo.” Como era evidente, o golpe de estado de Júpiter contra Saturno acabaria por trazer-lhe as estrelas ao espírito.

Deixou Bendicó às voltas com o seu próprio dinamismo, subiu a escada, atravessou os salões onde as filhas falavam das amigas do convento (houve um ranger de sedas quando, à sua passagem, as raparigas se levantaram), subiu uma escadinha comprida e entrou na grande claridade azul do observatório. O Padre Pirrone, com aquele aspecto sereno do padre que

acabou de dizer a sua missa e que já tomou um café forte com biscoitos de Monreale, estava sentado, absorvido nas suas fórmulas algébricas. Os dois telescópios e os três óculos, cegos pelo sol, com a tampa negra sobre as lentes, lá estavam pacientemente agachados, como animais bem amestrados que sabem que só lhes darão a comida à noite.

A vista do Príncipe arrancou o padre aos seus cálculos e trouxe-lhe à memória o que se havia passado na noite anterior. Levantou-se, cumprimentou cerimoniosamente, mas não pôde deixar de dizer.

– Vossa Excelência vem confessar-se?

O Príncipe, a quem o sono e as conversas da manhã haviam feito esquecer o episódio nocturno, espantou-se.

– Confessar-me? Mas hoje não é sábado! Depois recordou-se e sorriu.

– Mas, na verdade, padre, não há necessidade alguma disso. Já sabe tudo.

Esta insistência na cumplicidade imposta irritou o jesuíta.

– Excelência, a eficácia da confissão não está só em contar os factos, mas em arrepender-se de tudo quanto se cometeu de mal. E, enquanto não vos tiverdes arrependido e não o tenhais demonstrado a mim, ficareis em pecado mortal, quer eu conheça ou não as vossas acções.

Soprou meticulosamente um cabelo da manga e voltou a mergulhar nas suas abstracções.

Mas tanta era a calma que as descobertas políticas da manhã haviam trazido à alma do Príncipe, que este não fez mais do que sorrir daquilo que noutra altura lhe teria parecido insolência. Abriu uma das janelas da torre: a paisagem exhibia todas as suas belezas. Sob o fermento de um sol forte todas as coisas pareciam perder o peso: o mar, ao fundo, era uma mancha de pura

cor; as montanhas que, de noite, lhe haviam parecido esconder terríveis armadilhas, eram agora massas de vapor prestes a dissolver-se; mesmo a torva Palermo, como um rebanho aos pés do pastor, estendia-se, saciada, ao redor dos conventos; no porto, os navios estrangeiros ancorados, enviados na previsão de distúrbios, não bastavam para pôr uma nota de perigo naquela calma majestosa. O sol daquela manhã de treze de Maio, embora longe do máximo da sua força, mostrava-se o autêntico soberano da Sicília: um sol violento e impúdico, um sol narcotizante que anulava as vontades e mantinha todas as coisas numa imobilidade servil, embalada em sonhos violentos, em violências que participassem da própria arbitrariedade dos sonhos.

“Serão necessários muitos Vítor Manuéis para mudar este filtro mágico que nos vem lá do alto.”

O Padre Pirrone havia-se levantado e, compondo o cinto, dirigiu-se para o Príncipe com a mão estendida:

– Excelência, fui muito brusco. Conservai por mim a vossa benevolência, mas dai-me ouvidos, confessai-vos!

O gelo fora rompido. O Príncipe pôde então informar o Padre Pirrone das suas intuições políticas; o jesuíta, porém, estava bem longe de compartilhar do seu alívio; pelo contrário tornou-se mordaz.

– Em poucas palavras, vós, senhores, ponde-vos todos de acordo com os liberais – que digo eu! –, exactamente com os maçons. E à nossa custa, à custa da Igreja. Porque é claro que os nossos bens, os bens que são património dos pobres, serão extorquidos e divididos entre os cabecilhas mais desvergonhados; e quem matará depois a fome à multidão de infelizes que ainda hoje a Igreja sustenta e guia?

O Príncipe calava-se.

– E que se fará então para apaziguar estas turbas desesperadas? Vou dizer-vos, Excelência. Deitar-se-lhe-á para seu repasto, primeiro, uma parte, depois uma segunda e, por fim, todas as vossas terras. E, assim, Deus terá feito a Justiça ainda que por intermédio dos mações. O Senhor curava os cegos de corpo; mas como acabarão os cegos de espírito?

O infeliz padre arfava. À dor sincera da prevista perda do património da Igreja unia-se agora o remorso por se ter deixado de novo arrebatado pelas palavras e de novo ter ofendido o Príncipe, de quem era sinceramente amigo; se bem que houvesse suportado as suas cóleras ruidosas, havia-lhe também experimentado a complacente bondade. Sentado, permanecia em expectativa olhando D. Fabrício, que, com uma escovinha, limpava o maquinismo de um óculo e parecia absorto nesta actividade meticulosa. Momentos depois, este levantou-se e limpou demoradamente as mãos com um trapo. O seu rosto não tinha expressão alguma, os seus olhos claros pareciam apenas ocupar-se em procurar qualquer mancha de óleo que se houvesse refugiado na raiz das unhas. Em baixo, à volta da villa, o luminoso silêncio era profundo e majestoso, mais sublinhado que perturbado pelo longínquo ladrar de Bendicó, que, no fundo do pomar, provocava o cão do jardineiro, e pelo bater rítmico e surdo do cutelo de cozinheiro na tábua, lá na cozinha, onde cortava a carne para o almoço que se aproximava.

O sol intenso havia absorvido a turbulência dos homens e a aspereza da terra. O Príncipe aproximou-se da mesa do padre, sentou-se e, com o lápis afiado que o Padre Pirrone, na sua cólera, havia abandonado, pôs-se a desenhar esguios lírios borbónicos. Tinha um ar sério, mas tão sereno que as preocupações do Padre Pirrone se desvaneceram.

– Não somos cegos, meu caro Padre, somos apenas homens. Vivemos numa realidade móvel à qual procuramos adaptar-nos como as algas que se dobram sob o ímpeto das ondas do mar. À Santa Madre Igreja foi explicitamente prometida a imortalidade, mas a nós, como classe social, não. Para nós, um paliativo que nos garanta mais cem anos de vida equivale à eternidade. Poderemos porventura preocuparmo-nos com os nossos filhos, talvez com os netos; mas para além daquilo que esperamos poder acariciar com estas mãos não temos obrigações. E não posso preocupar-me com o que os meus eventuais descendentes serão no ano de 1960. A Igreja, essa, sim, deve preocupar-se com isso, pois está destinada a não morrer. Até no seu desespero está implícito o conforto. E acreditais que se ela pudesse agora ou no futuro salvar-se com o nosso sacrifício não o faria? Sem dúvida que sim, e faria bem.

O Padre Pirrone estava contente por não ter ofendido o Príncipe e, por seu turno, não se ofendeu. Aquela expressão “desespero da Igreja” era inadmissível; mas o longo hábito da confissão tornava-o capaz de apreciar o estado de espírito desiludido de D. Fabrício. Era porém necessário não deixar triunfar o interlocutor.

– Tendes dois pecados para me confessar no sábado, Excelência: um da carne, outro do espírito. Lembrai-vos.

Acalmados os dois, puseram-se a discutir um relatório que era necessário mandar rapidamente para um observatório estrangeiro, o de Arcetri. Sustentados e guiados, como parecia, por números, invisíveis naquele momento mas presentes, os astros riscavam o espaço com as suas trajectórias exactas. Fiéis às entrevistas, os cometas haviam-se habituado a apresentar-se pontualmente perante os que os observavam.

Não eram mensageiros de catástrofes como Stella julgava: pelo contrário, a sua prevista aparição era o triunfo da razão humana que se projectava e participava na sublime regularidade dos céus. “Deixemos que lá em baixo os Bendicós persigam presas rústicas e que o cutelo do cozinheiro triture a carne de animaizinhos inocentes. À altura do observatório as fanfarronadas daquele e a crueldade deste fundem-se numa harmonia tranquila. O verdadeiro problema é viver a vida de espírito nos seus momentos mais sublimes; os que mais se assemelham à mor te.”

Assim pensava o Príncipe, esquecendo as suas eternas fantasias e os seus caprichos carnis da véspera. E, graças àqueles momentos de abstracção, ele foi talvez mais intimamente absorvido, isto é, mais unido ao universo do que o poderia fazer a bênção do Padre Pirrone. Durante uma meia hora daquela manhã os deuses do tecto e os macacos das tapeçarias foram de novo remetidos ao silêncio. Ninguém, porém, no salão se apercebeu do facto.

Quando a sineta os chamou para o almoço, ambos estavam tranquilizados, quer sobre a compreensão da conjuntura política quer quanto ao superamento desta própria compreensão; uma atmosfera de desusada distensão se espalhou pela villa. A refeição do meio-dia era a principal do dia e decorreu sempre, graças a Deus, sem complicações. Imagine-se que um dos brincos que emolduravam o rosto de sua filha Carolina, que tinha vinte anos, não tendo ficado bem seguro pela pinça, soltou-se e foi cair dentro do prato. O incidente que, noutra dia, poderia ter sido desagradável, apenas fez crescer desta vez a alegria. Quando o irmão que estava ao lado da rapariga pegou no brinco e fixou-o no pescoço como um escapulário, até o Príncipe se permitiu sorrir. A partida, o destino, os objectivos de Tancredo eram agora conhecidos de todos e toda a gente falava nisso, excepto Paulo, que continuava a comer em silêncio. De resto ninguém estava preocupado, à

excepção do Príncipe, que escondia uma certa angústia no fundo do seu coração, e Concetta, que era a única a conservar uma sombra no belo rosto. “A rapariga deve ter o seu fraco por aquele mariola. Daria um belo casal. Mas receio que Tancredo olhe para mais alto, quer dizer para mais baixo.” Naquele dia, uma vez que a calma política tinha afugentado as névoas que habitualmente a obscureciam, a bonomia fundamental do Príncipe vinha à superfície. Para tranquilizar a filha pôs-se a explicar a ineficácia das espingardas do exército real; falou sobre a falta de estrias dos canos daquelas enormes espingardas e sobre a pequena força de penetração de que eram dotados os projecteis que delas saíam; explicações técnicas, além do mais, de má fé, que poucos compreenderam, que não convenceram ninguém, mas que consolaram todos, incluindo Concetta, pois haviam conseguido transformar o caos extremamente concreto e sórdido que a guerra na realidade é num puro e simples diagrama de linhas de força.

No fim do almoço foi servido um pudim de gelatina com rum. Era o doce preferido do Príncipe, e a Princesa, grata pelas consolações recebidas, havia tido o cuidado de mandá-lo fazer logo de manhãzinha. Aparecia ameaçador com aquela sua forma de torreão apoiado em bastiões e rampas, de paredes lisas e escorregadias, impossíveis de escalar, encimado por uma guarnição vermelha e verde de cerejas e pistácios; era, porém, transparente e oscilante e a colher afundava-se nele com extrema facilidade. Quando aquela fortaleza cor de âmbar chegou em frente do filho Francisco Paulo, de dezasseis anos, o último a ser servido, já não restavam dele senão muralhas bombardeadas e blocos desagregados. Excitado pelo aroma do licor e pelo gosto delicado daquela milícia multicolor, o Príncipe divertia-se deveras, assistindo ao rápido desmantelamento da sombria fortaleza sob o assalto daqueles apetites. Um dos seus copos havia ficado meio cheio de Marsala; levantou-o,

lançou um olhar para toda a família, fixando-se mais um instante nos olhos azuis de Concetta:

– À saúde do nosso Tancredo – disse.

Bebeu o vinho de um só trago. As iniciais F. D., que antes se destacavam bem nítidas sob a cor dourada do copo cheio, deixaram de se ver.

No escritório, para onde desceu de novo depois do almoço, a luz entrava agora de través. Não sofreu qualquer reprovação por parte dos quadros das propriedades, agora na sombra.

– Que Vossa Excelência nos abençoe – murmuraram Pastorello e Lo Nigro, os dois rendeiros de Ragattisi que haviam trazido os carnaggi, aquela parte da renda que se pagava em géneros.

Ali estavam, muito direitos, com os olhos pasmados nas caras bem barbeadas e curtidas pelo sol, espalhando um cheiro a ovelhas.

O Príncipe falou-lhes com cordialidade no seu dialecto refinado: informou-se sobre as suas famílias, sobre o estado dos animais, sobre as perspectivas das colheitas. A seguir perguntou-lhes:

– Trouxeram alguma coisa?

E quando os dois responderam que sim, que estava ali na casa ao lado, o Príncipe envergonhou-se um pouco, pois percebeu que o colóquio fora uma repetição da audiência do Rei Fernando.

– Esperem cinco minutos, Ferrara vai dar-lhes os recibos.

Meteu na mão de cada um dois ducados, o que representava, talvez, mais do que o valor que haviam trazido.

– Bebam um copo à nossa saúde.

E foi ver os carnaggi: no chão estavam quatro formas de queijos frescos de doze rotoli, ou seja dez quilos cada; observou-os com indiferença; detestava aquele queijo. Havia ainda seis cordeiros, os últimos do ano, com as cabeças pateticamente pendidas acima da grande facada pela qual a vida havia saído há poucas horas; também os seus ventres haviam sido abertos e os intestinos irisados saíam para fora. “O Senhor receba as suas almas”, pensou, recordando o esventrado de há um mês. Quatro pares de galinhas presas pelas patas torciam-se de medo sob o focinho investigador de Bendicó. “Também aqui um exemplo de temor inútil: o cão não significa para elas nenhum perigo; nem mesmo comeria um osso porque lhe faria mal à barriga”.

Desgostou-o, porém, o espectáculo de sangue e terror:

– Tu, Pastorello, leva as galinhas para o galinheiro; por agora não há necessidade delas na despensa; e a seguir leva directamente os cordeiros para a cozinha; aqui estão a sujar. E tu, Lo Nigro, vai dizer a Salvador que venha fazer a limpeza disto e levar os queijos. E abre a janela para fazer sair o cheiro.

Depois entrou Ferrara, que redigiu os recibos.

Quando o Príncipe saiu, encontrou Paulo, o primogénito, Duque de Querceta, que o esperava no gabinete onde, sobre um divã vermelho, costumava fazer a sesta. O rapaz havia reunido toda a sua coragem e pretendia falar-lhe. Baixo, magro, de tez olivácea, parecia mais velho que o Príncipe.

– Queria perguntar-te, papá, que atitude vamos tomar para com Tancredo, quando o voltarmos a ver.

O Príncipe percebeu imediatamente e começou a irritar-se.

– Que queres tu dizer com isso? O que é que mudou?

– Mas, papá, não podes certamente aprová-lo: foi juntar-se àqueles patifes que fazem toda esta desordem na Sicília; isto é coisa que não se faz.

O ciúme pessoal, o ressentimento do beato contra o primo sem preconceitos, do pateta contra o rapaz inteligente, haviam-se transformado em argumentos políticos. O Príncipe ficou tão indignado que nem mesmo mandou o filho sentar-se.

– É melhor fazer palermices que estar todo o dia a olhar a caca dos cavalos. Gosto mais de Tancredo que anteriormente; e além disso não se trata de palermices; se tu podes mandar fazer cartões de visita com o nome de Duque de Querceta e se, quando eu desaparecer, vais herdar uns tostões, deve-los a Tancredo e a outros como ele. Vai-te embora, não te autorizo a falar-me mais no assunto. Aqui, quem manda sou eu.

Depois, acalmou-se e substituiu a ira pela ironia.

– Vai-te embora, meu filho, quero dormir. Vai falar de política com Guiscardo. Compreender-vos-eis bem.

E enquanto Paulo, paralisado, fechava a porta atrás de si, o Príncipe tirou a sobrecasaca e as botinas e, fazendo gemer o divã sob o seu peso, adormeceu tranquilamente.

Acordou quando entrou o criado, trazendo numa bandeja um jornal e um bilhete. Vinham de Palermo, enviados pelo seu cunhado Málvica, e trazidos, pouco antes, por um criado a cavalo. Ainda um pouco estremunhado pela soneca da tarde o Príncipe abriu a carta: “Caro Fabrício. Escrevo-te num estado de prostração sem limites. Li as terríveis notícias que vêm no jornal. Os piemonteses desembarcaram; estamos todos perdidos. Esta noite, eu e toda a minha família vamo-nos refugiar nos barcos ingleses. Certamente hás-

de querer fazer o mesmo; se assim o entenderes mandarei reservar-te alguns lugares. O Senhor salve o nosso amado Rei. Um abraço. Teu Ciccio.”

Voltou a dobrar o bilhete, meteu-o na algibeira e desatou a rir alto. Aquele Málvica! Havia sido sempre um medricas. Não compreendera nada e agora punha-se a tremer. Deixava o palácio à guarda dos criados. Desta vez, sim, iria encontrá-lo vazio! “A propósito, é preciso que Paulo vá ficar em Palermo; casas abandonadas neste momento, são casas perdidas. Falar-lhe-ei ao jantar.”

Abriu o jornal. “Um acto de flagrante pirataria foi cometido em 11 de Março com o desembarque de tropas na costa de Marsala. Relatórios posteriores esclareceram que o bando desembarcado é de oitocentos homens e comandado por Garibaldi. Assim que aqueles flibusteiros puseram o pé em terra evitaram cuidadosamente o encontro com as tropas reais e, segundo certas notícias, dirigem-se para Castelvetro, ameaçando os cidadãos pacíficos e não poupando à pilhagem e às destruições, etc., etc.”

O nome de Garibaldi perturbou-o um pouco: aquele Aventureiro, todo cabelo e barba, era um mazziniano puro. Era capaz de ter pensado em complicações. “Mas, se o rei “o Cavalheiro” o havia mandado para aqui isso queria dizer que tinha confiança nele. Haviam de o moderar.”

Tranquilizado, penteou-se, voltou a calçar as botas e a vestir a sobrecasaca; guardou o jornal numa gaveta. Era quase a hora do rosário, mas o salão ainda estava vazio; sentou-se num sofá e, enquanto esperava, reparou, que o Vulcano do tecto se parecia com as litografias de; Garibaldi que havia visto em Turim. Sorriu: “Um cornudo.”

A família começava a chegar: a seda das saias sussurrava e os mais novos vinham ainda a brincar uns com os outros. Atrás da porta ouviu-se a

costumada questiúncula entre os criados e Bendicó, que a todo o custo queria tomar parte na função. Um raio de sol carregado de poalha iluminava os macacos maldosos. Ajoelhou-se.

– Salve Regina, Mater misericordiae.

Capítulo II

A CAMINHO DE DONNAFUGATA – A ÚLTIMA PARAGEM; O
DESENROLAR DA VIAGEM – CHEGADA A DONNAFUGATA – NA
IGREJA – DON ONÓFRIO ROTOLO – CONVERSA NA CASA DE
BANHO – A FONTE DE ANFITRITE – SURPRESA ANTES DO JANTAR
– O JANTAR; AS VÁRIAS REACÇÕES – D. FABRÍCIO E AS ESTRELAS
– VISITA AO CONVENTO – O QUE SE AVISTA DA JANELA

Agosto, 1860

– As árvores! Lá estão as árvores!

O grito partiu da primeira carruagem e percorreu toda a fila das outras quatro que lhe vinham atrás, quase invisíveis numa nuvem de poeira branca; às janelas das carruagens os rostos suados exibiram um ar de satisfação cansada.

A bem dizer, as árvores não passavam de três eucaliptos, os mais esgrouviados filhos da mãe natura; eram, porém, os primeiros que se avistavam desde que a família Salina havia deixado Bisacquino, às seis da manhã.

Eram onze horas e, durante aquelas cinco horas, apenas se havia avistado a ondulação preguiçosa das colinas amarelas brilhando ao sol. O trote dos

cavalos nos percursos planos havia, em breve, alternado com as longas e lentas arrancadas nas subidas e com o passo prudente das descidas; passo e trote que, aliás, se haviam igualmente diluído no fluxo contínuo do tinido dos guizos, única manifestação sonora naquele ambiente abrasador. Haviam atravessado aldeolas pintadas de um azul-pálido; haviam atravessado, sobre pontes de insólita magnificência, ribeiros inteiramente secos; haviam ladeado ravinas tão desesperadas que nem mesmo o milho saburro e as giestas conseguiam consolá-las.

Nem uma árvore, nem uma gota de água: sol e poeira. No interior das carruagens, fechadas por causa do sol e do pó, a temperatura havia certamente atingido

os cinquenta graus. Aquelas árvores sedentas, gesticulando sob um céu desbotado, anunciavam uma quantidade de coisas: que estavam a menos de duas horas do termo da viagem; que entravam nos domínios da casa de Salina; que podiam comer e mesmo talvez lavar a cara na água infecta dos poços.

Dez minutos depois chegavam ao casal de Rampinzéri: uma casa enorme habitada apenas um mês por ano pelos trabalhadores, mulas e outros animais que lá se juntavam no tempo das colheitas. Por cima da porta, solidíssima mas arrombada, um Leopardo de pedra dançava, apesar de as pedradas lhe terem quebrado as pernas; ao lado da casa, e com os eucaliptos de sentinela, um poço fundo oferecia em silêncio os variados serviços de que era capaz: podia servir de piscina, bebedouro, prisão e cemitério. Matava a sede, propagava o tifo, guardava homens sequestrados, escondia carcaças de animais e de homens até reduzi-los a esqueletos polidos e anónimos.

Toda a família Salina desceu das carruagens. O Príncipe, satisfeito pela ideia de chegar em breve à sua querida Donnafugata; a Princesa, ao mesmo tempo irritada e prostrada, mas a quem a serenidade do marido dava forças; as raparigas, cansadas; os rapazitos, excitados pela novidade que o calor não havia podido dominar; mademoiselle Dombreuil, a governante francesa, completamente desfeita e que, recordando os anos passados na Argélia, em casa da família do marechal Bugeaud, ia gemendo: “Mon Dieu, mon Dieu, c'est pire qu'en Afrique!”, enquanto enxugava o narizinho; o Padre Pirrone, a quem uma leitura apenas iniciada do breviário havia granjeado um sono que lhe fizera parecer pequeno o trajecto, era o mais fresco de todos; uma criada de quarto e dois criados, gente da cidade irritada pelos aspectos inacostumados do campo; e Bendicó que, saltando para fora da última carruagem, barafustava contra as insinuações fúnebres das gralhas que, naquela luz, esvoaçavam baixo, à volta.

Estavam todos brancos de pó, até mesmo as sobrancelhas, os lábios e as rabonas; pequenas nuvens brancas formavam-se à volta daqueles que, junto da casa, sacudiam o pó uns aos outros.

No meio daquela porcaria brilhava ainda mais a correcção elegante de Tancredo. Havia viajado a cavalo e, chegado ao casal meia hora antes da caravana, tivera tempo de sacudir o pó, lavar-se e mudar a gravata branca. Ao tirar água do tal poço de variadas aplicações, olhara-se um momento no espelho do balde e ficara satisfeito consigo; com aquela banda negra sobre o olho direito que recordava, até porque não a tratava, a ferida recebida há três meses nos combates de Palermo; com o outro olho azul-escuro que parecia ter assumido o encargo de exprimir a malícia do que se havia temporariamente eclipsado; com o fio vermelho da gravata que, discretamente, aludia à camisa vermelha que havia usado. Ajudou a Princesa

a descer da carruagem, escovou o pó do chapéu alto do Príncipe com a manga, distribuiu caramelos às primas e piadas aos primos, quase se ajoelhou perante o jesuíta, retribuiu os ímpetos passionais de Bendicó, consolou mademoiselle Dombreuil, encantou a todos.

Os cocheiros obrigavam os cavalos a dar umas voltas a passo para os refrescar antes de lhes dar de beber; no pequeno rectângulo de sombra projectada pela casa os criados estendiam as toalhas sobre a palha que havia ficado da debulha. Perto do prestável poço iniciaram a refeição. À volta ondulava a campina fúnebre, amarela do restolho, negra dos restos queimados; o lamento das cigarras enchia o céu; era como o estertor de uma Sicília alucinada que, no fim de Agosto, em vão, esperava a chuva.

Uma hora depois, refrescados, puseram-se todos, de novo, a caminho.

Apesar de os cavalos cansados andarem mais devagar, já a última etapa de percurso lhes parecia pequena; a paisagem, agora familiar, havia atenuado o seu ar sinistro. Iam reconhecendo os lugares conhecidos, meta árida de passeios e piqueniques dos anos anteriores; o despenhadeiro da Dragonera, a encruzilhada de Misilbesi; daí a pouco tempo chegariam à Madonna delle Grazie, limite máximo para os passeios a pé desde Donnafugata. A Princesa havia adormecido, o Príncipe, sozinho com ela na espaçosa carruagem, sentia-se feliz. Nunca estivera tão contente por ir passar três meses a Donnafugata como agora, naquele fim de Agosto de 1860. Não apenas porque gostasse em Donnafugata da casa, das gentes, daquela sensação de poderio feudal que nela havia sobrevivido, mas porque, ao contrário do que acontecera nas outras vezes, não sentia nenhum desgosto pelas noitadas passadas no observatório e pelas ocasionais visitas a Mariannina.

Para ser sincero, o espectáculo que Palermo lhe havia oferecido nos últimos meses havia-o enjoado um pouco. Gostaria de poder ter tido o orgulho de haver sido o único a compreender a situação e a ter mostrado boa cara ao “papão” da camisa vermelha; mas fora obrigado a verificar que a clarividência não era monopólio da casa de Salina. Todos os palermitanos pareciam felizes; todos, com excepção de um punhado de patetas: Málvica, o cunhado, que se havia deixado apanhar pela polícia do Ditador e que passara dez dias na cadeia; seu filho Paulo, da mesma forma descontente mas mais prudente, que havia deixado em Palermo, empenhado não se sabe em que pueris conspirações.

Todos os outros ostentavam a sua alegria, traziam na rua as golas enfeitadas de fitas tricolores, participavam em cortejos de manhã até à noite e, sobretudo, falavam, arengavam; talvez nos primeiros dias da ocupação, toda aquela balbúrdia tivesse tido um certo sentido graças às aclamações que saudavam os raros feridos que passavam nas ruas principais e aos lamentos dos “ratos”, agentes da polícia bourbónica, que eram torturados nas vielas. Mas, agora que os feridos estavam curados e os “ratos” sobreviventes se haviam alistado na nova polícia, aquela carnalada, cuja necessidade reconhecia, contudo, como inevitável, parecia-lhe estúpida e insípida. Concordava, porém, que tudo aquilo era manifestação superficial de má educação; no fundo, o nível económico e social era satisfatório, tal como havia previsto. Don Pedro Russo havia cumprido as suas promessas e à volta da villa Salina não se tinha ouvido sequer um tiro; e se no palácio de Palermo fora roubado um serviço de porcelana chinesa, isso devia-se apenas à patetice de Paulo, que o havia mandado embalar em duas cestas e o deixara depois no pátio durante o bombardeamento: um autêntico convite aos embaladores para que viessem dar-lhe sumiço.

Os piemonteses (assim continuava a chamá-los o Príncipe para se tranquilizar, do mesmo modo que outros lhes chamavam garibaldinos para os exaltar ou garibaldecos para os depreciar), os piemonteses haviam-se-lhe apresentado não propriamente com o chapéu na mão, como havia profetizado, mas, pelo menos, com a mão na pala daquelas barretinas vermelhas tão esfarrapadas e amachucadas como as dos oficiais bourbónicos.

Anunciado por Tancredo com uma antecipação de vinte e quatro horas, havia-se-lhe apresentado em vinte de Junho um general em dólman vermelho de alamares negros, seguido do seu ajudante-de-campo. Pedira cortesmente que lhe fosse permitido entrar para admirar os frescos dos tectos. Imediatamente lhe satisfizeram o pedido, pois o anúncio prévio permitira que fosse retirado de um dos salões um retrato do Rei Fernando II em grande gala e substituído por uma neutral Probática Piscina: operação que aliava às vantagens políticas as estéticas.

O general era um toscano elegantíssimo dos seus trinta anos, tagarela e um tanto fanfarrão; bem-educado e simpático, aliás, havia-se portado com a devida cortesia, dando até “Excelências” ao Príncipe, em contradição com um dos primeiros decretos do Ditador; o ajudante-de-campo, um mocinho de dezanove anos, um conde milanês que fascinou as raparigas com as suas botas luzidias e com o “erre” arrastado. Tinham vindo, acompanhados de Tancredo, que havia sido promovido, melhor, feito capitão no campo de batalha; um pouco emagrecido pelos sofrimentos causados pela ferida, ele lá estava vestido de vermelho e irresistível, exibindo a sua intimidade com os vencedores. Intimidade na base), do “tu” e do “meu valente amigo” recíprocos que os “continentais” prodigalizavam com pueril fervor e que eram devolvidos por Tancredo numa voz nasal que, para o Príncipe,

aparecia carregada de ironia escondida. O Príncipe havia-os recebido do alto da sua inexpugnável cortesia, mas divertira-se sinceramente e ficara plenamente tranquilizado. Tanto assim que, três dias depois, os dois piemonteses foram convidados para um jantar; tinha sido um belo espectáculo ver Carolina sentada ao piano, acompanhando o canto do general, o qual, em homenagem à Sicília, se havia arriscado ao “Vi ravviso o luoghi ameni”, enquanto Tancredo, com ar sério, voltava as folhas da partitura como se as fírias não existissem neste mundo. O condezinho milanês, entretanto, curvado para um sofá, falava das flores de laranjeira a Concetta e revelava-lhe a existência de Aleardo; esta fingia ouvi-lo e preocupava-se com a má cara do primo, que as velas do piano faziam aparecer mais lânguida que na realidade.

O serão havia sido perfeitamente idílico e foi seguido de outros igualmente cordiais; durante um deles pediu-se ao general que interviesse no sentido de que a ordem de expulsão dos jesuítas não fosse aplicada ao Padre Pirrone, o qual foi pintado como sobrecarregado de anos a maleitas. O general, que se havia tomado de simpatia pelo excelente sacerdote, fingiu acreditar nesse seu miserando estado, discutiu, falou a amigos políticos e o Padre Pirrone ficou; coisa que ainda mais confirmou ao Príncipe a exactidão das suas previsões.

Também para a difícil questão dos salvo-condutos, necessários naqueles tempos agitados para quem quisesse deslocar-se, o general foi utilíssimo e deveu-se a ele, em grande parte, que também naquele ano de revoluções a família Salina pudesse gozar a sua vilegiatura no campo. O jovem capitão obteve uma licença de um mês e partiu com os tios. Sem falar da questão dos salvo-condutos, os preparativos para a viagem de Salina foram longos e complicados. Efectivamente, houve que fazer negócios complicados com

peessoas “influentes” de Girgente, negociatas essas que se concluíam com sorrisos, apertos de mãos e tinidos de moedas. Obteve-se assim um segundo e mais válido salvo-conduto; não era, porém, nada de novo. Foi ainda necessário juntar montanhas de bagagem e de provisões e mandar à frente, três dias antes, uma parte dos cozinheiros e criados; foi preciso embalar um pequeno telescópio e convencer Paulo a ficar em Palermo. Depois disto tudo foi possível partir; o general e o tenentezito vieram desejar boa viagem e trazer flores; e, quando as carruagens saíram da villa Salina, dois braços vermelhos agitaram-se por muito tempo; o chapéu alto do Príncipe acenou à janela, mas a mãozinha calçada com luva de renda, que o condezinho esperava ver, permaneceu no regaço de Concetta.

A viagem durou mais de três dias e foi morosa. As estradas, as famosas estradas sicilianas, por causa das quais o príncipe de Satriano tinha perdido a lugar-tenência, eram vagas pistas escalavradas de buracos e cheias de pó. A primeira noite, passada em Marineo em casa de um notário amigo, havia sido ainda suportável; mas a segunda, numa estalagem de Prizzi, foi dolorosa de passar; três em cada cama, assediados por uma fauna repelenta. A terceira foi em Bisacquino: ali não havia percevejos, mas, em compensação, o Príncipe encontrara treze moscas no copo do refresco; um grande cheiro a excrementos vinha da estrada e da “casinha” ao lado, o que provocou no Príncipe sonhos penosos; acordou aos primeiros alvares, imerso no suor e no fedor, e não pôde deixar de comparar aquela viagem suja com a sua própria vida; primeiro correria por planícies ridentes, depois escalara montanhas abruptas, deslizara por gargantas ameaçadoras para chegar finalmente a intermináveis ondulações de uma só cor, desertas como o desespero. Estas fantasias matinais era tudo quanto pode acontecer de pior a um homem de meia-idade; e ainda que o Príncipe soubesse que acabariam

por desvanecer-se com a actividade do dia, sofria acerbamente com elas, pois já tinha bastante experiência para compreender que lhe deixariam no fundo da alma um resíduo de luto que, acumulando-se todos os dias, acabaria por ser a verdadeira causa da morte.

Com o alvorecer, estes monstros esconderam-se em zonas inconscientes; Donnafugata estava agora próxima, com o seu palácio, os seus repuxos de águas, com as recordações dos seus santos antepassados, com aquela sensação de infância perene que ela sempre produzia. Mesmo a gente de lá era-lhe simpática: devota e simples. Neste momento, porém, veio-lhe à ideia um pensamento: quem sabe se depois dos “factos” recentes as gentes teriam ficado devotas como dantes? “Veremos.”

Agora realmente estava-se quase a chegar. O rosto inteligente de Tancredo apareceu, curvado, diante da janela da carruagem.

– Preparem-se, tios, daqui a cinco minutos chegamos.

Tancredo tinha demasiado tacto para pensar em preceder o Príncipe na povoação. Pôs o cavalo a passo e continuou, com um ar bastante comedido, ao lado da primeira carruagem.

Para lá da pequena ponte que levava à povoação, as autoridades estavam à espera, rodeadas de algumas dezenas de camponeses. Apenas as carruagens chegaram à ponte, a banda municipal atacou com frenético ardor “Noi siamo zingarelle”, a primeira, extravagante e afectuosa saudação que Donnafugata fazia ao Príncipe há já alguns anos; logo a seguir os sinos da Igreja Matriz e do Convento do Espírito Santo, avisados por qualquer garoto enviado em estafeta, encheram os ares de um estardalhaço festivo. “Graças a Deus parece-me que tudo está na mesma”, pensou o Príncipe ao descer da carruagem. Lá estavam don Calogero Sedara, o síndico ^[2], com os flancos

cingidos por uma faixa tricolor, flamejante de nova, como o seu cargo; Monsenhor Trottolino, o arcipreste, com o seu carão queimado; don Ciccio Ginestra, o notário, que havia vindo carregado de galões e penachos, na qualidade de capitão da Guarda Nacional; lá estava don Totó Giambono, o médico, e lá estava a pequena Nunzia Giarrita, que entregou à Princesa um mal arranjado ramo de flores, colhidas, aliás, meia hora antes no jardim do palácio. Havia ainda Ciccio Tumeo, o organista da Igreja, o qual, em rigor, não teria categoria para enfileirar ao lado das autoridades, mas que viera na mesma, como amigo e companheiro de caçadas, e que havia tido a boa ideia de trazer consigo, para dar prazer ao Príncipe, Teresina, a cadela perdigueira cor de fogo com dois sinais cor de avelã por cima dos olhos; por esta ousadia foi recompensado com um sorriso muito especial de D. Fabrício. Este estava de bom humor e sinceramente amigável; descera da carruagem com a mulher para agradecer, e, no meio da fúria da música de Verdi e do estrondo dos sinos, abraçou o síndico e apertou a mão a todos os outros. A multidão dos camponeses permanecera silenciosa, mas, nos olhos imóveis, transparecia uma curiosidade não hostil; os aldeãos de Donnafugata nutriam, verdadeiramente, um certo afecto pelo seu tolerante senhor, que tantas vezes se esquecia de exigir as rendas e os pequenos foros; estando habituados a ver aquele Leopardo de bigodaças erguer-se na fachada do palácio, no frontão da igreja, no alto das fontes barrocas e nos azulejos das casas, sentiam-se felizes de poder ver agora o autêntico Leopardo em calças de pique distribuindo patadas amigáveis a todos e sorrindo bonacheiramente no rosto de felino cortês. “Não há dúvida; tudo ficou como dantes, melhor mesmo.” Também Tancredo era objecto de grande curiosidade; todos o conheciam já, mas naquele momento aparecia-lhes como transfigurado: já não viam nele o rapaz despreocupado mas o aristocrata, o companheiro de

Roso-lino Pilo, o glorioso ferido dos combates de Palermo. Quanto a ele, nadava como um peixe na água daquela admiração ruidosa: aqueles rústicos admiradores eram, na verdade, uma delícia; falava-lhes em dialecto, dizia graças, troçava dele próprio e da sua ferida; mas quando dizia “o General Garibaldi” descia a voz de uma oitava e tomava o ar absorto de um menino de coro diante da custódia; e a don Calogero Sedara, a respeito do qual compreendera vagamente que havia trabalhado muito nos dias da libertação, disse com voz sonora:

– Don Calogero, Crispi falou-me muito bem de si.

Em seguida deu o braço à prima Concetta e afastou-se deixando todos extasiados.

As carruagens com os criados, as crianças e Bendicó dirigiram-se para o palácio, mas, como exigia o antiquíssimo rito, os outros, antes de porem o pé em casa, deviam ouvir um Te Deum na Igreja Matriz. Esta era, aliás, a dois passos dali e para lá se dirigiam os recém-chegados, cobertos de pó mas imponentes, seguidos das autoridades brilhantes mas humildes. À frente, don Ciccio Ginestra que, com o prestígio do uniforme, abria caminho aos outros; seguia-se o Príncipe de braço dado com a Princesa, com ares de leão saciado e manso; atrás, Tancredo, dando a direita a Concetta, a quem o facto de se dirigir para uma igreja ao lado do primo produzia uma enorme perturbação e um dulcíssimo desejo de chorar: estado de alma que não foi de forma alguma aliviado pela forte pressão que o zeloso rapaz exercia sobre o braço dela com o único fito de evitar-lhe as covas e as cascas que crivavam a rua. Mais atrás, seguiam em desordem os outros; o organista havia-se escapado à pressa para poder levar a casa Teresina e estar no seu trovejante lugar no momento da entrada na igreja. Os sinos continuavam com a sua fúria e, sobre as paredes das casas, os dísticos “Viva Garibaldi”, “Viva o Rei

Vittorio” e “Morra o Rei Bourbon”, que um pincel pouco hábil traçara dois meses atrás, apagavam-se e pareciam reentrar na parede. Os morteiros estralejavam enquanto eles subiam as escadarias e, quando o pequeno cortejo entrava na igreja, don Ciccio Tumeo, chegado sem fôlego mas a tempo, atacou com ímpeto “Ama-me Alfredo”...

A igreja estava repleta de gente curiosa que se apinhava entre as atarracadas colunas de mármore vermelho; a família Salina sentou-se no coro e, durante a breve cerimónia, D. Fabrício, magnífico, exibiu-se à multidão; a Princesa mostrava-se menos, por causa do calor e da fadiga; Tancredo, a pretexto de afugentar as moscas, aflorou, mais de uma vez, a cabecinha loira de Concetta. Tudo estava em ordem, e depois do pequeno sermão de Monsenhor Trottolino todos se inclinaram diante do altar, dirigiam-se para a porta e saíram para a praça sufocada pelo calor. No fim da escadaria, as autoridades despediram-se; a Princesa, que havia bichanado as suas decisões durante a cerimónia, convidou para o jantar daquela noite o síndico, o arcipreste e o notário. O arcipreste era por profissão solteiro e o notário era-o por vocação; assim, em relação a eles não havia o problema das consortes; com certa frouxidão, o convite ao síndico foi alargado à mulher: era uma espécie de camponesa, belíssima, mas que o próprio marido julgava, por mais de uma razão, inapresentável; ninguém ficou, pois, surpreendido quando este disse que a sua mulher não se sentia bem disposta; mas grande foi a surpresa quando acrescentou:

– Se Vossas Excelências me permitirem, virei com a minha filha Angélica, que há um mês não pára de falar no prazer que teria em ser apresentada a Vossas Excelências agora que já é uma senhora.

Naturalmente que o consentimento foi dado e o Príncipe, que havia visto Tumeo espreitar por cima dos ombros dos outros, gritou-lhe:

– E o senhor também, don Ciccio. E traga Teresina. E, voltando-se para os outros, acrescentou:

– E depois do jantar, às nove, teremos muito gosto em ver todos os nossos amigos.

Donnafugata comentou durante muito tempo estas palavras. O Príncipe, que havia encontrado Donnafugata na mesma, foi por seu turno julgado muito mudado, pois nunca anteriormente havia adoptado um modo tão cordial; a partir daquele momento começou, invisível, o declínio do seu prestígio.

O palácio dos Salinas era ao lado da Igreja Matriz.

Com sete janelas sobre a praça, a pequena fachada não dava ideia da sua grandeza; nas traseiras, o palácio estendia-se por duzentos metros; compunha-se de edificios diferentes, dispostos, porém, harmoniosamente à volta de três vastíssimos pátios que vinham terminar num grande jardim. À entrada principal, que dava para o largo, os viajantes foram submetidos a novas manifestações de boas-vindas. Don Onófrío Rotolo, o administrador da casa, não participara no cerimonial à entrada da povoação. Educado na rígida escola da Princesa Carolina, considerava como inexistente o vulgus e quanto ao Príncipe como se vivesse no estrangeiro enquanto não houvesse transposto o limiar do seu palácio. Por essa razão lá estava ele, dois passos à frente do portão, muito pequeno, muito velho, ao lado da mulher bastante mais nova e forte que ele, rodeado pelos criados e pelos oito guardas-campestres que ostentavam no boné o Leopardo de oiro e nas mãos oito espingardas nem sempre inofensivas.

– Tenho o prazer de dar boas-vindas a Vossas Excelências nesta vossa casa. Entrego o palácio exactamente no estado em que me foi confiado.

Don Onófrio Rotolo era uma das raras pessoas estimadas pelo Príncipe e, talvez, a única que nunca o havia roubado. A sua honestidade roçava as raiais da mania e dela se contavam episódios verdadeiramente espectaculares, como o do cálice de licor deixado meio cheio pela Princesa no momento da partida e reencontrado, um ano depois, no mesmo lugar, com o conteúdo evaporado e reduzido a alguns resíduos açucarados, mas intacto. “Porque isto é uma parte infinitesimal do património do Príncipe, que não deve ser dissipado.”

Trocados os cumprimentos com don Onófrio e Dona Maria, a Princesa, que se sustinha apenas pela força dos nervos, foi imediatamente para a cama e as raparigas e Tancredo correram para as sombras mornas do jardim. O Príncipe e o administrador deram uma volta ao grande edifício.

Tudo estava em perfeita ordem: os quadros nas suas pesadas molduras haviam sido limpos do pó, o oiro das encadernações antigas brilhava discretamente, o sol, que já ia alto, fazia brilhar o mármore cinzento que enquadrava as portas. Tudo estava como há cinquenta anos. Liberto do turbilhão ruidoso da guerra civil, D. Fabrício sentiu-se retemperado, cheio de uma segurança calma. Olhou quase ternamente don Onófrio que trotava ao seu lado.

– Don Onófrio, o senhor é autenticamente um daqueles gnomos que guardam os tesouros; estamos-lhe muitíssimo gratos.

Noutro ano o sentimento teria sido idêntico mas as palavras não lhe teriam chegado a sair da boca; don Onófrio olhou-o agradecido e surpreendido.

– Faço o meu dever, Excelência, faço o meu dever. E para esconder a sua emoção pôs-se a esgravatar com

força no ouvido com a comprida unha do dedo mínimo esquerdo.

A seguir, o administrador foi submetido à tortura do chá. D. Fabrício mandou vir duas chávenas e, com a morte no coração, don Onófrio teve de engolir uma. Depois, pôs-se a dar as notícias de Donnafugata: duas semanas antes havia renovado o arrendamento da propriedade de Aquila em condições um pouco piores que as anteriores; tivera de fazer face a grandes despesas para reparar os tectos dos quartos dos hóspedes, mas tinha, à disposição de Sua Excelência, três mil duzentos e setenta e cinco onças, livres de qualquer encargo e juro, incluindo o seu próprio ordenado.

Depois chegou a altura das notícias da terra, que andavam todas à volta do grande acontecimento do ano: a rápida ascensão da fortuna de don Calogero Sedara. Seis meses antes vencera-se o empréstimo que havia concedido ao Barão Tumino; ficara com a terra dele e, graças àquelas mil onças que emprestara, possuía agora uma propriedade que rendia quinhentos ao ano; em Abril conseguira apanhar por um bocado de pão um “alqueire” de terra, onde havia uma mina de pedra muito procurada que pensava agora em explorar. Havia realizado vendas de trigo, qual delas a mais lucrativa, na altura da desorientação e carestia que se seguiram ao desembarque. A voz de don Onófrio encheu-se de rancor.

– Conteí pelos dedos; os rendimentos de don Calogero serão dentro em pouco iguais aos de Vossa Excelência aqui em Donnafugata.

Juntamente com a riqueza crescia também a influência política: tornara-se chefe dos liberais na povoação e até nos lugares vizinhos: quando se fizessem as eleições tinha a certeza de que seria feito deputado no Parlamento de Turim.

– E que ares se dão, não ele que é demasiado fino para isso, mas a filha, por exemplo, que voltou do colégio de Florença e que passeia pela povoação

com saias de balão e fitas de veludo no chapéu.

O Príncipe calava-se. Sim, a filha, aquela Angélica que viria jantar naquela noite; seria curioso voltar a ver aquela pastora toda empenachada. Afinal não era bem verdade que tudo estivesse na mesma. Don Calogero tão rico como ele! Mas no fundo estas coisas eram de prever; era o preço que se tinha de pagar.

O silêncio do patrão perturbou don Onófrio; pensava ter descontentado o Príncipe com a narrativa das bisbilhotices da terra.

– Excelência, achei que devia mandar-vos preparar um banho; já deve estar pronto.

De repente D. Fabrício reparou que estava cansado: eram quase três horas e há já nove que girava debaixo daquele sol tórrido. E logo depois daquela noite! Sentia-se todo coberto de uma poeira fina que se introduzia até mesmo nas mais remotas pregas do seu corpo.

– Obrigado, don Onófrio, por se ter lembrado disso, e também pelo resto. Ver-nos-emos esta noite ao jantar.

Subiu a escada interna, passou pelos vários salões: o das tapeçarias, o azul, o amarelo. As persianas corridas filtravam a claridade; no escritório, o pêndulo de Boule batia submisso. “Que paz, meu Deus, que paz!” Entrou na casa de banho: pequena, caiada, com o pavimento em ladrilhos toscos e, no meio, um orifício para o escoamento da água. A banheira era uma espécie de bacia oval, imensa, de folha pintada, amarela por fora e cinzenta por dentro, sustentada por três fortes pés de madeira. Na parede, pendurado num prego, um roupão; sobre uma das cadeiras de corda, a muda de roupa branca; na outra, um fato trazendo ainda as pregas que tomara no baú. Junto da banheira, um bom pedaço de sabão vermelho, uma escova, um lenço cheio de farelo,

que depois de se deitar na água deitaria um leite odoroso, uma enorme esponja, uma daquelas que lhe enviava o administrador de Salina. Pela janela, sem qualquer resguardo, o sol entrava brutalmente.

Bateu as mãos. Entraram dois criados, cada um com um par de baldes a transbordar, um de água fria, outro de água a ferver; por várias vezes foram e vieram até à banheira encher-se; experimentou a temperatura com as mãos: estava boa. Mandou sair os criados, despiu-se e meteu-se na água; ao receber aquele volume imenso, a tina transbordou um pouco. Ensaboou-se e esfregou-se; a tepidez fazia-lhe bem, relaxava-o. Estava quase a adormecer quando bateram à porta: Mimi, o criado de quarto, entrou receoso.

– O Senhor Padre Pirrone pede para ver imediatamente Vossa Excelência. Diz que fica aqui a esperar ao lado que Vossa Excelência saia do banho.

O Príncipe ficou surpreendido. Se acontecera alguma desgraça, era melhor sabê-la logo.

– Não, de forma alguma, manda-o entrar imediatamente.

D. Fabrício estava alarmado com a pressa do Padre Pirrone e, um pouco por isso e um pouco pelo respeito pelo hábito sacerdotal, apressou-se a sair do banho. Esperava ter tempo de pôr o roupão antes de o jesuíta entrar; não o conseguiu, porém, e o Padre Pirrone entrou exactamente no momento em que ele, já fora da água saponácea, e ainda não coberto do sudário provisório, erguia-se inteiramente nu, como o Hércules de Farnese, e, ainda por cima, fumegante, com a água a escorrer-lhe em torrentes do pescoço, dos braços, da barriga, das coxas, tal como o Ródano, o Reno, o Danúbio e o Ádige atravessam e banham os picos alpinos. O espectáculo do Príncipe em estado adamítico era inédito para o Padre Pirrone. Exercitado, pelo sacramento da penitência, na nudez da alma, era-o muito menos na do corpo; e ele, que não

teria sequer pestanejado ao ouvir, digamos, a confissão de umas relações incestuosas, perturbou-se à vista daquela nudez inocente e titânica; D. Fabrício, porém, irritado por não ter tido tempo para se cobrir, voltou contra ele a sua cólera:

– Padre, não seja pateta; dê-me antes o roupão e, se não se importa, ajude-me a enxugar.

Acto contínuo, uma discussão antiga passou-lhe pela cabeça.

– Oiça, Padre, tome também um banho.

Satisfeito por ter podido dar um sermão higiénico a quem dispensava tantos morais, ficou mais calmo. Com a orla superior do roupão, que conseguira finalmente agarrar, enxugava os cabelos, as suíças e o pescoço enquanto o humilhado Padre Pirrone com a inferior lhe enxugava os pés.

E quando o cume e as costas do monte ficaram enxutas:

– Agora sente-se, Padre, e diga-me porque quer falar-me com tanta pressa.

E enquanto o jesuíta se sentava começou por sua conta alguns enxugos mais íntimos.

– Excelência, fui encarregado de uma missão delicada. Uma pessoa que vos é bastante querida quis abrir-me a sua alma e confiar-me o encargo de transmitir-vos os seus sentimentos, confiante, talvez erradamente, que a estima com que sou honrado...

As hesitações do Padre Pirrone diluíam-se em frases intermináveis. D.

Fabrício perdeu a paciência:

– Em suma, de quem se trata? Da Princesa?

Com o braço levantado, parecia ameaçar; mas, de facto, enxugava uma axila.

– A Princesa está cansada; está a dormir e não a vi. Trata-se da signorina Concetta – pausa. – Está apaixonada.

Um homem de quarenta e cinco anos pode julgar-se ainda novo até ao momento em que descobre que tem filhos em idade de amar. O Príncipe sentiu-se de repente envelhecido; esqueceu as milhas que percorria a caçar, os “Jesus-Maria” que sabia provocar, a sua frescura de momento após uma viagem tão longa e penosa. De súbito viu-se a ele próprio como uma pessoa de cabelos brancos, que acompanha um bando de netinhos às cavalitas das cabras de Villa Giulia.

– E porque foi essa palerma contar-lhe essas coisas? Porque não o fez a mim?

Não perguntou sequer quem era o outro; não havia necessidade.

– Vossa Excelência esconde muito bem o vosso paternal coração sob a autoridade de chefe de família. É natural, pois, que a pobre menina se arreceie e recorra! ao devotado eclesiástico da casa.

D. Fabrício enfiava as suas imensas ceroulas e bufava de raiva: previa longos colóquios, lágrimas, maçadas sem limites. Aquela dengosa estragava-lhe o primeiro í dia em Donnafugata.

– Já percebi, Padre, já percebi. Nesta casa ninguém; me compreende. É essa a minha desgraça.

Continuava sentado num banco, a pelagem loira do; peito perlada de gotinhas de água. Riachos serpenteavam nos ladrilhos, a casa enchia-se do perfume leitoso i dos farelos e da amêndoa do sabão.

– E que lhe parece que deva dizer?

O jesuíta suava naquele calor de estufa da casa de; banho e agora, que a confiança fora transmitida, teria desejado ir-se embora; mas o sentimento da sua responsabilidade susteve-o.

– O desejo de fundar uma família cristã é gratíssimo aos olhos da Igreja. A presença de Cristo nas bodas de Cana...

– Não divaguemos. Eu quero é falar deste matrimónio e não dos matrimónios em geral: D. Tancredo fez talvez propostas precisas. Quando?

O Padre Pirrone durante cinco anos tentara ensinar o latim ao rapaz; durante sete anos suportara as suas birras e partidas; como todos, fora submetido ao seu encanto. Mas as atitudes políticas recentes de Tancredo haviam-no ofendido; o velho afecto lutava agora com o rancor novo. Naquele momento não sabia que dizer.

– – Verdadeiramente propostas, não. Mas a signorina Concetta não tem dúvidas: as atenções, os olhos, as meias palavras, certas coisas cada vez mais frequentes, convenceram aquela santa alma; tinha a certeza de ser amada; mas, filha obediente e respeitosa, quis perguntar-vos por meu intermédio o que devia fazer se essas propostas fossem feitas. Percebe que elas estão iminentes.

O Príncipe ficou um pouco tranquilizado. Desde quando é que aquela rapariguita poderia ter atingido a experiência que lhe permitisse ver claro nas atitudes de um rapaz, e, sobretudo, de um rapaz como Tancredo? Talvez fossem apenas simples fantasias. Um daqueles “sonhos cor-de-rosa” que revolvem os travesseiros das colegiais? O perigo não era iminente.

Perigo? A palavra soou-lhe no espírito com tanta nitidez que se surpreendeu. Perigo? Mas perigo para quem? Amava muito Concetta: agradava-lhe nela a perpétua submissão, a placidez com que se submetia a todas as insuportáveis

manifestações da vontade paterna, submissão e placidez, de resto, sobrestimada por ele. A natural tendência que tinha para remover todas as ameaças à sua calma haviam-no impedido de observar o clarão que passava pelos olhos da rapariga quando as extravagâncias a que a submetia eram demasiado vexatórias. O Príncipe amava muito esta filha, mas amava ainda mais o sobrinho. Conquistado desde sempre pela afectuosidade zombeteira do rapaz, havia começado, há alguns meses atrás, a admirar-lhe também a inteligência: aquele rápido sentido de adaptação, aquela facilidade mundana, aquela arte inata para as tonalidades subtis que lhe permitia falar a linguagem demagógica da moda, dando, porém, a perceber aos iniciados que aquilo não passava de um passatempo a que ele, o Príncipe Falconeri, se entregava por um momento; todas estas coisas haviam-no divertido; e nas pessoas da espécie e classe de D. Fabrício a faculdade de se divertir constitui quatro quintos do afecto. Tancredo, segundo ele pensava, tinha perante si um grande futuro; poderia ser o porta-estandarte de um contra-ataque que a nobreza, sob novos uniformes, poderia desencadear contra o novo estado social. Para isto faltava-lhe apenas uma coisa: o dinheiro; e Tancredo não tinha nenhum. Para fazer carreira na política, agora que o nome contaria menos, seria preciso dinheiro, e muito, para comprar votos, dinheiro para prestar favores aos eleitores, dinheiro para alimentar um trem de vida que deslumbrasse. Trem de vida... E seria Concetta, com todas as suas virtudes passivas, capaz de ajudar um marido ambicioso e brilhante a subir os escorregadios degraus da nova sociedade? Tímida, reservada, esquiva como era? Ficaria sempre a bela educanda que era agora, um bola de chumbo aos pés do marido.

– Padre, é capaz de ver Concetta embaixatriz em Viena ou em S. Petersburgo?

O espírito do Padre Pirrone transformou-se com esta pergunta.

– Mas a que propósito? Não compreendo.

D. Fabrício não se deu ao trabalho de explicar-lhe; mergulhou de novo nos seus pensamentos silenciosos. Dinheiro? Concetta teria decerto um dote; mas a fortuna da casa de Salina devia ser dividida por sete, em partes desiguais; e as das raparigas seriam as menores. E então? Tancredo precisava doutra coisa: de Maria Santa Pau, por exemplo, com aquelas quatro propriedades que já lhe pertenciam e todos aqueles tios padres sovinas ou de uma daquelas raparigas Sutera, tão feias mas tão ricas. O amor? Certamente, o amor: fogo e chamas durante um ano, cinzas durante trinta. Ele sabia o que era o amor... E que dizer de Tancredo, diante do qual as mulheres caíam como pêras maduras...

De súbito, sentiu frio. A água evaporara-se; a pele nos braços gelava-se-lhe; as pontas dos dedos começavam a engelhar. E que quantidade de conversas penosas em perspectiva. Era preciso evitar...

– Vou vestir-me, Padre. Diga, por favor, a Concetta que não estou zangado, mas que falaremos disto tudo quando estivermos seguros de que não se trata apenas de fantasias de uma rapariga romântica. Até logo, Padre.

Levantou-se e passou ao quarto de vestir. Da Igreja Matriz, lúgubre, chegava um dobre de finados. Alguém morrera em Donnafugata, um corpo cansado que não havia resistido àquele grande luto do Verão siciliano; alguém a quem as forças faltaram para aguardar as chuvas. “Aquele é feliz”, pensou o Príncipe, enquanto esfregava as suíças com uma loção. “Aquele é feliz, já não se importa com filhas, dotes e carreiras políticas”. Esta efêmera identificação com o defunto desconhecido bastou para acalmá-lo. “Enquanto há vida há esperança”, pensou; depois julgou-se ridículo por ter caído num

tal estado de depressão só porque uma filha queria casar-se. “Ce sont leurs affaires, après tout”, pensou em francês, como sempre fazia quando as suas cogitações se esforçavam por ser alegres; sentou-se numa poltrona e começou a dormir.

Uma hora depois acordou refrescado e desceu ao jardim. O Sol já começava a baixar e os seus raios, perdida a força, iluminavam com uma luz delicada as araucárias, os pinheiros, os robustos carvalhos que faziam a glória do lugar. Do fundo da álea principal que, vagarosa, descia entre altas sebes de loureiros, servindo de moldura a anónimos bustos de deusas sem nariz, ouvia-se a doce chuva dos repuxos que caíam na fonte de Anfitrite. Para ali se dirigiu, ágil, ávido de a rever; as águas, sopradas pelas conchas dos tritões e das náiades, pelas narinas dos monstros marinhos, irrompiam em esguichos finos, salpicavam com um sussurro agudo a superfície esverdinhada do lago, provocavam ricochetes, bolhas, espuma, ondulações, frémitos, torvelinhos alegres, emanava de toda a fonte, da água tépida, das paredes cobertas de musgo aveludado, a promessa de um prazer que jamais poderia mudar-se em dor. No centro do tanque redondo, sobre uma ilhota, modelado por um cinzel inábil mas sensual, um Neptuno descarado e sorridente agarrava uma Anfitrite complacente; o umbigo de deusa, húmido da água, dos borrifos, brilhava ao sol, ninho, dentro em pouco, de beijos escondidos nas sombras subaquáticas. D. Fabrício parou, olhou, recordou e teve saudades. Ali permaneceu por muito tempo.

– Tio, vem ver os pêssegos estrangeiros. Saíram muito bons. E deixa essas indecências que não são para a tua idade.

A afectuosa malícia da voz de Tancredo distraiu-o daquele torpor voluptuoso. Não o tinha ouvido chegar: era como um gato. Pela primeira vez lhe pareceu que, à vista do rapaz, o aguilhoava uma sensação de rancor:

aquele janota, esbelto no seu fato azul-escuro, havia sido a causa de, duas horas antes, ter pensado tão acerbamente na morte. Depois, apercebeu-se que não era rancor: apenas um disfarce de receio; tinha medo que lhe falasse de Concetta.

A maneira, porém, como este o havia abordado, o tom do sobrinho não era de quem se prepara para fazer confidências amorosas a um homem como ele. Acalmou-se: os olhos do sobrinho contemplavam-no com aquele afecto irónico que a juventude concede às pessoas velhas. “Podem permitir-se ser amáveis connosco, tão certos estão que, no dia do nosso funeral, ficarão libertos!” Foi com Tancredo ver os “pêssegos estrangeiros”. A enxertia de duas estacas alemãs, feita há dois anos, havia sido bem sucedida; os frutos eram poucos – uma dúzia nas duas árvores enxertadas –, mas eram grandes, aveludados, odorosos; com duas manchas rosadas nas faces douradas pareciam cabecinhas de chinesinhas púdicas. O Príncipe apalpou-os com a famosa delicadeza das pontas dos seus dedos carnudos.

– Parecem-me bons. É pena que sejam poucos para serem servidos esta noite. Mas vamos mandá-los colher amanhã e então veremos como são.

– Tio, agora sim, agrada-me ver-te no papel de agricola pius que avalia e antegoza os frutos do seu trabalho e não como te encontrei há pouco, contemplando nudezas escandalosas.

– Mas também estes pêssegos, Tancredo, são produto de amores, de uniões.

– Sem dúvida, mas de amores legais, promovidos por ti, o patrão, e por Nino, o jardineiro, fazendo de notário. De amores meditados, frutuoso. Enquanto aqueles além – disse, acenando para a fonte cujo sussurro se ouvia para lá da cortina de carvalhos – acreditas verdadeiramente que tenham passado perante o pároco?

A conversa tomava uma direcção perigosa e D. Fabrício apressou-se a mudá-la. Ao subir de volta para casa, Tancredo contou o que havia sabido sobre a crónica galante de Donnafugata: Menica, a filha do guarda Saveria, havia-se deixado engravidar pelo namorado; o casamento agora tinha de se fazer a correr; Calicchio tinha escapado por um triz ao tiro de um marido zangado.

– Mas como sabes tu todas estas coisas?

– Sei-o, tio, sei-o; contam-me tudo. Sabem que sou compreensivo.

Chegado ao alto da escada que, com preguiçosas voltas e longas pausas nos patamares, subia do jardim para o palácio, avistaram, para lá das árvores, o horizonte da tarde; do lado do mar, enormes e grandes nuvens cor de tinta escalavam o céu. Talvez a cólera de Deus estivesse saciada e a maldição anual da Sicília tivesse terminado? Naquele momento aquelas nuvens grossas, carregadas de alívio, eram olhadas por milhares de outros olhos, observadas no seio da terra por biliões de sementes.

– Esperemos que o Verão tenha acabado e que venha aí finalmente a chuva – disse D. Fabrício.

E com estas palavras o grande e nobre senhor, a quem, pessoalmente, a chuva iria apenas maçar, revelava-se irmão dos seus rudes vilões.

O Príncipe havia tido sempre a preocupação de dar ao primeiro jantar em Donnafugata um carácter solene: os filhos com menos de quinze anos não eram admitidos à mesa; serviam-se vinhos franceses, havia ponche à romana antes do assado; os criados serviam de libré e cabeleira empoada. Apenas num pormenor transigia: não se usavam trajos de cerimónia para não embaraçar os convidados que, evidentemente, não os possuíam. Naquela noite, no chamado salão “de Leopoldo”, a família Salina esperava os

últimos convidados. Sob os quebra-luzes de renda, os candeeiros de petróleo espalhavam uma luz amarela e circunscrita; os enormes retratos equestres dos defuntos Salinas eram apenas imagens imponentes e vagas como a sua memória. Don Onófrio já havia chegado com a mulher, assim como o arcipreste, que trazia em sinal de cerimónia um mantelete de finíssimo tecido sobre os ombros e falava com a Princesa sobre as questiúnculas do colégio de Maria. Chegara também don Ciccio, o organista (Teresina havia já sido amarrada à perna de uma mesa), que recordava com o Príncipe certos tiros fabulosos que haviam disparado nos barrancos de Dragonara. Tudo estava calmo e correndo da forma habitual, quando o filho Francisco Paulo, de dezasseis anos, fez uma irrupção escandalosa no salão: – Papá, vem aí a subir as escadas don Calogero. E vem de fraque!

Tancredo tomou consciência da importância da notícia um segundo antes dos outros. Estava ocupado em fascinar a mulher de don Onófrio, mas, quando ouviu a palavra fatal, não pôde conter-se e deu uma gargalhada convulsiva. Em contrapartida, o Príncipe, a quem a notícia produzira um efeito maior que o do comunicado do desembarque em Marsala, não riu. Fora um acontecimento previsto mas longínquo e invisível. Agora, sensível como estava aos presságios e símbolos, via uma autêntica revolução naquela gravata branca e nas duas abas que subiam as escadas da sua casa. Não só ele, o Príncipe, não era já o maior proprietário de Donnafugata, como era obrigado a receber em traje de tarde um convidado que se apresentava em traje de cerimónia.

O seu incómodo foi grande e ainda durava enquanto caminhava mecanicamente para a porta a fim de receber o convidado. Quando o viu, porém, as suas dores foram um pouco aliviadas. Perfeitamente adequado como manifestação política, podia, todavia, verificar que, como sucesso de

alfaiate, o fraque de don Calogero era uma catástrofe. O tecido era de qualidade excelente, o modelo recente, mas o corte simplesmente monstruoso. O Verbo londrino havia encarnado bastante mal num artífice de Girgenti, para quem a tenaz avareza de don Calogero se havia voltado.

As pontas das duas abas erguiam-se para o céu em silenciosa súplica, o enorme colarinho era informe e, por muito doloroso que seja, é também necessário dizê-lo: os pés do síndico vinham calçados com botins de botões.

Don Calogero avançava com a mão estendida e com a luva calçada para a Princesa:

– Minha filha pede-vos desculpa mas ainda não está pronta. Vossa Excelência sabe como são as mulheres nestas ocasiões – acrescentou, exprimindo em termos quase vernáculos um pensamento de uma leveza parisiense. – Mas chegará daqui a um instante; a nossa casa está a dois passos daqui, como sabeis.

O instante durou cinco minutos; depois, a porta abriu-se e entrou Angélica. A primeira impressão foi de

deslumbrante surpresa; os Salinas ficaram de respiração cortada. Tancredo sentiu pulsarem-lhe as veias das têmporas. Sob o choque que receberam no momento, os homens ficaram incapazes de notar, analisando aquela beleza, os não poucos defeitos que ela possuía; muitas deviam ser as pessoas que nunca seriam capazes deste trabalho crítico. Era alta e bem feita, segundo critérios generosos; a sua carnação devia possuir o sabor da nata à qual se assemelhava, a sua boca infantil o de morangos. Sob a massa dos cabelos cor da noite, dispostos em suaves ondulações, os olhos verdes brilhavam imóveis como os das estátuas e, como eles, um pouco cruéis. Caminhava lentamente, fazendo ondular à volta a grande saia branca; exhibia em toda a

sua pessoa a calma, a invencibilidade da mulher segura da sua beleza. Só muitos meses depois se soube que, no momento da sua entrada triunfal, esteve quase a desmaiar de medo.

Não prestou atenção ao Príncipe que avançava para ela, ultrapassou Tancredo que sorria transtornado; defronte à poltrona da Princesa, o dorso magnífico esboçou uma leve inclinação. Esta forma de homenagem, desusada na Sicília, deu-lhe, instantaneamente, o encanto do exotismo que se unia ao da sua beleza rústica.

– Querida Angélica, há quanto tempo que não te via. Mudaste muito; e não para pior!

A Princesa não acreditava nos seus olhos: recordava a rapariguita de treze anos, mal arranjada e feiota, de há quatro anos e não conseguia relacioná-la com aquela adolescente voluptuosa que ali estava em frente. O Príncipe não tinha recordações para reajustar, apenas previsões para virar do avesso; o golpe que o seu orgulho havia sofrido pelo fraque do pai repetia-se agora com a filha; mas desta vez não se tratava de um tecido escuro mas de uma pele leitosa bem talhada. Uma autêntica loucura!

Velho cavalo de batalha como era, o toque daquela graça feminina encontrou-o a postos, e dirigiu-se à rapariga com toda a graciosa cerimónia que teria adoptado para falar à duquesa de Bovino ou à Princesa de Lampedusa:

– É para nós uma felicidade, signorina Angélica, acolher uma tão bela flor na nossa casa; e espero que tenhamos o prazer de voltar a vê-la muitas vezes.

– Obrigado, Príncipe; vejo que a sua bondade para mim é igual à que sempre tem mostrado para com o paizinho.

A voz era bela, de um tom grave, talvez um pouco demasiado cuidada; o colégio florentino havia eliminado a pronúncia arrastada de Girgenti; apenas subsistiam de siciliano a aspereza das consoantes, que, aliás, se harmonizavam bem com a sua formosura, clara mas um tanto pesada. Em Florença também lhe haviam ensinado a omitir o “Excelência”.

Pouco há que dizer, infelizmente, sobre Tancredo: depois de se ter feito apresentar por don Calogero, depois de ter manobrado o farol dos seus olhos azuis, depois de custosamente ter resistido ao desejo de beijar a mão de Angélica, havia tornado a tagarelar com a senhora Rotolo e já não compreendia nada do que se ouvia. A um canto escuro, o Padre Pirrone meditava pensando nas Sagradas Escrituras, que naquela noite se haviam apresentado como uma sucessão de Dalilas, Judites e Esteres.

A porta central do salão abriu-se: “Jantatá servi” declarou o mordomo da casa. Sons misteriosos mediante os quais se anunciava que o jantar estava na mesa; o grupo heterogéneo dirigiu-se para a casa de jantar.

O Príncipe era um homem suficientemente experiente para não oferecer a convidados sicilianos, numa localidade do interior, um jantar que começasse por um caldo, e tanto mais facilmente infringia as regras da alta cozinha quanto isso correspondia aos seus próprios gostos. Mas as informações sobre o bárbaro costume estrangeiro de servir como primeiro prato uma aguada suja haviam chegado com demasiada insistência aos principais de Donnafugata para que não palpitasse neles um resto de receio no início daqueles jantares de cerimónia. Por isso, quando os três criados, verdes, dourados e empoados, entraram, cada um trazendo numa imensa travessa de prata uma enorme empada de macarrão, apenas quatro dos vinte convivas se abstiveram de manifestar a sua agradável surpresa: o Príncipe e a Princesa porque a esperavam, Angélica por afectação e Concetta por falta de apetite.

Todos os outros (inclusive Tancredo, é preciso dizê-lo) manifestaram o seu alívio de modos diversos, desde os aflautados grunhidos extasiados do notário ao assobio agudo de Francisco Paulo. De resto o olhar ameaçador que o dono da casa lançou em redor cortou cerce estas manifestações indecorosas.

Pondo de parte, porém, as boas maneiras, o aspecto de um daqueles monumentais pastelões era bem digno de provocar frêmitos de admiração. O ouro brunido do invólucro, a fragância do açúcar e da canela que dele emanava, constituíam apenas o prelúdio da sensação deliciosa que o interior suscitava quando a faca penetrava na crosta: primeiro vinha uma vaporada carregada de; aromas, depois, eram as miudezas, os ovos duros, os bocadinhos de galinha, de presunto, de trufas que se avistavam na massa untuosa, muito quente, do macarronete cortado, a que o caldo de carne dava uma preciosa cor de camurça.

Como acontece na província, o início da refeição foi recolhido. O arcipreste fez o sinal da cruz e baixou a cabeça sem dizer palavra; o organista absorvia de olhos fechados a succulência da comida: agradecia ao Criador que a sua habilidade em fulminar lebres e galinholas lhe proporcionasse, às vezes, aqueles êxtases e pensava que, com o valor de um só daqueles empadões, ele e Teresina poderiam viver um mês; Angélica, a bela Angélica, esqueceu-se das polentas toscanas e de parte das suas boas maneiras e devorava com o apetite dos seus dezasseis anos e o vigor que lhe dava o garfo empunhado pelo meio do cabo. Tancredo, tentando unir a galantaria à gula, procurava imaginar o sabor dos beijos de Angélica, sentada ao seu lado, no gosto das garfadas odorosas, mas descobriu, em breve, que a experiência era repugnante e suspendeu-a, reservando a oportunidade de ressuscitar aquelas fantasias na altura do doce. O Príncipe, ainda que absorto na contemplação

de Angélica, que lhe ficara em frente, foi o único à mesa a notar que a demiglace estava demasiado carregada e prometeu a si mesmo dizê-lo ao cozinheiro no dia seguinte; os outros comiam sem pensar em nada; não tinham consciência de que se a comida lhes parecia tão saborosa era porque se havia formado naquela casa uma atmosfera sensual.

Todos estavam calmos e contentes; todos, excepto Concetta. Ela havia abraçado e beijado Angélica, rejeitado o “você” que ela lhe dava, e quisera o “tu” da infância, mas, sob o corpete azul-pálido, o coração batia-lhe atormentado; acordava nela o sangue violento dos Salinas e na cabeça corriam-lhe já ideias de envenenamentos. Tancredo sentava-se entre ela e Angélica e, com o brio e a gentileza de quem se sente culpado, dividia, equitativamente, olhares, cumprimentos e graças entre as duas vizinhas; Concetta, porém, sentia, instintivamente, a corrente de desejo que corria do primo para a intrusa; carregava-se-lhe a ruga entre a testa e o nariz; desejaria matar tanto quanto morrer. Como era mulher, agarrava-se aos pormenores: notou a graça vulgar do dedo mínimo de Angélica espetado para cima quando pegava no copo; notou uma mancha avermelhada na pele do pescoço, notou a tentativa, embora suspensa a meio caminho, de tirar com a mão um bocado de comida que ficara entre dois dentes branquíssimos; notou, ainda mais vivamente, uma certa dureza de espírito. Como um padreiro que cai e se agarra a uma goteira de chumbo, agarrava-se, confiada e desesperada, a estes pormenores, na realidade insignificantes, pois eram anulados por um encanto sensual. Esperava que Tancredo também os notasse e que se desagradasse perante esses traços reveladores de uma diferença de educação. Tancredo havia-os já notado, mas, infelizmente, sem resultado. Deixava-se arrastar pelo estímulo físico que aquela belíssima mulher oferecia à sua juventude ferosa e, digamos, ainda pela excitação dos

cálculos que aquela rapariga rica produzia no seu cérebro de homem pobre e ambicioso.

No fim do jantar a conversa havia-se generalizado: don Calogero contava, em péssima linguagem mas com intuição sagaz, algumas cenas da conquista garibaldina da província; o notário falava à Princesa da casita que havia mandado construir fora da povoação; Angélica, excitada pelas luzes, pela comida, pelo chablis e pela nítida aceitação que encontrava em todos os varões à mesa, havia pedido a Tancredo que lhe contasse alguns episódios dos “gloriosos feitos de armas” de Palermo. Havia apoiado um cotovelo na mesa e encostava a face à mão; o sangue afluía-lhe às faces, era delicioso e perigoso olhá-la; o arabesco desenhado pelo antebraço, pelo cotovelo, pela mão e pela luva branca pareceu belo a Tancredo, repugnante a Concetta. O rapaz, persistindo na sua contemplação, narrava de tal forma a guerra que tudo aparecia fácil e sem importância: a marcha nocturna sobre Gibilrossa, a cena entre Bixio e La Masa, o assalto à Porta di Termini.

– Diverti-me um bom bocado, creia-me signorina. Mas o melhor de tudo foi na noite de 28 de Maio. O General tinha necessidade de um posto de vigia no alto do Mosteiro de Origlione: bate-se, torna-se a bater, pragueja-se mas ninguém abre; era um convento de clausura. Então, Tassoni, Aldrighetti, eu e alguns outros tentámos arrombar a porta à coronhada. Nada. Fomos buscar uma trave de uma casa bombardeada ali perto e, finalmente, com uma barulheira infernal a porta foi abaixo. Entrámos; tudo deserto; mas a um canto do corredor ouvem-se gritos desesperados: um grupo de irmãs havia-se refugiado na capela e ali estavam amontoadas junto ao altar; quem sabe o que elas esperavam daquela dezena de rapazes exasperados. Era cómico vê-las, feias e velhas como eram, nos seus hábitos negros, com os olhos fechados, prontas e dispostas ao... martírio; ganiam como cadelas. Tassoni,

um bom ponto, gritou: “Tenham paciência, irmãs, temos de ir tratar de outras coisas, voltaremos quando nos mostrarem as noviças.” E todos nós desatámos a rir a bandeiras despregadas. Lá as deixámos, de boca seca, para irmos atirar do alto dos terraços contra os realistas. Dez minutos depois fui ferido.

Angélica, sempre apoiada, ria, mostrando os dentes de lobinha. A brincadeira parecia-lhe deliciosa; aquela possibilidade de estupro perturbava-a; o belo colo palpitava.

– Que belos tipos vós devíeis ser! Teria gostado bem de estar convosco!

Tancredo parecia transformado: o ardor da narrativa, o ímpeto da recordação, de mistura com a excitação que nele produzia o ar sensual da rapariga, fizeram, durante uns instantes, daquele rapaz delicado um soldado brutal.

– Se vós lá tivésseis estado, signorina, não teríamos tido necessidade de esperar pelas noviças.

Angélica, em sua casa, havia escutado muitas palavras grosseiras, mas esta era a primeira vez (e não seria a última) que fora objecto de uma graça de sentido lascivo; a novidade agradou-lhe, o riso subiu de tom e fez-se estridente.

Naquela altura todos se levantaram da mesa; Tancredo inclinou-se para apanhar o leque de plumas que Angélica havia deixado cair; ao erguer-se viu Concetta com as faces a arder e duas pequenas lágrimas à flor dos olhos:

– Tancredo, essas coisas feias contam-se ao confessor; não se contam à mesa, às senhoras, pelo menos quando eu estiver presente. E voltou-lhe as costas.

Antes de se deitar D. Fabrício permaneceu uns momentos à janela do quarto de vestir. Lá em baixo o jardim dormia, mergulhado na escuridão; no ar parado as árvores pareciam de chumbo fundido; da torre próxima chegava o pio dos mochos. O céu estava cheio de nuvens; as que vira à tarde haviam partido não se sabe para onde, em direcção a regiões menos culpadas, às quais a cólera divina decretara condenações inferiores. As estrelas brilhavam palidamente e os seus raios lutavam por romper o manto daquela calma.

A alma do Príncipe fugiu para elas, para as intangíveis, as inalcançáveis, as que davam prazer sem nada poder exigir em troca; como tantas outras vezes, imaginou que poderia encontrar-se naquelas geladas distâncias, um puro intelecto armado de um caderninho para cálculos: cálculos difíceis mas que dariam sempre certo. “São as únicas puras, as únicas pessoas de bem”, pensou, usando as suas fórmulas mundanas. “Quem pensa em preocupar-se com o dote das Plêiades, da carreira política de Sírio, das atitudes íntimas da Vega?” Havia sido um dia mau; tinha consciência disso e não era apenas aquele peso no estômago que o dizia; diziam-no também as estrelas; lá no alto, em vez das costumadas figuras que sempre via quando erguia os olhos para elas, descobria um único diagrama: duas estrelas, os olhos; outra em baixo, a ponta do queixo. O esquema escarecedor do rosto triangular que a sua alma projectava nas constelações quando se sentia perturbado. O fraque de don Calogero, os amores de Concetta, a atracção de Tancredo, a sua própria fraqueza; e até a beleza agressiva da Angélica: tudo coisas más; certas pedrinhas a rolar, precedendo o desmoronamento. E aquele Tancredo! Sim, ele tinha razão e ajudá-lo-ia, mas não podia negar que não deixava de ser um pouquinho ignóbil. Aliás, ele próprio era como Tancredo. “Chega, vamos mas é dormir.”

Bendicó, na sombra, esfregava-lhe a cabeçorra contra o joelho.

– Vês tu, Bendicó, és um pouco como elas, as estrelas: felizmente és incompreensível, incapaz de provocar angústias.

Levantou a cabeça do cão, quase invisível na noite.

– E, além disso, com esses teus olhos ao mesmo nível do nariz, com a tua ausência de queixo, é impossível que a tua cabeça invoque espectros malignos no céu.

Hábitos seculares exigiam que, no dia seguinte à sua chegada, a família Salina fosse ao Mosteiro do Espírito Santo para rezar sobre o túmulo da Beata Corbera, antepassada do Príncipe, que havia fundado o convento, o havia dotado e lá vivera e morrera santamente.

O Mosteiro do Espírito Santo estava submetido a uma rígida regra de clausura e era severamente proibida a entrada aos homens. Exactamente por isso o Príncipe sentia-se especialmente satisfeito porque, para ele, descendente directo da fundadora, a exclusão não vigorava. Era cioso e infantilmente orgulhoso deste privilégio, que apenas partilhava com o Rei de Nápoles.

Este privilégio, baseado no direito canónico, era a causa principal, mas não a única, da sua predilecção pelo Espírito Santo. Tudo lhe agradava naquele lugar, a começar pela humildade do parlatório com o seu traçado em semicírculo centrado no Leopardo, as grades duplas para se conversar, a pequena roda de madeira para fazer entrar e sair mensagens, a porta bem esquadriada que o Rei e ele, únicos homens do mundo, podiam legalmente atravessar. Especialmente agradava-lhe o aspecto das irmãs com o seu grande cabeção de linho alvíssimo e de pregas minúsculas destacando-se sobre o hábito negro grosseiro; edificava-se ao ouvir contar, pela vigésima

vez, à abadessa os milagres ingênuos da Beata e vê-la apontar o canto do jardim melancólico onde a santa freira havia conseguido parar no ar um grande calhau que o Demónio, enervado pela sua austeridade, lhe lançara; surpreendia-se sempre ao ver, emolduradas, na parede de uma cela, as duas cartas famosas e indecifráveis: a que a Beata Corbera havia escrito ao diabo para o converter ao bem e a resposta deste que exprimia, segundo parece, o desgosto de não poder obedecer-lhe; agradecia-lhes os doces de amêndoa que as freiras fabricavam segundo receitas centenárias; agradava-lhe ouvir o Ofício no coro e até o satisfazia dar àquela comunidade, como estipulava o acto da fundação, uma parte não desprezível do seu rendimento.

Assim, naquela manhã, só havia gente satisfeita nas duas carruagens que se dirigiam ao mosteiro, à saída da povoação. Na primeira iam o Príncipe com a Princesa e as filhas Carolina e Concetta; na segunda a outra filha, Catarina, Tancredo e o Padre Pirrone, os quais, bem entendido, ficariam extramuros e durante a visita teriam de esperar no parlatório, confortados pelos doces de amêndoa que apareciam na roda. Concetta parecia um pouco ausente mas calma, o Príncipe esperava que as ninharias da véspera já se tivessem desvanecido.

A entrada num convento de clausura, ainda mesmo para quem possua o mais sagrado dos direitos, não é coisa rápida. As religiosas têm de mostrar uma certa relutância, formal mas demorada, o que aliás dava mais sabor à já prevista admissão; e ainda que a visita tivesse sido anunciada previamente tiveram de esperar um bom bocado no parlatório. Foi quase no fim desta espera que, inesperadamente, Tancredo disse ao Príncipe:

— Tio, não poderias fazer com que eu entrasse também? Apesar de tudo, sou metade Salina, e nunca cá estive.

O Príncipe, no fundo, ficou satisfeito com o pedido, mas sacudiu resolutamente a cabeça.

– Mas, meu filho, já sabes que só eu posso entrar aqui; para os outros é impossível.

Não era, porém, fácil desarmar Tancredo.

– Desculpa, Tio: poderá entrar o Príncipe de Salina e com ele dois gentis-homens do seu séquito se a abadessa o permitir; estive a reler ontem. Farei de gentil-homem do teu séquito, farei de escudeiro, farei do que quiseres. Pede-o à abadessa, por favor.

Falava com invulgar calor; queria talvez fazer esquecer a alguém os inconsiderados discursos da noite anterior. O Príncipe estava lisonjeado.

– Se dás tanta importância a isso, vamos a ver... Mas Concetta, com o seu melhor sorriso, voltou-se

para o primo:

– Tancredo, quando passámos vimos ali uma trave no chão, diante da casa de Ginestra. Vai buscá-la, entras mais depressa.

Os olhos azuis de Tancredo tornaram-se sombrios e o rosto fez-se vermelho como uma papoila, não se sabe se por vergonha se por ira. Queria dizer qualquer coisa ao Príncipe surpreendido, mas Concetta interveio de novo, agora com voz má e sem sorrir.

– Não te importes, papá; ele brinca, pois, pelo menos, esteve já num convento, o que lhe deve chegar; no nosso não é justo que entre.

Com um fragor de ferrolhos puxados, a porta abria-se. No parlatório abafado entrou a frescura do claustro e o murmúrio das freiras.

Já era demasiado tarde para tratar do caso e, assim, Tancredo ficou, sob um céu ardente, a passear diante do convento.

A vista ao Espírito Santo decorreu bem. D. Fabrício, por amor da paz, pensara, pelo menos, perguntar a Concetta o significado das suas palavras; devia tratar-se, sem dúvida, de uma daquelas brincadeiras habituais entre primos; de qualquer forma a discussão entre os dois jovens afastava aborrecimentos, conversas, decisões a tomar: fora, portanto, bem-vinda.

A partir daqui, foi com toda a compunção que se venerou o túmulo da Beata Corbera, se bebeu o café fraco e se trincaram com satisfação os bolos de amêndoa cor-de-rosa e verdes das freiras; a Princesa inspeccionou o guarda-roupa; Concetta, com a costumada e reservada bondade, falou às irmãs; o Príncipe deixou sobre a mesa do refeitório as dez onças que sempre oferecia quando das suas visitas. É verdade que, à saída, viram o Padre Pirrone só; mas depois de este dizer que Tancredo se havia ido embora a pé, ao recordar-se de uma carta urgente a escrever, ninguém mais pensou no assunto.

De volta ao palácio, o Príncipe subiu à biblioteca, situada exactamente no meio da fachada, sob o relógio e o pára-raios. Da grande janela do salão, fechada por causa de calor, via-se a praça de Donnafugata: vasta, sombreada por plátanos poeirentos. As casas em frente exibiam algumas fachadas desenhadas com certa graça por um arquitecto provinciano; monstros toscamente esculpidos em pedra macia, polidos pelos anos, sustinham, numa contorção de corpo, os pequenos balcões; outras casas, entre as quais as de don Calogero Sedara, ocultavam-se por detrás de púdicas fachadazinhas Império.

D. Fabrício passeava no enorme salão de um lado para o outro. A cada volta deitava uma olhadela à praça: três velhotes assavam num daqueles bancos por ele próprio oferecidos à comuna; amarradas a uma árvore estavam quatro mulas; uma dezena de rapazitos perseguiam-se, gritando e brandindo espadas de madeira. Sob a violência daquele sol, o espectáculo não podia ser mais provinciano. Mas, numa das suas passagens diante da janela, o seu olhar foi atraído por uma figura nitidamente cidadina: direita, esbelta, vestida com elegância.

Aguçou os olhos: era Tancredo; se bem que estivesse já um pouco longe reconheceu-o pelos ombros descaídos, pela cintura estreita muito apertada na sobrecasaca. Havia mudado de fato: já não estava de castanho como no Espírito Santo, mas de azul-da-prússia, a “cor da minha sedução” como ele próprio dizia. Na mão trazia uma bengala de castão esmaltado (devia ser a que tinha o Licórnio dos Falconéri e a divisa Semper Purus) e caminhava ligeiro como um gato, como alguém que tenta não sujar os sapatos de pó. Dez passos atrás seguia-o um criado que levava uma cesta enfeitada de fitas, contendo uma dezena de pêssegos amarelos de faces rosadas.

Afastou um pequeno espadachim, evitou com cuidado uma mijadela de mula e parou à porta da casa dos Sedara.

Capítulo III

PARTIDA PARA A CAÇA – OS CUIDADOS DE D. FABRÍCIO – UMA CARTA DE TANCREDO – A CAÇA E O PLEBISCITO – DON CICCIO TUMEO ZANGA-SE – COMO SE ENGOLE UMA PÍLULA AMARGA – PEQUENO EPÍLOGO

Outubro, 1860

A chuva havia chegado e havia partido; o Sol voltara a subir ao seu trono como um rei absoluto que, afastado por uma semana pelas barricadas dos súbditos, torna a reinar, iracundo mas refreado pela carta constitucional. O calor revigorava sem queimar e a luz, embora autoritária, deixava sobreviver as cores; da terra brotavam, cautelosos, o trevo e a hortelã-pimenta; nos rostos desconfiados surgia uma esperança.

D. Fabrício, com Teresina e Arguto, cães, e don Ciccio Tumeo, seu sequaz, passava muitas horas a caçar, desde a madrugada até à tarde. A fadiga estava muito longe de ser proporcional aos resultados, pois mesmo para os mais hábeis atiradores é difícil atingir um alvo que nunca, ou quase nunca, existe.

Já era bom quando o Príncipe, de volta a casa, podia mandar para a cozinha um par de perdizes; don Ciccio julgava-se com sorte se à tardinha podia

atirar para cima da mesa um coelho do mato, o qual, de resto, era ipso facto promovido ao grau de lebre, como é costume entre nós.

A abundância das presas teria sido, porém, para o Príncipe, secundária; o prazer que sentia nos dias de caça residia noutra coisa e fragmentava-se em pequenos episódios. Principiava quando, no quarto ainda, fazia a barba à luz de uma vela e a sombra dos gestos, projectada no tecto pintado de falsos relevos, se enchia de ênfase; mais forte se tornava quando atravessava os salões adormecidos, procurando, à luz vacilante da vela, evitar as mesas cobertas de cartas de jogo, espalhadas em desordem entre fichas e cálices vazios, no meio das quais vislumbrava de relance um valete de espadas que lhe lançava um augúrio viril; quando atravessava o jardim, imóvel sob a luz cinzenta, onde os pássaros mais madrugadores começavam a espremer-se para tirar das penas o orvalho da noite; quando se escapava pela porta escondida na hera; quando, em suma, fugia. Depois, na estrada ainda toda inocente, encontrava aos primeiros alvares don Ciccio, sorrindo entre os bigodes amarelados e ralhando afectuosamente com os cães, aos quais a expectativa fazia fremir os músculos sob a pele aveludada. Como um bago de uva cheio, transparente e húmido, Vénus brilhava; já parecia ouvir-se o estrépito do carro solar subindo as escarpas do horizonte. Em breve encontravam os primeiros rebanhos que, entorpecidos, avançavam como uma maré, guiados à pedrada por pastores de safões de peles; aos primeiros livores do Sol a lã dos carneiros havia-se tornado macia e rosada. Era preciso, depois, dirimir obscuros litígios de precedência entre os cães dos rebanhos e os perdigueiros briguentos. Após este intermédio atordoante, subia-se uma ladeira e penetrava-se no imemorial silêncio da Sicília pastoral; ficava-se longe de tudo, no espaço e mais ainda no tempo; Donna fugata, com o seu palácio e os seus novos-ricos, ficava apenas a duas

milhas, mas já parecia esfumar-se na lembrança como aquelas paisagens que, às vezes, se entrevêem na saída longínqua de um túnel; os seus cuidados, o seu luxo pareciam ainda mais insignificantes do que se tivessem pertencido ao passado. Comparados com a imutabilidade daquele lugar afastado dir-se-ia que eram antes parte do futuro e feitos não de pedra e de carne, mas do tecido de um futuro sonhado, ou extraídos de uma utopia imaginada por um qualquer Platão rústico. Um pequeno acidente poderia fazê-los assumir formas totalmente diferentes ou transformá-los mesmo em nada. E desprovidos, também, assim, daquele grão de carga energética que todas as coisas passadas conservam, deixavam de ser objecto das suas preocupações.

D. Fabrício havia tido muitos aborrecimentos naqueles últimos meses: tinham vindo de toda parte, como formigas ao assalto de uma lagartixa morta. Alguns haviam nascido nas fendas da situação política; outros haviam-lhe sido atirados para cima pelas paixões alheias, outros ainda (e eram os mais pungentes) haviam brotado de si mesmo, das suas reacções irracionais perante a política e os caprichos do próximo (quando estava irritado chamava caprichos àquilo que, quando calmo, designava por “paixões”); e todos os dias passava revista a estas preocupações, fazia-as manobrar, juntar-se em coluna ou dispor-se em fila na praça de armas da sua consciência, esperando vislumbrar nestas evoluções qualquer finalidade que pudesse tranquilizá-lo; mas não o conseguia. Nos anos anteriores, os aborrecimentos eram em número menor e, de certo modo, a estada em Donnafugata constituía um período de repouso; os desgostos deixavam cair a espingarda, dispersavam-se pelas anfractuosidades dos vales e aí ficavam tranquilamente entretidos a comer pão e queijo; de tal forma que se esquecia a belicosidade do seu uniforme e podiam ser tomados por pastores

inofensivos. Pelo contrário, este ano, haviam ficado juntos e eram como tropas revoltadas que vociferassem, brandindo as armas: sentia o temor de um coronel que houvesse gritado “dispersar” e que visse depois o regimento mais cerrado e ameaçador do que nunca.

Banda, foguetes, sinos, zingarelle e Te Deum à chegada estava bem: mas depois! A revolução burguesa que subia as suas escadas no fraque de don Calogero; a beleza de Angélica que deixava na sombra a graça discreta de Concetta; Tancredo que acelerava o tempo de evolução prevista e cuja exaltação sensual conseguia enfeitar de flores os seus motivos realísticos; os escrúpulos e os equívocos do plebiscito; as mil astúcias a que se tinha de submeter, ele, o Leopardo, que durante anos havia varrido as dificuldades com uma sapatada.

Tancredo havia já partido há mais de um mês e estava agora em Caserta instalado nos aposentos do seu antigo Rei; de lá enviava algumas vezes cartas a D. Fabrício, que este lia com rosnadelas e risos alternados e que depois punha na gaveta mais escondida da secretária. Não havia nunca escrito a Concetta, mas não se esquecia de mandar-lhe cumprimentos com a costumada e afectuosa malícia; uma vez até escreveu: “beijo as patas de todas as Leopardazinhas e sobretudo a de Concetta”, frase que foi censurada pela prudência paterna, durante a leitura da carta à família reunida. Angélica, mais sedutora que nunca, e acompanhada pelo pai ou de uma criada, vinha quase todos os dias visitá-los: oficialmente as visitas eram feitas às amiguinhas, às raparigas, mas de facto percebia-se que atingiam o seu ponto máximo na altura em que perguntava com indiferença:

– Tiveram notícias do Príncipe?

O “Príncipe”, na boca de Angélica, não era, infelizmente, a palavra para o designar a ele, D. Fabrício, mas o usado para designar o capitãozinho garibaldino, o que provocava em Salina um sentimento um pouco cómico, tecido com o algodão da inveja e a seda da satisfação pelo sucesso do seu caro Tancredo; sentimento, ao fim e ao cabo desagradável. À pergunta, ele respondia sempre de forma brevíssima, referia tudo quanto sabia, tendo o cuidado, porém, de apresentar um ramalhete de notícias bem aparado, ao qual as suas prudentes tesoiras haviam arrancado os espinhos (narrativas de frequentes passeios a Nápoles, alusões claríssimas às pernas de Aurora Schwarzwald bailarina do São Carlos) e os botões prematuros (“dá-me notícias da signorina Angélica”; “no gabinete de Fernando II vi uma Madona de Andrea dei Sarto que me recordou a signorina Sedara”). Assim modelava uma imagem insípida, bem pouco verdadeira, de Tancredo, mas também nunca se podia dizer que fazia o papel de desmancha-prazeres ou de alcoviteiro. Aliás, estas precauções verbais correspondiam bem aos seus próprios sentimentos em relação à paixão calculada de Tancredo, embora o irritassem quando o cansavam; eram, de resto, apenas um exemplar das mil e uma astúcias de linguagem e atitudes que, há já algum tempo, era obrigado a imaginar; pensava com inveja na situação de há um ano atrás, quando dizia tudo quanto lhe passava pela cabeça, certo de que todas as tolices seriam aceites como palavras dos Evangelhos e todas as leviandades como negligências de príncipe. Percorrendo este caminho das lembranças saudosas do passado, nos momentos de mau humor, deixava-se escorregar por um declive perigoso: certa vez, enquanto deitava o açúcar na chávena de Angélica, apercebeu-se de que invejava as possibilidades daqueles Fabrícios Salina e Tancredos Falconéri de há três séculos atrás, que saberiam satisfazer a vontade de dormir com as Angélicas do seu tempo sem

ter de passar diante do cura, desdenhosos dos dotes das vilãs (que de resto não existiam) e libertos da necessidade de obrigar os seus respeitáveis tios a apuros para dizer ou calar as coisas apropriadas. O ímpeto de luxúria atávica (que, aliás, não era totalmente luxúria mas também uma forma sensual da preguiça) foi tão brutal que fez corar aquele civilizadíssimo gentil-homem, cinquentão ou quase; o seu espírito, que, através de numerosos filtros, havia acabado por se tingir de escrúpulos rousseauianos, envergonhou-se profundamente, coisa que lhe provocou uma aversão ainda mais aguda à conjuntura social em que se integrava.

Naquela manhã a sensação de se encontrar prisioneiro de uma situação que evoluía mais rapidamente do que fora previsto era particularmente aguda. Na noite anterior, com efeito, a mulher que, na sua caixa amarelo-canário, trazia irregularmente o escasso correio de Donna fugata, entregara-lhe uma carta de Tancredo.

Antes mesmo de ser lida já aquela carta proclamava a sua importância, escrita como estava em sumptuosas folhas de papel resplandecente e numa escrita harmoniosamente traçada com escrupulosa observância dos “cheios” descendentes e dos “finos” ascendentes. Via-se imediatamente que era a “bela cópia” de não se sabe quantos borrões desordenados. O Príncipe não era chamado de Tiozão como se lhe havia tornado caro; o garibaldino astucioso havia excogitado a fórmula “caríssimo tio Fabrício” que possuía múltiplos méritos: o de afastar, logo no átrio do templo, toda a suspeita de brincadeira, o de fazer pressentir, desde a primeira linha, a importância do que se seguiria, o de permitir que se mostrasse a carta a alguém e o de ligar-se a antiquíssimas tradições pré-cristãs que atribuíam um poder vinculatorio mágico à precisão do nome invocado.

O “caríssimo tio Fabrício” era, depois, informado que o seu “afectuosíssimo e devotadíssimo” sobrinho era, desde há três meses, presa do mais violento amor que nem “os riscos da guerra” (ler: passeatas no parque de Caserta), nem “as muitas atracções de uma grande cidade” (ler: as carícias da bailarina Schwarzwald), haviam podido, por um instante, sequer, afastar do seu espírito e coração a imagem de signorina Angélica Sedara (aqui uma longa sucessão de adjectivos exaltando a beleza, a graça, as virtudes, o intelecto da rapariga amada); depois, através de deslumbrantes rabiscos de tinta e de sentimentos, dizia-se como o próprio Tancredo, consciente da sua indignidade, havia procurado sufocar o seu ardor (“longas foram as horas entre a balbúrdia de Nápoles ou a austeridade dos meus companheiros de armas em que procurei reprimir os meus sentimentos”). Mas o amor havia vencido a contenção e ele vinha pedir ao seu muito amado tio o favor de, em seu nome e por sua conta, pedir a mão da signorina Angélica ao “seu muito estimável pai”. “Tu sabes, tio, que não posso oferecer ao objecto do meu ardor outra coisa que não seja o meu amor, o meu nome e a minha espada.” Depois desta frase, a propósito da qual é necessário não esquecer que se situava no auge de tiradas românticas, Tancredo abandonava-se a longas considerações sobre a oportunidade, mesmo sobre a necessidade, de uniões entre famílias como a dos Falconéri e a dos Sedara (em certa altura foi ao ponto de escrever ousadamente “casa de Sedara”) serem encorajadas em virtude do contributo de sangue novo que traziam às velhas famílias e pela sua acção no nivelamento das classes, um dos objectivos do actual movimento político na Itália. Foi esta a única passagem da carta que D. Fabrício leu com prazer; e não apenas porque confirmava as suas previsões e lhe conferia os loiros de profeta, mas também (seria duro dizer “sobretudo”) porque o estilo, pleno de subentendida ironia, lhe invocava

magicamente a figura do sobrinho, o tom trocista e nasal da voz, os olhos espirrando malícia azulada, os risinhos cortesios. Quando, em seguida, se apercebeu de que este trecho jacobino se continha exactamente numa única folha e, desta forma, querendo-se, podia-se dar a ler a carta com subtracção do capítulo revolucionário, a sua admiração pelo tacto de Tancredo atingiu o máximo. Depois de haver narrado sumariamente os mais recentes acontecimentos guerreiros e expressado a convicção de que, dentro de um ano, se chegaria a Roma, “predestinada e augusta capital da nova Itália”, agradecia os cuidados e carinhos recebidos no passado e concluía pedindo desculpa pela ousadia de lhe confiar a ele o encargo “do qual dependia a minha felicidade futura”. Finalmente vinham as saudações, mas só para ele.

A primeira leitura deste extraordinário trecho de prosa produziu algumas tonturas a D. Fabrício: notou, mais uma vez, a espantosa aceleração da história; para nos exprimirmos em termos modernos, diremos que ele se sentia no estado de espírito daquele que, hoje, julgando subir para bordo de um dos aviões pachorrentos que fazem a carreira entre Palermo e Nápoles, descobre depois que está metido num supersónico e compreende que chegará ao seu destino antes de haver podido fazer o sinal da Cruz. O segundo estrato da sua personalidade, o afectuoso, venceu e alegrou-se pela decisão de Tancredo, que vinha assegurar a sua satisfação carnal, efémera, e a sua tranquilidade económica, perene. A seguir, ainda notou a incrível presunção do rapaz, que postulava como já aceite por Angélica o seu desejo; mas, por fim, todos estes pensamentos foram subvertidos por uma grande sensação de humilhação por ser obrigado a tratar com don Calogero de assuntos tão íntimos e também pelo aborrecimento de, no dia seguinte, ter de entabular negociações delicadas e dever empregar algumas precauções e manhas que repugnavam à sua natureza, presumida de leonina.

O conteúdo da carta foi apenas comunicado por D. Fabrício a sua mulher quando já estavam na cama, e lido à luz azulada do pequenino candeeiro de azeite coberto de um quebra-luz de vidro. Primeiramente Maria Stella não disse palavra: fazia, porém, uma caterva de sinais da cruz; depois afirmou que devia benzer-se não como a direita mas com a esquerda; a seguir a esta expressão de suma maravilha, desencadearam-se os raios da sua eloquência. Sentada na cama, os seus dedos amarrotavam o lençol, enquanto as palavras, vermelhas como archotes iracundos, faiscavam na atmosfera lunar do quarto fechado.

– E eu que esperava que ele havia de casar com Concetta! Um traidor é o que ele é, como todos os liberais da sua espécie; primeiro traiçou o Rei, agora traiçoa-nos a nós! Com a sua cara falsa, com as suas palavras cheias de mel e acções carregadas de veneno! É o que acontece quando se traz para casa gente que não é do nosso sangue!

E aqui deixou irromper a carga de couraceiros das cenas domésticas:

– Sempre o disse!, mas ninguém me escuta. Nunca pude suportar aquele janota. Só tu é que perdeste a cabeça por ele.

Na realidade também a Princesa havia sido vencida pelas denguiças de Tancredo, também ela gostava dele ainda; mas, sendo a volúpia de gritar “eu disse-o” a mais forte que uma criatura pode gozar, todas as verdades e todos os sentimentos eram subvertidos.

– E agora tem ainda a sem-vergonha de encarregar-te a ti, seu tio e Príncipe de Salina, pai da criatura que enganou, de fazer as suas indignas propostas àquele tratante, pai daquela desavergonhada! Mas tu não o deves fazer, Fabrício, não o deves fazer, não o farás, não o deves fazer!

A voz subia de tom, o corpo começava a ficar-lhe rígido. D. Fabrício, ainda deitado de costas, olhou para o lado para se assegurar de que a valeriana estava em cima da cómoda. A garrafa lá estava, e a colher de prata também, pousada de través sobre a rolha; naquela semiobscuridade glauca do quarto, brilhavam como um farol tranquilizador, erigido contra as tempestades histéricas. Por um momento quis levantar-se e agarrar a garrafa; mas, também ele, contentou-se em sentar-se; assim conquistou uma parte do prestígio.

– Stella, não digas tantas asneiras. Não sabes o que dizes. Angélica não é uma desavergonhada. Talvez dê nisso, mas, por enquanto, é uma rapariga como todas as outras, mais bela que as outras e que, simplesmente, quer fazer um bom casamento; talvez também um bocadinho enamorada de Tancredo, aliás como toda a gente. Terá no entanto dinheiro: em grande parte dinheiro nosso, mas muitíssimo bem administrado por don Calogero; e Tancredo tem grande precisão dele; é um grão-senhor, é ambicioso, tem as mãos rotas. Nunca disse nada a Concetta, até mesmo tem sido ela que, desde que chegámos a Donnafugata, o tem tratado como um cão. E, depois, não é um traidor: segue os tempos, tanto na política como na vida privada, e é tudo; de resto, é o mais belo rapaz que eu conheço; e tu o sabes tanto como eu, Stella.

Cinco dedos enormes afloraram a minúscula caixa craniana da mulher. Agora ela soluçava; tinha tido o bom-senso de beber um golo de água e o fogo da ira havia-se-lhe mudado em desgosto. D. Fabrício começou a ter esperanças de que não seria necessário sair da cama morna e afrontar, com os pés nus, a travessia do quarto já arrefecido. Para ter a certeza da sua calma futura, assumiu uma falsa fúria:

– E além do mais não quero gritos na minha casa, no meu quarto, na minha cama! Nada desses “farás” e “não farás”. Aqui quem decide sou eu; já o havia decidido quando ainda nem sequer o sonhavas! E acabou-se!

Aquele inimigo dos gritos berrava com quanto fôlego lhe cabia no desmesurado tórax. Julgando ter uma mesa à frente, deu um grande murro sobre o próprio joelho, magoou-se e, por sua vez, acalmou-se.

A Princesa estava aterrorizada e gemia baixinho, como um cachorro que se descompõe.

– Agora vamos a dormir. Amanhã vou à caça e tenho de me levantar cedo. Chega! O que está decidido, está decidido. Boas noites, Stella.

Beijou a mulher, primeiro na testa, depois na boca. Estendeu-se de novo e voltou-se para o lado da parede. Sobre a seda da tapeçaria da parede a sua sombra deitada projectava-se como o perfil de um cordilheira erguendo-se no horizonte azul.

Stella também voltou para o seu lugar e, enquanto a perna direita aflorava a esquerda do Príncipe, sentia-se toda consolada e orgulhosa de ter por marido um homem tão enérgico e terrível. Que importava Tancredo... e Concetta também..

Aquelas andanças sobre o fio da navalha suspendiam-se completamente naquele momento, de mistura com outros pensamentos, naquela antiguidade odorosa do campo, se é que podia chamar campo aos lugares em que todas as manhãs ia caçar. Na palavra campo está implícito um sentido de terra transformada pelo trabalho; mas aquele mato, agarrado às encostas dos montes, encontrava-se no mesmo estado de labirinto aromático em que o haviam encontrado os Fenícios, os Dórios e os Jónios, quando desembarcaram na Sicília, essa América da Antiguidade. D. Fabrício e

Tumeo subiam, desciam, escorregavam e arranhavam-se nos espinhos tal como qualquer Arquedamo ou Filostrato se havia cansado e arranhado vinte cinco séculos atrás: viam os mesmos objectos e um suor pegajoso empapava-lhes as roupas; o mesmo vento marinho indiferente agitava sem descanso as murtas e giestas e espalhava o cheiro do tomilho. As imprevistas e meditativas paradas dos cães, a sua patética tensão na expectativa da presa, eram idênticas às dos tempos em que se invocava Artemisa na caça. Reduzida a estes elementos essenciais, com o rosto lavado de cosmético e de preocupações, a vida aparecia sob um aspecto tolerável. Pouco antes de chegar ao cimo do monte, naquela manhã, Arguto e Teresina iniciaram a dança religiosa dos cães que descobriram a caça: rastejes, paralisações, um alçar prudente das patas, ladridos reprimidos. Alguns minutos depois um rabo cinzento saltou de entre as ervas. Dois tiros, quase simultâneos, puseram termo à silenciosa espera; Arguto depôs aos pés do Príncipe um animalzinho agonizante. Era um coelho: o humilde casaco de cor de barro cinzento não tinha sido suficiente para salvá-lo. O focinho e o peito haviam sido rasgados por horríveis golpes. Durante momentos D. Fabrício viu-se fixado por grandes olhos negros, invadidos rapidamente por um véu glauco, que o olhavam sem reprovação; cheios, porém, de uma dor atónita dirigida contra todo o ordenamento das coisas. As orelhas aveludadas haviam já esfriado, as patitas vigorosas contraíam-se ritmicamente, símbolo sobrevivente de uma fuga inútil: o animal morria, torturado por uma ansiosa esperança de salvação, imaginando poder ainda consegui-la, quando, como tantos homens, já estava perdido. Enquanto, piedosas, as pontas dos dedos lhe acariciavam o mísero focinhito, o animalzinho teve um último frêmito e morreu; mas D. Fabrício e don Ciccio haviam tido a sua distração; o

primeiro havia mesmo sentido de mistura com o prazer de matar o prazer tranquilizador de se compadecer.

Quando os caçadores chegaram ao cimo do monte, apareceu, entre os tamargueiros e os raros sobreiros, o verdadeiro rosto da Sicília, perante a qual as cidades barrocas e os laranjais não são mais que ninharias desprezíveis: uma paisagem ondulando aridamente até ao infinito, colina após colina, desolada e irracional. Nela o espírito não podia agarrar as linhas principais, concebidas num momento delirante da criação: como um mar que, de repente, tivesse sido petrificado no momento em que uma mudança de vento tivesse feito endoidecer as ondas. Donnafugata, agachada, escondia-se numa dobra anónima do terreno; não se via viva alma: só filas de vides desaparecidas indicavam a presença dos homens. Para além das colinas, para um dos lados, a mancha índigo do mar, ainda mais mineral e infecundo que a terra. O vento leve soprava sobre tudo, universalizava odores de esterco, de cadáveres e de salvas, anulava, elidia todas as coisas à sua passagem negligente; secava ali gotinhas de sangue, única coisa deixada pelo coelho; muito para além ia agitar a cabeleira de Garibaldi e lançava poeira aos olhos dos soldados napolitanos que, apressadamente, reforçavam os bastiões de Gaeta, iludidos por uma esperança tão vã como a fuga aterrada da caça.

O Príncipe e o organista repousaram na sombra que os sobreiros projectavam à volta: aí beberam o vinho morno dos cantis de madeira, acompanharam um frango assado, que saíra da bolsa de Fabrício, com os belos muffoleti, polvilhados de farinha crua, que don Ciccio havia trazido; saborearam a uva insolia, tão má no aspecto como boa ao sabor; com grandes bocados de pão saciavam a fome dos perdigueiros que lá estavam em frente deles, impassíveis como meirinhos ocupados na cobrança dos seus

créditos. Sob aquele sol constitucional D. Fabrício e don Ciccio estiveram quase a adormecer.

Bastara uma descarga para matar o coelho; as filas de canhões de Cialdini começavam a fazer desanimar os soldados bourbónicos; o calor do meio-dia adormecia os homens; nada, porém, em contrapartida podia fazer parar as formigas. Atraídas por alguns bagos de uvas estragados que don Ciccio havia deitado fora, excitadas pelo desejo de anexar aquele bocado de matéria podre empastada na saliva do organista, os seus exércitos acorriam em filas cerradas. Cheias de audácia, em desordem, mas resolutas: grupinhos de três ou quatro ficavam a parlamentar um pouco e, decerto, exaltavam a glória secular e a abundância futura do formigueiro número 2 sobre o sobreiro número 4 do cimo do Monte Morco; depois, com as outras, retomavam a marcha em direcção a um futuro próspero; os dorsos luzidios daquelas imperialistas pareciam vibrar de entusiasmo e, certamente, acima das suas fileiras perpassavam as notas de um hino.

Por causa de algumas associações de ideias que não seria oportuno precisar, a azáfama daqueles insectos impediu o Príncipe de dormir e fez-lhe recordar os dias de plebiscito que ele havia vivido pouco tempo antes, ali mesmo em Donnafugata; além de espanto, esses dias haviam-lhe deixado bastantes enigmas por desvendar; agora, em presença daquela natureza que, com excepção das formigas, não cuidava daquilo, talvez fosse possível encontrar uma solução para um deles. Os cães dormiam no chão, enroscados como figurinhas esculpidas; o coelho, suspenso de cabeça para baixo num ramo, sob o ímpeto contínuo do vento pendia em diagonal; Tumeo, porém, com a ajuda do cachimbo, conseguia conservar os olhos abertos.

– Então, don Ciccio, como votou no dia vinte e um?

O pobre homem sobressaltou-se; apanhado de imprevisto, no momento em que se encontrava do lado de fora daquelas barreiras de precaução em que, habitualmente, se movia, como aliás todos os camponeses da sua igualha, hesitava, não sabendo o que responder.

O Príncipe tomou por receio o que era apenas surpresa e irritou-se.

– Afinal de quem tem medo? Aqui apenas estamos nós, o vento e os cães.

A lista das testemunhas não era, na verdade, muito tranquilizadora: o vento é tagarela por definição; o Príncipe era meio siciliano. De absoluta confiança, só os cães, e por serem desprovidos de linguagem articulada. Don Ciccio, porém, havia-se recomposto e a manha de camponês havia-lhe sugerido a resposta adequada, ou seja, nada.

– Desculpai-me, Excelência, a vossa pergunta é inútil. Sabeis que em Donnafugata todos votaram pelo “sim”.

Isso sabia D. Fabrício e, exactamente por essa razão, aquela resposta apenas fez com que um enigma político se transformasse num enigma histórico.

Antes da votação, inúmeras pessoas tinham vindo ter com ele para pedir-lhe conselho: todas haviam sido sinceramente exortadas a votar de modo afirmativo. Com efeito, D. Fabrício nem mesmo concebia que se pudesse proceder doutra forma: quer porque se estava perante um facto consumado, quer por respeito pela teatral banalidade do acto; acrescente-se ainda a necessidade histórica e a consideração das desgraças que aconteceriam às pessoas humildes se a sua atitude negativa fosse descoberta. percebeu-se, porém, de que muitas delas não ficaram convencidas pelas suas palavras: havia entrado em jogo o maquiavelismo abstracto dos Sicilianos que tantas vezes induzia esta gente, generosa por natureza, a erigir edificios complexos sobre fragilíssimas bases. Como clínicos muito hábeis que se tivessem

baseado em análises de sangue e urina totalmente falseadas, e cuja correção não fizessem por preguiça excessiva, os Sicilianos (de então) acabavam por matar o doente, ou seja eles próprios, precisamente pela sua astúcia, quase nunca apoiada no conhecimento real dos problemas ou, pelo menos, dos interlocutores. Alguns destes que haviam feito a viagem ad limina gattopardoram julgavam impossível que um Príncipe de Salina pudesse votar a favor da Revolução (assim eram ainda designadas, naquela remota região, as recentes modificações) e interpretavam os seus raciocínios como ditos irónicos, destinados a obter um resultado prático oposto ao sugerido pelas palavras. Estes peregrinos (e eram os melhores) haviam saído do seu gabinete com mostras de familiaridade, tanto quanto o respeito lhes permitia, orgulhosos de haver penetrado o sentido das palavras principescas e esfregando as mãos em sinal de satisfação pela sua perspicácia, no próprio momento em que esta se eclipsava. Outros, em contrapartida, depois de o terem escutado, saíam tristes, convencidos de que ele era um trânsfuga e um mentecapto e, mais do que nunca, convencidos a não dar-lhe ouvidos e obedecer, pelo contrário, ao provérbio milenário, que aconselha a preferir um mal já conhecido a um bem não experimentado. Estes sentiam-se relutantes em ratificar a nova realidade nacional também por razões pessoais; fosse por motivos da sua fé religiosa ou fosse por haverem recebido favores do sistema anterior, e não terem ainda sabido integrar-se com a necessária agilidade no novo, ou fosse, finalmente, porque, durante a barafunda da libertação, lhes tivessem desaparecido alguns pares de capões e algumas medidas de favas, ou, então, lhes houvessem crescido alguns pares de cornos, alistados livremente nas tropas garibaldinas ou recrutados à força nos regimentos bourbónicos.

Em suma, em relação a uma quinzena de pessoas, ele havia tido a impressão penosa, mas nítida, de que teriam votado “não”, o que era uma minoria pequena, mas não desprezível, no pequeno eleitorado de Donnafugata. Considerando pois que as pessoas que tinham vindo ter com ele representavam apenas a fina flor do lugar, e que devia encontrar-se, entre aquelas centenas de eleitores que nem sequer haviam sonhado ir ao palácio, algum não convencido, o Príncipe calculara, mais ou menos por alto, que a votação maciça afirmativa teria sido quebrada por cerca de quarenta votos negativos.

O dia do plebiscito havia sido ventoso e escuro; pelas ruas da povoação viam-se passar grupinhos afadigados de rapazes trazendo na fita do chapéu um cartão com inúmeros “sins”. No meio dos cartazes e dos seus restos que os turbilhões de vento levantavam, iam cantando algumas estrofes da Bella Gigugin transformada em cantilena árabe, tal é a sorte que tem de sofrer qualquer melodia mais viva que queira ser cantada na Sicília. Haviam-se também avistado duas ou três “caras de fora” (ou seja de Girgenti), instaladas na taberna de tio Mé-nico, exaltando os “magníficos e progressivos destinos” de uma Sicília renovada, unida a uma Itália ressurgida. Alguns camponeses escutavam-nos, mudos, embrutecidos como estavam, em parte iguais, por um imoderado uso da enxada e por muitos dias de ócio forçado e esfomeado. Pigarreavam e escarravam frequentemente, mas calavam-se; tanto se calaram que deve ter sido então (como depois disse D. Fabrício) que as “caras de fora”

decidiram fazer predominar, nas artes do Quadrivium, a Matemática sobre a Retórica.

Pelas quatro horas da tarde o Príncipe havia ido votar, ladeado à direita pelo Padre Pirrone, à esquerda por don Onófrío Rotolo; com um ar sério, muito

loiro, dirigia se lentamente para a Câmara Municipal protegendo frequentemente os olhos com a mão, a fim de obstar a que aquele vento, carregado de todas as porcarias apanhadas no caminho, lhe provocasse a conjuntivite a que era sujeito; ia dizendo ao Padre Pirrone que, sem o vento, o ar seria um pântano putrefacto, mas que aquelas rajadas saudáveis traziam consigo muita porcaria. Vestia a mesma sobrecasaca preta com que, dois anos antes, fora a Caserta apresentar cumprimentos ao pobre Rei Fernando, que, felizmente, havia morrido a tempo de não assistir àquele dia batido por um vento impuro e em que se consagrava a sua incapacidade. Mas teria sido na verdade incapacidade? Seria o mesmo que dizer que quem morre do tifo morre por incapacidade. Recordou aquele Rei atarefado em levantar diques contra a invasão de papeluchos inúteis; inopinadamente, tomou consciência de que naquele rosto antipático transparecia um angustiado apelo à misericórdia. Eram pensamentos desagradáveis, como todos os que fazem compreender as coisas demasiado tarde; o aspecto do Príncipe, o seu rosto, tornaram-se tão solenes e sombrios que ele parecia caminhar atrás de um invisível carro fúnebre. Só a violência com que as pedras do caminho saltavam sob o choque raivoso dos pés revelava os conflitos interiores; seria supérfluo dizer que a fita da sua cartola estava virgem de qualquer cartãozinho, mas, aos olhos de quem o conhecesse bem, um “sim” e um “não” brilhavam alternadamente no feltro.

Quando chegou à sala do Município onde se procedia à votação, surpreendeu-se ao ver que todos os membros da mesa se levantaram quando o seu vulto ocupou inteiramente a abertura da porta; alguns camponeses que haviam chegado primeiro foram afastados e, desta forma, D. Fabrício, sem o esperar, entregou nas mãos patrióticas de don Calogero Sedara o seu “sim”. O Padre Pirrone não votou porque havia tido o cuidado de não se fazer

inscrever como residente na povoação. Don Onófrio, esse, obedecendo aos expressos desejos do Príncipe, manifestou a sua monossilábica opinião sobre a complicada questão italiana: foi uma obra-prima de concisão, realizada com a mesma boa vontade com que um menino bebe o óleo de rícino. Seguidamente todos foram convidados a “tomar um copito” lá em cima, no gabinete do síndico; o Padre Pirrone e don Onófrio furtaram-se, porém, com excelentes razões: um, a abstinência, o outro, um estômago fraco; ficaram pois em baixo e D. Fabrício teve de afrontar sozinho o refresco.

Por detrás da secretária do síndico flamejavam um retrato de Garibaldi e um de Vittorio Emanuele, por fortuna colocado à direita; bonito homem o primeiro, feiíssimo o segundo: ambos, porém, irmanados pelo prodigioso viço dos seus cabelos que os mascaravam quase. Numa mesinha baixa, um prato de biscoitos velhíssimos, que as borradelas das moscas haviam listrado de luto, e uma dúzia de cálices atarracados, cheios de licor: quatro de licor vermelho, quatro de licor verde, quatro de licor branco, ficando estes ao centro; esta ingénua simbolização da nova bandeira fez raiar no remorso do Príncipe como que um sorriso. Escolheu para si o licor branco, pois, presumivelmente, seria o menos indigesto, e não, como depois se disse, para prestar uma tardia homenagem à bandeira bourbónica. De resto, as três variedades de licor eram igualmente açucaradas, pegajosas e desagradáveis. Houve o bom gosto de não fazerem brindes; de qualquer maneira, as grandes alegrias são silenciosas. Foi mostrada a D. Fabrício uma carta das autoridades de Girgenti que anunciava aos laboriosos cidadãos de Donnafugata a concessão de um subsídio de duas mil liras para os esgotos, obra que terminaria no ano de

1961, como assegurou o síndico, caindo num daqueles lapsus de que Freud deveria explicar o mecanismo muitas dezenas de anos depois; e a reunião terminou.

Antes do pôr do Sol, as três ou quatro prostitutas de Donnafugata (também lá as havia não em regime de associação, mas gerindo afadigadamente os seus negócios privados) compareceram na praça com os cabelos adornados de fitinhas tricolores para protestar contra a exclusão das mulheres do escrutínio; as pobrezinhas, porém, foram escarnecidas até mesmo pelos mais ardentes liberais e tiveram de se retirar, o que não impediu que o *Giornale di Trinacria*, dois dias depois, desse a conhecer aos Palermitanos que, em Donnafugata, “algumas gentis representantes do belo sexo quiseram manifestar a sua inconcussa fé nos novos e fulgurantes destinos da Pátria bem-amada, e desfilaram na praça, entre as aclamações gerais daquela patriótica gente”.

Seguidamente, o escrutínio foi fechado e os membros da mesa meteram mãos à obra; já de noite, foi escancarado o balcão central da Câmara e don Calogero apareceu, com a faixa tricolor e tudo o mais, ladeado por dois contínuos com candelabros acesos que o vento apagou sem demora. À multidão invisível nas trevas, anunciou que, em Donnafugata, o plebiscito havia tido os resultados seguintes:

Inscritos 515; votantes 512; sim 512; não 0.

Da obscuridade da praça ergueram-se aplausos e vivas; da janela da sua casa, Angélica, com a sua lúgubre criada, batia as belas mãos rapaces; pronunciavam-se discursos: adjectivos enfeitados de superlativos e consoantes duplas ressoavam e, na escuridão, repercutiam-se de parede em parede; no meio do troar dos morteiros e foguetes, dirigiam-se mensagens ao

Rei (ao novo) e ao General; alguns foguetões tricolores subiram da escuridão da terra a um céu sem estrelas. Às oito tudo terminara, e a escuridão reinou como todas as noites, desde sempre.

Naquele momento, tudo era luminoso no alto do Monte Morco; havia luz, muita luz; mas a negridão daquela noite estagnava ainda na alma de D. Fabrício. O seu mal-estar assumia formas penosas e vagas: de maneira alguma era provocado pelas grandes questões em relação à qual o Plebiscito havia anunciado a solução; os grandes interesses do Reino (das Duas Sicílias), os interesses da sua classe, os seus privilégios particulares, saíam daqueles acontecimentos um pouco amolgados, é verdade, mas ainda vivos; dadas as circunstâncias não seria lícito pedir mais. O seu mal-estar não era, pois, de natureza política e devia ter raízes mais profundas, mergulhadas numa daquelas causas que chamamos de irracionais apenas porque estão sepultadas sob as montanhas da ignorância de nós próprios. A Itália havia nascido naquela tarde carrancuda em Donnafugata; ali mesmo, naquela povoação esquecida e da mesma forma que na indolência de Palermo ou na agitação de Nápoles. Uma má fada, cujo nome se desconhecia, devia ter estado presente.

Seja como for, a Itália havia nascido e seria agora preciso confiar em que poderia viver sob aquela forma: qualquer outra teria sido pior, estava de acordo. E, no entanto, aquela inquietação persistente alguma coisa significava; sentia que, durante aquela enunciação de nomes, excessivamente seca, assim como durante aqueles discursos, excessivamente enfáticos, alguma coisa, alguém morrera: só Deus saberia em que viela da povoação, em que prega da consciência popular.

A frescura da tarde afugentara a sonolência, de don Ciccio e a imponência maciça do Príncipe vencera os seus receios; para satisfação da sua

consciência, sentia que vinha à superfície nele um certo despeito, inútil certamente, mas não de todo desprezível. De pé, don Ciccio falava em dialecto e gesticulava: pobre palhaço que tinha ridiculamente razão.

– Eu, Excelência, votei “não”. Não, cem vezes não. Lembro-me do que vós, Senhor, me dissestes: a necessidade, a unidade, a oportunidade. Tendes, talvez, razão: nada entendo de política, deixo essas coisas aos outros. Mas Ciccio Tumeo é um homem honesto, pobre e miserável, com as calças rotas – e batia nas nádegas sobre os fundilhos primorosamente remendados das suas calças de caça –, que não esqueceu os benefícios recebidos; aqueles porcos da Câmara enfiam na boca a minha opinião, mastigam-na e borram-na depois, transformada a seu bel-prazer. Disse negro e fazem-me dizer branco! Exactamente na altura em que podia dizer o que pensava, aquela sanguessuga do Sedara anula-me, procede como se eu nunca tivesse existido, como se fosse um nada misturado com ninguém, eu, Francesco Tumeo La Manna, filho de Leonardo que foi organista da Igreja Matriz de Donnafugata, mil vezes superior a essa besta a quem cheguei a dedicar uma mazurca composta por mim quando nasceu aquela... – mordeu um dedo para se conter – aquela lambisgóia da filha!

Então a calma desceu sobre D. Fabrício; havia finalmente resolvido o enigma: agora sabia o que tinha sido assassinado, naquela noite de vento imundo, em Donnafugata e em muitos outros lugares: a boa-fé, uma recém-nascida de quem deveriam ter cuidado o mais carinhosamente possível e cujo nascimento teria justificado certos vandalismos estúpidos cometidos. O voto negativo de don Ciccio, cinquenta votos iguais em Donnafugata em mil “nãos”, não teria, em todo o reino, modificado em nada o resultado; tê-lo-ia, pelo contrário, tornado mais significativo e ter-se-ia evitado a violentação das almas. Seis meses atrás ouvia-se a voz dura e despótica que dizia: “Tem

cuidado, faz como te digo.” Agora sentia-se que a ameaça havia sido substituída pelas palavras doces do usurário: “Mas não viste que foste tu próprio a assinar! Isso é evidente. Deves fazer como te dizemos; nesta letra: a tua vontade é igual à minha.”

Don Ciccio continuava a bramar:

– Para vós, senhores, há outra coisa. Pode-se ser ingrato por causa de mais uma propriedade; mas por causa de um bocado de pão, o reconhecimento é uma obrigação. E há muito pano para mangas para os traficantes como Sedara, para quem o lucro é uma lei da natureza. Para nós, a arraia-miúda, as coisas ficam na mesma. Sabeis bem, Excelência, que aquela boa alma do meu pai era guarda-caça do pavilhão real de S. Onófrío, já no tempo de Fernando IV, quando aqui estavam os ingleses. É certo que se levava uma vida dura mas o uniforme real e a placa de prata davam autoridade. Foi a Rainha Isabel, a espanhola, que nessa altura era Duquesa da Calábria, que me mandou estudar, que me permitiu ser aquilo que hoje sou, organista da Igreja Matriz, honrado pela benevolência de Vossa Excelência; e nos anos de maior necessidade, quando minha mãe enviava uma súplica à Corte, chegavam sempre as cinco onças de socorro, tão certas como a morte, pois lá em Nápoles estimavam-nos, sabiam que éramos boa gente, súbditos fiéis; quando vinha o Rei, este dava umas palmadas nas costas do meu pai e dizia: “Don Leonardo, precisava de muita gente como você; sustentáculos fiéis do trono e da minha pessoa.” Depois, vinha o ajudante-de-campo e distribuía moedas de ouro. Agora dizem que eram esmolas, essas generosidades de verdadeiros Reis; dizem-no por não serem dadas a eles; tratava-se porém de justas recompensas da nossa dedicação. E hoje se esses santos Reis e Rainhas nos olhassem lá do céu, que diriam eles? “O filho de don Leonardo Tumeo traiçou-nos!” Ainda bem que no Paraíso se conhece a verdade. Eu

sei, Excelência, eu sei, as pessoas como vós já me disseram que essas coisas por parte dos Reis não significam nada, fazem parte do ofício. Será verdade, é mesmo certamente verdade. Mas o facto é que havia as cinco onças e com elas sempre se ajudava a passar o Inverno. E agora que podia pagar a minha dívida, não há nada a fazer, nada, “tu não percebes patavina”, o meu não transforma-se num sim. Era “súbdito fiel”, tornei-me um bourbónico sujo. Agora toda a gente é “saboiana”! Mas os “saboianos” mastigo-os eu ao café! – E empunhando, entre o polegar e o indicador, um biscoito fictício, mergulhava-o numa chávena imaginária.

D. Fabrício havia sempre gostado de don Ciccio; tratava-se porém de um sentimento nascido daquela paixão que inspira todo o homem que, em novo, se julga destinado à arte, mas que, em velho, consciente de não possuir talento, continua a exercer a mesma actividade em níveis mais baixos, guardando na algibeira os seus sonhos murchos; compadecia-se ainda da sua pobreza digna. Agora, porém, sentia também por ele uma espécie de admiração e, no fundo, mesmo no fundo da sua consciência orgulhosa, uma voz perguntava se não se teria, por acaso, don Ciccio comportado mais nobremente que o Príncipe de Salina. E se os Sedaras, todos os Sedaras, desde aquele minúsculo Sedara que violentava a aritmética em Donnafugata até aos grandes Sedaras de Palermo, de Turim, não teriam cometido um crime estrangulando aquela consciência? D. Fabrício não o podia saber naquele momento, mas uma boa parte da indolência da aquiescência de que acusariam as pessoas do Sul, durante as décadas seguintes, teve a sua origem naquela estúpida anulação da primeira expressão de liberdade proporcionada.

Don Ciccio havia desabafado. À sua autêntica ainda que rara personificação do “austero homem de bem” juntava-se outra, bastante mais frequente, não

menos genuína do snobe. Porque Tumeo pertencia à espécie zoológica dos “snobes passivos”, espécie hoje injustamente desprezada. Bem entendido, a palavra “snobe” era desconhecida na Sicília de 1860; mas como já antes de Koch existiam tuberculosos, assim já naqueles tempos remotíssimos existiam as pessoas para quem obedecer, imitar e, sobretudo, não molestar quem julgam pertencer a uma condição social superior à sua é a suprema lei da vida: o snobe é, de facto, o contrário do invejoso. Nesse tempo apresentava-se sob nomes diversos: era chamado de “devotado”, “dedicado”, “fiel”; a vida corria-lhes feliz porque o mais vago sorriso de um senhor era suficiente para inundar de sol todo o dia; e como ele se apresentava acompanhado daqueles adjectivos afectuosos, os favores restauradores eram mais frequentes então. A cordial natureza snobe de don Ciccio fez com que ele receasse ter aborrecido D. Fabrício e a sua solícitude apressou-se a procurar os meios de afugentar as sombras acumuladas, segundo ele pensava, no sobrececho olímpico do Príncipe; o meio mais idóneo no momento era o de propor que se retomasse a caça; e assim foi feito. Surpreendidos no seu sono do meio-dia, algumas desventuradas galinholas e um outro coelho tombaram sob os tiros dos caçadores, naquele dia particularmente precisos e impiedosos porque ambos, Salina e Tumeo, compraziam-se em identificar aqueles inocentes animais com don Calogero Sedara. Mas os disparos, os rolos de pêlo ou penas que os tiros faziam, por um instante, brilhar ao sol, não chegavam naquele dia para acalmar o Príncipe; à medida que as horas passavam e que se aproximava o regresso a Donnafugata, a preocupação, o despeito, a humilhação pela conversa iminente com o síndico plebeu oprimiam-no: o facto de ter chamado “don Calogero” a duas galinholas e a um coelho não servia, apesar de tudo, para nada; ainda que estivesse já decidido a engolir a pílula amarga, sentiu ainda

a necessidade de possuir informações mais amplas sobre o adversário, ou melhor, sondar a opinião pública em relação ao passo que estava para dar. Foi assim que, pela segunda vez, naquele dia, don Ciccio foi surpreendido por uma pergunta à queima-roupa.

– Oiça cá, don Ciccio: o senhor que vê tanta gente do sítio, diga-me: que se pensa verdadeiramente de don Calogero em Donnafugata?

Na verdade parecia a Tumeo que já havia expresso com suficiente clareza as suas opiniões sobre o síndico; e, assim, ia para responder, quando lhe vieram à cabeça uns ruídos vagos que havia ouvido correr sobre a doçura dos olhos com que D. Tancredo contemplava Angélica; e, desta forma, foi assaltado pelo aborrecimento de se ter deixado arrastar por certas manifestações oratórias que, sem dúvida, cheiravam mal ao nariz do Príncipe, se aquilo que corria era verdade; num outro compartimento do seu cérebro satisfazia-se por não ter dito nada de positivo contra Angélica; até a pequenina dor que sentia ainda no indicador direito lhe produziu o efeito de um bálsamo.

– Apesar de tudo, Excelência, don Calogero Sedara não é pior do que outra gente aparecida nestes últimos meses.

A homenagem era moderada mas foi suficiente para permitir que D. Fabrício insistisse:

– Pois, olhe, don Ciccio, a mim interessa-me, e muito, conhecer a verdade sobre don Calogero e a sua família.

– A verdade, Excelência, é que don Calogero é muito rico e também muito influente; que é avarento (quando a filha estava no colégio, ele e a mulher comiam os dois um ovo estrelado), mas, quando é preciso, sabe gastar; e porque cada tari que se gasta neste mundo vai parar às algibeiras de alguém,

acontece que neste momento muita gente depende dele; mas é preciso que se diga: é amigo do seu amigo; arrenda a sua terra ao quinto e os camponeses têm quase de rebentar para pagar, mas, há um mês, emprestou cinquenta onças a Pasquale Tripi que o havia ajudado na altura do desembarque, e sem juro, o que é milagre nunca visto desde que Santa Rosália acabou com a peste em Palermo. Além disso, inteligente como o diabo. Vossa Excelência devia tê-lo visto em Abril e Maio passados: andava de um lado para o outro pelo concelho como um morcego, de carro, a cavalo, montado numa mula, a pé, fizesse chuva ou não. Por onde passava formavam-se grupos secretos, preparava-se o caminho para aqueles que deviam vir. Um autêntico castigo de Deus, Excelência, um autêntico castigo de Deus, e ainda agora estamos no princípio da carreira de don Calogero: daqui a alguns meses será deputado no Parlamento de Turim; daqui a alguns anos, quando forem à venda os bens eclesiásticos, apanhará com meia dúzia de tostões as propriedades de Marco e Fondachello; nessa altura, transformar-se-á no maior proprietário da região. É assim que é don Calogero, Excelência, o novo homem, tal como deve ser; pena é, no entanto, que tenha de ser assim.

D. Fabrício recordou a conversa que tivera, alguns meses atrás, com o Padre Pirrone no observatório inundado pelo sol. O que o jesuíta havia previsto confirmava-se: mas não seria talvez uma boa tática integrar-se no novo movimento, pelo menos orientá-lo em parte em proveito de alguns indivíduos da sua classe? O aborrecimento que a conversa iminente com don Calogero provocava diminuiu.

— Mas, e as outras pessoas lá de casa, don Ciccio, as outras pessoas, como são elas no fundo?

— Excelência, há já anos que ninguém vê a mulher de don Calogero excepto eu. Sai sozinha para ir à missa, à primeira missa, a das cinco, quando não há

ninguém. Àquela hora não há serviço para o organista: mas, uma vez, fiz uma madrugada só para a ver. Dona Bastiana entrou acompanhada da criada e eu, por causa do confessionário, atrás do qual me havia escondido, não consegui ver muito. Mas no fim da missa o calor já era de mais e a pobre senhora afastou o véu negro. Palavra de honra, Excelência, é bela como o Sol; e não há que levar a mal a don Calogero, bicharoco feio como é, se a mantém longe de todos. Mas, mesmo das casas mais guardadas, acabam por se saber notícias; as criadas falam: parece que Dona Bastiana é uma espécie de bicho; não sabe ler, não sabe escrever, não conhece as horas, quase não sabe falar; uma burra, voluptuosa e ordinária; é também incapaz de gostar da filha; boa para a cama e é tudo.

Don Ciccio que, como pupilo de rainhas e partidário dos príncipes, dava muita importância às suas maneiras simples, mas que julgava perfeitas, sorria satisfeito: havia descoberto o meio de se vingar um pouco daquele havia aniquilado a sua personalidade.

– De resto – continuava – não podia ser doutra forma. Sabeis, Excelência, de quem é Dona Bastiana filha? – Voltando-se, ergueu-se nas pontas dos pés e, com o indicador, mostrava um longínquo grupo de casebres que pareciam escorregar da encosta rochosa de um monte onde, com dificuldade, uma torre de igreja miserável os cravava à terra: uma aldeia crucificada. – É filha de um vosso reideiro de Runci, chamado Peppe Giunta, que era tão porco e tão selvagem que lhe chamavam o Peppe Merda, com licença de Vossa Excelência.

Satisfeito, enrolava num dedo a orelha de Teresina. – Dois anos depois da fuga de don Calogero com Bastiana encontram-no morto no atalho que vai para Rampinzeri, com doze zagalotes no lombo. Sempre com sorte don Calogero, porque o tipo estava tornando-se importuno e exigente.

Muitos daqueles pormenores já eram conhecidos por Fabrício e já os havia passado em revista; até agora, porém, não tinha sabido o apelido de Angélica. Este abria uma perspectiva histórica profunda, fazia entrever outros abismos, em comparação com os quais don Calogero parecia uma sólida plataforma. Sentiu, autenticamente, que o terreno lhe faltava debaixo dos pés; como poderia Tancredo engolir também aquilo? E ele próprio? A sua cabeça começou a verificar quais os vínculos de parentesco que poderiam unir o Príncipe de Salina, tio do noivo, com o avô da noiva: não os encontrou, não havia. Angélica era Angélica, uma jóia de rapariga, uma rosa a quem a alcunha do avô havia servido apenas de adubo. Non olet, repetia, non olet; pelo contrário, optime joeminam ac conturbenium olet.

– O senhor fala-me de tudo, don Ciccio, de mães selvagens e de antepassados feçais, mas não me disse ainda nada acerca do que mais me interessa: a signorina Angélica.

O segredo das intenções matrimoniais de Tancredo, ainda que em embrião até há poucas horas, teria sido certamente divulgado se, por acaso, não tivesse, felizmente, sofrido um processo de mimetismo. Sem dúvida haviam sido notadas as frequentes visitas do rapaz à casa de don Calogero, assim como os seus sorrisos extasiados e as mil pequenas atenções que, vulgares e insignificantes na cidade, transformavam-se aos olhos dos virtuosos cidadãos de Donnafugata em sintomas de desejos impetuosos. O maior escândalo fora o primeiro: os velhotes que se aqueciam ao sol e os rapazitos que lutavam no pó haviam visto tudo, compreendido tudo e repetido tudo; e quanto ao significado alcoviteiro e afrodisíaco daquela dezena de pêsegos haviam sido consultadas certas megeras, matronas muito entendidas no assuntos, e certos livros reveladores dos segredos entre os quais e em primeiro lugar Rutilo Benincasa, o Aristóteles dos camponeses. Por sorte

havia-se produzido um fenómeno relativamente frequente entre nós: a má-língua havia mascarado a verdade; todos haviam construído para si uma imagem de um Tancredo libertino que fizera objecto da sua lasciva Angélica: manobrava para seduzi-la e era tudo. Pela imaginação daqueles camponeses não passou sequer ao de leve o pensamento de que se tramavam núpcias entre um Príncipe di Falconéri e uma neta do Peppe Merda; prestavam assim uma homenagem igual à que o blasfemador presta a Deus. A partida de Tancredo cortou com todas aquelas fantasias e não se falou mais no caso. Sobre o assunto. Tumeo sabia o mesmo que os outros e assim acolheu a pergunta do Príncipe com o ar divertido que os homens de idade assumem quando falam das marotices dos rapazes.

– Nada há a dizer, Excelência, da signorina; ela fala por si mesma: os seus olhos, a sua pele, as suas opulências são explícitas e fazem-se compreender por todos. Julgo que a linguagem que falam foi compreendida por D.

Tancredo; ou serei demasiado atrevido em pensá-lo? Há nela toda a beleza da mãe, sem o cheiro a estrume do avô; e, além disso, é inteligente!

Reparastes como esses poucos anos em Florença chegaram para transformá-la? Transformou-se numa autêntica senhora – continuava don Ciccio que era insensível às subtilezas –, completamente uma senhora. Quando voltou do colégio, mandou-me chamar a casa e tocou-me a minha velha mazurca: tocava mal, mas vê-la era uma delícia, com aquelas tranças negras, aqueles olhos, aquelas pernas, aquele peito... Oh!, oh! Qual cheiro a estrume! Os seus lençóis devem ter o perfume do paraíso!

O Príncipe aborreceu-se. Tão zeloso é o orgulho de classe, mesmo quando se abastarda, que aqueles louvores orgíacos à beleza impudica da sua futura sobrinha o ofenderam; como ousava don Ciccio exprimir-se com aquele lirismo lascivo a propósito de uma futura Princesa di Falconéri? É verdade

que o pobre homem não sabia nada; seria preciso contar-lhe tudo; de resto daí a três horas a notícia seria pública. Então, decidiu-se e dirigiu a don Tumeo um sorriso leopardino mas amigável:

– Acalme-se, don Ciccio, acalme-se; em casa tenho uma carta de meu sobrinho que me encarrega de fazer o pedido de casamento da signorina Angélica; daqui em diante, portanto, falará dela com o respeito que lhe é habitual. É o primeiro a conhecer a notícia, mas deve pagar essa vantagem; quando voltarmos para o palácio, será fechado à chave com Teresina na casa das armas; terá tempo para as limpar e as olear e só será posto em liberdade depois da visita de don Calogero; não quero que ninguém a conheça antes. Apanhado de improviso, as mil e uma preocupações e os mil e um snobismos de don Ciccio desabaram de súbito, como um grupo de tacos apanhados em cheio. Apenas um sentimento antiquíssimo sobreviveu.

– Isso é uma porcaria, Excelência! Um sobrinho vosso não devia casar com a filha daqueles que são os vossos piores inimigos e que sempre lhe têm puxado pelas pernas. Que procurasse seduzi-la, como eu julgava, era um acto de conquista; mas assim é uma rendição sem condições. É o fim dos Falconéri e também dos Salinas.

Dito isto, baixou a cabeça e desejou, angustiado, que a terra se abrisse sob os seus pés. O Príncipe havia-se tornado escarlate; até as orelhas e os olhos pareciam de sangue. Cerrou os punhos poderosos e deu um passo em direcção a don Ciccio. Mas era um homem de ciência, habituado, afinal de contas, a ver todos os prós e os contras; além disso, sob aquele aspecto leonino, era um céptico. Havia já suportado tanta coisa naquele dia: o resultado do plebiscito, a alcunha do avô de Angélica, os zagalotes! E Tumeo tinha razão: era a tradição que falava através dele francamente.

Apesar de tudo era estúpido: aquele casamento não era o fim de ninguém mas o princípio de tudo. Estava na linha das melhores tradições.

Os punhos voltaram a abrir-se: as manchas das unhas ficaram-lhe nas palmas.

– Vamos para casa, don Ciccio; o senhor não pode perceber certas coisas. De acordo como dantes, entendido?

E enquanto desciam para a estrada, seria difícil dizer qual dos dois seria D. Quixote e qual Sancho Pança.

Quando às quatro e meia precisas lhe foi anunciada a chegada pontual de don Calogero, o Príncipe não havia ainda terminado a sua toilette; mandou pedir ao senhor síndico que esperasse um momento no gabinete e continuou, placidamente, a alindar-se. Untou os cabelos com o Lemo-Líscio, o Lime-Juice de Atkinson, uma loção espessa e esbranquiçada que lhe chegava de Londres às caixas e que sofria no nome a mesma deformação cínica das canções; recusou a sobrecasaca preta e substituiu-a por uma de tom lilás muito leve que lhe parecia mais adequada às ocasiões consideradas festivas; demorou-se ainda um pouco a tirar com a pinça um atrevido pêlo loiro que havia conseguido escapar à barba da manhã; mandou chamar o Padre Pirrone e, antes de sair do quarto, pegou num extracto das Blátier der Himmelsjorscbung e, com o folheto enrolado, fez o sinal da cruz, gesto de devoção que na Sicília tem frequentemente, mais do que se pensa, um significado não religioso.

Atravessando as duas divisões, que o separavam do gabinete, imaginou ser um imponente leopardo de pêlo liso e perfumado que se preparava para despedaçar um chacalzito amedrontado; mas por uma daquelas involuntária associações de ideias, que são o flagelo das naturezas como a sua, veio-lhe à

memória a imagem de um daqueles quadros históricos franceses em que os marechais e generais austríacos desfilam, no acto da rendição, carregados de condecorações e penachos, perante um Napoleão irónico; eram mais elegantes que ele, sem dúvida, mas, seja como for, o vitorioso é o homenzinho de capote cinzento; e, assim, ultrajado por estas importunas recordações de Mântua e Ulm, foi um leopardo irritado que entrou no gabinete.

Lá estava don Calogero em pé, pequenino, muito miúdo e com a barba mal feita; pareceria, na verdade, um chacalzinho se não fossem os seus olhos que chispavam inteligência; uma vez, porém, que aquela inteligência tinha um fim material oposto ao fim abstracto para que o Príncipe julgava tender, foi considerado como um sinal de malignidade. Sem o sentido de adaptação do vestuário às circunstâncias, que no Príncipe era inato, o síndico julgara que devia vestir-se quase de luto; vinha tão vestido de negro como o Padre Pirrone; mas enquanto o padre se sentava num canto, assumindo o ar marmoreamente abstracto dos sacerdotes que não querem pesar nas decisões alheias, o rosto de don Calogero exprimia uma espera tão ávida que se tornava quase incómodo olhá-lo. Imediatamente se iniciaram as escaramuças de palavras insignificantes que precedem as grandes batalhas verbais. Foi, porém, don Calogero o primeiro a tomar a ofensiva.

– Excelência – perguntou ele –, haveis recebido boas notícias de D. Tancredo?

Naquelas pequenas povoações de outros tempos, o síndico tinha a possibilidade de fiscalizar, embora não oficialmente, o correio; talvez a desusada elegância da carta o tivesse posto em guarda. O Príncipe irritou-se quando este pensamento lhe passou pela cabeça.

– Não, don Calogero, não. O meu sobrinho deu em doido...

Existe, porém, um deus protector dos príncipes: a Boa Educação.

Frequentemente intervém para salvar os leopardos dos maus passos. Há que pagar-lhe, porém, grande tributo. Assim, como Palas intervém para refrear a intemperança de Ulisses, a Boa Educação apareceu a D. Fabrício para o obrigar a estacar à beira do abismo; mas o Príncipe devia pagar a salvação exprimindo-se explicitamente, pelo menos uma vez na sua vida. Com perfeita naturalidade, sem um segundo de suspensão, concluiu a frase:

– ... doido de amor pela vossa filha, don Calogero; escreveu-me ontem.

O síndico conservou uma impassibilidade surpreendente. Mal sorriu e absorveu-se na contemplação da fita do chapéu; o Padre Pirrone, como um mestre-de-obras encarregado de apreciar-lhe a solidez, tinha os olhos virados para o tecto. O Príncipe sentiu-se vexado: aqueles modos taciturnos privavam-no da satisfação mesquinha de espantar o auditório. Foi pois com satisfação mesquinha que percebeu que don Calogero ia falar.

– Já sabia, Excelência, já sabia. Viram-nos a beijarem-se nas vésperas da partida de D. Tancredo; no vosso jardim, ao pé da fonte; as sebes nunca são tão cerradas como se julga. Esperei durante um mês que o vosso sobrinho tomasse qualquer iniciativa e já pensava vir perguntar a Vossa Excelência quais as suas intenções.

Numerosas e enfurecidas vespas vieram assaltar D. Fabrício. Como acontece a todos os homens ainda não decrépitos, sentiu, primeiro, ciúme carnal; Tancredo havia saboreado aquele gosto a nata e a morangos que nunca chegaria a conhecer. Depois, sentiu uma humilhação social: de se encontrar na situação de acusado quando se julgava mensageiro de boas notícias. E, em terceiro lugar, um despeito pessoal: ter julgado que

superintendia em tudo e todos e descobrir, agora, que muitas coisas aconteciam sem o seu conhecimento.

– Don Calogero, conservemo-nos nos nossos lugares; lembrai-vos de que fui eu que vos mandei chamar. Queria transmitir-lhe uma carta do meu sobrinho chegada ontem; nela declara a sua paixão pela vossa filha, paixão que eu, pessoalmente... (aqui o Príncipe titubeou um pouco porque as mentiras são às vezes difíceis de dizer diante de uns olhos tão verrumantes como os do síndico)... bem, de que eu ignorava até agora a intensidade. Em conclusão, ele encarregou-me de pedir-lhe a mão da signorina Angélica.

Don Calogero continuava impassível; o Padre Pirrone transformou-se, de perito em construções, num sábio muçulmano e, cruzando os quatro dedos da mão direita com os quatro da mão esquerda, fazia girar os polegares um em frente do outro, umas vezes para trás, outras vezes para a frente, com alardes de certa inspiração coreográfica. O silêncio pairou durante muito tempo e o Príncipe acabou por se impacientar:

– E agora, don Calogero, sou eu que estou à espera que me diga as vossas intenções. O Síndico, que havia mantido os olhos fixos na franja dourada da poltrona do Príncipe, cobriu-os um momento com a mão direita, e ergueu-os depois; naquele segundo mostravam-se cândidos, cheios de estupefacção, como que metamorfoseados naquele mesmo instante.

– Desculpai-me, Príncipe. (Pela fulminante omissão do “Excelência” D. Fabrício percebeu que, felizmente, tudo estava consumado.) Mas esta grande surpresa tirou-me as palavras. Sou, no entanto, um pai moderno e não poderei dar-vos uma resposta definitiva senão depois de haver consultado aquele anjo que é a consolação da nossa casa. Sei, contudo, também exercer os sagrados direitos de um pai: conheço tudo o que se passa no coração e na

cabeça de Angélica e julgo que posso dizer que o afecto de D. Tancredo, que tanto nos honra, é sinceramente retribuído.

D. Fabrício ficou sufocado por uma comoção sincera: havia engolido a pílula; uma parte já bem mastigada descia-lhe já pela goela abaixo; ficava ainda por mastigar alguma coisa de pouca monta, comparada com o resto; o mais difícil havia sido feito. No meio deste sentimento de libertação, começou a voltar-lhe o afecto por Tancredo: imaginou aqueles seus olhos, azuis e estreitos, cintilando ao lerem a resposta feliz; imaginou, ou melhor, recordou os primeiros meses de um casamento de amor durante os quais os frenesins, as acrobacias dos sentidos são escondidas e sustentadas pelas hierarquias

angelicais, benevolentes embora surpreendidas. Mais longe ainda, vislumbrou a vida sem dificuldades, as oportunidades de um brilho que surgiriam para os talentos de Tancredo, a quem a falta de pecúnia teria cortado as asas.

O gentil-homem ergueu-se, deu um passo em direcção a um don Calogero atónico, levantou-o da poltrona e apertou-o contra o peito: as pernas curtas do síndico ficaram suspensas no ar. Lá longe, naquela remota província e naquela casa siciliana, desenhou-se uma estampa japonesa: um moscardo peludo suspenso das pétalas de um íris roxo. Quando don Calogero voltou a poisar os pés no chão, D. Fabrício pensou: “Tenho de lhe dar sem falta um par de navalhas inglesas, doutra forma a coisa não vai.”

O Padre Pirrone parou com a rotação dos polegares, levantou-se e apertou a mão ao Príncipe:

– Excelência, invoco a protecção de Deus para estas bodas; a vossa alegria é a minha.

Estendeu a mão a don Calogero sem dizer uma palavra e, depois, com os nós dos dedos bateu no barómetro da parede: descia, previsão de mau tempo.

Voltou a sentar-se e abriu o breviário.

– Don Calogero – disse o Príncipe –, o amor destes dois jovens é a base de tudo, é o único fundamento em que a sua felicidade futura se pode edificar; sabemos que isso será suficiente. Mas nós, homens mais velhos, somos obrigados a preocupar-nos com outras coisas. É inútil dizer-vos como é ilustre a família Falconéri; vinda para a Sicília com Carlos de Anjou, soube continuar a prosperar sob os aragoneses, espanhóis, os reis Bourbons (se me é permitido nomeá-los diante de vós) e estou certo de que irá florescer sob a nova dinastia (que Deus a guarde!).

Já não era possível saber quando o Príncipe fazia ironia e quando falava a sério.

– Foram pares do Reino, grandes de Espanha, cavaleiros de Santiago, e, quando lhes veio a vontade de ser cavaleiros de Malta, bastou-lhes levantar um dedo; a Rua Condotti faz fornadas de diplomas sem pestanejar, como se fossem arrufadas, pelo menos até hoje.

Esta insinuação pérfida foi em puro desperdício porque don Calogero ignorava completamente o Estatuto da Ordem de S. João de Jerusalém.

Tenho a certeza de que a vossa filha, com a sua beleza peregrina irá ilustrar ainda mais o velho tronco dos Falconéri; e que com a sua virtude saberá rivalizar com santas Princesas, a última das quais, a minha irmã que Deus tem, abençoará, decerto, lá do alto, os noivos.

De novo D. Fabrício se comoveu profundamente, ao recordar a sua querida Júlia, cuja vida fora completamente estragada, num perpétuo sacrifício perante as extravagâncias do pai de Tancredo.

– No que diz respeito ao rapaz, vós o conheceis; e se não o conheceis, aqui estou eu para garanti-lo sob todos os pontos. Tem toneladas de bondade, e não sou só eu a dizê-lo, não é verdade, Padre Pirrone?

O bom do jesuíta, arrancado às suas leituras, ficou, de repente, perante um dilema incómodo. Havia sido o confessor de Tancredo e sabia que não eram poucos os seus pecados, embora nenhum grave, evidentemente, mas suficientes para diminuir em muitos quintais aquela maciça bondade de que lhe falavam; além disso, eram de natureza a garantir (era exactamente caso para isso) uma infidelidade a toda a prova. Era verdade que aquilo, por razões sacramentais e conveniências mundanas, não podia ser revelado. Por outro lado gostava de Tancredo e, ainda que no fundo do seu coração desaprovasse aquele casamento, nunca diria uma palavra que pudesse obstá-lo ou sequer dificultá-lo. Refugiou-se na Prudência, que é, entre as virtudes cardinais, a mais maleável e fácil de manejar.

– O fundo de bondade do nosso caro Tancredo é grande, don Calogero, e, sustentado pela Graça Divina e pela virtude terrena da signorina Angélica, ele poderá ser, um dia, um bom esposo cristão.

A profecia, arriscada mas prudentemente apresentada sob condições, passou sem reparos.

– Mas, don Calogero – prosseguia o Príncipe, mastigando o que restava da pílula –, se é inútil falarmos da antiguidade da casa Falconéri, é, infelizmente, também inútil dizer-vos, porque já o sabeis, que as actuais condições financeiras do meu sobrinho não correspondem à grandeza do seu nome. O pai de Tancredo, meu cunhado Fernando, não era o que se podia chamar um pai providente; as suas ostentações de grande senhor, ajudadas pela incúria dos seus administradores, abalaram profundamente o património

do meu caro sobrinho e ex-pupilo; as grandes propriedades de Mazzara, as plantações de pistácia em Ravanusa, os olivais da Oliveri, o palácio de Palermo, tudo desapareceu já; vós o sabeis, don Calogero.

Com efeito, don Calogero sabia-o: havia sido a maior emigração de andorinhas de que se recordava; a sua lembrança inspirava ainda terror, mas não prudência, a toda a nobreza siciliana; ao mesmo tempo era fonte de delícia para todos os Sedaras da Sicília.

– Durante o período da minha tutela consegui apenas salvar a casa de campo perto da minha, e isto com muitas habilidades jurídicas e graças também a alguns sacrifícios que, aliás, fiz com gosto, em memória da minha santa irmã Júlia e por afeição a este caro rapaz. É uma bela casa: a escada foi desenhada por Marvuglia, os salões foram decorados por Serenado; actualmente, porém, a sala mais bem conservada pode servir apenas de curral de cabras.

Os últimos restos da pílula haviam sido ainda mais desagradáveis do que o havia previsto; mas, ao fim e ao cabo, acabaram por ser engolidos. Agora, sentia a necessidade de lavar a boca com algumas frases agradáveis, de resto sinceras.

– Mas, don Calogero, o resultado de todas essas desgraças foi Tancredo. Sabemos como as coisas são; é talvez impossível obter a distinção, a delicadeza, o encanto de um rapaz como ele, sem que uma meia dúzia de patrimónios tenham sido delapidados pelos seus antepassados. É pelo menos assim que as coisas se passam na Sicília; trata-se de uma espécie de lei natural, como as que regem os tremores de terra e as secas.

Calou-se porque entrava um criado, trazendo sobre uma bandeja dois candeeiros acesos. Enquanto estes eram colocados nos seus lugares, o

Príncipe deixou reinar no escritório um silêncio carregado de uma tristeza complacente. Prosseguiu:

– Tancredo não é um rapaz qualquer, don Calogero; não é apenas distinto e elegante; ensinaram-lhe poucas coisas, mas ele conhece tudo o que se deve conhecer: os homens, as mulheres, as oportunidades, o momento exacto. É ambicioso e tem razão para o ser, pois irá longe. A vossa filha Angélica terá sorte, se aceitar percorrer a seu lado o caminho da vida. E, além disso, quando convivemos com Tancredo, é possível que nos sintamos algumas vezes irritados mas nunca aborrecidos; e isto já é muito.

Seria exagerado dizer que o síndico havia apreciado as subtilezas mundanas contidas na última parte do discurso do Príncipe; no conjunto a sua primeira convicção sobre o oportunismo e a astúcia de Tancredo havia-se confirmado, mas nada mais. Julgava-se e sentia-se igual a qualquer pessoa; estava mesmo aborrecido por notar na filha uma certa afeição pelo belo rapaz.

– Príncipe, eu sabia tudo isso e muitas coisas mais. Mas tudo me é indiferente.

Tornou-se sentimental:

– O amor, Excelência, o amor é tudo, eu sei! Talvez fosse sincero, o pobre homem, desde que se aceitasse a sua provável definição do amor.

– Mas eu sou um homem de sociedade e quero também pôr as minhas cartas sobre a mesa. Escusado é falar do dote da minha filha; ela é o sangue da minha vida, a mais preciosa das minhas entranhas; não tenho mais ninguém a quem deixar o que possuo, o que é meu é dela. Mas é justo que os jovens saibam com o que podem contar desde já. No contrato de casamento darei a minha filha a propriedade de Settesoli, de 644 salme, ou sejam 1010

hectares como agora se diz, tudo terras de trigo bem arejadas e frescas, e 180 salme de vinhas e olivais em Gibidolci. Ficarei de mãos vazias – acrescentou, sabendo e esperando que ninguém o ia acreditar –, mas uma filha é uma filha. Com isto poderão reconstruir todas as escadas de “Marrugia” e todos os tectos de “Sorcionário” que há no mundo. Angélica deve ficar bem instalada.

Uma vulgaridade ignorante brotava-lhe de todos os poros; apesar disso, os seus dois ouvintes não ficaram menos espantados. D. Fabrício necessitou de toda a sua fleuma para esconder a surpresa: o golpe de Tancredo ultrapassava tudo o que havia esperado. Uma sensação de náusea começou a invadi-lo, mas a beleza de Angélica e a graça do noivo conseguiram envolver de poesia a brutalidade do contrato. O Padre Pirrone fez estalar a língua entre o céu da boca; depois, aborrecido de ter revelado o seu espanto, aplicou-se a encontrar uma rima para aquela inconveniência, fazendo ranger a cadeira e os sapatos, desfolhando, com fragor, o breviário; debalde, a impressão ficou.

Felizmente, um disparate de don Calogero, o único de toda a conversa, tirou toda a gente do embaraço:

– Príncipe, sei que o que vou dizer pouca impressão vos fará, pois descendeis dos amores do Imperador Tito e da Rainha Berenice; mas também os Sedara são nobres; até aqui foi uma família infeliz, enterrada na província, sem lustro; mas tenho todos os papéis em ordem nas minhas gavetas, e, um dia, saber-se-á que o vosso sobrinho casou com a baronesa Sedara dei Biscotto, título concedido por Sua Majestade Fernando IV aos secrezie do porto de Mazzara. Vou fazer todas as diligências, logo que tenha oportunidade.

Estas histórias de ocasiões falhadas, de secezie de homónimos, eram, desde há cem anos, um elemento importante na vida dos Sicilianos; forneciam a milhares de pessoas corajosas ou a pessoas menos corajosas momentos alternados de depressão ou exaltação; mas trata-se de um assunto demasiado importante para ser tratado tão superficialmente; contentar-nos-emos em assinalar que a tirada heráldica de don Calogero causou ao Príncipe a incomparável satisfação artística de ver um indivíduo realizar-se sob os seus olhos, nas suas mais íntimas particularidades; um riso mal contido aflorou-lhe aos lábios até que voltou a sentir uma profunda sensação de náusea.

Em seguida, a conversa perdeu-se em pequenos nada inúteis: D. Fabrício recordou-se de Tumeo prisioneiro na escura sala de armas, e, pela milionésima vez na sua vida, deplorava a duração das visitas na província camponesa, acabando por se fechar num silêncio hostil. Don Calogero compreendeu, prometeu voltar no dia seguinte para trazer o consentimento definitivo de Angélica e despediu-se. O Príncipe acompanhou-o através de dois salões, abraçaram-se de novo e enquanto o visitante descia as escadas, o Príncipe, em pé, como uma torre, no alto da escadaria, via diminuir esse pequeno monte de astúcia, de fatos mal cortados, de oiro e ignorância, que naquele momento fazia quase parte da sua família.

Com uma candeia na mão, D. Fabrício foi libertar Tumeo que, no escuro, fumava com resignação o seu ; cachimbo.

– Tenho pena, don Ciccio, mas deve compreender que tinha de agir assim.

– Compreendo, Excelência, compreendo. E, ao menos, correu tudo bem?

– Muito bem, não se podia desejar melhor.

Tumeo mastigou algumas felicitações, pôs a trela na coleira de Teresina que dormia, esgotada pela caçada, e pegou na bolsa de caça.

– Fique com as minhas galinholas, pois, de qualquer maneira, são poucas para nós. Até à vista don Ciccio, e volte cá logo que possa. E desculpe, sim. Uma grande palmada nas costas do organista selou a reconciliação e serviu para lembrar o poderio do Príncipe. E o último fiel à casa de Salina dirigiu-se para a sua pobre casa.

Quando o Príncipe voltou para o escritório, já o Padre Pirrone havia abalado para evitar qualquer discussão. Dirigiu-se para o quarto da mulher a fim de lhe contar a entrevista. O barulho dos seus passos vigorosos e rápidos anunciavam-no a dez metros de distância. Atravessou a sala de estar das filhas, onde Carolina e Catarina dobavam uma meada de lã, e que, sorridentes, levantaram-se à sua passagem; mademoiselle Dombreuil tirou à pressa os óculos e respondeu com pesar à saudação do Príncipe; Concetta, de costas, bordava ao bastidor; nem sequer se voltou, pois não tinha ouvido passar o pai.

Capítulo IV

O FABRÍCIO E DON CALOGERO – PRIMEIRA VISITA DE ANGÉLICA NOIVA – CHEGADA DE TANCREDO E DE CAVRIAGHI – CHEGADA DE ANGÉLICA – A TEMPESTADE AMOROSA – CALMA APÓS A TEMPESTADE – UM PIEMONTÊS CHEGA A DONNAFUGATA – UMA PEQUENA VOLTA PELA REGIÃO – CHEVALLEY E D. FABRÍCIO – PARTIDA DE MADRUGADA

Novembro, 1860

Depois do acordo nupcial, as entrevistas tornaram-se mais frequentes e D. Fabrício começou a sentir pelos méritos de Sedara uma mistura de admiração e curiosidade. Acabou por se habituar às faces mal barbeadas, à pronúncia plebeia, aos fatos extravagantes e ao mau cheiro persistente a suor azedo, e começou a aperceber-se da rara inteligência do homem. Uma quantidade de problemas que pareciam insolúveis para o Príncipe foram resolvidos num abrir e fechar de olhos por don Calogero. Liberto das mil e uma barreiras que a honestidade, a decência e a bondade impõem à maior parte das pessoas, progredia na floresta da vida com a segurança de um elefante que, desenraizando as árvores e espezinhando as tocas dos animais, continua o seu caminho em linha recta, indiferente aos arranhões e aos

queixumes das vítimas. Tendo sido criado e tendo sempre vivido em vales amenos, percorridos pelas brisas corteses dos “por favor”, “agradecer-te-ia muito”, “fazes-me o favor”, “foste muito amável”, o Príncipe, quando conversava com don Calogero, via-se sem defesa numa charneca varrida por rajadas violentas e, ainda que continuando no fundo do seu íntimo a preferir as anfractuosidades das montanhas, era forçado a admirar o ímpeto daquela corrente de ar que tirava dos carvalhos e cedros de Donnafugata arpejos nunca outrora ouvidos.

Aos poucos, quase sem se aperceber disso, D. Fabrício dava conta a don Calogero dos seus negócios, numerosos e complexos, e que ele próprio conhecia mal, não por falta de compreensão, mas por uma espécie de indiferença desdenhosa em relação a problemas que ele considerava ínfimos e que, no fundo, provinha da sua indolência natural e da facilidade com que habitualmente se tirava de situações delicadas, vendendo algumas centenas de hectares dos muitos milhares que possuía.

Os conselhos que don Calogero dava, depois de ter escutado o Príncipe e coordenado os diversos elementos do relato, eram perfeitamente oportunos e de um efeito! imediato; todavia os resultados finais, concebidos com eficácia cruel, mas executados com tímida moleza pelo indulgente D. Fabrício, valeram, em poucos anos, à casa de Salina uma reputação execrável entre os seus dependentes, reputação a mais imerecida possível, mas que destruía o prestígio de D. Fabrício em Donnafugata Querceta sem que, com isto, aliás, a ruína do seu património afrouxasse de ritmo.

Seria injusto dizer que o convívio assíduo com D. Fabrício não tinha exercido qualquer influência sobre Sedara. Até à data, ele havia apenas encontrado aristocratas em reuniões de negócios (quer dizer, compras vendas) ou depois de excepcionais e longamente meditados convites para

recepções, situações que não permitem a esta singular classe social exhibir-se sob a sua melhor faceta. Destes encontros, ele havia chegado à conclusão de que a aristocracia era constituída por um conjunto de homens-carneiros, cuja existência se justificava somente pela lã que ofereciam às tesouras da tosquia e pelo nome, iluminado de um brilho inexplicável, que ofereciam à filha. Mas, ao conhecer o Tancredo da época pós-garibaldina, dera-se conta de estar perante um inesperado exemplar de jovem aristocrata, tão duro como de capaz de trocar com grandes vantagens os seus sorrisos e títulos pelas graças e riquezas alheias, sabendo revestir estas acções “sedarescas” de um encanto e de uma graça que ele sabia não possuir e cujos efeitos sentia sem se dar conta e sem, de forma alguma, poder descobrir-lhes as origens. Quando por força das circunstâncias começou a conhecer melhor D. Fabrício, encontrou nele, efectivamente, a indolência e a incapacidade de se defender, características dos seus nobres-carneiros, mas, para além disso, ainda um poder de sedução, diferente no tom mas igual na intensidade ao do jovem Falconéri; e no Príncipe mais uma certa tendência para as abstracções, uma predisposição para moldar a sua vida com aquilo que obtinha de si próprio, sem nada extorquir aos outros. Este poder de abstracção influenciou-o fortemente, se bem que o apreendesse apenas de um modo grosseiro e lhe fosse impossível traduzi-lo em palavras, como tentámos aqui fazer; apercebeu-se de que boa parte daquele encanto provinha das boas maneiras e deu-se conta até que ponto pode ser agradável o convívio com um homem bem-educado, que, no fundo, é alguém, que elimina todas as manifestações desagradáveis da natureza humana e que exerce uma espécie de altruísmo lucrativo (fórmula em que a eficácia do adjectivo lhe fez tolerar a inutilidade do substantivo). Aos poucos, don Calogero ia compreendendo que uma refeição em comum não era necessariamente uma

tempestade de ruídos de mastigação e nódoas de gordura; que uma conversa pode muito bem deixar de se parecer com uma bulha de cães; que ceder a passagem a uma mulher é sinal de força e não, como havia julgado, de fraqueza; que se pode obter mais de um interlocutor dizendo: “Não me expliquei bem talvez? “ do que “não percebeste patavina”; e que, adoptando estas precauções, as refeições, as conversas, as mulheres e os interlocutores serão de quem os tiver sabido tratar bem. Seria ousado dizer que don Calogero tirou imediatamente partido de tudo quanto havia aprendido; daí em diante aprendeu a barbear-se um pouco melhor e a assustar-se menos com a quantidade de sabão gasto na barrela, mas nada mais. Foi, porém, a partir daquele momento que se iniciou, para ele e para os seus, aquele constante refinamento de uma família que, no decurso de três gerações, transforma inocentes saloios em gentis-homens indefesos.

A primeira visita de Angélica à família Salina na qualidade de noiva desenrolou-se segundo uma montagem teatral impecável. A atitude da rapariga foi a tal ponto perfeita que parecia ter-lhe sido sugerida palavra por palavra por Tancredo; mas as comunicações morosas daquele tempo impediam que se sustentasse esta eventualidade e houve que recorrer a uma hipótese: a de que tivessem sido feitas sugestões já antes do seu noivado oficial. Tratava-se de uma hipótese arriscada mas conhecendo o carácter providente do jovem Príncipe, mas não totalmente absurda. Angélica chegou às seis da tarde, vestida de branco e rosa; as grossas e negras tranças abrigavam-se na sombra de um grande chapéu palha ainda estival, cujos cachos de uvas artificiais e espigas douradas evocavam discretamente as vinhas Gibidolce e os celeiros de Settesoli. Deixou o pai na sala de entrada e, no meio da ondulação da sua saia larga subiu, ligeira, os numerosos degraus da escada interna, vindo lançar-se nos braços de D. Fabrício. Deu-

lhe um par de beijos repenicados nas suíças, que lhe foram retribuídos com sincero afecto; o Príncipe demorou-se um instante mais do que o necessário a respirar a fragrância de gardénia daquelas faces de adolescente. Em seguida, Angélica corou e retrocedeu meio passo:

– Sou tão feliz, tanto...

Aproximou-se de novo e, erguida na ponta dos sapatinhos, suspirou-lhe ao ouvido:

– Tiozão.

Achado felicíssimo, comparável, em mestria e oportunidade eficaz, ao carrinho dos meninos de Eisenstein, que, sendo explícito e íntimo, enterneceu a alma simples do Príncipe e o deixou subjugado definitivamente à bela rapariga. Entretanto, don Calogero subia a escada e falava da pena de sua mulher por não poder vir; tinha feito uma entorse bastante dolorosa no pé esquerdo, ao dar, em casa, um passo em falso.

– O tornozelo está da grossura de uma beringela, príncipe.

D. Fabrício, bem-humorado com a carícia verbal que havia recebido e estando, pela conversa que tinha tido com Tumeo, seguro da inocuidade da sua cortesia, ofereceu-se a si mesmo o prazer de dizer que iria, imediatamente, visitar a Senhora Sedara. Esta proposta deixou estupefacto D. Calogero, que foi obrigado, para a repelir, a sobrecarregar a consorte com outra doença, desta vez uma dor de cabeça que obrigava a pobrezinha a ficar no escuro.

Entretanto, o Príncipe oferecia o braço a Angélica. Atravessaram, na penumbra, um grande número de salões vagamente iluminados por lamparinas de azeite que mal permitiam encontrar o caminho; no fundo daquela sucessão de salas resplandecia o Salão Leopoldo, onde estava o

resto da família; aquele caminho, através da obscuridade deserta, em direcção ao centro brilhante da intimidade, processava-se ao ritmo de uma iniciação maçónica.

A família amontoava-se à porta: a Princesa, diante do acesso de cólera do marido, renunciara a todas as suas reservas; este havia feito mais do que repeli-las: tinha-as aniquilado e fulminado; beijou repetidas vezes a sua bela futura sobrinha e apertou-a tão fortemente que ficou na pele da rapariga a marca do famoso colar de rubis dos Salinas que Maria Stella, embora de dia, havia insistido em usar em sinal de festa grande. Francisco Paulo, que tinha dezasseis anos, sentiu-se feliz por ter uma oportunidade excepcional de beijar Angélica sob o olhar ciumento, mas impotente, do pai. Concetta demonstrou a sua afeição de um modo muito especial: a sua alegria foi tão intensa que as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. As outras irmãs rodeavam-na, tanto mais alegres quanto não estavam comovidas. O Padre Pirrone, que, aliás, santamente, não era insensível ao encanto das mulheres, nas quais se comprazia em ver a prova inigualável da bondade divina, sentia fundirem-se nele perante o calor da graça (com um g minúsculo) todas as oposições e murmurou: “Vem sponsa de Libano.” (Teve de se refrear para reprimir outros versículos mais calorosos.) Mademoiselle Dombreuil, como convém às governantas, chorava de emoção e, com as mãos desiludidas, apertava os ombros florescentes da rapariga dizendo: “Angélique, Angélique, pensons à la joie de Tancredi.” Só Bendicó, em contraste com a sua costumada sociabilidade, permanecia debaixo de uma consola, rosnando surdamente, até que um Francisco Paulo, indignado e de lábios ainda frementes, o fez calar.

Vinte e quatro dos quarenta e oito braços do lustre sustentavam uma vela acesa; e cada uma delas, cândida; e ardente, parecia uma virgem que se

consumia de amor; na extremidade do seu caule de vidro dobrado, as flores de duas cores de Murano debruçavam-se para olhar e admirar aquela que entrava e dirigir-lhe um sorriso irisado e frágil. No grande fogão de sala o fogo ardia, mais em sinal de júbilo que para aquecer o ambiente ainda morno; a luz das chamas palpitava na pedra do pavimento, arrancando fulgores intermitentes do dourado baço da mobília: era o autêntico fogo doméstico, o símbolo da casa e, no meio dele, as achas que ardiam figuravam as chispas dos desejos, e as brasas os ardores refreados.

A Princesa, que possuía no mais elevado grau a faculdade de reduzir as emoções ao mínimo denominado comum, contou sublimes episódios da infância de Tancredo; e tanto disse que poderia julgar-se que Angélica devia considerar-se feliz em casar com um homem que aos seis anos era tão ajuizado que se submetia, sem birras, aos clisteres indispensáveis, e aos doze anos tão ousado que roubava um punhado de cerejas. Enquanto narrava este episódio de banditismo, Concetta pôs-se a rir:

– Esse é um vício de que Tancredo ainda não pôde libertar-se – disse –. Lembras-te de quando, dois meses atrás, ele te levou aqueles pêssegos de que tanto gostavas?

Depois, tomou um ar sério como se fosse o presidente de uma sociedade de horticultores que tivesse sofrido prejuízos.

Rapidamente a voz de D. Fabrício fez desaparecer na sombra estes pormenores insignificantes: falou do Tancredo de agora, do rapaz vivo e esperto, sempre pronto a dizer uma dessas graças que encantam aqueles que o estimam e exasperam os outros; contou como, durante uma estada em Nápoles, a duquesa de santo-qualquer-coisa, a quem o tinham apresentado, se apaixonou por ele e exigia vê-lo em sua casa de manhã, à tarde e à noite,

quer ela estivesse no salão ou no leito, pois, dizia ela, ninguém como ele sabia contar lês pedis riens com tanta graça. D. Fabrício apressou-se a rectificar que nessa altura Tancredo não tinha mais de dezasseis anos e a duquesa, essa, mais de cinquenta, mas os olhos de Angélica lançavam clarões, pois tinha informações precisas sobre os rapazes de Palermo e fortes suspeitas sobre a conduta das duquesas napolitanas. Quem deduzisse desta atitude de Angélica que ela amava Tancredo enganava-se: tinha demasiado orgulho e muita ambição para ceder àquele aniquilamento provisório da personalidade, sem o qual não existe amor; por outro lado, tinha ainda muito pouca experiência para apreciar as reais qualidades do rapaz, feitas de subtis cambiantes. Mas, sem o amar, ela estava apaixonada por ele, o que é bastante diferente: os olhos azuis de Tancredo, a sua afeição irónica, o tom inesperadamente grave da sua voz, causavam-lhe, mesmo na lembrança, uma perturbação precisa e, durante o dia, ela não desejava outra coisa senão ser agarrada pelas suas mãos; uma vez segura, poderia esquecê-las e substituí-las – o que aconteceu na verdade; mas, por agora, ela desejava intensamente tornar-se a sua presa. A revelação de uma possível ligação (de resto inexistente) lançou-a brutalmente na mais absurda das catástrofes: o ciúme retrospectivo, crise esta, aliás, de curta duração, depois de um frio e breve exame de todas as vantagens, eróticas e não eróticas, de um casamento com Tancredo.

D. Fabrício continuou a gabar o sobrinho. Levado pela afeição, falava dele como de um Mirabeau:

– Ele começou cedo, e bem. O caminho que escolheu vai levá-lo longe...

A fronte lisa de Angélica inclinou-se em sinal de; aprovação. Na realidade, preocupava-se pouco com o futuro político de Tancredo; era uma dessas muitas raparigas que consideram que os acontecimentos políticos se

desenvolvem num universo à parte; e não pensava sequer que um discurso de Cavour pudesse, com tempo e através de mil pequenas engrenagens, influenciar a sua própria vida e transformá-la até.

Pensava em siciliano: “Temos trigo e isto basta; é preciso ir mais longe?” Pequenas ingenuidades juvenis, que ela afastaria depois radicalmente, para se transformar numa das mais viperinas egérias de Montecitório e da Consulta^[3].

– E depois, Angélica, não sabe ainda como é divertido Tancredo! Sabe tudo, apanha sempre o lado mais imprevisível das coisas. Quando estamos com ele, e se encontra bem disposto, o mundo parece mais engraçado do que julgamos, outras vezes também mais sério.

Que Tancredo era divertido sabia-o Angélica; que ele fosse capaz de lhe revelar novos mundos, ela não só o esperava como tinha razão para o pensar, depois do vinte e cinco de Setembro, dia do famoso primeiro beijo, oficialmente observado por detrás da pérfida sebe de loureiros, e que não tinha sido o último. Beijo inteiramente diferente, muito mais subtil e saboroso que o único exemplar que ela tinha saboreado anteriormente, havia mais ou menos um ano, com o filho do jardineiro de Poggio, em Caiano. Mas Angélica importava-se pouco com os ditos espirituosos e até mesmo com a inteligência do noivo, muito menos em todo o caso que o caro D. Fabrício, tão simpático, mas tão “intelectual”. Tancredo era para Angélica a promessa de um primeiro lugar na alta sociedade siciliana, mundo que ela imaginava cheio de maravilhas bem diferentes das que na realidade aí existiam; e, além disso, esperava que ele fosse um companheiro de prazeres impetuoso. Que, além de tudo isto, fosse superior no plano intelectual, tanto melhor; mas para ela isso pouco contava; poderiam sempre divertir-se sem isso. De resto,

todas estas ideias pertenciam ao futuro; agora, espiritual ou estúpido, desejava tê-lo ao pé dela pronto a fazer-lhe festas na nuca debaixo das tranças, como lhe tinha feito uma vez.

– Meus Deus, meu Deus, como eu desejaria que ele estivesse connosco!

A exclamação emudeceu toda a gente, tanto pela sinceridade evidente como pela ignorância das suas verdadeiras causas. E assim terminou, amistosamente, a primeira visita de Angélica. Pouco depois, a jovem e o pai despediram-se; precedidos por um moço de cavalaria levando uma lanterna acesa que, com o oiro incerto da sua luz, incendiava o vermelho das folhas caídas dos plátanos, pai e filha reentraram na casa cuja soleira don Peppe Merda não tinha podido atravessar, impedido pelos zagalotes que lhe esburacaram os rins.

Tendo de novo reencontrado a calma, D. Fabrício voltou aos seus velhos hábitos, como, por exemplo, a leitura do fim da tarde. No Outono, depois de recitação do Rosário, era já muito escuro para sair e a família reunia-se à volta da chaminé, esperando a hora do jantar; o Príncipe, de pé, lia em voz alta, fascículo após fascículo, um romance moderno; uma indulgência plena da dignidade parecia transpirar de todos os seus poros.

Corriam os anos em que, nos romances, se iam formando os mitos literários que dominam ainda nos nossos dias os espíritos europeus. A Sicília, todavia, em parte pela sua tradicional impermeabilidade a todas as novidades, em parte pelo desconhecimento geral de línguas estrangeiras, e ainda pela vexatória censura borbónica que se exercia a coberto das alfândegas, ignorava a existência de Dickens, de Eliot, de Georges Sand, de Flaubert e até de Dumas. Alguns volumes de Balzac conseguiram ainda chegar às mãos de D. Fabrício, através de subterfúgios vários. Leu-os, pois tinha-se

atribuído a ele próprio o cargo de censor familiar; depois, aborrecido, emprestou-os a um amigo de quem não gostava, opinando que aqueles romances eram produto de um espírito vigoroso, mas extravagante e cheio de ideias fixas! (dir-se-ia hoje: um monomaniaco), julgamento precoce e como se vê, mas não desprovido de subtileza. O nível das leituras familiares era portanto bastante baixo, condicionado como estava pelo respeito dos pudores virginais das filhas, pelos escrúpulos religiosos da Princesa, e pela própria dignidade do Príncipe, que se teria enérgicamente recusado a ler “porcarias” nas reuniões familiares.

Era cerca do dia 10 de Novembro e estava-se no fim da estada em Donnafugata. Chovia abundantemente, soprava um mistral húmido que atirava bátegas violentas de chuva contra as janelas; ouvia-se ao longe o ribombar dos trovões; de tempos a tempos, pequenas gotas de água conseguiam penetrar nas ingénuas chaminés sicilianas e chiavam durante alguns segundos sobre o fogo; salpicando de negro a brasa ardente dos tições de oliveira. Liam, nessa altura, Angiola-Maria e estavam, nessa tarde, nas últimas páginas. A descrição da tormentosa viagem da jovem heroína através da Lombardia, entorpecida pelo frio do Inverno, gelava o coração siciliano das jovens aninhadas nas tépidas poltronas. Bruscamente Ouviu-se grande agitação no compartimento vizinho e Mimi, o criado de quarto, entrou agitado:

– Excelência – gritou, esquecendo completamente as boas maneiras –, Excelência, chegou o Senhor Tancredo! Está no pátio e mandou descarregar a bagagem. Santa Mãe de Deus, doce Madona, por um tempo destes!

E desapareceu, correndo.

A surpresa transportou Concetta a tempos passados, e exclamou: “Querido Tancredo!” Mas o som da sua própria voz chamou-a ao presente doloroso e, como é de prever, esta brusca passagem de um mundo secreto e ardente a um outro, gelado e sem mistério, causou-lhe vivo sofrimento; felizmente o seu grito, afogado na emoção geral, não foi ouvido por ninguém.

Precedidos a grandes passadas por D. Fabrício, precipitaram-se todos para a escada, atravessaram à pressa os salões obscuros e desceram. A grande porta que dava para a escada exterior e sobre o pátio, a um nível inferior, estava entreaberta; o vento entrava em rajadas, fazendo oscilar as telas dos retratos e impelindo diante dele a humidade e o cheiro a terra. Sobre um fundo de céu fremente de relâmpagos, as árvores do jardim torciam-se, sussurravam como seda lacerada. D. Fabrício ia ultrapassar a soleira da porta, quando apareceu no último degrau um vulto, pesado e informe: era Tancredo, envolvido num enorme capote azul da cavalaria piemontesa, de tal forma molhado pela chuva que devia pesar bem cem quilos.

– Atenção, Tiozão, não me toques, estou uma autêntica esponja.

A luz da lanterna da sala puderam entrever o seu rosto. Entrou, desapertou a corrente que mantinha o pesado capote à volta do pescoço e deixou-o cair no chão, onde se abateu, mole, com um ruído viscoso. Tancredo cheirava a cão molhado e há três dias que não descalçava as botas, mas era para D.

Fabrício, que o abraçava, o rapaz mais amado entre todos, mesmo mais que os filhos; para Maria Stella, um sobrinho querido, perfidamente caluniado; para o Padre Pirrone, o cordeiro sempre perdido e sempre encontrado; para Concetta, um fantasma querido, que se assemelhava ao seu amor perdido.

Mademoiselle Dombreuil beijou-o também, com uma boca que já tinha esquecido as carícias e gritava, pobrezinha: “Tancrede, Tancrede, pensons à la joie d'Angélique!” Como estava reduzida a imaginar as alegrias dos

outros, tinha muito poucas cordas no seu arco. Quanto a Bendicó, tinha reencontrado o seu caro companheiro de jogos, que sabia melhor que qualquer outro soprar-lhe o focinho através da mão fechada; exteriorizava, porém, o seu êxtase canino saltando freneticamente à volta da sala, sem se ocupar do seu amigo.

Foi um momento impressionante, a família agrupada à volta do jovem que voltava, mais amado ainda por não pertencer realmente à família, mais feliz ainda porque vinha receber o amor e a tranquilidade de uma segurança material duradoura. Momento emocionante, mas um pouco longo. Acalmadas as primeiras saudades, D. Fabrício apercebeu-se de que duas outras silhuetas se mantinham; na soleira da porta, igualmente molhadas, igualmente sorridentes. Tancredo viu-as também e desatou a rir nervosamente.

– Desculpem-me todos, a emoção fez-me perder a cabeça. Tia, eu tomei a liberdade de trazer comigo um amigo muito querido, o Conde Cavriaghi. De resto, já o conhecem; ele veio muitas vezes à villa, no tempo em que fazia serviço junto do general. E este é o lanceiro; Moroni, a minha ordenança.

À espera, o soldado sorria com ar honesto e obtuso, enquanto a água corria do seu capote até ao solo. O jovem Conde, porém, não esperava já: tirara o bivaque molhado e deformado e beijava a mão à Princesa, sorria deslumbrando as jovens com as suas suíças loiras e os seus incuráveis “erres” arrastados.

– E pensar que me tinham dito que no vosso país nunca chovia! Deus do céu! Há três dias que nós patinamos!

Depois, já sério:

– Mas finalmente, Falconéri, onde está a signorina Angélica? Arrastaste-me de Nápoles até aqui para ma mostrares. Vejo numerosas beldades, mas não a

vejo a ela...

Voltou-se para D. Fabrício:

– Sabe que, ao ouvi-lo, pensa-se que se trata da Rainha do Sabá?! Vamos imediatamente apresentar as nossas homenagens à formosíssima et nigerrima. Mexe-te, molengão!

A linguagem da messe dos oficiais irrompeu no meio do salão sombrio, entre duas filas de antepassados couraçados e empenachados. Toda a gente riu, mas D. Fabrício e Tancredo sabiam mais que Cavriaghi: conheciam don Calogero, sabiam que a mulher era la belle et la bête, pensavam na incrível desordem dessa casa de novos ricos, tudo coisas que a cândida Lombardia ignorava.

D. Fabrício interveio:

– Escute-me, Conde. Pensava que na Sicília nunca chovia e agora pode verificar que temos verdadeiros dilúvios. Não quero que pense não existirem na Sicília pneumonias que nos atiram para a cama com quarenta graus de febre. Mimi – disse ao criado –, manda acender o lume no quarto do Senhor Tancredo e no quarto verde dos hóspedes. Manda também arranjar o pequeno quarto ao lado para o soldado. E agora, Conde, vá enxugar-se e mudar de roupa. Mandar-vos-ei servir um ponche e biscoitos. O jantar é às oito horas; tendes duas horas à vossa frente.

Cavriaghi estava na tropa há já muito tempo, para poder resistir a esta voz autoritária. Despediu-se e seguiu docilmente o criado de quarto. Moroni arrastava atrás dele os sacos e os sabres, enfiados nos seus forros de flanela verde.

Entretanto, Tancredo escrevia: “Querida Angélica, já cheguei, e cheguei para ti. Estou enamorado como um gato, mas molhado como uma rã, sujo como um

cão abandonado e esfomeado como um lobo. Logo que esteja apresentável e me julgue digno de aparecer diante da bela das belas, correrei a tua casa: dentro de duas horas. Os meus cumprimentos a teus queridos pais. Para ti... nada, por agora!” O texto foi submetido à aprovação do Príncipe; este, que sempre tinha admirado o estilo epistolar de Tancredo, desatou a rir e aprovou plenamente.

Dona Bastiana teria muito tempo para descobrir uma nova inquietação; o bilhete atravessou a rua.

O ardor e a alegria gerais eram de tal modo vivos que não foi necessário mais de um quarto de hora para os jovens se enxugarem, fazerem a toilette, mudarem de uniforme e encontrarem toda a família à volta da chaminé no Salão Leopoldo, bebendo chá e conhaque e deixando admirar-se. Nesse tempo, não havia nada menos militaristas que as famílias da aristocracia siciliana; os oficiais bourbónicos não apareciam nunca nos salões de Palermo e os poucos garibaldinos que por aí passavam assemelhavam-se mais a pitorescos espantalhos que a verdadeiros soldados. Por isso, os dois jovens oficiais eram os únicos que as raparigas da casa Salina tinham visto de perto. Ambos de dólman – Tancredo com os botões de prata dos lanceiros, Carlos com os botões dourados dos bersaglieri, de colarinhos altos de veludo negro, bordados um a cor de laranja, outro a carmesim – estendiam para o lume as pernas vestidas de pano azul e preto. Sobre as mangas, os enfeites de ouro e prata desenhavam arabescos com altos e baixos ininterruptos. Espectáculo encantador para raparigas habituadas às severas sobrecasacas e aos fúnebres fraques. O romance edificante jazia pelo chão, atrás de uma poltrona.

D. Fabrício não compreendia nada; recordava ainda os rapazes, vermelhos como lagostins e descuidados com o traje. – Mas vejamos... vós, os

garibaldinos, não trazeis já a camisa vermelha?

Ambos se sobressaltaram, como mordidos por uma víbora.

– Não se fala mais em garibaldinos, Tiozão. Nós fomo-lo, mas acabou-se. Cavriaghi e eu, graças a Deus, somos oficiais do exército regular de Sua Majestade, Rei da Sardenha por alguns meses ainda, de Itália dentro de pouco tempo. Quanto ao exército de Garibaldi, foi dissolvido e deram-nos à escolha: ou voltar para nossas casas, ou ficar nos exércitos do Rei. Ele e eu, como muitos mais, entrámos no exército, no “verdadeiro”. Com os outros era verdadeiramente impossível, não era Cavriaghi?

– Deus meu, que canalha! Homens para usar as mãos, bons para atirar e nada mais! Presentemente estamos entre pessoas educadas, somos oficiais de verdade.

E espetou para cima o pequeno bigode, numa careta de adolescente aborrecido.

– Eles tiraram-nos um galão, Tiozão, pois duvidavam das nossas aptidões militares. Eu, por exemplo, de capitão desci, como vês, para tenente.

E mostrou as duas estrelas na platina dos ombros.

– Ele de tenente desceu para alferes. Mas estamos contentes, como se nos tivessem promovido. Respeitam-nos muito mais, com os nossos uniformes.

– Tu repara – interrompeu Cavriaghi – que as pessoas já não têm medo que lhes roubemos as galinhas!

– Gostaria que nos visses na viagem desde Palermo, quando parávamos nas estalagens para mudar de cavalos! Bastava dizer: “Ordens urgentes, serviço de Sua Majestade”, e os cavalos apareciam como por encanto. E nós

mostrávamos as “ordens”, que eram, nada mais nada menos, as nossas contas de hotel em Nápoles, bem fechadas e seladas.

Esgotada a conversa sobre os assuntos militares, passaram a falar de coisas mais agradáveis. Concetta e Cavriaghi sentaram-se um pouco mais afastados e o jovem Conde mostrou a Concetta o presente que lhe tinha trazido de Nápoles: os Cantos, de Aleardo Aleardi, magnificamente encadernados. Sobre o coiro azul-escuro estava gravada uma coroa de príncipe e, em baixo, o monograma da rapariga: C. C. S. Mais abaixo, em grandes caracteres, vagamente góticos, dizia: “Sempre surda.” Concetta, divertida, desatou a rir.

– Mas surda porquê? C. C. S. ouve muito bem. O rosto do Conde inflamou-se de paixão juvenil.

– Surda, sim, surda, signorina, surda aos meus suspiros e aos meus lamentos e cega, também, cega às minhas súplicas de que os meus olhos estão cheios. Se soubesse tudo o que sofri em Palermo quando abalou para aqui sem um cumprimento, nem sequer um adeus, pela janela, enquanto a carruagem desaparecia na álea. E não quer que eu lhe chame surda? Cruel é que eu devia ter mandado gravar.

Esta excitação literária gelou perante a reserva da jovem.

– Está ainda cansado pela longa viagem e os seus nervos estão num fio; acalme-se. Recite-me antes um bom poema.

Enquanto o bersaglieri lia ternos versos, com uma voz desgostosa, com pausas plenas de desânimo, Tancredo, diante da chaminé, tirava do bolso um pequeno estojo de cetim azul-celeste.

– Eis o anel, Tiozão, o anel que darei a Angélica; melhor, o que tu lhe oferecerás pela minha mão.

Abriu a mola da caixa e apareceu uma safira muito escura, talhada em octógono achatado, com uma estreita cercadura de inúmeros e pequenos brilhantes puríssimos. Era uma jóia um pouco trágica, mas absolutamente de acordo com o gosto sepulcral da época e que valia amplamente as duzentas onças enviadas por D. Fabrício. Na realidade, tinha custado muito menos; no decurso daqueles meses de pilhagem e de fuga, encontravam-se em Nápoles magníficas jóias de ocasião. Com a diferença de preço tinha pago um broche, recordação deixada a Schwarzwald. Chamaram Concetta e Cavriaghi para que viessem admirar o anel, mas eles nada disseram: o conde já o havia visto e Concetta adiava esse prazer para mais tarde. O anel passou de mão em mão, foi admirado e louvado; exaltaram o previsível bom gosto de Tancredo.

D. Fabrício perguntou:

– Mas como vai ser para o pôr à medida dela? Será necessário enviá-lo a Girgenti, para o apertar ou alargar.

Os olhos de Tancredo brilharam de malícia.

– Não é necessário, tio; a medida está exacta. Tirei-a antes de partir.

D. Fabrício calou-se; havia reconhecido um golpe certo.

O pequeno estojo tinha terminado o seu passeio e encontrava-se de novo nas mãos de Tancredo, quando ouviram, atrás da porta, uma voz baixa:

– Posso entrar?

Era Angélica. Com a pressa e a excitação, não tinha achado nada de melhor para proteger-se da chuva que uma imensa capa de fazenda grosseira, usada pelos camponeses. Envolvido nas rígidas pregas azuis-escuras, o seu corpo

parecia frágil; perdido sob o capuz molhado, seus olhos verdes e ansiosos falavam de volúpia.

Com esta visão, diante do contraste que formavam a sua beleza e o aspecto rústico do vestuário, Tancredo foi como que chicoteado: levantou-se, correu para ela e, sem falar, beijou-a na boca. O estojo que segurava na mão direita fazia cócegas na nuca inclinada. Depois, premiu 'à mola, pegou no anel e colocou-o no anular da noiva; o estojo caiu no chão.

– É para ti, minha linda; uma dádiva do teu Tancredo.

E com ironia novamente desperta:

– Agradece também ao tio.

Voltou de novo a beijá-la. A inquietação dos seus sentidos fazia-o tremer: o salão e os outros pareciam-lhe distantes; teve a impressão de que com aqueles beijos retomava a possessão da Sicília, essa terra bela e pérfida que os Falconéri tinham possuído durante séculos e que, agora, depois de uma vã revolta, se entregava de novo a ele, como se confiara aos seus, desde sempre, rica de delícias carnavais e colheitas doiradas.

Depois da chegada destes hóspedes desejados, o regresso a Palermo foi adiado. Seguiram-se duas semanas de encantamento. A tempestade que havia acompanhado a viagem dos oficiais foi a última da estação. Depois brilhou o verão de S. Martinho, que é na Sicília a verdadeira estação de volúpia: atmosfera luminosa e azulínea, oásis de doçura na sucessão desigual das estações cuja moleza persuade e desencaminha os sentidos, enquanto a sua tepidez convida a nudezas secretas. Nus eróticos não se podia dizer que os houvesse no Palácio de Donnafugata, e, todavia, abundava uma sensualidade exaltada, tanto mais penetrante quanto mais cuidadosamente era reprimida. O palácio dos Salinas fora, oitenta anos atrás, teatro daqueles prazeres

obscuros em que se comprazia o agonizante século XVIII; mas a regência severa da Princesa Maria Carolina, o incremento de religiosidade que acompanhou a Restauração e o carácter apenas amigável e alegre do actual Príncipe tinham feito esquecer os bizarros desvairamentos doutros tempos. Os diabinhos empoados haviam sido postos em fuga; certamente existiam ainda em estado larvar e hibernavam agora sob montões de poeira nas águas-furtadas do imenso edifício. A vinda da bela Angélica ao palácio tinha quase despertado essas larvas, como talvez se recordem. Foi, porém, a chegada dos dois jovens enamorados que despertou verdadeiramente os instintos amorosos escondidos nos recantos da casa; acorreram imediatamente de todas as partes, como formigas despertadas pelo sol, privadas do seu veneno mas cheias de vivacidade. A arquitectura e a decoração rococó do palácio, cheias de curvas imprevistas, evocavam seios erectos ou flácidos; cada porta, entreabrindo-se, suspirava como um cortinado de alcova.

Cavriaghi estava enamorado de Concetta; mas infantil como era, não somente na aparência como Tancredo mas no mais profundo dele mesmo, desabafava o seu amor nas rimas fáceis de Prati e de Aleardi, em sonhos cheios de arroubos e de luars, dos quais não tinha a ousadia de examinar as consequências lógicas e que de resto a surdez de Concetta esmagava no ovo. Não se sabe se, na intimidade do seu quarto verde, não se entregava a divagações mais concretas; certo é que, para o cenário galante deste Outono em Donnafugata, ele contribuía somente como esboçador de nuvens e horizontes evanescentes e não como criador de sólidas arquitecturas. Carolina e Catarina desempenhavam, em compensação, muito bem o seu papel na sinfonia de desejos que, neste mês de Novembro, percorria todo o palácio e se misturava ao murmúrio da fonte, ao escoicear dos cavalos em cio nas cavaliças, e aos rangidos persistentes dos vermes escavando os

ninhos nupciais nos velhos móveis. Eram jovens e graciosas e, ainda que sem namorado, achavam-se mergulhadas na corrente de excitação sensual emanada dos outros. Muitas vezes o beijo que Concetta recusava a Cavriaghi, as carícias de Angélica, insuficientes para acalmar Tancredo, reflectiam-se sobre elas e floresciaam nos seus corpos intactos; faziam sonhar, sonhavam elas próprias com madeixas húmidas, suores especiosos e gemidos breves. Até a infeliz mademoiselle Dombreuil, à força de servir de pára-raios, foi arrastada neste turbilhão agitado e risonho, tal como os psiquiatras que cedem e sucumbem ao frenesim dos seus doentes. Quando, após um dia de perseguições e espreitadelas moralistas, ela se deitava no seu leito solitário, palpava os próprios seios murchos e murmurava, ao acaso, os nomes de Tancredo, de Carlos, de Fabrício... O centro e a alma desta exaltação sensual eram naturalmente o casal Tancredo-Angélica. O casamento assegurado, ainda que muito distante, estendia a sua sombra tranquilizadora sobre o terreno ardente dos seus mútuos desejos. As diferenças de classe social enganaram as duas famílias; fizeram acreditar a don Calogero que, na nobreza, eram habituais as longas entrevistas solitárias, e a Princesa Maria Stella julgou que, para pessoas como os Sedara, as frequentes visitas de Angélica, assim como uma certa liberdade de atitudes que ela não teria aprovado nas filhas, eram habituais. Assim, as visitas de Angélica ao palácio tornaram-se cada vez mais frequentes e ela acabou por ir passar aí quase todo o tempo, escoltada apenas simbolicamente pelo pai, que a deixava depressa para se dirigir ao escritório onde descobrira ou tramava negócios escondidos, ou pela criada de quarto que desaparecia para beber café e espalhar a melancolia entre os infelizes criados.

Tancredo queria que Angélica conhecesse todo o palácio na sua complexa rede de aposentos para hóspedes, salões de recepção, cozinhas, capelas, teatros, galerias de quadros, cocheiras cheirando a coiro, cavaliariças, estufas abafadas, passagens, escadas secretas, terraços, balcões e, sobretudo, a série de apartamentos velhos e desabitados, abandonados há muitos anos, que formavam um intrincado e misterioso labirinto. Tancredo não dava conta (ou, pelo contrário, dava perfeitamente conta) de que arrastava a jovem para o centro oculto desse ciclone sensual. Angélica, nesses tempos, queria tudo o que Tancredo queria. As expedições através desse edifício quase ilimitado eram inúmeras; partia-se como para uma terra desconhecida, e desconhecida era, pois mesmo D. Fabrício não tinha posto os pés em muitos desses apartamentos e recantos, coisa com que sentia grande satisfação, dizendo que palácio de que se conheciam todas as dependências não era digno de ser habitado. Os dois namorados embarcavam para Cítera num barco feito de quartos, quer sombrios quer cheios de sol, de ambientes luxuosos ou miseráveis, vazios ou atravancados de velhos móveis díspares. Partiam acompanhados de Cavriaghi ou de mademoiselle Dombreuil, às vezes de ambos (o Padre Pirrone, com a perspicácia habitual da sua ordem, recusou-se sempre a fazê-lo); desta forma, a decência exterior estava salva. Mas no palácio de Donnafugata não era difícil fugir a quem quisesse segui-los; bastava enfiar num corredor (havia-os longuíssimos, estreitos e tortuosos, com pequenas janelas gradeadas, que não se percorriam sem angústia), virar para uma varanda e subir uma pequena escada cúmplice e os dois jovens ficavam distantes, invisíveis, sós, como numa ilha deserta. Ficavam a olhá-los, somente, um retrato a pastel já esfumado que um pintor inexperiente havia deixado cego ou, num tecto de pintura arruinada, uma pastora complacente. Cavriaghi, de

resto, cansava-se depressa e logo que encontrava no seu caminho um compartimento conhecido ou uma escada que conduzisse ao jardim desaparecia, tanto para ser agradável ao amigo como para ir suspirar, olhando as mãos geladas de Concetta. A governanta resistia mais tempo, mas tudo tem um fim; por algum tempo, ouviam-se ainda os seus apelos cada vez mais distantes ficarem sem resposta: “Tancredi, Angélique, ou êtes-vous?” Depois tudo recaía num silêncio apenas interrompido pelo galope dos ratos por cima dos tectos, ou pelo restolhar de uma carta centenária esquecida que o vento fazia errar pelo chão. Tudo isto era pretexto para terrores deliciosos e abraços tranquilizadores. Eros estava sempre com eles, malicioso e persistente; o jogo para o qual os arrastava era cheio de fascinação e de risco. Ambos saídos há pouco da infância, sentiam prazer com o próprio jogo, achavam delicioso perseguirem-se, perderem-se e acharem-se; mas, quando se reuniam de novo, os sentidos despertos dominavam-nos, os cinco dedos do rapaz entrelaçavam-se nos da rapariga, num gesto querido dos sensuais indecisos, ou afluavam suavemente as veias pálidas do pescoço, desnorteando-os completamente e preludiando carícias mais insinuantes.

Uma vez, Angélica escondeu-se atrás de um enorme quadro pousado no chão. Durante alguns minutos Arturo Corbera no Cerco de Antioquia protegeu a ansiedade esperançosa da jovem; logo que foi descoberta, com o sorriso maculado de teias de aranha e as mãos cobertas de pó, foi agarrada e apertada, repetindo sem cessar: “Não, Tancredi, não”, recusa que era um convite, porque ele, de facto, limitava-se a fixar os seus olhos azuis nos verdíssimos olhos dela. Doutra vez, numa manhã luminosa e fresca, ela, ainda com um vestido de Verão, sentiu frio; sobre um divã coberto de estofos esfarrapados, ele apertou-a contra si, tentando aquecê-la; o hálito perfumado da jovem acariciava-lhe os cabelos. Foram momentos de êxtase doloroso,

durante os quais o desejo se transformou em tormento e a moderação em delícia.

Naqueles aposentos abandonados, os quartos não tinham nome nem fisionomia própria; e, como os descobridores do Novo Mundo, baptizaram os compartimentos por onde passavam com nomes que celebravam as descobertas recíprocas. Um vasto quarto de dormir, em cuja alcova havia um espectro de leito de dossel, coroadado de esqueletos de plumas de avestruz, ficou na sua lembrança como o “quarto das penas”; uma pequena escada com degraus de ardósia gastos e fendidos foi chamada por Tancredo “a escada da escorregadela feliz”. Às vezes não sabiam verdadeiramente onde estavam: à força de voltas, reviravoltas, perseguições e longas pausas plenas de murmúrios e contactos, perdiam-se e tinham de debruçar-se através de uma janela sem vidros para perceberem, pelo aspecto de um pátio, pela perspectiva de um jardim, em que ala do palácio se encontravam. Algumas vezes, porém, não se podiam orientar porque a janela não dava para um dos grandes pátios mas para uma passagem interior, igualmente anónima e desconhecida, assinalada apenas pela carcaça de um gato ou pelos inevitáveis restos de tomates que nunca se sabia se haviam sido vomitados ou deitados fora; doutra janela eram surpreendidos pelo olhar de uma velha criada reformada. Numa tarde, acharam dentro de um armário quatro dessas caixas de música com que a afectada ingenuidade do século XVIII se deleitava. Três delas, completamente cobertas de pó e teias de aranha, permaneceram mudas; mas a última, mais recente, mais bem protegida pelo estojo de madeira escura, pôs em movimento o cilindro de cobre eriçado de pontas, e as Jinguetas de aço, levantadas uma a uma, fizeram ouvir uma melodiazinha grácil, toda em agudos e argentinicos: o famoso Carnaval de Veneza; e eles beijaram-se ao ritmo dessa alegria desencantada. Quando o

seu abraço se afrouxou ficaram surpreendidos ao descobrir que a canção tinha terminado e que as suas efusões amorosas haviam apenas seguido o ritmo de uma música fantasma.

Tiveram, doutra vez, uma surpresa completamente diferente. Num dos quartos da antiga ala destinada aos hóspedes descobriram uma porta encoberta por um armário; a fechadura centenária depressa cedeu àqueles dedos, felizes de se encontrarem e enlaçarem para a forçar; perante eles, surgiu uma longa e estreita escada que desenrolava em curvas suaves os seus degraus de mármore rosa. Em cima, uma outra porta, aberta, com o espesso acolchoado desfeito; depois, uns aposentos estranhos e graciosos: seis pequenos quartos agrupados à volta de um salão de proporções medianas, pavimentados, como o salão, de placas de um mármore muito branco com uma ligeira inclinação para um canalzinho lateral. Sobre os tectos baixos, estranhos estuques coloridos que a humidade havia felizmente tornado incompreensíveis; nas paredes, grandes espelhos pasmados, suspensos muito baixo, um deles partido por um murro quase no centro, todos ladeados de candelabros do século XVIII. As janelas abriam para um pátio escondido, uma espécie de poço cego e surdo que deixava entrar uma luz pálida. Em todos os quartos e também no salão, grandes, enormes divãs exibiam restos de seda rasgada com violência e encostos manchados; sobre as chaminés, delicadas e confusas estatuetas de mármore, nus em pleno paroxismo, haviam sido martirizadas e mutiladas por um martelo raivoso. A humidade tinha manchado a parte superior das paredes e talvez mesmo em baixo, à altura de um homem, onde parecia ter produzido figuras estranhas, espessuras inesperadas, coloridos sombrios. Tancredo, inquieto, não deixou que Angélica se aproximasse de um armário de parede do salão: ele próprio o abriu. Era fundo, mas nada tinha lá dentro, excepto um rolo de pano sujo

encostado a um canto; deste saiu um molho de pequenas vergastas, de chibatas em nervo de boi, algumas com cabo de prata, outras forradas até meio de uma seda muito antiga e bela, branca com riscas finas e azuis, em que se viam três filas de manchas escuras; havia também pequenos engenhos metálicos, inexplicáveis. Tancredo até dele próprio teve medo.

– Vamos embora, querida, não há aqui nada de interessante.

Fecharam cuidadosamente a porta, desceram em silêncio as escadas e voltaram a colocar o armário no seu lugar; e, durante todo o dia, os beijos de Tancredo foram levíssimos como se fossem dados em sonhos e em expiação.

Diga-se a verdade: depois de Leopardo, a vergasta era o objecto mais frequente em Donnafugata. Na manhã seguinte àquela descoberta no pequeno aposento enigmático, aos dois namorados deparou-se-lhes outra vergasta. Desta vez, não em aposentos desconhecidos, mas antes naquele aposento venerado, chamado do Duque-Santo, para onde, em meados do século XVIII, um Salina se retirara como para um convento privado e aí havia feito penitência e organizado o seu itinerário para o céu. Os quartos eram exíguos, de tecto baixo, com o chão de humilde terra batida, as paredes caiadas de branco, iguais aos dos mais pobres camponeses. O último quarto dava para um balcão donde se dominava a extensão amarelada das terras, umas atrás das outras, todas imersas numa luz triste. Numa das paredes, um enorme crucifixo maior que o natural: a cabeça do Deus martirizado tocava o tecto, os pés ensanguentados a floravam o pavimento; a chaga do flanco parecia uma boca a que a violência houvesse impedido de pronunciar as palavras de salvação suprema. Ao lado do cadáver divino, pendia de um prego uma chibata de cabo curto, do qual partiam seis tiras de coiro, agora endurecido, terminando em seis bolas de chumbo do tamanho de nozes.

Eram as disciplinas do Duque-Santo. Naquele quarto, Giuseppe Corbera, duque de Salina, fustigava-se solitariamente, à frente do seu deus e da sua propriedade, pensando que as gotas do seu sangue, caindo sobre as suas terras, as remia; no meio da sua exaltação deveria julgar que só por meio deste baptismo expiatório as poderia tornar verdadeiramente suas, sangue do seu sangue, carne da sua carne, como habitualmente se diz. Mas, pelo contrário, aqueles torrões de terra haviam fugido e muitos deles, que lá do alto se avistavam, pertenciam hoje a outros, inclusivamente a don Calogero; a don Calogero, ou seja, a Angélica e, portanto, ao seu futuro filho. A evidência desta remissão pela beleza, igual à outra remissão pelo sangue, fez sentir a Tancredo uma espécie de vertigem. Angélica, ajoelhada, beijava os pés trespassados do Cristo.

– Olha, tu és como aquele instrumento ali; serves para os mesmos fins.

E mostrava-lhe as disciplinas. Angélica, porém, não compreendia, e como, de rosto erguido, bela mas inexpressiva, sorrisse, ele inclinou-se e, assim mesmo ajoelhada como estava, deu-lhe um beijo brutal que, ferindo-lhe o lábio e magoando-lhe o céu da boca, a fez gemer.

Passavam, assim, os dois, aqueles dias em vagabundagens extáticas, em descobertas de infernos que o amor depois redimia, em visões de paraísos perdidos que o mesmo amor profanava. O perigo de fazer cessar o jogo para se apossarem depressa do prémio ia-se tornando cada vez mais agudo, mais urgente para ambos; por fim, já não procuravam mais enganar-se sobre o objectivo dos seus passeios, mas vagueavam absortos pelos aposentos mais afastados, aqueles de onde nenhum grito poderia chegar a quem quer que fosse; aliás, não haveria lugar para gritos; apenas para invocações e soluços em voz baixa. E, em vez disso, para ali ficavam os dois, abraçados e inocentes, cheios de piedade um pelo outro. Os mais perigosos para eles

eram os quartos dos antigos aposentos de hóspedes, afastados de tudo, mais bem mobilados, onde havia sempre uma bela cama com um colchão enrolado que uma palmada bastava para estender... Um dia, não o cérebro de Tancredo, que nisto nada tinha a dizer, mas todo o seu sangue decidira ir até ao fim. Nessa manhã, Angélica, maliciosa, dissera-lhe: “Sou a tua noviça”, trazendo-lhe à ideia, com a nitidez de um convite, o primeiro encontro dos seus desejos; e já a mulher rendida, despenteada, se oferecia, já o macho ia vencer o homem, quando o ribombar do sino grande da igreja caiu a pique sobre os seus corpos jacentes e juntou aos outros o seu frémito; as bocas unidas tiveram de separar-se para sorrir. Caíram em si; no dia seguinte, Tancredo partia.

Aqueles foram os dias melhores da vida de Tancredo e de Angélica, vidas que depois haviam de ser tão diversas, tão cheias de pecado sobre o inevitável fundo de dor. Mas eles, naquele tempo, não o sabiam e perseguiram um futuro que julgavam mais concreto, se bem que depois se revelasse feito de fumo e de vento, tão-somente. Já velhos e inutilmente experientes do mundo, os seus pensamentos regressariam àqueles dias com saudades insistentes; tinham sido os dias do desejo sempre presente porque sempre vencido, das muitas camas que se lhes ofereceram e que haviam sido afastadas, do impulso sensual que, precisamente por ser refreado, se havia, um instante, sublimado em renúncia, quer dizer: em verdadeiro amor.

Aqueles dias foram a preparação do seu matrimónio, que, mesmo eroticamente, foi tão mal sucedido; uma preparação, porém, que se corporizou num conjunto autónomo, delicadíssimo e breve, como aquelas aberturas que sobrevivem às óperas esquecidas a que pertencem e que, com uma vitalidade velada de pudor, contêm, esboçadas, todas as árias que depois virão a ser desenvolvidas sem destreza na ópera e a falhar.

Quando do seu exílio no universo dos vícios extintos, das virtudes esquecidas e, sobretudo, do desejo perene, Angélica e Tancredo voltavam ao mundo dos vivos, eram acolhidos com ironia bonacheirona.

– Sois mesmo uns doidos, meus filhos, em andardes assim a encher-vos de pó. Olha só em que estado te puseste, Tancredo – dizia D. Fabrício, sorrindo.

O sobrinho corria a escovar-se; Cavriaghi, às cavalitas numa cadeira, fumava, compenetradamente, um Virgínia e olhava o amigo que lavava a cara e o pescoço e barafustava ao ver a água ficar negra como o carvão.

– Eu não digo que não, Falconéri: a signorina Angélica é a rapariga mais bela que jamais vi, mas isto não te justifica. Santo Deus, é preciso um pouco de freio; hoje, vocês estiveram três horas sós; se estão tão enamorados, casem-se depressa e não façam rir as pessoas. Devias ter visto a cara que fez hoje o pai dela quando, ao sair da administração, verificou que vocês estavam ainda a navegar por aquele oceano de aposentos! Freios, caro amigo, são precisos freios, e vocês, sicilianos, têm-nos bem poucos.

Pontificava, contente por infligir a sua própria sabedoria ao camarada mais velho, ao primo da “surda” Concetta. Mas Tancredo, enquanto enxugava os cabelos, sentia-se furioso: ser acusado de não ter freios, ele, que os tinha suficientes para fazer parar um comboio! Por outro lado, o bom do alferes não deixava afinal de ter a sua razão: também era preciso pensar nas aparências; o fulano, porém, tornava-se tão moralista por inveja, porque, agora, via-se que a sua corte a Concetta não levava a nada. E, depois, aquela Angélica, aquele rosto suavíssimo de sangue quando hoje lhe mordera o lábio! E aquele seu inclinar-se molemente ao abraço! Mas era verdade, não

fazia sentido. “Amanhã iremos visitar a igreja com quantos Padres Pirrone e mademoiselles Dombreuil forem precisos de escolta.”

Angélica, entretanto, mudava de vestido nos aposentos das raparigas.

– Mais, Angélique, est-il Dieu possible de se mettre dans un tel état? – indignava-se Dombreuil, enquanto a bela, de corpete e saio, lavava os braços e o pescoço. A água fria esfriava-lhe a excitação e, no íntimo, concordava que a governanta tinha razão. Valia a pena cansar-se tanto, cobrir-se de pó daquela maneira, fazer rir as pessoas, para quê, afinal? Para se sentir olhada nos olhos, para deixar-se percorrer por aqueles dedos subtis, para pouco mais... E o lábio que lhe doía ainda! “Agora, basta. Amanhã estaremos na sala com os outros.” Mas, no dia seguinte, aqueles mesmos olhos, aqueles mesmos dedos, teriam readquirido o seu irresistível sortilégio, e, novamente, os dois voltariam, estouvadamente, a jogar às escondidas.

O resultado paradoxal destes propósitos, separados mas convergentes, era que, à noite, ao jantar, fiados nas suas ilusórias boas intenções para o dia seguinte, os dois mais enamorados eram os mais serenos; e até se divertiam a fazer ironia sobre as manifestações amorosas dos outros, por pequenas que fossem. Concetta tinha desiludido Tancredo: em Nápoles havia sentido um certo remorso em relação a ela e, por isso mesmo, arrastara atrás de si Cavriaghi, com o qual esperava substituir-se a si próprio junto da prima; também a compaixão fazia parte da sua previdência. Subtilmente e, astuto como era, amavelmente, tinha assumido, à chegada, um certo ar de se condoer dela pelo abandono a que a votava; e empurrava o amigo para a frente. Nada feito: Concetta desfiava a sua garrulice de colegial, fixava o sentimental condezinho com olhos gélidos, atrás dos quais era possível até descobrir um pouco de desprezo. Aquela rapariga era uma tola: dela não se

podia tirar nada de préstimo. Ao fim e ao cabo, que queria ela? Cavriaghi era um moço bonito, uma excelente pessoa, tinha um belo nome, chorudas quintas em Brianza; era, em suma, o que, em termos refrigerantes, se chama “um ótimo partido”. Pois bem, Concetta queria-o a ele, não era assim? Também ele a tinha querido há tempos: era menos bela, muito menos rica que Angélica, mas tinha em si qualquer coisa que a campônia de Donnafugata jamais possuiria. A vida, porém, é uma coisa séria, que diacho! Concetta tinha a obrigação de o compreender. E depois porque havia começado a tratá-lo tão mal? Aquela cena em Santo Spirito e tantas outras depois. Oh! sim, o Leopardo, o Leopardo...; mas mesmo para este animal soberbo deve haver limites. “São precisos freios, cara prima, freios! E vocês, as sicilianas, têm-nos muito poucos.”

Pelo contrário, Angélica, no íntimo, dava razão a Concetta: Cavriaghi carecia demasiado de sal; desposá-lo, depois de ter estado enamorada de um Tancredo, seria como beber água após ter saboreado aquele marsala que tinha em frente. Concetta, vá lá, compreendia-a por virtude dos seus precedentes. Mas as outras duas estúpidas, Carolina e Catarina, olhavam para Cavriaghi com olhos de carneiro mal morto e estremeciam, desfaleciam todas quando ele se aproximava. Incrível! Com a sua falta de escrúpulos familiares, ela não compreendia por que razão uma delas não tentava afastar o condezinho de Concetta em proveito próprio. “Naquela idade, os mocinhos são como canichos: basta assobiar-lhes, vêm logo. São umas estúpidas: à força de cautelas, de proibições, de soberbas, acabarão já se sabe como.”

No salão, para onde depois da ceia os homens se retiravam para fumar, a conversa entre Tancredo e Cavriaghi, os dois únicos fumadores da casa, e portanto os dois únicos exilados, tomava um tom muito especial. O

condezinho acabou por confessar ao amigo o falhanço das suas esperanças amorosas:

– É demasiado bela, demasiado pura para mim; não me ama; fui temerário em esperá-lo; vou-me embora daqui com o punhal da saudade cravado no coração. Nem sequer ousei fazer-lhe uma proposta precisa. Sinto que para ela eu não passo de um verme, e é justo que assim pense; tenho de encontrar um verme fêmea que se contente comigo.

Os seus dezanove anos faziam-no rir da própria desventura.

Tancredo, do alto da sua felicidade assegurada, esforçava-se por consolá-lo:

– Sabes, eu conheço Concetta desde que nasceu; é a criatura mais adorável que existe: um espelho de todas as virtudes; mas é um tanto fechada, refreia-se em demasia e receio mesmo que se sobrestime um tanto; e, além de isso, é siciliana até à medula; nunca saiu daqui; quem sabe se ela não se sentiria bem em Milão, cidade infecta onde, para se comer um prato de macarrão, é preciso pensar nisso com uma semana de antecedência.

O dito de Tancredo, uma das primeiras manifestações da unidade nacional, conseguiu fazer sorrir de novo Cavriaghi; aliás, as penas e as dores não logravam fixar-se por muito tempo nele.

– Mas, por mim, eu ter-lhe-ia arranjado caixas e caixas do vosso macarrão! De qualquer modo, o que está feito está feito: só espero que os teus tios, que tão gentis têm sido para comigo, não me detestem por ter vindo, irreflectidamente, meter-me nesta casa.

Tancredo tranquilizou-o, e fê-lo sinceramente, porque Cavriaghi agradara a todos, a não ser a Concetta (e, de resto, talvez também a Concetta), pelo bom humor barulhento que nele se unia a um sentimentalismo doce; depois começaram a falar de outra coisa, quer dizer, de Angélica.

– Olha, Falconéri, tu, sim, é que és afortunado! Vir desencantar uma jóia como a signorina Angélica neste chiqueiro (desculpa, meu velho). Que bela, Senhor Deus, que bela! E que grande patife tu me saíste em levá-la a passear durante horas pelos recantos mais remotos desta casa tão grande como a nossa catedral! E, além disso, não é apenas bela, é também inteligente e culta; e boa; há nos olhos dela bondade e uma ingenuidade adorável e inocente.

Cavriaghi continuava a extasiar-se perante a bondade de Angélica, sob o olhar divertido de Tancredo.

– Em tudo isto só há uma coisa verdadeiramente boa: tu, Cavriaghi.

A frase passou despercebida no meio daquele optimismo ambrosiano. Em seguida:

– Ouve – disse o Conde –, dentro de poucos dias partimos: não te parece que era tempo de eu apresentar as minhas homenagens à mãe da baronesazinha?

Era a primeira vez que Tancredo ouvia uma voz lombarda atribuir um título à sua bela. Por um instante não compreendeu de quem se falava. Depois, nele, o príncipe revoltou-se:

– Qual baronesazinha, qual carapuça. Cavriaghi! É uma bela e adorável rapariga a quem eu amo e nada mais.

Que fosse propriamente “nada mais” não era verdade; porém, Tancredo era sincero com o costume atávico das grandes propriedades, parecia-lhe que Gibildoce, Settesoli e os sacos de dinheiro lhe pertenciam desde o tempo de Carlos d'Anjou, desde sempre.

– Tenho muita pena, mas creio que a mãe de Angélica não te poderá receber: parte amanhã para Sciacca para uma cura de águas; a pobrezinha está muito doente.

Esmagou no cinzeiro o que restava do Virgínia.

– Vamos para a sala, já fizemos figura de ursos de mais.

Foi num destes dias que D. Fabrício recebeu uma carta do prefeito de Girgenti, redigida em termos de extrema cortesia, que lhe anunciava a chegada a Donnafugata do cavaleiro Aimone Chevalley di Monterzuolo, secretário da Prefeitura, que devia pô-lo ao corrente de um assunto de muito interesse para o Governo. D. Fabrício, surpreendido, mandou no dia seguinte o seu filho Francisco Paulo para a estação da mala-posta a fim de receber o missus dominicus e convidá-lo a vir alojar-se no palácio, acto tanto de hospitalidade como de verdadeira misericórdia, pois tratava-se de não abandonar o corpo do pobre piemontês às mil e uma pequenas feras que o teriam torturado na espelunca da estalagem do ti' Menico.

A diligência chegou ao cair da noite com o seu guarda armado no banco do cocheiro e um escasso carregamento de rostos fechados. Dela desceu também Chevalley di Monterzuolo, logo reconhecível pelo aspecto estarrecido e pelo sorrisozinho constrangido. Há um mês que se encontrava na Sicília, e, para mais, na parte mais retintamente indígena da ilha, expedido para aqui directamente das suas propriedadezinhas de Monferrato. De natureza tímida e congenitamente burocrática, sentia-se muito pouco à vontade. Trazia a cabeça repleta daquelas histórias de salteadores com que os Sicilianos gostam de pôr à prova a resistência nervosa dos recém-chegados; há um mês que via em cada meirinho da Prefeitura um sicário e em todos os cortapapéis de madeira da sua escrivaninha um punhal; para cúmulo, a cozinha da

terra, à base de azeite, espalhara-lhe a desordem nas vísceras. Ali estava ele agora à luz do crepúsculo, com a sua maleta de tela cinzenta, perscrutando a pouco convidativa estrada em que o tinham descarregado. A inscrição “Rua Vítor Manuel”, que, em caracteres azuis sobre fundo branco, ornava a casa em ruínas que lhe ficava defronte, não bastava para o convencer de que se encontrava, apesar de tudo, numa província do seu país; não ousava dirigir-se a nenhum dos camponeses encostados às casas como cariátides, seguro como estava de não ser compreendido e receoso de receber alguma fâcada gratuita nas tripas, que, apesar de revoltas, lhe eram tão caras.

Quando Francisco Paulo se acercou dele para se apresentar, franziu os olhos, julgando-se perdido; mas o ar composto e honesto do mocinho loiro sossegou-o um tanto e, quando depois compreendeu que o convidavam para se hospedar na casa Salina, ficou surpreendido e aliviado. O percurso, ao lusco-fusco, até ao palácio foi animado por contínuas escaramuças entre a cortesia piemontesa e a siciliana (as duas mais susceptíveis da Itália) a propósito da mala, que acabou por ser transportada, apesar de muito leve, por ambos os cavalleirescos contendores.

Quando chegou ao palácio, as carrancas barbudas dos guardas que estacionavam armados no primeiro pátio perturbaram de novo o ânimo de Chevalley; mas a amabilidade distante do acolhimento do Príncipe e o evidente fasto dos ambientes entrevistos de passagem precipitaram-no em sentimentos opostos. Filho de uma daquelas famílias da pequena nobreza piemontesa que vivia, numa mediania cheia de dignidade, nas suas terras, era a primeira vez que ele se via hóspede de uma grande casa e isto redobrava a sua timidez; por outro lado, as anedotas sanguinolentas que ouvira contar em Girgenti, o aspecto excessivamente agressivo da terra a que chegara e os “guarda-costas” (como ele lhes chamava) acampados no pátio, incutiam-lhe

pavor; e foi assim que desceu para o jantar, atormentado pelos terrores contraditórios do homem que cai num meio social superior ao seu e do inocente que cai numa emboscada de bandoleiros. Ao jantar, pela primeira vez desde que aportara às praias sículas, comeu bem; a graça das raparigas, a austeridade do Padre Pirrone, as grandes maneiras de D. Fabrício, convenceram-no de que o palácio de Donna-fugata não era o antro do bandido Capraro e de que havia muitas possibilidades de sair dali vivo. Sobretudo, tranquilizou-o a presença de Cavriaghi, que, como soube, estava ali há dez dias e tinha ar de estar muitíssimo bem e até de ser grande amigo daquele jovem Falconéri; amizade esta, entre um siciliano e um lombardo, que lhe parecia miraculosa. Ao fim da ceia aproximou-se de D. Fabrício e pediu-lhe para se dignar conceder-lhe uma entrevista privada, porquanto tencionava ir-se embora no dia seguinte de manhã; mas o Príncipe esmagou-lhe o ombro com uma palmada, e, com o mais leopardesco dos sorrisos, disse-lhe:

— Nada feito, meu caro cavaleiro; agora o senhor está em minha casa e tê-lo-ei como refém durante o tempo que me apetecer; não partirá amanhã e, para maior segurança, vou privar-me do prazer de falar consigo a sós até amanhã à tarde.

Esta frase, que teria aterrorizado o excelente secretário três horas antes, encheu-o de satisfação. Angélica não apareceu naquela noite e, por isso, jogou-se o whist: Chevalley, numa mesa com D. Fabrício, Tancredo e o Padre Pirrone, venceu dois rubbers e ganhou três libras e trinta e cinco cêntimos. Por fim, retirou-se para o seu quarto, apreciou a frescura dos lençóis e adormeceu com o sono confiante dos justos.

Na manhã seguinte, Tancredo e Cavriaghi levaram-no a passear pelo jardim e fizeram-no admirar a galeria e a colecção de tapeçarias. Levaram-no ainda

a dar um pequeno passeio pela vila, que, sob o sol cor de mel daquele Novembro, parecia menos sinistra que na noite anterior; viu-se até, durante o passeio, um ou outro sorriso; Chevalley di Monterzuolo começava a tranquilizar-se também a respeito da Sicília rústica. O facto foi notado por Tancredo, que, de repente, foi assaltado pelo singular prurido, que costuma assaltar os ilhéus, de contar aos forasteiros histórias arrepiantes, desgraçadamente sempre autênticas. Passavam eles então diante de um gracioso palacete com a fachada ornada de bossagens desajeitadas.

– Esta, meu caro Chevalley, é a casa do Barão Mu-tolo; está agora vazia e fechada porque a família vive em Girgenti desde que o filho do barão, há bem dez anos, foi sequestrado pelos bandidos.

O piemontês começou a tremer.

– Pobrezinhos, Deus sabe quanto tiveram de pagar para o libertar.

– Não, não pagaram nada; encontravam-se já então em dificuldades financeiras, sem dinheiro em moeda corrente, como toda a gente daqui, aliás. Mas o rapaz foi restituído na mesma; é verdade que a prestações.

– Como, Príncipe, que quer dizer?

– A prestações, isso mesmo, a prestações: pedaço por pedaço. Primeiro, chegou o indicador da mão direita; uma semana depois, o pé esquerdo; e, por fim, dentro de um rico cesto, debaixo de uma camada de figos (estava-se em Agosto), a cabeça. Tinha os olhos encarquilhados e sangue coagulado nos cantos dos lábios. Eu não o vi, era um garoto nessa altura; mas disseram-me que o espectáculo não era agradável de ver-se. O cesto foi deixado naquele degrau, ali, o segundo em frente da porta, por uma velha de xaile negro pela cabeça: ninguém a conhecia.

Os olhos de Chevalley imobilizaram-se de terror: já tinha ouvido narrar aquele caso, mas, agora, ver debaixo daquele belo sol o degrau em que fora deposto o presente bizarro era outra coisa. Socorreu-o a sua alma de funcionário:

– Mas que Polícia inepta tinham aqueles Bourbons!

Em breve, quando chegarem os nossos carabineiros, tudo isto acabará.

– Sem dúvida, Chevalley, sem dúvida.

Passaram depois diante do Círculo dos Civis, que, à sombra dos plátanos da praça, fazia a sua exibição quotidiana de cadeiras de ferro e de homens de luto. Saudações, sorrisos.

– Olhe-os bem, Chevalley, imprima esta cena na sua memória: um bom par de vezes por ano, um destes senhores estica o pernil, refastelado na sua poltrona: um tiro na luz incerta do crepúsculo e ninguém sabe nunca quem disparou.

Chevalley sentiu necessidade de se apoiar ao braço de Cavriaghi para sentir próximo de si um pouco de sangue setentrional.

Pouco depois, do cimo de uma ruela íngreme, através dos festões multicores de ceroulas estendidas, a secar, avistou-se uma igreja ingenuamente barroca.

– É Santa Ninfa. Há cinco anos o cura foi morto lá dentro quando celebrava a missa.

– Que horror! Tiros na igreja.

– Qual tiros, meu caro Chevalley! Somos demasiado bons católicos para cometer quejandos sacrilégios. Puseram simplesmente veneno no vinho da

comunhão; é mais discreto, quero dizer, mais litúrgico. Nunca se veio a saber quem o fez: o cura era uma excelente pessoa e não tinha inimigos.

Como um homem que, acordando à noite, vê um espectro sentado aos pés do leito, em cima das próprias peúgas, e se salva do terror esforçando-se por acreditar numa partida de amigos engraçadinhos, assim Chevalley se refugiou na crença de que estavam a entrar com ele:

– Muito divertido, Príncipe, muito engraçado deveras! O senhor devia escrever romances: conta tão bem essas balelas!

Mas a voz tremia-lhe. Tancredo teve dó dele, e se bem que, antes de chegar a casa, passassem diante de três ou quatro lugares pelo menos tão evocadores, absteve-se de lhes fazer a crónica; falou de Bellini e de Verdi, as eternas pomadas curativas das chagas nacionais.

Às quatro da tarde o Príncipe mandou dizer a Chevalley que o esperava no seu escritório. Tratava-se de uma pequena divisão cujas paredes ostentavam, protegidas por redomas de vidro, umas tantas perdizes cinzentas de patas vermelhas, bicho considerado raro: eram trofeus empalhados de caçadas antigas. Uma das paredes era enobrecida por uma estante alta e estreita, atafalhada de números atrasados de revistas matemáticas. Por cima da grande poltrona destinada aos visitantes uma constelação de miniaturas de família: o pai de D. Fabrício, o Príncipe Paulo, escuro de carnação e sensual de lábios como um sarraceno, com o uniforme negro da Corte atravessado pelo cordão de San Genaro; a Princesa Carolina, já viúva, de olhos azuis e severos e cabelos loiríssimos alevantados por um penteado em forma de torre; a irmã do Príncipe, Júlia, Princesa de Falconéri, sentada num banco de jardim, com a mancha amaranto de um pequeno guarda-sol pousado aberto no chão, à direita, e, à esquerda, a amarela de um Tancredo de três anos que

lhe estendia flores do campo (esta miniatura, D. Fabrício sumira-a no bolso à sucapa, enquanto os meirinhos inventariavam a mobília da villa Falconéri). Mais abaixo, Paulo, o primogénito, de impecáveis calções de coiro branco, no acto de montar um cavalo arrogante de pescoço arqueado e olhos coruscantes; vários tios e tias, difíceis de identificar, ostentavam jóias enormes ou apontavam, indolentemente, o busto de um saudoso extinto. Mas no centro da constelação, à guisa de Estrela Polar, avultava uma miniatura maior: o próprio D. Fabrício com pouco mais de vinte anos, e a esposa, muito jovem, a cabeça apoiada sobre o seu ombro, em atitude de completo abandono amoroso; ela, morena; ele, muito rosado, no seu uniforme azul e prata da Guarda do Rei, o rosto enquadrado pelas suíças muito loiras da primeira barba, sorria com complacência.

Mal se sentou, Chevalley expôs a missão de que fora encarregado.

– Depois da feliz anexação, quero dizer: depois da prometedora união da Sicília ao Reino da Sardenha, é intenção do Governo de Turim nomear senadores do Reino alguns ilustres sicilianos. As autoridades provinciais foram encarregadas de redigir uma lista de personalidades a propor ao exame do Governo e, eventualmente, à nomeação régia; como é óbvio, em Girgenti pensou-se logo no vosso nome, Príncipe: um nome ilustre pela antiguidade, pelo prestígio pessoal de quem o usa, pelos seus méritos científicos, pela atitude digna e liberal por vós assumida durante os recentes acontecimentos.

O pequeno discurso fora preparado há tempos; fora até objecto de notas sucintas, a lápis, no livrinho que jazia agora no bolso detrás das calças de Chevalley. D. Fabrício, porém, não dava sinal de vida: as pálpebras pesadas mal lhe deixavam filtrar o olhar. Imóvel, a sua patorra, eriçada de pêlos

fulvos, cobria inteiramente uma cúpula de São Pedro em alabastro, pousada em cima da mesa.

Já afeito à ronha dos loquazes sicilianos quando se lhes propõe qualquer coisa, Chevalley não se deixou desarmar:

– Antes de mandar a lista para Turim, os meus superiores julgaram seu dever informar-vos pessoalmente da coisa e perguntar-vos se esta proposta era do vosso agrado. A minha missão aqui é obter o vosso consentimento, que o Governo muito deseja; missão que, aliás, me valeu a honra e o prazer de vos conhecer, a vós e à vossa família, este magnífico palácio e esta vila tão pitoresca de Donnafugata.

As lisonjas deslizavam sobre a pessoa do Príncipe como a água nas folhas dos nenúfares; esta é uma das vantagens de que gozam os homens que são ao mesmo tempo orgulhosos e habituados a sê-lo. “Ora esta, o fulano imagina que veio conceder-me uma grande honra”, pensava, “a mim, que sou o que sou, entre outras coisas até par do Reino da Sicília, o que deve ser pouco mais ou menos o mesmo que senador. É verdade que as ofertas é preciso avaliá-las consoante quem as oferece: o camponês que me dá o seu naco de ovelha faz-me um presente maior que o Príncipe de Làscari quando me convida para jantar. O diabo é que a ovelha me dá náuseas. E, assim, mais não me resta que a gratidão no meu coração, que se não vê, e o nariz torcido de nojo, que se vê até demasiado”. As ideias de D. Fabrício sobre o Senado eram muitíssimo vagas: mau grado todos os seus esforços, elas conduziam-no sempre ao Senado romano: ao senador Papírio, que quebrara uma vara na cabeça de um gaulês mal-educado; a um cavalo, Incitatus, que Calígula tinha feito senador, honra esta que até a seu filho Paulo teria parecido excessiva. Era com aborrecimento que lhe voltava à memória, insistente, uma frase muitas vezes dita pelo Padre Pirrone: “Senatores boni viri, senatus autem

mala bestia.” Havia ainda o Senado do Império em Paris, mas esse não era mais do que uma assembleia de tubarões dotados de grossas prebendas. Havia, ou tinha havido, um senado também em Palermo, mas tratava-se de uma comissão de administradores civis, e que administradores! Pouca coisa para um Salina. Quis certificar-se:

– Mas afinal de contas, cavaleiro, explique-me cá em que consiste, realmente, ser senador: a imprensa da finada monarquia não deixava passar notícias sobre o sistema constitucional dos outros estados italianos e uma estada de uma semana em Turim, há dois anos, não foi suficiente para me esclarecer. O que vem a ser? Um simples título honorífico? Uma espécie de condecoração? Ou é necessário exercer funções legislativas, deliberativas?

O piemontês, representante do único estado liberal da Itália, espinoteou:

– Mas, Príncipe, o Senado é a câmara alta do Reino! Aí, a fina flor dos homens políticos italianos, escolhidos pela sabedoria do Soberano, examina, discute, aprova ou rejeita as leis que o Governo propõe para o progresso do país; ele funciona ao mesmo tempo como espora e como bridão: incita ao bem-fazer, impede que se faça demasiado. Quando aceitardes tomar lugar nele, representareis a Sicília ao lado dos deputados eleitos, fareis ouvir a voz desta vossa belíssima terra que se abre agora ao mundo moderno, com tantas chagas a sarar, com tantas justas reivindicações a satisfazer.

Chevalley teria talvez continuado por muito tempo neste tom se Bencicò não tivesse, detrás da porta, pedido à “sabedoria do Soberano” a sua admissão no escritório. D. Fabrício esboçou o gesto de levantar-se para abrir, mas fê-lo com o vagar suficiente para dar tempo ao piemontês de ir a abrir a porta; Bencicò, meticuloso, farejou demoradamente as calças de Chevalley;

depois, persuadido de estar a tratar com um bom homem, agachou-se debaixo da janela e adormeceu.

– Ouça-me, Chevalley; se se tratasse de um sinal honorífico, de um simples título para pôr no cartão de visita e mais nada, eu teria muito prazer em aceitar: julgo que, neste momento decisivo para o futuro do Estado italiano, é dever de todos dar a sua adesão, para evitar o espectáculo de discórdias em face daqueles Estados estrangeiros que nos olham com um temor ou com uma esperança que se revelarão talvez injustificados, mas que, por ora, existem.

– Mas então, Príncipe, porque não aceitais?

– Tenha paciência, Chevalley, agora explico-me eu: nós, os Sicilianos, habituámo-nos durante uma longa, muito longa, hegemonia de governantes que não eram da nossa religião nem falavam a nossa língua, a cortar os cabelos em quatro. Quem não fazia isto não podia escapar aos exactores bizantinos, aos emires berberes, aos vice-reis espanhóis. Agora fomos dobrados de novo, somos assim feitos. Disse “adesão”, não disse “participação”. Nestes seis últimos meses, desde que o vosso Garibaldi pôs o pé em Marsala, foram feitas demasiadas coisas sem nos consultarem para que se possa agora vir pedir a um membro da velha classe dirigente que as tome em mãos e as leve a bom termo. Não quero discutir neste momento se o que se fez foi mau ou bom; por minha conta, acho que muitas coisas foram más; mas quero dizer-lhe já o que o senhor só compreenderá por si quando tiver estado um ano entre nós. Na Sicília não importa fazer mal ou fazer bem: o pecado que nós, Sicilianos, nunca perdoamos é simplesmente o de “fazer”. Somos velhos, Chevalley, terrivelmente velhos. Há já pelo menos vinte e cinco séculos que carregamos aos ombros o peso de magníficas civilizações heterogéneas, todas vindas de fora, nenhuma germinada entre nós, nenhuma a

que tenhamos dado o tom; nós somos brancos como o senhor, Chevalley, e como a rainha de Inglaterra; e, no entanto, há dois mil e quinhentos anos que somos uma colónia. Não o digo para lamentar-me: a culpa é nossa. Mas, de qualquer maneira, estamos cansados e vazios.

Agora, Chevalley já estava perturbado:

– Mas, de qualquer modo, esse estado de coisas já não existe; hoje a Sicília já não é uma terra de conquista, mas uma parte livre de um Estado livre.

– A intenção é boa, Chevalley, mas tardia; de resto, já lhe disse que a maior parte da culpa é nossa. O senhor falava-me há pouco de uma jovem Sicília que se abria às maravilhas do mundo moderno; por minha parte, eu vejo-a mais facilmente como uma velha centenária arrastada numa cadeirinha de rodas através da Exposição Universal de Londres, que não compreende coisíssima nenhuma, que se está nas tintas para tudo, tanto para os altos fomos de Sheffield como para as fiações de Manchester, e que aspira somente a voltar ao seu habitual torpor entre os travesseiros babados e o bacio debaixo da cama.

Não falava ainda alto, mas a mão que apertava S. Pedro ia-se contraindo; mais tarde, foram encontrar despedaçada a pequena cruz minúscula que se elevava acima da cúpula.

– O sono, caro Chevalley, o sono é o que os Sicilianos querem, e eles odiarão sempre a quem quiser despertá-los, nem que seja para lhes trazer os mais belos presentes; e, seja dito aqui entre nós, tenho fortes dúvidas de que o novo regime tenha muitos presentes para nós na sua bagagem. Todas as manifestações sicilianas são manifestações oníricas: a nossa sensualidade é desejo de olvido, os tiros e as nossas facadas, desejo de morte; desejo de imobilidade voluptuosa, também desejo de morte como a nossa preguiça, os

nossos sorvetes de cercefi negra e de canela; o nosso ar meditativo é o nada a querer escrutar os enigmas do nirvana. Daí provém o poder insolente que entre nós têm certas pessoas, precisamente aquelas que estão meio acordadas; daí o tal famoso atraso de um século das manifestações artísticas e intelectuais sicilianas: as novidades atraem-nos apenas quando são defuntas, incapazes de dar lugar a correntes vitais; daí o incrível fenómeno da formação actual de mitos que seriam veneráveis se fossem autenticamente antigos, mas que não são mais do que sinistras tentativas de nos refugiarmos num passado que nos atrai apenas porque está morto.

Nem todas estas coisas as compreendia o bom do Chevalley; sobretudo parecia-lhe obscura a última frase: ele tinha visto as carroças multicolores puxadas por cavalos empenachados, tinha ouvido falar do teatro de fantoches heróicos e julgava que se tratava de autênticas e antigas tradições. Disse:

– Mas não lhe parece que exagera um tanto, Príncipe? Eu próprio conheci em Turim sicilianos emigrados – Crispi, por exemplo –, que me pareceram bem o contrário de dorminhocos.

O Príncipe impacientou-se:

– Somos demasiado numerosos para que não haja entre nós excepções; já fiz referência, de resto, aos nossos meio acordados. Quanto a esse jovem Crispi, não eu, evidentemente, mas o senhor poderá verificar se ele na velhice torna ou não a cair no nosso voluptuoso torpor: fazem-no todos. Aliás, vejo que me expliquei mal: disse os Sicilianos, deveria ter acrescentado a Sicília, o ambiente, o clima, a paisagem siciliana. Foram estas as forças que, juntamente com as dominações estrangeiras e os estupros incongruentes, e até talvez mais que eles, nos formaram a alma: esta paisagem que ignora as meias-tintas entre a languidez lasciva e a aridez do

inferno; que não é nunca mesquinha, banal, prolixa, como deveria ser uma terra feita para moradia de seres racionais; esta terra que, a poucas milhas de distância, exhibe o horror de Randazzo e a beleza da baía de Taormina; este clima que nos inflige seis meses de febre a quarenta graus; conte-os, Chevalley, conte-os: Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro; seis vezes trinta dias de Sol a prumo sobre as cabeças; este nosso Verão tão longo e tão tétrico como o Inverno russo mas contra o qual se luta com menor sucesso; o senhor não o sabe ainda, mas, entre nós, pode bem dizer-se que neva fogo como sobre as cidades malditas da Bíblia; em cada um daqueles seis meses, se um siciliano trabalhasse a sério despenderia a energia necessária a três pessoas; depois, a água que não há ou que é preciso transportar de tão longe que cada gota dela é paga com uma gota de suor; e ainda as chuvas, sempre tempestuosas, que endoidecem as torrentes, pouco antes secas, que submergem animais e homens precisamente onde, duas semanas antes, umas e outros estoiravam de sede. Esta violência da paisagem, esta crueldade do clima, esta tensão contínua de tudo o que se vê, também estes momentos do passado, magníficos mas incompreensíveis porque não foram edificados por nós, e que nos rodeiam como belos fantasmas mudos; todos estes Governos, desembarcados em armas Deus sabe donde, imediatamente servidos, depressa detestados, e sempre incompreendidos, que se manifestaram tão-somente por obras de arte para nós enigmáticas e por concretíssimos cobradores de impostos, despendidos depois algures: todas estas coisas formaram o nosso carácter, que ficou assim condicionado por fatalidades exteriores tanto como por uma terrível insularidade de ânimo.

O inferno ideológico evocado naquele pequeno gabinete atemorizou Chevalley mais que a resenha sangrenta da manhã. Quis dizer qualquer coisa,

mas D. Fabrício estava agora demasiado excitado para o escutar.

– Não nego que alguns sicilianos transportados para fora da ilha não possam escapar ao feitiço: é preciso, porém, fazê-los partir muito, mas muito, jovens. Aos vinte anos já é tarde: a crosta está criada, continuarão convencidos de que o seu país é um país como todos os outros, maldosamente caluniado; de que a normalidade civilizada é aqui, a extravagância lá fora. Mas desculpe-me, Chevalley, deixei-me arrastar e provavelmente enfastiei-o. O senhor não veio aqui para ouvir Ezequiel a lamentar as desventuras de Israel. Voltemos ao nosso verdadeiro assunto: estou muito reconhecido ao Governo por ter pensado em mim para o Senado e peço-lhe que lhe exprima em meu nome esta minha sincera gratidão; não posso, porém, aceitar. Sou um representante da velha classe, inevitavelmente comprometido com o regime borbónico, e a este ligado por laços de decência, para não falar nos de affecto. Pertença a uma geração pouco afortunada, a cavallo entre os velhos tempos e os novos, e que em ambos se encontra deslocada. Para mais, como o senhor não pode ter deixado de se dar conta, sou privado de ilusões; e que diabo faria o Senado de mim, de um legislador inexperiente a que falta a faculdade de se enganar a si próprio, requisito este essencial a quem queira guiar os outros? Nós, os da nossa geração, devemos retirar-nos para um cantinho e ficar a observar as cambalhotas e as cabriolas dos jovens em torno deste cadafalso pomposo. Vós, agora, tendes é precisamente necessidade de jovens, de jovens desembaraçados, de espírito aberto mais ao “como” do que ao “porquê” das coisas e que sejam hábeis em mascarar, em temperar, quero dizer, o seu preciso interesse particular com os vagos idealismos públicos.

Calou-se, deixou em paz São Pedro. Continuou:

– Posso permitir-me dar-lhe um conselho para transmitir aos seus superiores?

– Pois não, Príncipe; ele será certamente escutado com toda a consideração; mas permito-me ainda esperar que, em vez de um conselho, queira antes Vossa Mercê dar-me um assentimento.

– Há um nome que eu gostaria de sugerir para o Senado: o de Calogero Sedara. Ele tem mais méritos que eu para sentar-se nele: a sua linhagem, segundo me foi dito, é antiga ou acabará por sê-lo; mais do que aquilo que o senhor chama o prestígio, ele tem o poder; na falta de méritos científicos ele tem-nos práticos, excepcionais; a sua atitude durante a crise de Maio, mais que irrepreensível, foi utilíssima. Ilusões, não creio que as tenha mais que eu, mas é bastante esperto para saber criá-las quando necessário. É o indivíduo de que precisam. Mas deveis andar depressa, porque ouvi dizer que ele deseja apresentar a sua candidatura à Câmara dos Deputados.

Muito se falara de Sedara na Prefeitura: as suas actividades como presidente da Câmara e como particular eram conhecidas. Chevalley sobressaltou-se: era um homem honesto e a sua estima pelas câmaras legislativas era igual à pureza das suas intenções; por isso julgou oportuno não abrir a boca, e fez bem em não comprometer-se, porque, de facto, dez anos mais tarde, o excelente don Calogero devia obter a sua farda de senador. Apesar de honesto, porém, Chevalley não era estúpido: carecia, sim, daquela presteza de espírito que na Sicília passa por inteligência, mas apercebia-se das coisas com uma lenta solidez e, além disso, não tinha a impenetrabilidade dos meridionais pelas desgraças alheias. Compreendeu a amargura e o desalento de D. Fabrício, reviu num relâmpago o espectáculo de miséria, de abjecção, de negra indiferença de que desde há um mês tinha sido testemunha. Há algumas horas tinha invejado a opulência, a distinção dos

Salinas, agora recordava com ternura a sua vinhola, o seu Monterzuolo pertinho de Casale, feio, medíocre, mas sereno e vivo. E teve piedade tanto do Príncipe sem esperança como dos gaiatos descalços, das mulheres chupadas pela malária, das vítimas sem inocência, de que chegavam longas listas todas as manhãs ao seu gabinete: todos iguais, no fundo, companheiros de desventura, exilados no fundo do mesmo poço.

Quis fazer um último esforço. Levantou-se; a emoção conferia um acento patético à sua voz:

– Príncipe, mas é na verdade a sério que vos recusais a fazer o possível para minorar, para tentar remediar o estado de pobreza material, de cega miséria moral, em que se encontra este povo que é o vosso? O clima vence-se, a recordação dos maus Governos apaga-se, os Sicilianos não-de querer melhorar as suas condições de vida. Se os homens honestos se afastam, a estrada ficará livre para a gente sem escrúpulos e sem perspectivas, para os Sedaras; e tudo será de novo como antes, durante séculos. Escutai a consciência, Príncipe, e não as orgulhosas verdades que acabais de dizer. Colaborai.

D. Fabrício sorria-lhe: tomou-o pela mão, fê-lo sentar ao pé de si no divã:

– O senhor é um cavalheiro, Chevalley, e eu considero uma sorte tê-lo conhecido; o senhor tem razão em tudo; enganou-se apenas quando disse: “os Sicilianos não-de querer melhorar.” Quero contar-lhe uma história pessoal. Dois ou três dias antes de Garibaldi entrar em Palermo foram-me apresentados alguns oficiais da Marinha Inglesa, em serviço num daqueles navios que estavam ancorados apenas para dar conta dos acontecimentos. Eles tinham sabido, nem sei como, que eu possuo uma casa à borda da água, frente ao mar, com um terraço de onde se descobre toda a cerca de

montanhas em torno da cidade; pediram-me para visitar a casa, para vir contemplar aquele panorama em que, dizia-se, os garibaldinos progrediam, e do qual, dos seus navios, não tinham feito uma ideia muito clara. De facto, Garibaldi já estava em Gibilrossa. Chegaram a minha casa, acompanhei-os lá acima; eram jovens ingénuos, a despeito de bastas suíças vermelhuças. Ficaram extasiados com o panorama, com a violência da luz; confessaram, porém, que tinham ficado petrificados de surpresa ao ver a desolação, a vetustez, a imundície das ruas que davam acesso à minha casa. Não lhes expliquei que uma coisa derivava da outra, como tentei fazer consigo. Um deles, depois, perguntou-me que diabo vinham fazer à Sicília os voluntários italianos. “They are coming to teach us good manners”, respondi-lhe, “but they worít succeed, because we are gods.” (“Vêm ensinar-nos boas maneiras, mas não poderão fazê-lo, porque nós somos deuses.”) Creio que não compreenderam, mas riram-se e foram-se embora. O mesmo lhe respondo a si, meu caro Chevalley: os Sicilianos não quererão nunca melhorar pela razão simples de que se julgam perfeitos; a sua vaidade é mais forte que a sua miséria; qualquer intromissão de estranhos, ou pela origem ou, se forem sicilianos, pela independência de espírito, estremece-lhes o sonho de perfeição atingida, arrisca-se a perturbar-lhes a comprazida espera do nada; calcados por uma dezena de povos diferentes, eles crêem ter um passado imperial que lhes dá direito a funerais sumptuosos. Julga realmente, Chevalley, que é o primeiro a querer canalizar a Sicília, no fluxo da história universal? Sabe Deus quantos imãs muçulmanos, quantos cavaleiros do Rei Rogério, quantos escribas dos Suevos, quantos barões d'Anjou, quantos legistas do Rei Católico, não conceberam a mesma bela loucura; e quantos vice-reis espanhóis, quantos funcionários reformados de Carlos III. E quem sabe hoje quem foram eles? A Sicília preferiu continuar a dormir a despeito

das suas invocações; e porque havia ela de o ter escutado, se é rica, se é sábia, se é civilizada, se é honesta, se é por todos admirada e invejada, se é perfeita, numa só palavra?

Agora também entre nós se começa a dizer, em homenagem ao que escreveram Proudhon e um jovem judeu alemão de cujo nome não me lembro, que a culpa deste desolador estado de coisas, aqui e algures, é do feudalismo, isto é: minha, por assim dizer. Será. Mas o feudalismo existiu em toda a parte, as invasões estrangeiras também. Não creio que os seus antepassados, Chevalley, ou os squires ingleses ou os senhores feudais franceses tivessem governado melhor que os Salinas. Os resultados, no entanto, são diferentes. A razão desta diversidade deve estar naquele sentimento de superioridade que cintila em todo o olhar siciliano, a que nós próprios chamamos altivez, que, na realidade, não é mais do que cegueira. Por ora, durante muito tempo, não há nada a fazer. Tenho muita pena; mas no campo político não posso mexer um dedo. Mordê-lo-iam. Isto são coisas que eu não podia dizer a um siciliano; e eu mesmo, de resto, se o senhor as tivesse dito, tê-las-ia levado a mal, pode crer. É tarde, Chevalley: temos de ir vestir-nos para o jantar. Devo desempenhar, por algumas horas, o papel de homem civilizado.

No dia seguinte, de manhãzinha cedo, Chevalley partia e D. Fabrício, que resolvera ir à caça, conseguiu facilmente acompanhá-lo até à paragem da mala-posta. Don Ciccio Tumeo ia com eles e levava aos ombros o duplo peso das duas espingardas, a sua e a de D. Fabrício; e, dentro de si, a bÍlis das suas virtudes ultrajadas. Entrevista à lívida claridade das cinco e meia da manhã Donna fugata dir-se-ia deserta e desesperada. Diante de todas as casas, restos de refeições miseráveis acumulavam-se ao longo das paredes leprosas; cães a tiritar remexiam-nos com avidez sempre desiludida.

Algumas portas estavam já abertas e o fedor de corpos adormecidos e empilhados enchia as ruas; à luz das candeias as mães perscrutavam as pálpebras roídas do tracoma dos filhos: quase todas de luto, muitas delas tinham sido mulheres daqueles bonecos em que se tropeça nas voltas dos caminhos. Os homens, de enxada na mão, saíam a procurar quem, a Deus servindo, lhes desse trabalho; silêncio átono ou estridores exasperados de vozes histéricas; para as bandas de Santo Spirito uma alvorada de estanho começava a babar de chumbo as nuvens.

Chevalley pensava: “Este estado de coisas não vai durar; a nossa administração nova, activa, moderna, tudo transformará.” O Príncipe estava deprimido: “Tudo isto não devia durar; mas vai durar e sempre; o sempre humano, bem entendido, um século, dois séculos...; depois será diferente, mas pior. Nós fomos os leopardos, os leões: os que hão-de substituir-nos os chacais, as hienas; e todos nós, leopardos, chacais e ovelhas, continuaremos a considerar-nos o sal da terra.”

Agradeceram muito um ao outro, saudaram-se. Chevalley trepou para a carruagem da mala-posta, içada sobre quatro rodas cor de vômito. O cavalo, todo fome e chagas, iniciou a longa viagem.

Mal era dia; o pouco de luz que conseguia filtrar-se

das nuvens era outra vez detido pela sujidade imemorial das janelas.

Chevalley estava só: por entre bates e solavancos molhou de saliva a ponta do indicador, limpou um bocado de vidro do tamanho de um olho. Olhou: diante de si, sob a luz de cinza, a paisagem oscilava, sem esperanças de redenção.

Capítulo V

CHEGADA DO PADRE PIRRONE – CONVERSA COM OS AMIGOS E O
ERVANÁRIO – AS ATRIBULAÇÕES FAMILIARES DE UM JESUÍTA –
RESOLUÇÃO DAS ATRIBULAÇÕES – CONVERSA COM O “HOMEM
DE HONRA” – REGRESSO A PALERMO

Fevereiro, 1861

As origens do Padre Pirrone eram rústicas: nascera em São Cono, uma aldeia pequenina que, hoje, graças ao autocarro, é quase uma das “capoeiras” satélites de Palermo, mas que, há coisa de um século, pertencia, por assim dizer, a um sistema planetário independente, distante como estava, quatro ou cinco horas-carroça, do sol palermitano.

O pai do nosso jesuíta tinha sido administrador de duas propriedades que a Abadia de S. Eleutério se gabava de possuir na região de São Cono. Tratava-se, então, de um ofício bastante perigoso, para a saúde da alma e do corpo, porque obrigava a relações bizarras e ao conhecimento de várias anedotas, cuja acumulação causava uma enfermidade que, “enquanto o Diabo esfregava um olho” (é a expressão exacta), fazia cair morto o enfermo aos pés de qualquer muro baixo, com todas as suas historietas caladas no bucho, ao abrigo, de aí em diante, da curiosidade dos mandriões. Don Caetano, o

pai do Padre Pirrone, tinha, porém, conseguido fugir a essa maleita profissional mercê de uma rigorosa higiene baseada na discricção e num avisado emprego de remédios preventivos; morrera pacificamente de pneumonia, por um domingo solarento de Fevereiro, ao som do vento que desfolhava as flores das amendoeiras. Deixara viúva e três filhos (duas moças e o sacerdote) em condições económicas relativamente boas; homem sagaz, tinha sabido fazer economias do estipêndio incrivelmente exíguo que lhe pagava a Abadia e, no momento do seu passamento, possuía algumas amendoeiras no fundo do vale, um ou outro cepo de vinha nas encostas e, mais no alto, um pouco de pasto pedregoso, tesouros de pobre, como se vê, mas suficientes para conferir um certo peso na economia deprimida de S. Cono. Era ainda proprietário de uma casinha rigorosamente cúbica, azul por fora, branca por dentro, quatro divisões em baixo e quatro em cima, mesmo à entrada da terra, na estrada de Palermo.

O Padre Pirrone deixara essa casa aos dezasseis anos, quando os seus êxitos na escola paroquial e a benevolência do Abade Mitrado, de S. Eleutério, o encaminharam para o seminário do Arcebispado; com anos de intervalo, tinha, porém, lá voltado algumas vezes, ou para abençoar as bodas das irmãs ou para dar uma absolvição supérflua (aos olhos do mundo, entenda-se) a don Caetano moribundo; tornava a voltar agora, neste fim de Fevereiro de 1861, para o décimo quinto aniversário da morte do pai. Estava um dia ventoso e límpido, precisamente como há quinze anos.

Tinham sido cinco horas de solavancos, os pés baloiçando atrás da cauda do cavalo; mas, uma vez dominada a náusea causada pelas pinturas patrióticas, de fresca data, dos painéis da carroça e que culminavam na figuração retórica de um Garibaldi cor de fogo, de braço dado com uma Santa Rosália cor de mar, aquelas cinco horas tinham sido bem agradáveis. No vale que

liga Palermo a São Cono unem-se a paisagem faustosa da zona costeira e a paisagem inexorável do interior. É um vale percorrido por imprevistas rajadas de vento, que lhe tornam o ar salubre e que eram famosas por serem capazes de desviar a trajectória das balas mais bem premeditadas, pelo que os atiradores, postos em face de problemas balísticos árdios, preferiam ir exercitar-se noutro lado. O carroceiro, que tinha conhecido muito bem o defunto, espaiara-se em amplas evocações dos seus méritos, evocações que, verdade seja, embora nem sempre adaptadas a orelhas filiais e eclesiásticas, tinham lisonjeado, não obstante o bom do padre já perfeitamente inteirado.

À chegada, foi acolhido com chora mingada alegria. Abraçou e abençoou a mãe, que, entre as lãs negras de um luto imprescritível, ostentava os cabelos alvos e a tez rosada das viúvas. Saudou as irmãs e os sobrinhos, mas teve um olhar de viés para Carmello, seu sobrinho, que tivera o péssimo gosto de arvorar na carapuça o distintivo tricolor. Logo que entrou em casa foi assaltado, como sempre, pela dulcíssima fúria das recordações juvenis: nada havia mudado, nem o pavimento de barro vermelho nem o parco mobiliário; a mesma luz entrava pelas janelinhas exíguas; Romeu, o cão que ladrava de vez em quando a um canto, era o trineto parecidíssimo de um outro molosso, companheiro de brincadeiras violentas; da cozinha exalava-se o aroma secular do guisado que fervia – sumo de tomate, cebolas e carne de carneiro, para os anelletti dos dias melhores. Todas as coisas exalavam a serenidade atingida mediante os trabalhos do santo defunto.

Pouco depois, dirigiram-se todos à igreja para escutar a missa do aniversário. S. Cono, naquele dia, ostentava o seu melhor aspecto e oferecia com prodigalidade uma orgulhosa exibição de excrementos sortidos.

Cabrinhas espertas, de negros úberes pendentes, e bacorinhos sicilianos, escuros e esbeltos como poldros minúsculos, perseguiram-se no meio das

peçoas, pelas ruelas íngremes; e, porque o Padre Pirrone se tornara uma espécie de glória local, muitas eram as mulheres, os garotos e até adolescentes que se apinhavam à volta dele para lhe pedir a bênção ou para recordar tempos passados.

Na sacristia entregou-se a um bate-papo com o cura e, ouvida a missa, dirigiram-se todos para a lápide do sepulcro, numa capela lateral: as mulheres beijaram o mármore choramingando, o filho rezou em voz alta no seu latim misterioso; quando voltaram a casa, os anelletti estavam prontos e agradaram imenso ao Padre Pirrone, a quem os refinamentos culinários de villa Salina não tinham estragado o paladar.

Ao cair da noite, os amigos vieram saudá-lo e reunir-se no seu quarto. Um candeeiro de cobre de três braços pendia do tecto, e derramava a luz humilde dos seus morrões de azeite; a um canto, a cama exibia os seus colchões sarapintados e o seu sufocante cobertor vermelho e amarelo; o outro canto do quarto estava ocupado por um cesto alto e direito, o zimmile, que guardava o trigo cor de mel que todas as semanas se levava ao moinho, segundo as necessidades da família; nas paredes, gravuras já manchadas: Santo António mostrava o Divino Menino, Santa Luzia os próprios olhos arrancados e S. Francisco Xavier arengava às turbas de índios emplumados e nus; lá fora, no crepúsculo estrelado, o vento assobiava e, a seu modo, era o único a comemorar o aniversário. Ao centro do quarto, sob o candeeiro, confundindo-se com o solo, a grande braseira apertada por uma roda de madeira polida onde se punham os pés; à volta, cadeiras de corda para as visitas. Estavam lá o pároco, os dois irmãos Schiró, proprietários no sítio, e, muito velho, don Pietrino, o ervanário: taciturnos tinham vindo, taciturnos continuavam, porque, enquanto as mulheres cirandavam lá em baixo, eles falavam de política; esperavam obter notícias consoladoras do Padre

Pirrone, que chegava de Palermo e devia saber muitas coisas, dado que vivia entre os “senhores”. O desejo de notícias foi saciado, o de consolação, porém, frustrado, porque o amigo jesuíta, um pouco por sinceridade, um pouco também por tática, pintara-lhes o futuro negríssimo. Sobre Gaeta flutuava ainda o tricolor bourbónico, mas o bloqueio era de ferro e os paióis da praça forte iam ao ar um a um. Já nada havia a salvar aí, excepto a honra, quer dizer: bem pouca coisa; a Rússia era amiga mas de longe, Napoleão III era vizinho mas de pouca confiança; dos insurrectos de Basilicata e Terra di Lavoro o jesuíta falava pouco porque, no fundo, no fundo, envergonhava-se deles. Era necessário, dizia, suportar a realidade deste Estado italiano que se formava, ateu e rapace, destas leis de expropriação e de recrutamento que alastrariam do Piemonte até ali, à Sicília, como uma epidemia de cólera. “Vereis”, foi a sua conclusão bem pouco original, “ vereis que nem os olhos nos deixarão para chorar.”

A estas palavras levantou-se o coro tradicional das lamúrias camponesas. Os irmãos Schiró e o ervanário já sentiam a mordedura do fisco; para os primeiros já tinha havido contribuições extraordinárias e centésimas adicionais; para o outro, uma perturbadora surpresa: fora chamado à Câmara Municipal, onde lhe tinham dito que, se não pagasse vinte liras todos os anos, não lhe seria mais permitido vender os seus símplices.

— Mas se este sene, este estramónio, estas ervas santas feitas pelo Senhor vou-as eu colher com as minhas próprias mãos nas montanhas, faça chuva ou sereno, nos dias e nas noites prescritos! Seco-as eu ao sol, que é de todos, no almofariz que era do meu avô! Que é que tem a ver com isto o Município? Porque é que tenho de vos pagar vinte liras? Assim, sem mais nada, pelos vossos lindos olhos?

As palavras saíam-lhe estropiadas da boca sem dentes, mas os olhos ensombreceram-se-lhe de autêntico furor!

– Tenho razão ou não, Padre? Diz-mo tu!

O jesuíta queria-lhe bem: recordava-se dele, homem já feito mas já curvado pelas contínuas vagabundagens e colheitas, quando ele próprio era um moço de dezasseis anos que atirava pedradas aos pardais; e era-lhe grato ainda porque sabia que, quando vendia alguma mezinha das suas ao mulhero, lhes dizia sempre que sem tantas ave-marias ou tantos “gloria patri” a coisa não tinha efeito. O seu feitio prudente, é verdade, fingia ignorar que coisas havia na realidade nessas mixórdias e que esperanças vinham elas alimentar. – Tem razão, don Pietrino, cem vezes razão. Como não? Mas se eles não tiram o dinheiro, a vocês e aos outros pobres diabos como vocês, aonde vão eles encontrá-lo para fazer a guerra ao Papa e roubar-lhe o que lhe pertence?

A conversa arrastava-se noite adiante; a luz pálida vacilava ao vento que lograva passar através das pesadas persianas. O Padre Pirrone vagueava nas regiões das futuras e inevitáveis confiscações dos bens eclesiásticos: adeus então ao suave domínio da Abadia ali à volta; adeus às sopas distribuídas aos pobres durante os invernos rigorosos; e, quando o mais jovem dos Schiró teve a imprudência de dizer que, talvez assim, alguns camponeses pobres pudessem ter uma courelazinha sua, a voz endureceu-lhe do mais decisivo desprezo.

– Verá, don António, verá. O presidente da Câmara compra tudo, paga as primeiras prestações, e, depois, adeus. Já assim foi no Piemonte.

Acabaram por ir-se embora, muito mais sombrios que à vinda, providos de lamentações por dois meses, pelo menos. Ficou apenas o ervanário, que, naquela noite, não se ia deitar porque era lua cheia e tinha de ir colher o

rosmaninho nos penhascos de Pietrazzi; havia trazido consigo a lanterna e pôr-se-ia a caminho apenas dali saísse.

– Mas, Padre, tu que vives no meio da nobreza, que dizem os fidalgos de toda esta labareda? Que diz a isto o Príncipe de Salina, nobre, colérico e orgulhoso como sabemos que é?

Já mais de uma vez o Padre Pirrone a si próprio fizera esta pergunta e responder-lhe não tinha sido fácil, sobretudo porque havia descurado ou interpretado como exageros tudo quanto D. Fabrício lhe dissera certa manhã no observatório, ia fazer um ano. Sabia-o agora, mas não encontrava maneira de o traduzir para forma compreensível a don Pietrino, que não era tolo, longe disso, mas que era mais entendido nas propriedades anticatarrais, carminativas e, até, sim senhor, afrodisíacas das suas ervas do que em tais abstracções.

– Olhe, don Pietrino, os “senhores”, como vossemecê diz, não são fáceis de compreender. Eles vivem num universo muito particular que não foi criado directamente por Deus mas pela sua casta durante séculos de experiências muito especiais, de fadigas e de alegrias muito suas; possuem uma memória colectiva extremamente robusta e, por consequência, perturbam-se ou alegram-se com coisas que a si ou a mim não importam coisíssima nenhuma, mas que, para eles, são vitais, precisamente porque estão em relação com esse seu património de recordações, de esperanças, de temores de classe. A Divina Providência quis que eu me tornasse a mais humilde parcela da mais gloriosa das Ordens de uma Igreja sempiterna, à qual foi assegurada a vitória definitiva; o meu amigo está no outro lado da escala, não digo o mais baixo mas apenas o mais diferente. Vossemecê, quando descobre um cepo vigoroso ou um ninho bem fornido de cantáridas (também essas procura, don Pietrino, eu sei), está em comunicação directa com a natureza que o Senhor

criou com possibilidades indiferenciadas para o mal e para o bem, a fim de que o homem nela possa exercer o seu livre alvedrio; e quando é consultado por alguma velhota viciosa ou por alguma mocinha cheia de cio vossemecê mergulha no abismo dos séculos até às épocas obscuras que precederam a luz do Gólgota.

O velho olhava-o pasmado: ele tinha querido saber se o Príncipe de Salina estava satisfeito ou não com o novo estado de coisas e o outro falava-lhe de cantáridas e de luzes do Gólgota. “Tanto leu que tresleu, coitadinho!”

– Os “senhores” não, não são assim; esses vivem de coisas já manipuladas. Nós, os eclesiásticos, servimos para os sossegar a respeito da vida eterna, como vós, os ervanários, para lhes fornecer emolientes ou excitantes. E com isto não quero dizer que sejam maus: pelo contrário, são diferentes; talvez nos pareçam tão estranhos porque atingiram uma etapa para a qual todos os que não são santos caminham, o do menosprezo dos bens terrenos pela força do hábito. Talvez por isso não façam caso de certas coisas que a nós importam muito; quem está na montanha não se rala com os mosquitos da planura, e quem vive no Egipto quer lá saber de guarda-chuvas. O primeiro, porém, teme as avalanchas, o segundo os crocodilos, coisas que, ao invés, nos preocupam muito pouco. Para os fidalgos surgiram novos receios que nós ignoramos: já ví D. Fabrício perder a cabeça, ele, homem sério e cordato, por amor de um colarinho mal passado a ferro; e sei de certeza que o Príncipe de Lascari, de raiva, não dormiu uma noite inteira porque num jantar da Intendência lhe não deram o lugar que lhe cabia. Ora, não lhe parece que o tipo de humanidade que se perturba tão-somente com a roupa branca ou com o protocolo é um tipo de humanidade feliz, portanto superior? Don Pietrino já não compreendia nada: as extravagâncias multiplicavam-se,

eis que apareciam agora colarinhos de camisa e crocodilos! Mas um fundo de bom senso rústico sustentava-o ainda:

– Mas se é assim, Padre, eles vão todos parar ao Inferno!

– E por que razão, não me dirá? Alguns serão danados, outros salvos, sim, consoante o que terá sido a sua vida adentro desse seu condicionado mundo. À primeira vista, Salina, por exemplo, deve safar-se; o seu jogo fá-lo ele bem, cumpre as regras, não faz batota. Deus Nosso Senhor pune a quem infringe voluntariamente as leis divinas que conhece, a quem segue voluntariamente o mau caminho; mas quem segue o seu caminho, desde que nele não cometa nenhuma vilania, está sempre em regra. Se vossemecê, don Pietrino, vendesse cicuta em vez de hortelã-pimenta, sabendo-o, estava frito; mas se acreditasse estar dentro da razão, a ti Zana teria a morte nobilíssima de Sócrates e vossemecê ia direitinho para o Céu de túnica e de asinhas, de ponto em branco. A morte de Sócrates tinha sido de mais para o ervanário: rendera-se e dormia. O Padre Pirrone bem o notou e regozijou-se, porque agora ia poder falar livremente, sem receio de ser mal entendido; e ele queria falar, fixar nas volutas concretas das frases as ideias que obscuramente se agitavam dentro de si.

– E fazem muito bem, além do mais. Se soubesse, só para lhe dar um exemplo, a quantas famílias, que sem isso estariam nas pedrinhas da calçada, dão eles agasalho nos seus palácios! E não exigem nada em troca disso, nem mesmo a abstenção das ratoneirices habituais. E não fazem isto por ostentação, mas por uma espécie de obscuro instinto atávico que os obriga a não poder agir de outra maneira. Se bem que possa não parecer, são bem menos egoístas que tantos outros: o esplendor das suas casas, a pompa das suas festas contêm em si não sei quê de impessoal, um pouco como a magnificência das igrejas e da liturgia, qualquer coisa feita ad maiorem

gentis gloriam, que os redime, e não pouco; por cada taça de champanhe que bebem, oferecem cinquenta aos outros; quando maltratam algum pobre diabo, como sucede às vezes, não é tanto a sua personalidade que peca quanto a sua casta que se afirma. Faia crescunt. D. Fabrício, por exemplo, protegeu o sobrinho Tancredo: de certo modo salvou um pobre órfão que, doutra maneira, se teria perdido. Dir-me-á vossemecê que o fez porque se tratava também de um fidalgo, que ele não teria sequer posto um dedo em água fria por qualquer outro. É verdade, mas porque é que devia fazê-lo se, sinceramente, com todas as veras do seu coração, os “outros” lhe parecem, todos, exemplares mal acabados, estatuetas saídas deformadas das mãos do moldador e que nem vale a pena expor à prova da chama?

“Vossemecê, don Pietrino, se neste momento não estivesse a dormir, saltava-me em cima, dizendo-me que os fidalgos fazem muito mal em ter esse desprezo pelos outros, e que todos nós, igualmente sujeitos à dupla servidão do amor e da morte, somos iguais diante do Criador; e que poderei eu senão dar-lhe razão? Porém, acrescentarei que não é justo acoimar de desprezadores apenas os nobres, dado que isso é vício universal. Quem ensina na Universidade despreza o simples mestre-escola paroquial ainda que o não mostre e, já que vossemecê está a dormir, posso dizer-lhe sem reticências que nós, os eclesiásticos, nos consideramos superiores aos laicos, nós, os jesuítas, superiores ao resto do clero, da mesma maneira que vocês, os ervanários, desprezam os dentistas que vos pagam, aliás, na mesma moeda. Os médicos, por sua vez, riem-se de dentistas e ervanários, mas são eles próprios tratados de asnos pelos doentes que pretendem continuar a viver com o coração ou o fígado em compota. Para os magistrados, os advogados não passam de maçadores que procuram paralisar o funcionamento da justiça, e, por outro lado, a literatura está cheia

de sátiras contra a pomposidade, a ignorância e muitas vezes coisas piores dos mesmos senhores juizes. Não há senão os tolos a desprezarem-se a si próprios; quando estes tiverem aprendido a rir-se dos outros, o círculo ficará fechado e será preciso recomeçar do princípio.

“Alguma vez reparou, don Pietrino, na quantidade de nomes e profissões que se tornaram insultos? De “facchino”, “ciabattino” e “pasticciere”, no italiano, a “reître” e “pompier”, no francês.¹ As pessoas pensam lá nos méritos dos carregadores e dos bombeiros; olham apenas para os seus defeitos marginais, a todos tratam como mariolas e presumidos; e já que vossemecê não pode ouvir-me, posso dizer-lhe que conheço muitíssimo bem o significado corrente da palavra “jesuíta”.

“Depois, estes nobres têm o pudor das desditas próprias: cheguei a ver um, o desgraçado, que decidira

1. Facchino: carregador ou mariola, homem indecente, malcriado; ciabattino: fabricante ou vendedor de chinelos, remendão; pasticciere: pasteleiro; reître: soldado velho ou espertalhão; pompier: bombeiro, ou, de mau gosto, espalhafatoso, vaidoso, presumido. (Nota do tradutor.) matar-se no dia seguinte, e que parecia sorridente e cheio de vida como um rapaz na véspera da Primeira Comunhão; ao passo que vossemecê, don Pietrino, confesse lá, se se visse obrigado a beber uma das suas infusões de sene, havia de ensurdecer cá a terrinha com as suas lamentações. A cólera e a ironia são aristocráticas; a elegia, a querimónia, não. Vou até dar-lhe uma receita: se vossemecê encontrar um fidalgo lamuriento e chorão, examine-lhe a árvore genealógica: mais tarde ou mais cedo encontrará nela um ramo seco.

“Uma casta difícil de suprimir, porque, no fundo, se renova continuamente e porque, quando é preciso, sabe morrer bem, isto é, sabe lançar a sua semente no momento do fim. Olhe, em França, fizeram-se massacrar com elegância e, agora, lá estão como dantes, digo como dantes porque não são os latifúndios e os direitos feudais que fazem o nobre, mas as diferenças de natureza.

Contaram-me que há agora em Paris condes polacos que as insurreições e o despotismo obrigaram ao exílio e à miséria; fizeram-se condutores de fiacre, mas encaram os seus clientes burgueses com tal catadura que os pobrezinhos entram para o carro, sem saber porquê, com o ar humilde de cães a entrarem numa igreja.

“E digo-lhe mesmo, don Pietrino, se, como tantas vezes aconteceu, esta classe devesse desaparecer, constituir-se-ia logo outra equivalente, com as mesmas qualidades e os mesmos defeitos: já não seria talvez fundada sobre o sangue, mas, que sei eu... sobre a antiguidade da sua presença num dado lugar, ou um seu pretense melhor conhecimento de qualquer texto presumidamente sagrado.

Nesta altura, ouviu os passos da mãe na escada de madeira; ela entrou a rir:

– Olha lá, estavas a falar, meu filho? Não vês que o teu amigo está a dormir?

O Padre Pirrone ficou envergonhado; não retorquiu, mas disse:

– Vou acompanhá-lo. Coitado, tem de ficar ao frio toda a noite.

Tirou a mecha da lanterna, acendeu-a na chamazita do lampadário, alçando-se na ponta dos pés e manchando de óleo a sotaina; pô-la no seu lugar e fechou a portinhola. Don Pietrino velejava através do oceano dos sonhos; um fio de baba escorria-lhe dos lábios e vinha perder-se na gola. Foi preciso um bom momento para o despertar.

– Desculpa-me, Padre, mas tu dizias coisas tão estranhas, tão embrulhadas.

Sorriram, desceram e saíram. A noite submergia a casa, a aldeia, o vale; mas apercebiam-se os montes vizinhos, carrancudos como sempre. O vento amainara, mas fazia frio; as estrelas brilhavam furiosamente, produziam milhares de graus de calor, mas não conseguiam aquecer um pobre velho.

– Pobre don Pietrino! Quer que eu vá buscar-lhe outro capote?

– Obrigado, já estou habituado. A gente vê-se amanhã e então me dirás como é que o Príncipe de Salina suportou a revolução.

– Digo-lhe já em três palavras: diz que não houve nenhuma revolução e que tudo continuará como dantes.

– Olha a grande besta! E a ti não te parece uma revolução que o Presidente da Câmara queira fazer-me pagar as ervas criadas pelo bom Deus e que eu colho com as minhas próprias mãos? Ou já não estás bom da cabeça, também tu?

A luz da lanterna afastava-se aos sacões: acabou por desaparecer nas trevas densas como feltro.

O Padre Pirrone pensava que o mundo devia parecer um imenso quebra-cabeças a quem não conhecesse matemáticas nem teologia.

“Senhor meu Deus, apenas a Tua onisciência podia escogitar tais complicações.”

Uma outra amostra destas complicações caiu-lhe entre as mãos no dia seguinte de manhã. Quando descia, pronto para ir dizer missa na paróquia, encontrou Sarina, a irmã, a descascar cebolas. As lágrimas que ela tinha nos olhos pareceram-lhe de mais para terem origem naquela actividade.

– O que há, Sarina? Algum aborrecimento? Não te deixes abater: o Senhor aflige e consola.

A voz afectuosa dissipou o pouco de reserva que a pobre mulher possuía ainda; pôs-se a chorar clamorosamente, com a cara apoiada ao bordo da mesa. Entre os soluços ouviam-se sempre as mesmas palavras: “Angelina, Angelina... Se Vicenzino sabe, mata-os aos dois... Angelina... Ele mata-os!”

As mãos enfiadas na larga cinta negra, só com os polegares de fora, o Padre Pirrone, de pé, olhava-a. Não era difícil compreender: Angelina era a filha núbil de Sarina, o Vicenzino, de que tanto se temiam as fúrias, o pai, seu cunhado. A única incógnita da equação era o nome do outro, do eventual amante de Angelina.

Esta tinha-a o jesuíta tornado a ver ontem, mulher, depois de a ter deixado miúda choramingona, há sete anos. Devia ter uns dezoito anos e era feiota, com os lábios salientes das camponesas do sítio, os olhos assustados de cão sem dono. Tinha reparado nela ao chegar, e até, de si para consigo, chegara a estabelecer bem pouco caridosas comparações entre ela, misérrima como o diminutivo plebeu do seu nome, e aquela Angélica, sumptuosa como o seu nome ariostiano, que recentemente viera perturbar a paz da casa Salina.

A alhada portanto era grande e ele estava metido nela até aos cabelos; recordou-se do que dizia D. Fabrício: todas as vezes que se encontra um parente encontra-se um espinho; depois arrependeu-se de se ter recordado daquela frase. Apartou a mão direita da cinta, tirou o chapéu e bateu no ombro sacudido pelos soluços da irmã. – Vamos, Sarina, não chores! Estou cá eu por sorte, e chorar nada adianta. Onde está Vicenzino?

Vicenzino já tinha saído para Rimato, aonde ia encontrar-se com o guarda dos Schiró. Do mal o menos, podia-se falar sem temer surpresas. Entre soluços, lágrimas, fungadelas, toda a escabrosa história veio à luz do dia: Angelina, aliás Gelina, tinha-se deixado seduzir; a grande escorregadela

ocorrera durante o verão de São Martinho; ia encontrar o amado no palheiro de Dona Nunziata; agora estava grávida de três meses; louca de terror tinha confessado tudo à mãe; dentro de pouco tempo começaria a dar-se pela barriga; e Vicenzino ia fazer uma mortandade.

– Mata-me também a mim, mata, porque não lhe disse nada; ele é um “homem de honra”.

De facto, com a testa baixa, com os seus cacciolani – tufo de cabelo que deixara nas têmporas –, com o bambolear da sua marcha, com o bolso direito das calças perpetuamente entumescido, via-se logo que Vicenzino era um “homem de honra”, um desses violentos imbecis capazes de todos os estragos.

Sarina teve uma nova crise de pranto, mais forte que a primeira, porque, nesta, aflorava também o remorso demente de ter desmerecido do marido, aquele espelho de cavalheirismo.

– Sarina, Sarina, então, outra vez! Não faças isso! O moço tem de casar com ela, e há-de casar. Vou a casa dele, falo com ele e com a família, tudo se há-de arranjar. Vicenzino só saberá do noivado e a sua preciosa honra ficará intacta. Tenho porém de saber quem foi. Se o sabes, diz-mo.

A irmã levantou a cabeça: nos olhos liam-se-lhe agora outro terror, não já o animalesco das facadas, mas outro, mais precioso, mais acerbo, que o irmão não pôde de momento decifrar.

– Santino Pirrone, foi Santino Pirrone! O filho de Turi! E fê-lo para afrontar-me, para afrontar-me a mim e à nossa mãe e à santa memória do nosso pai. Eu nunca lhe falei, todos diziam que era um bom rapazinho, mas não: é um infame, um digno filho do canalha do pai dele, um desavergonhado. Depois é que me lembrei: em Novembro, via-o sempre passar aqui à porta, com mais

dois amigos, com um gerânio encarnado atrás da orelha. Fogo do inferno, fogo do inferno!

O jesuíta agarrou numa cadeira, sentou-se ao pé da irmã. Era evidente, tinha de dizer a missa mais tarde. O caso era grave. Turi, o pai de Santino, do sedutor, era um tio seu: o irmão, mesmo o irmão mais velho, de aquela santa alma. Há vinte anos tinha sido associado do defunto na guarda da Abadia, precisamente no momento da sua maior e mais meritória actividade. Depois, um litígio, uma daquelas lides familiares de raízes inextricáveis, que é impossível sarar porque nenhuma das duas partes fala claramente, tendo cada uma delas muito que esconder. O facto é que, quando o pai de Sarina entrou na posse do pequeno amendoal, o irmão Turi apareceu a dizer que na realidade metade da sebe lhe pertencia porque metade do dinheiro, ou ao menos metade da fadiga, fornecera ele; no acto de aquisição, porém, figurava apenas o nome de Caetano, santa alma. Turi foi aos arames e percorreu as ruas de S. Cono com espuma na boca: o prestígio do irmão ficou assim em jogo, amigos puseram-se de permeio e evitou-se o pior; as amendoeiras continuaram nas mãos de Caetano, mas o abismo entre os dois ramos da família Pirrone tornou-se intransponível; Turi, depois, não assistiu sequer aos funerais do irmão e na casa da cunhada era designado por “o canalha”, nada menos. O jesuíta de tudo fora informado por cartas intrincadas ditadas ao pároco, e acerca da canalhice tinha ideias pessoalíssimas que não exprimia, por reverência filial. As amendoeiras, agora, pertenciam a Sarina. Tudo era claro: o amor, a paixão, não estavam em jogo. Tratava-se tão-só de um golpe sujo que vingava outro golpe sujo. Remediável, porém: o jesuíta agradeceu à Providência que o havia conduzido a São Cono precisamente nesta altura.

– Ouve, Sarina, vou reparar esta desgraça em duas horas; mas tu tens de me ajudar: metade de Chibbaro (era o amendoal) tens de dá-lo em dote a Gelina. Não há outro remédio: aquela estúpida arruinou-te.

E pensava como o Senhor se serve algumas vezes mesmo das cadelas em cio para fazer actuar a Sua justiça. Sarina assanhou-se:

– Metade de Chibbaro! Para aquela raça de malandros! Nunca! Antes morrer!

– Muito bem. Então depois da missa vou falar com Vincenzino. Não tenhas medo, procurarei acalmá-lo.

Tornou a pôr o chapéu na cabeça e as mãos na cinta. Esperava, paciente, seguro de si.

Uma edição da fúria de Vincenzino, embora revista e expurgada por um padre jesuíta, era sempre qualquer coisa de ilegível para a infeliz da Sarina, que, pela terceira vez, desatou a chorar. Pouco a pouco, porém, os soluços decresceram, cessaram. A mulher levantou-se:

– Seja feita a vontade de Deus: arranja tu as coisas, que isto já não é vida, não é nada. Meu belo Chibbaro! Todo o suor do nosso pai!

As lágrimas estavam a ponto de recomeçar, mas o Padre Pirrone já ia longe.

Celebrado o Divino Sacrifício, aceite a chávena de café oferecida pelo cura, o jesuíta dirigiu-se acto contínuo para a casa do tio Turi. Nunca lá tinha estado, mas sabia que era uma casinhola paupérrima, mesmo no cimo da aldeia, ao pé da forja de mestre Ciccu. Encontrou-a logo, e, dado que não havia janelas e que a porta estava aberta para deixar entrar uma réstia de sol, deteve-se na soleira: na obscuridade, lá dentro, viam-se, em monte, albardas

para mulas, alforjes e sacos: don Turi ganhava a vida como almocreve, ajudado, agora, pelo filho.

– Dorazio! – gritou o Padre Pirrone.

Era uma abreviatura da fórmula Deo gratias (agamus) que servia aos eclesiásticos para pedir licença para entrar.

Uma voz de velho respondeu:

– Quem é? – e um homem levantou-se do fundo do quarto e avizinhou-se da porta.

– Sou o seu sobrinho, o Padre Xavier Pirrone. Queria falar-lhe, se me dá licença.

A surpresa não foi grande: há dois meses, pelo menos, a sua visita, ou a de um delegado seu, devia ser esperada. O tio Turi era um velho vigoroso e direito, curtido e recurtido do sol e do granizo, com o rosto cheio daqueles sulcos sinistros que as desgraças traçam na cara das pessoas que não são boas.

– Entra – disse sem sorrir.

Deixou passar o sobrinho e esboçou até, de má vontade, o gesto de lhe beijar a mão. O Padre Pirrone sentou-se numa grande sela de madeira. O ambiente não podia ser mais pobre: duas galinhas esgaravatavam a um canto e tudo cheirava a esterco, a panos molhados, a extrema miséria.

– Tio, há já muitíssimos anos que nos não vemos, mas disso não tenho eu a mínima culpa; eu não vivo cá na terra, como sabe, e de resto o senhor nunca aparece em casa de minha mãe, sua cunhada; e isso magoa-nos.

– Eu naquela casa nunca mais ponho os pés. Turi Pirrone nunca se esquece das ofensas que lhe fazem, nem que seja vinte anos depois.

– Decerto, compreende-se, decerto. Mas eu hoje venho, como a pomba da Arca de Noé, assegurar-lhe que o dilúvio acabou. Estou muito contente por me encontrar aqui e senti-me muito feliz ontem, quando me disseram em casa que Santino, o seu filho, está noivo da minha sobrinha Angelina. Segundo me disseram, ele é bom rapaz, ela é boa rapariga e a sua união acabará com o dissídio que existe entre as nossas duas famílias, o que, a mim, permita-me dizê-lo, sempre me desgostou.

O rosto de Turi exprimiu uma surpresa demasiado manifesta para não ser fingida.

– Não fosse o hábito sagrado que traz vestido, Padre, e diz-lhe-ia que está a mentir. Sabe Deus que patranhas não lhe contou o mulherio lá de sua casa. Santino nunca, em sua vida, falou com Angelina; é um filho demasiado respeitador para ir contra os desejos do seu pai.

O jesuíta admirava a segura do velho, a imperturbabilidade das suas mentiras.

– Então, tio, informaram-me mal; imagine que até me disseram que vocês já se tinham posto de acordo quanto ao dote e que hoje iam os dois a nossa casa para o “reconhecimento”. Que balelas não inventam estas mulheres ociosas! Porém, ainda que não sejam verdadeiros, estes enredos mostram o desejo do seu bom coração. Bem, meu tio, é inútil eu continuar aqui: vou já para casa dar uma descompostura a minha irmã. E desculpe-me; fiquei muito contente por tê-lo encontrado de boa saúde.

A cara do velho começava a revelar um interesse ávido.

– Espere, Padre. Continue a fazer-me rir com as tagarelices de sua casa; e de que dote falavam essas mexeriqueiras?

– Que sei eu, meu tio! Parece-me ter ouvido falar em metade de Chibbaro! Gelina, diziam, é a menina dos seus olhos e nenhum sacrifício lhes parece exagerado para assegurar a paz na família.

Don Turi já não ria. Levantou-se.

– Santino! – pôs-se ele a berrar com a mesma força com que se dirigia aos machos teimosos. E, como ninguém vinha, gritou mais alto ainda:

– Santino! Sangue da Madona, que estás tu a fazer? Ao ver o Padre Pirrone estremecer, tapou a boca com um gesto inesperadamente servil.

Santino estava a dar de comer aos animais no pequeno pátio contíguo. Entrou atemorizado com a almofaça na mão; era um belo matulão de vinte e dois anos, alto e seco como o pai, mas com os olhos ainda sem aspereza. No dia anterior tinha, como todos, visto passar o jesuíta pelas ruas da aldeia e reconheceu-o logo.

– Este é Santino. E este é o teu primo, o Padre Xavier Pirrone. Agradece a Deus que esteja aqui o reverendíssimo, quando não arrancava-te as orelhas. Que coisa vem a ser essa de andares para aí a namoriscar sem que eu, que sou teu pai, o saiba? Os filhos nascem para os pais e não para andar a correr atrás das saias.

O moço estava envergonhado, não talvez da desobediência, mas sim do consentimento passado, e não sabia que dizer; para sair da atrapalhão pousou a almofaça em terra e foi beijar a mão ao sacerdote. Este mostrou os dentes num sorriso e esboçou um gesto de bênção.

– Deus te abençoe, meu filho, ainda que me pareça que não o mereças.

O velho prosseguia:

– Aqui o teu primo tanto me pediu e suplicou que eu acabei por dar o meu consentimento. Mas porque raio é que não me disseste primeiro? Agora vai-te lavar que vamos já a casa de Gelina.

– Um momento, tio, um momento. – O Padre Pirrone pensava que tinha ainda que falar com o “homem de honra” que não sabia de coisa alguma. – Em casa querem com certeza fazer alguns preparativos; de resto, tinham-me dito que vos esperavam ao fim da tarde. Vinde a essa hora e será para nós uma alegria receber-vos.

E com isto se foi, abraçado pelo tio e pelo primo. De regresso à casinha cúbica, o Padre Pirrone encontrou o cunhado Vincenzino já recolhido a penates e assim, para tranquilizar a irmã, não pôde fazer mais do que piscar-lhe o olho por trás das costas do veemente esposo, o que, de resto, tratando-se de dois sicilianos, era de todo suficiente. Depois disse ao cunhado que tinha de falar-lhe, e os dois dirigiram-se para uma latada esquelética que havia atrás da casa. A fímbria inferior ondulante da sotaina traçava em torno do jesuíta uma espécie de fronteira móvel, intransponível; as nádegas gordas do “homem de honra” bamboleavam-se, símbolo perene de ativa ameaça. A conversa foi de resto completamente diferente do que se previa. Uma vez assegurado da iminência das núpcias de Gelina, a indiferença do “homem de honra”, no que respeita à conduta da filha, foi marmórea. Ao contrário, desde a primeira referência ao dote a entregar, os olhos deram-lhe de rolar nas órbitas, as veias das têmporas entumesceram-se-lhe e a ondulação do andar tornou-se-lhe frenética: uma cascata de considerações obscenas brotou-lhe da boca, torpes, coroada ao fim pelas ameaças mais mortíferas; a mão, que não esboçara um gesto em defesa da honra da filha, correu-lhe, nervosa, a palpar o bolso direito das calças para significar que na defesa das

amendoeiras estava disposto a derramar até à última gota o sangue dos outros.

O Padre Pirrone deixou que as turpitudes se exaurissem, contentando-se com rápidos sinais da cruz, quando elas, tantas vezes, confinavam com a blasfémia; ao gesto anunciador dos morticínios não mexeu um músculo sequer. Durante uma pausa:

– É evidente – disse – que também eu quero contribuir para este ajuste. Aquela carta particular, que me assegura a propriedade do que me cabe na herança daquela santa alma, vou mandar-ta de Palermo, rasgada.

O efeito deste bálsamo foi imediato. Vicenzino, ocupado a calcular mentalmente o valor da herança antecipada, calou-se; e no ar soalhento e frio passaram as notas desafinadíssimas de uma canção que a Gelina dera na gana cantar enquanto varria o quarto do tio.

À tardinha, o tio Turi e Santino vieram fazer a sua visita, aceitavelmente lavados e de camisas alvíssimas. Os dois noivos, sentados em duas cadeiras contíguas, de caras juntas, prorrompiam de vez em quando em fragorosas gargalhadas sem palavras. Estavam contentes deveras, era por se “arrumar” e por ter aquele belo macho à disposição, ele por ter seguido os conselhos paternos e por ter agora uma serva e meio amendoal. O gerânio vermelho que ostentava de novo atrás da orelha já a ninguém parecia um reflexo do inferno.

Dois dias depois o Padre Pirrone regressava a Palermo. Pelo caminho ia pondo em ordem as suas impressões, que não eram todas agradáveis: aquela paixão brutal amadurecida no verão de S. Martinho, aquele magro meio amendoal recuperado por meio de uma corte premeditada, mostravam-lhe o aspecto rústico, miserável, de outros acontecimentos a que recentemente

assistira. Os grandes senhores eram reservados e incompreensíveis, os camponeses explícitos e claros; mas a uns e a outros o Demónio enrolava à volta do mendinho, de igual maneira.

Em villa Salina foi encontrar o Príncipe de excelente humor. D. Fabrício perguntou-lhe se tinha passado bem aqueles quatro dias e se se lembrara de apresentar as suas saudações à mãe. Ele conhecia-a, de facto: seis anos antes ela fora hóspede da villa e a sua serenidade de viúva aprazera aos donos da casa. De tais saudações o jesuíta tinha-se esquecido completamente, e calouse; mas disse logo que a mãe e a irmã o tinham encarregado de dar cumprimentos a Sua Excelência, o que não passava de uma fábula, menos grave portanto que uma mentira.

– Excelência – acrescentou em seguida –, desejava pedir-lhe o favor de, amanhã, se pudesse, dar ordem para me aparelharem uma carruagem: tenho de ir ao Arcebispado pedir uma dispensa de casamento: uma sobrinha minha está noiva de um primo.

– Decerto, Padre Pirrone, decerto, como quiser; mas depois de amanhã tenho de ir a Palermo; podia vir então comigo; mas é assim coisa de tanta pressa?

Capítulo VI

A CAMINHO DO BAILE. O BAILE: ENTRADA DE PALLAVICINO E DOS SEDARA – DESCONTENTAMENTO DE D. FABRÍCIO – A SALA DE BAILE – NA BIBLIOTECA – D. FABRÍCIO DANÇA COM ANGÉLICA – A CEIA; CONVERSA COM PALLAVICINO – O BAILE ESMORECE: REGRESSO A CASA

Novembro, 1862

A Princesa Maria Stella subiu para a carruagem, sentou-se sobre o cetim azul das almofadas, aconchegou à volta as pregas roçagantes do vestido. Entretanto, Concetta e Carolina, por sua vez, subiam: sentaram-se em frente da mãe. Dos seus vestidos cor-de-rosa, iguais, desprendia-se um ténue perfume a violeta. A seguir, o peso despropositado de um pé a apoiar-se no estribo fez vacilar a caleche sobre as molas altas: D. Fabrício subia. A carruagem ficou cheia como um ovo: as ondas das sedas, das armações de três crinolinas, encapelavam-se, agrediam-se, confundiam-se até quase à altura das cabeças; em baixo era uma barafunda inextricável de calçado, sapatinhos de seda das raparigas, sapatinhos mordoré da Princesa, sapatões de verniz do Príncipe; cada um sofria a presença dos pés dos outros e não sabia já onde estavam os próprios.

Recolheram-se os dois degraus do estribo, e o lacaios recebeu ordens: “Para o palácio Ponteleone.” O desgraçado subiu para o seu lugar, o palafrenero, que segurava a brida dos cavalos, afastou-se, o cocheiro fez imperceptivelmente estalar a língua: a caleche partiu.

Iam a um baile.

Palermo, naquela altura, atravessava um dos seus intermitentes períodos de mundanidades: havia o furor dos bailes. Depois da vinda dos piemonteses, depois do lamentável feito de Aspromonte, afugentados os espectros da expropriação e da violência, as duzentas pessoas que compunham a sociedade não se cansavam de encontrar-se, sempre as mesmas, para se congratularem de existir ainda.

Tão frequentes eram as diversas, se bem que idênticas, festas, que os Príncipes de Salina tinham vindo passar três semanas ao seu palácio da cidade para não terem de fazer todas as noites o longo trajecto de San Lorenzo. Os vestidos das senhoras chegavam de Nápoles em compridas caixas negras semelhando fêretros e havia um vaivém histérico de modistas, cabeleireiros e sapateiros; criados exasperados levavam às costureiras bilhetinhos ansiosos. O baile dos Ponteleone seria o mais importante daquela breve estação: importante para todos, pelo esplendor da linhagem dos anfitriões e do seu palácio, pelo número dos convidados; mais importante ainda para os Salinas, que, nesse dia, apresentavam Angélica, a belíssima noiva do sobrinho, à sociedade. Eram apenas dez e meia, cedo demais para se chegar a um baile quando se é Príncipe de Salina, que tem jus a apresentar-se sempre quando a festa já tiver perdido toda a febrilidade. Desta vez, porém, não se podia fazer doutro modo, já que era preciso lá estar quando entrassem os Sedaras, que (“não sabem ainda estas coisas, pobrezinhos”) eram gente para tomar à letra a indicação da hora escrita no

cartão gelado do convite. Não tinha custado pouco trabalho fazer-lhes enviar um desses convites: ninguém os conhecia, e a Princesa Maria Stella, dez dias antes, houvera de sujeitar-se a fazer uma visita a Margarida Ponteleone; tudo correria bem, como se compreende, mas, não obstante, o caso tinha sido um dos pequenos espinhos que o noivado de Tancredo espetara nas patas delicadas do Leopardo.

O breve percurso até ao Palácio Ponteleone fazia-se através de um emaranhado de vielas lóbregas, e avançava-se a passo: Rua Salina, Rua Valverde, a descida dos Bambinai, tão festiva de dia com as suas lojecas de figurinhas de cera, tão tétrica à noite. As ferraduras dos cavalos ressoavam por entre as casas negras que dormiam ou fingiam dormir.

As raparigas, esses seres incompreensíveis para quem um baile é uma festa e não um fastidioso dever mundano, parlavam, alegres, a meia voz; a Princesa Maria Stella apalpava a bolsa para se assegurar da presença do frasquinho de “sais voláteis”; D. Fabrício antegozava o efeito que a beleza de Angélica faria sobre toda aquela gente que a não conhecia e o que a sorte de Tancredo produziria sobre essas mesmas pessoas que, a esse, sim, por de mais o conheciam. Uma sombra, porém, obscurecia o seu contentamento: como seria o fraque de don Calogero? Não certamente como o que envergara em Donnafugata: o fulaninho tinha sido confiado a Tancredo, que o arrastara ao melhor alfaiate e até lhe tinha assistido às provas. Oficialmente, dias antes, Tancredo mostrara-se satisfeito com os resultados; mas, à puridade, dissera: “O fraque é como pode ser; o pai de Angélica não tem chique.” Era inegável; mas Tancredo fizera-se garante de uma barba perfeita e da decência dos sapatos. Era já qualquer coisa.

No sítio em que a descida dos Bambinai desemboca junto à abside de S. Domenico, a carruagem parou: ouvia-se um grácil campainhar e, de uma

esquina, um padre surgiu, transportando o cálice com o Santíssimo; atrás, um menino de coro conservava-lhe sobre a cabeça um pálio branco recamado a ouro; adiante, outro tinha na mão esquerda um grosso círio aceso e, com a direita, agitava, muito divertido, uma sineta de prata. Era sinal de que uma daquelas casas trancadas escondia uma agonia: era o Santo Viático. D. Fabrício ajoelhou no passeio, as senhoras fizeram o sinal da cruz, o somido da sineta sumiu-se nas betesgas que se precipitam para San Giacomo, a caleche, com os seus ocupantes onerados por uma admoestação salutar, pôs-se de novo a caminho da sua meta, já vizinha. Chegaram, desceram à porta da entrada; a carruagem desapareceu na imensidade do pátio de onde provinham estrompidos e luzes das equipagens chegadas antes.

A escadaria era de material modesto mas de proporções nobilíssimas; ao lado de cada degrau, flores silvestres expandiam um perfume agreste; no patamar, que dividia os dois lanços, as librés amaranço de dois lacaios, imóveis sob peruca empoada, punham uma nota de cor vivaz no cinzento-pérola do ambiente. De duas janelas, altas e gradeadas, jorravam risos e murmúrios infantis: os filhos miúdos e os netos dos Ponteleone, excluídos da festa, desferravam-se, troçando dos convidados. As senhoras Salina alisavam as pregas dos vestidos, D. Fabrício, com a cartola debaixo do braço, ultrapassava-as em altura de toda a cabeça, apesar de estar um degrau mais abaixo. À porta do primeiro salão estavam os donos da casa; ele, D. Diego, encanecido e pançudo, que apenas os olhos arrogantes salvavam de uma aparência plebeia; ela, Dona Margarida, que, entre o ofuscante coruscar do diadema e da tríplice gargantilha de esmeraldas, mostrava o rosto afilado e adunco de velho cónego.

– Vieram tão cedo! Tanto melhor! Mas estejam sossegados, os vossos convidados ainda não apareceram. – (Um novo argueiro martirizou as unhas

sensíveis do Leopardo.) – Tancredo também já cá está.

De facto, no canto oposto do salão, o sobrinho, negro e subtil como uma cobra, fazia grupo com três ou quatro mancebos e fazia-os rir até às lágrimas com anedotas das suas, certamente ousadas; mas conservava os olhos, como sempre inquietos, fixos na porta da entrada. As danças tinham já começado e através de três, quatro, cinco, salões, chegavam da sala de baile as notas da orquestra. – E esperamos ainda o Coronel Pallavicino, que tão bem se portou em Aspromonte.

Esta frase do Príncipe de Ponteleone parecia simples, mas não era. À superfície era uma constatação privada de sentido político, tendente apenas a elogiar o tacto, a delicadeza, a comoção, a ternura quase, com que uma bala fora cravada no pé do General; e, ainda, as chapeladas, as genuflexões, os beija-mãos, que a tinham acompanhado, dirigidos ao ferido, herói jacente debaixo de um castanheiro das montanhas da Calábria e que, também ele, sorria, de comoção e não de ironia como aliás seria de esperar (Garibaldi, ai de nós, era completamente desprovido de humor).

Num estágio intermédio da psicologia principesca a frase tinha um significado técnico e pretendia elogiar o coronel por ter tomado bem as suas disposições, alinhado oportunamente os seus batalhões e ter podido realizar, contra o mesmo adversário, o que Landi tão incompreensivelmente não lograra em Calatafimi. No fundo do pensamento do Príncipe, por fim, o coronel “tinha-se conduzido bem” porque conseguira deter, desbaratar, ferir e capturar Garibaldi, e, ao fazer isto, tinha salvo o compromisso, tão penosamente obtido, entre o velho e o novo estado de coisas.

Evocado, criado quase, por essas palavras lisonjeiras e ainda mais lisonjeiras reflexões, o coronel apareceu no alto das escadas. Avançava por

entre o tinido de boldriés, cadeias e esporas, a farda assertoada, chapéu emplumado debaixo do braço, sabre curvo, apoiado ao pulso esquerdo. Era homem do mundo e de maneiras redondas, especializado, como doravante toda a Europa o saberia, em beija-mãos densos de significado; todas as senhoras sobre cujos dedos se pousaram naquela noite os seus bem cheirosos bigodes tiveram ocasião de reevocar, com conhecimento de causa, o minuto histórico que a imaginação popular já exaltara.

Depois de ter sustentado o chuveiro de elogios assestado sobre ele pelos Ponteleone, depois de ter apertado os dois dedos que D. Fabrício lhe estendera, Pallavicino foi submerso pela onda vaporosa e perfumada de um grupo de senhoras. Os seus traços, deliberadamente viris, emergiam acima das espáduas cândidas e ouviam-se frases suas destacadas: “Eu chorava, Condessa, chorava como um menino”; ou então: “Ele era belo e sereno como um Arcanjo.”

Este sentimentalismo másculo arrebatava aquelas clamas, que as fuzilarias dos seus bersaglieri já tinham tranquilizado.

Angélica e don Calogero tardavam, e já os Salina pensavam em passar a outros salões quando viram Tancredo abandonar de repelão a sua roda e dirigir-se, qual foguete, para a entrada: os desejados chegavam. Acima do disciplinado turbilhão da crinolina cor-de-rosa, os ombros nacarados de Angélica desciam pelos braços fortes e doces; a cabeça erguia-se-lhe, pequena e desdenhosa, acima do pescoço, juvenilmente liso, adornado de pérolas intencionalmente modestas. Quando, da abertura da longa luva glacée, ela fez sair a mão, um tanto grande mas de talhe perfeito, viu-se cintilar a safira napolitana.

Don Calogero, na sua esteira, era o rato custódio de uma rosa de chamas; no seu trajar não havia elegância, mas, desta vez, decência. O seu único erro era trazer na botoeira a cruz da Coroa da Itália com que fora agraciado de recente, cruz que, aliás, desapareceu rapidamente num dos bolsos clandestinos de Tancredo.

O noivo já ensinara a Angélica a impassibilidade, esse fundamento da distinção. (“Expansiva e barulhenta, apenas podes sê-lo comigo, querida; para todos os outros deves ser a Princesa de Falconéri, superior a muitos, igual a quem quer que seja.”) E, por isso, a vénia que ela dirigiu à dona da casa foi, embora pouco espontânea, uma extremamente sábia mistura de modéstia virginal, altanaria neo-aristocrática e graça juvenil.

No fim de contas, os Palermitanos são italianos, tão sensíveis portanto quanto os outros ao fascínio da beleza e ao prestígio do dinheiro; por outro lado, Tancredo, embora atraente, sendo notoriamente pelintra, era considerado partido pouco apetecível (sem razão de resto, como se viu depois, tarde demais): era por consequência mais apreciado por senhoras casadas que por moças casadoiras, Estes méritos e deméritos conjuntamente fizeram que o acolhimento recebido por Angélica fosse de um calor imprevisto. Um que outro jovem, para dizer a verdade, deve ter-se arrependido por não ter sido ele a desencantar tão bela ânfora cheia de moedas; mas Donnafugata era domínio de D. Fabrício e, se ele tinha lá encontrado aquele tesouro e o tinha passado ao seu amado Tancredo, ninguém podia queixar-se mais do que se ele tivesse descoberto uma mina de enxofre numa das suas terras: era coisa sua, nada havia a dizer.

Aliás, mesmo estas fugitivas oposições se dissiparam diante da irradiação daqueles belos olhos. A certa altura chegou a verificar-se um tropel de juvenzinhos a quererem ser-lhe apresentados, a pedir-lhe uma dança: a cada

um Angélica dispensava um sorriso da sua boca de morango, a cada um mostrava o seu carnet, no qual a todas as polcas, mazurcas e valsas se seguia a assinatura possessiva: Falconéri. Da parte das raparigas, as propostas de “se tratarem por tu” choviam e, uma hora depois, Angélica encontrava-se à vontade entre pessoas que da rudeza da mãe e da sovinice do pai não tinham a mais pequena ideia.

A sua compostura não se desmentiu um minuto sequer: nunca a viram errar, sozinha, com a cabeça nas nuvens, nunca os braços se lhe afastaram do corpo, nunca a voz se lhe elevou acima do diapásão (de resto bastante alto) das outras senhoras. Pois não lhe tinha Tancredo dito no dia anterior: “Bem vês, querida, nós (e portanto também tu, agora) queremos às nossas casas e às nossas mobílias mais do que a qualquer outra coisa; nada nos ofende mais do que uma indiferença em relação a elas; portanto, olha para tudo e elogia tudo; de resto, o palácio Ponteleone merece-o; mas, como já não és nenhuma provincianazinha que se surpreende com tudo o que vê, debes temperar sempre com qualquer reserva os teus elogios; admira, sim, mas compara sempre com qualquer arquétipo que tenhas visto antes e que seja ilustre!”

As longas visitas ao palácio de Donnafugata muito tinham ensinado a Angélica e, assim, naquela noite, ela admirou todas as tapeçarias, mas acrescentou que as do Palácio Pitti tinham mais belas orlas; elogiou a Madona de Dolci, mas fez notar que a do Grão-Duque tinha uma melancolia mais expressiva; e até da talhada de torta, que um desvelado e jovem admirador lhe trouxera, ela disse que era excelente, tão boa quase como a de Monsu Gaston, o cozinheiro dos Salinas. E como Monsu Gaston era o Rafael dos cozinheiros e as tapeçarias de Pitti os Monsu Gaston das tapeçarias, ninguém pôde encontrar coisa alguma a objectar e até ficaram todos muito lisonjeados com o confronto; e ela começou desta sorte e desde essa noite a

adquirir a fama de cortês mas inflexível entendedora de arte, que devia, abusivamente, acompanhá-la toda a sua longa vida.

Enquanto Angélica colhia louros, Maria Stella mexericava num divã com duas velhas amigas e Concetta e Carolina esfriavam com a sua timidez os mocinhos mais corteses. D. Fabrício, esse, errava pelos salões: beijava a mão das senhoras que encontrava, martirizava os ombros dos homens que queria saudar, mas sentia que o mau humor o invadia lentamente. Antes de mais a casa não lhe agradava: os Ponteleone há setenta anos que não tinham renovado o mobiliário, que era ainda do tempo da Rainha Carolina, e ele, que acreditava ter gostos modernos, indignava-se. “Mas, Santo Deus, com os réditos de Diego não era preciso muito para deitar fora todo este bricabraque, todos estes espelhos foscos! Que mande fazer uma boa mobília de palissandro e pelúcia, que viva com comodidade, que diabo, e não obrigue os convidados a vaguear através destas catacumbas. Ainda lho hei-de dizer.” Mas não o disse nunca porque estas opiniões nasciam apenas do seu mau humor e da tendência muito sua para a contradição: esquecia-as depressa e ele próprio – não é verdade? – não renovava coisa alguma nem em San Lorenzo nem em Donnafugata. Naquele momento, porém, bastavam para aumentar-lhe o desconforto.

As mulheres que estavam no baile não lhe agradavam mais. Duas ou três de entre elas tinham sido suas amantes, e, vendo-as agora, carregadas de anos e de noras, esforçava-se por recriar para si a imagem delas vinte anos atrás e irritava-se ao pensamento de que havia desperdiçado os seus melhores anos a perseguir (e a obter) semelhantes horrores. Mesmo as jovens, porém, não lhe diziam grande coisa, a não ser duas delas: a juvenil Duquesa de Palma, de quem admirava os olhos gris e a severa suavidade do porte; Tutu Làscari também, da qual, fosse ele mais novo, teria sabido extrair acordes

singularíssimos. Mas as outras... Bom fora que, das trevas de Donnafugata, Angélica tivesse emergido para mostrar aos Palermitanos que coisa era uma bela mulher.

Não se podia deixar de lhe dar razão: naqueles tempos a frequência de matrimónios entre primos, ditados pela preguiça sexual e por cálculos fundiários, a escassez de proteínas na alimentação, agravada pela abundância de amiláceos, a falta total de ar puro e de movimento, tinham enchido os salões de uma multidão de rapariguinhas incrivelmente baixas, inverosimilmente oliváceas, insuportavelmente belfas. Passavam elas o tempo grudadas umas às outras, lançando apenas apelos em coro aos rapazinhos estarecidos, destinadas, parecia, tão-somente a servirem de fundo a três ou quatro belas criaturas que, como a loira Maria Palma, a belíssima Eleonora Ciiarclinelli, passavam deslizando como cisnes num charco pejado de rãs.

Mais as via e mais se irritava. O seu espírito, habituado às longas solidões e aos pensamentos abstractos, acabou, num dado momento, ao passar por uma comprida galeria, debaixo de cujo pouf central se reunira uma numerosa colónia daquelas criaturinhas, por lhe provocar uma espécie de alucinação: viu-se guarda de jardim zoológico no acto de vigiar uma centena de jovens macacas. Esperava vê-las, de um momento para o outro, empoleirarem-se nos lustres e daí, suspensas pelas caudas, baloiçarem-se, exibindo os traseiros e lançando cascas de nozes, gritinhos e rangidos de dentes sobre os pacíficos visitantes.

Coisa estranha, foi uma sensação religiosa que veio alheá-lo daquela visão zoológica: de facto, do grupo de monas de crinolina subia uma monótona, contínua, evocação sagrada: “Maria! Maria!”, exclamavam perpetuamente aquelas pobres mocinhas. “Maria!, que bela casa!”; “Maria, que belo homem

é o Coronel Paliavicino!"; "Maria! doem-me tanto os pés!"; "Maria! a fome que eu tenho! Quando é que abre o bufete?" O nome da Virgem, invocado por aquele coro virginal, enchia a galeria e transformava de novo as macaquinhas em mulheres, dado que não constava ainda que os ouistiti das florestas brasileiras se tivessem convertido ao catolicismo.

Ligeiramente nauseado, o Príncipe passou à sala vizinha. Aí, em contraste, estava acampada a tribo, diversa e hostil, dos homens: os jovens dançavam e os restantes eram apenas velhos, todos amigos seus. Sentou-se por momentos entre eles: ali a Rainha dos Céus já não era invocada em vão, mas, em compensação, os lugares-comuns, as trivialidades, tornavam a atmosfera irrespirável. Entre estes senhores, D. Fabrício passava por "extravagante"; a sua paixão pelas matemáticas era considerada quase perversão pecaminosa, e não fosse ele Príncipe de Salina e conhecido como óptimo cavaleiro, infatigável caçador e medianamente mulherengo, as suas paralaxes e os seus telescópios ter-lhe-iam feito correr o risco do ostracismo. De resto, já pouco lhe falavam porque o azul frio dos seus olhos, entrevisto entre as pálpebras pesadas, fazia perder as estribeiras aos interlocutores, e ele encontrava-se muitas vezes isolado, não por respeito, como julgava, mas por temor.

Levantou-se; a melancolia transformara-se-lhe em autêntico humor negro. Tinha feito 'mal em vir ao baile: Stella, Angélica, as filhas ter-se-iam arranjado sozinhas perfeitissimamente, e ele neste momento podia estar beatificamente no seu pequeno gabinete, contíguo ao terraço, na Rua Salina, escutando o murmúrio da fonte e procurando agarrar cometas pela cauda. "Enfim, já que cá estou, ir-me embora seria descortês. Vamos ver os dançarinos."

Na sala de baile tudo era ouro: ouro liso nas cornijas, trabalhado nas esquadrias das portas, tauxiado e claro, quase argênteo, sobre fundo mais

escuro, nas próprias portas e nas persianas que fechavam as janelas e as anulavam, conferindo assim ao ambiente um significado orgulhoso de escrínio que excluísse a mais pequena referência ao exterior indigno. Não era o dourado impudente que os decoradores de agora alardeiam, mas um ouro consumido, pálido como o cabelo de certas meninas do Norte, empenhado em esconder o valor atrás de uma pudicícia, hoje perdida, de matéria preciosa que deseja mostrar a beleza e fazer esquecer o custo. Aqui e além, nos lambris, nós de flores rococó, mas de tão esvaída cor que mais pareciam um efêmero rubor devido ao reflexo dos lampadários.

Aquela tonalidade solar, aquele ondear de sombras e de brilhos, magoaram, todavia, o coração de D. Fabrício, que se mantinha, negro e rígido, no vão de uma porta; naquela sala eminentemente patricia vinham-lhe à mente imagens campestres: o timbre cromático era o mesmo das sementeiras a perderem-se de vista à volta de Donna fugata, estáticas, implorando clemência à tirania do sol; também nesta sala, como nas suas propriedades a meio Agosto, a colheita fora feita já há tempo, armazenada algures e, como lá, subsistia dela apenas a recordação na cor do restolho, queimado, aliás, e inútil. Até as valsas, cujas notas atravessavam o ar quente, lhe não pareciam outra coisa senão uma estilização da passagem incessante do vento que harpeja o próprio luto nas superfícies sequiosas, ontem, hoje, amanhã, sempre, sempre, sempre. A multidão dos dançarinos, entre os quais, porém, se contavam tantas pessoas próximas pelo sangue se não pelo coração, acabou por lhe parecer irreal, composta daquela matéria de que são tecidas as recordações peremptas, que é mais impalpável ainda do que a perturbadora dos nossos sonhos. No tecto, os deuses, reclinados em tronos dourados, olhavam para baixo, sorridentes e inexoráveis como o céu de

Verão. Julgavam-se eles eternos: uma bomba fabricada em Pittsburgo, Pensilvânia, devia em 1943 provar-lhes o contrário.

– Magnífico, Príncipe, magnífico! Coisas assim já não se fazem hoje em dia ao preço actual do ouro.

Sedara aproximara-se dele: os seus olhitos vivos percorriam o cenário insensíveis à graça, atentos ao valor monetário.

D. Fabrício, de repente, sentiu que o odiava; era à afirmação dele, de centenas de outros como ele, às suas intrigas obscuras, à sua avareza e avidez tenazes, que se devia o sentido de morte que, agora, claramente, ensombrecia estes palácios; a ele se devia, e aos seus pares, aos seus rancores, à sua incapacidade absoluta de florir, que agora também a ele, D. Fabrício, os trajos negros dos bailarinos recordassem gralhas que planam, à procura de despojos putrefactos, por sobre vales solitários. Teve ganas de lhe responder de mau modo, de o convidar a pôr-se a mexer. Mas não podia: era um hóspede, era o pai da sua cara Angélica. Era talvez um infeliz como os outros. – Sim, don Calogero, belo, muito belo. Não tanto, porém, como os nossos filhos.

Tancredo e Angélica passavam naquele momento diante deles, a mão direita enluvada do rapaz poisada delicadamente na cintura dela, os braços soerguidos e enlaçados, olhos nos olhos. O negro do fraque, o cor-de-rosa do vestido, os dois juntos, formavam uma jóia estranha. Ofereciam o espectáculo patético, mais que qualquer outro, de dois juvenzinhos enamorados que dançam juntos, cegos para os defeitos recíprocos, surdos aos avisos do destino, convencidos de que todo o caminho da vida vai ser liso como pavimento de salão, actores ignaros a que um realizador faz desempenhar os papéis de Julieta no argumento. Nem um nem outro era

verdadeiramente bom, um e outro cheinhos de cálculos, peçados de objectivos secretos; mas ambos eram, não obstante, amáveis e comoventes, neste momento em que as suas muito pouco límpidas, mas ingénuas, ambições eram obliteradas pelas palavras de ternura trocista que ele lhe murmurava ao ouvido, pelo perfume dos cabelos dela, pelo recíproco abraço daqueles corpos destinados a morrer.

Os dois jovens afastavam-se, outros pares passavam, menos belos, outro tanto comoventes, cada um deles submerso em transitória cegueira. D. Fabrício sentiu apertar-se-lhe o coração: o seu desprazer cedia lugar à compaixão por todos estes seres efêmeros que procuravam gozar do exíguo raio de luz que lhes era concedido entre duas trevas, após o berço, e antes do último estertor. Como era possível ser-se severo para quem, sabemo-lo, deverá morrer? Não seria isso ser vil como as peixeiras que há sessenta anos ultrajavam os condenados na Praça do Mercado? Mesmo as macaquinhas debaixo dos poufs, mesmo os velhos gagas dos seus amigos lhe pareciam misérrimos, irremediavelmente perdidos e caros como o gado que, de noite, se ouve mugir pelas ruas da cidade, a caminho do matadouro; aos ouvidos de todos eles chegaria um dia a sineta que ele ouvira há três horas por detrás de S. Domenico. Não era lícito odiar outra coisa a não ser a eternidade.

E, além disso, toda aquela gente que enchia os salões, todas aquelas mulheres feiinhas, todos aqueles homens tão patetas, aqueles dois sexos gabarolas, eram o sangue do seu sangue, eram ele próprio; com eles apenas se entendia, apenas com eles estava à vontade. “Sou talvez mais inteligente, sou certamente mais culto do que eles, mas somos da mesma criação, com eles tenho de solidarizar-me.”

Deu conta de que don Calogero falava com Giovanni Finale sobre o possível aumento do preço do queijo e de que, com a esperança desta beatífica ocorrência, os olhos se lhe tornaram líquidos e plácidos. Podia escapulir-se sem remorsos.

Até àquele momento a irritação acumulada tinha-lhe dado energia; agora, com a acalmia, sobreveio o cansaço: eram já duas horas. Procurou um lugar onde pudesse sentar-se tranquilamente, longe dos homens, amados e fraternos, sim senhor, mas sempre tão aborrecidos. Encontrou-o depressa: a biblioteca, pequena, silenciosa, iluminada e vazia. Sentou-se; depois levantou-se para beber água que havia sobre uma mesinha. “Verdadeiramente bom, só água”, pensou, siciliano autêntico; e não enxugou as gotas minúsculas que lhe ficaram nos lábios. Sentou-se de novo; agradava-lhe aquela biblioteca, em pouco tempo se sentiu nela à vontade; e ela não se opunha à sua posse, porque era impessoal como todas as divisões pouco habitadas: Ponteleone não era homem para perder tempo ali dentro. Pôs-se a olhar para um quadro que lhe ficava defronte; era uma boa reprodução da Morte do Justo, de Greuze: um velho expirava no leito, entre turbilhões de roupa branca asseadíssima, rodeado de netos aflitos e de netas levantando os braços para o tecto. As raparigas eram graciosas, provocantes; a desordem dos seus vestidos sugeria mais a libertinagem que a dor: compreendia-se logo que eram elas o verdadeiro assunto do quadro. Apesar de tudo, surpreendeu D. Fabrício que Diego gostasse de ter sempre diante dos olhos aquela cena melancólica; depois sossegou ao pensar que ele devia entrar naquela divisão uma vez, ano sim, ano não.

De repente perguntou a si próprio se a sua morte seria semelhante àquela: provavelmente sim, à parte a roupa que seria menos impecável (ele sabia-o: os lençóis dos agonizantes são sempre sujos de baba, de dejeções, de

manchas de remédios...) e era de esperar que Concetta, Carolina e as outras estivessem mais decentemente vestidas. Mas, em conjunto, o mesmo. Como sempre, a consideração da sua própria morte serenava-o tanto quanto o perturbava a morte dos outros; talvez porque, no fundo, bem lá no fundo, a sua morte fosse, em primeiro lugar, a morte do mundo inteiro?

Daqui passou a pensar que era preciso fazer reparações no túmulo da família, nos Capuchinhos. Pena que já não fosse permitido lá pendurar, na cripta, os cadáveres pelo pescoço, e vê-los depois mumificarem-se lentamente: ele faria um figurão de encontro àquela parede, grande e comprido como era, assustando as raparigas com o sorriso imóvel do rosto pergaminhado, com as intermináveis calças de pique branco. Mas não, vesti-lo-iam de gala, talvez com este mesmo fraque que envergava agora...

A porta abriu-se.

– Tio, estás belo esta noite. O fato negro fica-te às mil maravilhas. Mas para que estás tu a olhar? Cortejas a morte?

Tancredo trazia Angélica pelo braço: os dois, ainda sob o influxo sensual da dança, pareciam cansados. Angélica sentou-se, pediu um lenço a Tancredo para enxugar as fontes. Foi D. Fabrício quem lhe deu o seu. Os dois jovens olhavam o quadro com absoluta indiferença. Para ambos o conhecimento da morte era puramente intelectual, era, por assim dizer, um dado de cultura e nada mais, não uma experiência que lhes roesse o miolo dos ossos. A morte existia, sim, sem dúvida, mas era coisa para uso dos outros. D. Fabrício pensava que é pela ignorância íntima desta suprema consolação que os jovens sentem as dores mais duramente que os velhos: para estes a porta da salvação nunca está longe.

– Príncipe – dizia Angélica –, soubemos que o senhor estava aqui; viemos para descansar um bocado, mas também para lhe pedir uma coisa; espero que não ma recusará.

Os olhos riam-lhe de malícia, pousou a mão na manga de D. Fabrício.

– Queria pedir-lhe para dançar comigo a próxima mazurca. Diga que sim, não seja mauzão: toda a gente sabe que era um grande bailarino.

O Príncipe ficou contentíssimo, sentiu-se todo ufano. Qual cripta dos Capuchinhos! As maçãs do rosto, penugentas, estremeceram-lhe de prazer. A ideia da mazurca, porém, assustava-o um tanto: aquela dança militar, toda batidelas de pés e viravoltas, já não era coisa para as suas articulações. Ajoelhar-se diante de Angélica devia ser um prazer, mas se, depois, tinha dificuldade em levantar-se?

– Obrigado, minha filha; tu rejuvenesces-me. Serei feliz em obedecer-te, mas a mazurca, não; concede-me a primeira valsa.

– Vês, Tancredo, como o tio é bom? Não tem caprichos como tu. Sabe, Príncipe, que ele não queria que lho pedisse: está com uns ciúmes...

Tancredo ria:

– Quando se tem um tio belo e elegante como o meu compreende-se que se tenha ciúmes. Mas, vá lá, desta vez não me oponho.

Sorriam os três, e D. Fabrício não sabia se eles tinham combinado esta proposta para lhe dar prazer ou para se rirem dele. Não tinha importância: eram adoráveis de qualquer maneira.

No momento de sair, Angélica aflorou com o dedo a tapeçaria de uma poltrona:

– Que coisa linda! Que bela cor! Mas as de sua casa, Príncipe...

O barco seguia o impulso recebido. Tancredo interveio:

– Basta, Angélica. Nós os dois queremos-te muito, mesmo sem os teus conhecimentos em matéria de mobiliário. É melhor deixares as cadeiras em paz e vamos antes dançar.

Quando se dirigia para o salão de baile, D. Fabrício viu que Sedara falava ainda com Giovanni Finale. Chegavam até ele palavras como “russella”, “primintio”, “marzolino”; comparavam méritos do grão e da semente. O Príncipe previu iminente convite a Margarossa, a herdade com que Finale se arruinava à força de inovações agrícolas.

O par Angélica-D. Fabrício fez um figurão. Os pés enormes do Príncipe moviam-se com delicadeza surpreendente e jamais os sapatinhos de cetim de sua dama correram o perigo de ser a florados. A mãozorra apertava-lhe a cintura com vigorosa firmeza; o queixo apoiava-o na onda nocturna dos cabelos dela; do decote de Angélica subia um perfume de Bouquet à la Maréchale e, sobretudo, um aroma a pele jovem e lisa. À memória do Príncipe voltou uma frase de Tumeo: “Os seus lençóis devem ter o cheiro do Paraíso.” Frase inconveniente, frase grosseira; porém exacta. Aquele Tancredo...

Ela falava. A sua vaidade natural estava tão satisfeita quanto a sua ambição tenaz:

– Sou tão feliz, meu tio. Têm sido todos tão gentis, tão bons. Tancredo, então, é um amor; e o senhor também, um amor. Tudo isto a si o devo, meu tio: eu e Tancredo. Porque se o senhor não tivesse querido, nós sabemos como tudo teria acabado.

– Eu nada fiz, minha filha; tudo isto só a ti o deves. E era verdade: nenhum Tancredo teria sido capaz de

resistir àquela beleza unida ao respectivo património. Tê-la-ia desposado atropelando tudo. Um espinho atravessou-lhe o coração: pensava nos olhos ativos mas vencidos de Concetta. Mas foi uma dor breve: a cada volta que dava um ano caía-lhe dos ombros: em pouco tempo se achou como há vinte anos, quando naquela mesma sala dançava com Stella, quando ignorava ainda o que eram as desilusões, o tédio, o resto. Por um instante, naquela noite, a morte foi de novo a seus olhos “coisa para os outros”.

Tão absorto estava em suas recordações, que tão bem coincidiam com sensações presentes, que não deu conta de que, a certa altura, Angélica e ele dançavam sozinhos. Talvez instigados por Tancredo, os outros pares tinham parado de dançar e olhavam; também os dois Ponteleone ali estavam: pareciam enternecidos, eram velhos e talvez compreendessem. Stella também era velha; porém, sob o umbral de uma porta, os seus olhos eram sombrios. Quando a orquestra se calou, só não romperam os aplausos porque D. Fabrício tinha o olhar demasiado leonino para que alguém se arriscasse a arriscarem semelhante inconveniência.

Acabada a valsa, Angélica propôs a D. Fabrício que fosse cear na mesa dela e de Tancredo. Ele ficou encantado, mas, precisamente nesse momento, as recordações da sua juventude eram demasiado vivazes para que não se lembrasse bem de quanto, então, com Stella a dois passos, uma ceia com um tio velho lhe pareceria um enorme frete. Sozinhos querem estar os enamorados, ou, quanto muito, com estranhos; com velhos e, pior que tudo, com velhos parentes, nunca.

– Muito obrigado, Angélica, não tenho apetite. Vou comer qualquer coisa mesmo de pé. Vai com Tancredo, não se preocupem comigo.

Esperou um momento que os jovens se afastassem, depois entrou, por sua vez, na sala do bufete. Uma mesa estreita, compridíssima, estava ao fundo, iluminada pelos famosos doze candelabros de vermeil que o avô de D. Diego recebera de presente da Corte de Espanha, no termo da sua embaixada em Madrid: erguidas sobre altos pedestais de metal reluzente, seis figuras de atleta e seis de mulher, alternadas, sustinham, no cimo das cabeças, o fuste de prata dourada, coroado ao alto pelas pequenas chamas de doze velas. A perícia do ourives tinha exprimido o sereno à-vontade dos homens, a fadiga cheia de graça das mocinhas que aguentavam o desproporcionado peso. Doze peças de primeira ordem. “Deus sabe a quantos hectares de terra não equivalerão”, teria dito o pobre Sedara. D. Fabrício recordou-se de que Diego lhe mostrara um dia os estojos de cada um daqueles candelabros, verdadeiras montanhas de marroquim verde que ostentavam impressos nos flancos o ouro do escudo tripartido dos Ponteleones e o das iniciais entrelaçadas dos doadores.

Abaixo dos candelabros, abaixo das armações de cinco andares que elevavam para o tecto as pirâmides dos “doces de enfeitar” que nunca se consumiam, estendia-se a monótona opulência das tables à thé dos grandes bailes: cor de coral os camarões cozidos em vida, viscosos e cor de cera os chaud-froids de vitela, cor de aço os barbos imersos em molhos espessos, os perus que o calor do forno dourara, os pastéis de foie gras, rosados sob couraças de gelatina, as desossadas narcejas reclinadas sobre túmulos de pão torrado cor de âmbar e enfeitadas com as próprias vísceras trituradas, galantinas cor de aurora, dezenas de outras cruéis e coloridas delícias. Nas extremidades da mesa, duas monumentais terrinas de prata continham o consommé, âmbar queimado, límpido. Os cozinheiros nas vastas cozinhas muito deviam ter suado até à noite anterior para preparar esta ceia.

– Santo Deus, tanta coisa! Dona Margarida sabe o que faz. Mas são precisos outros estômagos, que não o meu, para tudo isto.

Desprezando a mesa das bebidas, que estava à direita, rebrilhante de cristais e prataria, dirigiu-se para a esquerda para a dos doces. Aí imensos babá cor de canela como o pêlo dos cavalos, Monís Blancs nevados de nata, beignets Dauphin que as amêndoas mosqueavam de branco e o pistácio de verde, colinas de profiteroles de chocolate, morenas e gordas como o húmus da planície de Catânia, da qual, de facto, após mil metamorfoses provinham, parfaits rosados, parfaits cor de champanhe, parfaits castanhos que se desfaziam, estalando, quando a colher os dividia, harpejos em maior das ginjas cristalizadas, timbres acidulados dos ananases amarelados e, por fim, “trunfos de gula”, com o verde opaco dos seus pistácios esmagados, os impúdicos “gâteaux dès Vierges”. Foi destes que se serviu D. Fabrício e, com eles no prato, parecia uma caricatura profana de Santa Ágata exibindo os próprios seios cortados. “Como diabo o Santo Ofício, quando o podia, não pensou em proibir estes doces? Os “trunfos da gula” (a gula, pecado mortal!), as mamas de Santa Ágata vendidas pelos conventos, devoradas por boémios! Bah!”

Na sala rescendente a baunilha, a vinho, a pó de arroz, D. Fabrício errava à cata de um lugar. De uma mesa, Tancredo viu-o, bateu com a mão numa cadeira ao pé de si para lhe mostrar que havia onde sentar-se; ao lado dele, Angélica procurava ver no reverso de um prato de prata se o penteado estava no lugar. D. Fabrício abanou a cabeça sorrindo, a recusar. Continuou a procurar: de uma mesa chegava a voz satisfeita de Pallavicino: “A maior emoção da minha vida...”. Ao lado dele havia um lugar vazio." Mas que grande chato! Não seria melhor, ao fim e ao cabo, aturar a cordialidade

talvez forçada mas refrescante de Angélica, o humor seco de Tancredo? Não; melhor aborrecer-se do que aborrecer os outros.

Pedi desculpa, sentou-se ao pé do coronel que se levantou à sua chegada – o que lhe conquistou alguns pontos de simpatia do Leopardo. Enquanto degustava a refinada mistura do manjar branco, pistácio e canela contida nos doces que havia escolhido, D. Fabrício conversava com Pallavicino e verificava que este, para além das frases açucaradas que reservava talvez às senhoras, estava longe de ser um imbecil. Era, também ele, um “senhor” e o fundamental cepticismo da sua classe, habitualmente escondido pela impetuosa fogosidade militarona do uniforme, aparecia agora neste ambiente seu familiar, longe da inevitável retórica das casernas e das admiradoras.

– Agora a Esquerda quer sacrificar-me porque eu dei ordem aos meus homens, em Agosto, para fazer fogo sobre o General. Mas diga-me o senhor, Príncipe, que outra coisa podia eu fazer com as ordens escritas que tinha comigo? Devo, porém, confessar-lhe: quando em Aspromonte me vi diante daquela centena de farroupilhas, com fauces de fanáticos alguns, outros com carrancas de rebeldes de profissão, senti-me feliz por estas ordens coincidirem com o que eu próprio pensava. Se eu não tivesse mandado disparar, aquela gente teria feito almôndegas dos meus soldados e de mim: e a perda não teria sido grande. Mas teria também acabado por provocar a intervenção francesa e a austríaca, uma balbúrdia sem precedentes, na qual teria ruído este Reino de Itália que se formou miraculosamente, quer dizer: não se sabe como. E digo-lhe mesmo, em confidência: a minha brevíssima fuzilaria aproveitou sobretudo... a Garibaldi, libertou-o daquele corrilho que se agarrava a ele, de todos aqueles indivíduos tipo Zambianchi, que se serviam dele, Deus sabe para que fins, talvez generosos mas ineptos, porém provavelmente inspirados pelas Tulherias e pelo Palazzo Farnese: todos eles

indivíduos bem diferentes daqueles que tinham desembarcado com ele em Marsala, gente que acreditava, os melhores de entre eles, que se podia fazer a Itália com uma série de quarenta-e-oitadas.

O General, esse, está consciente disso, porque no momento da minha célebre genuflexão apertou-me a mão e com um calor que não julgo habitual para com quem, cinco minutos antes, lhe fizera descarregar uma bala no pé. E sabe o que me disse ele em voz baixa, ele que era a única pessoa de bem que se encontrava então naquela infausta montanha? “Agradecido, coronel.” Agradecido porquê, perguntei-lhe eu? Por tê-lo tornado manco para o resto dos seus dias? Não, evidentemente; mas por eu ter feito com que ele tocasse com os próprios dedos as bravatas, as velhacarias, pior talvez, daqueles seus dúbios sequazes.

– Mas, queira desculpar-me, não acha o senhor, Coronel, que exagerou um tanto os beija-mãos, as chapeladas, os cumprimentos?

– Sinceramente, não. Porque esses actos de ternura eram genuínos. Era preciso vê-lo, àquele pobre grande homem estendido por terra, debaixo de um castanheiro, magoado no corpo e ainda mais dolorido no espírito. Uma dor de alma! Revelava-se claramente aquilo que sempre fora: um menino de barbas e rugas, mas um menino, imprudente e ingénuo. Era difícil resistir à comoção para poder fazer de papão. Por que razão, aliás, devia eu ter resistido? Eu só beijo a mão às senhoras; pois, nesse momento, Príncipe, eu beijei a mão à Salvação do Reino, uma senhora também, e a que a nós, os militares, devemos muito especiais homenagens.

Um criado passava: D. Fabrício pediu-lhe para lhe trazer uma fatia de Mont Blanc e uma taça de champanhe.

– E o senhor, meu caro Coronel, não toma nada?

– De comer, nada, muito obrigado. Mas talvez beba também uma taça de champanhe.

Depois prosseguiu: via-se que não era capaz de afastar aquela recordação que, constituída de pouca fuzilaria e muita destreza, era precisamente do tipo que atraía os seus pares.

– Os homens do General, quando os meus bersaglieri os desarmaram, increpavam e blasfemavam, e sabe contra quem? Contra ele, que tinha sido o único a pagar com a sua pessoa. Uma vergonha, mas natural; viam fugir-lhes da mão aquela personalidade infantil mas grande, que era a única a poder cobrir os obscuros manejos de tantos deles. E ainda que as minhas cortesias tivessem sido supérfluas, estou contente por as ter feito; aqui à puridade, em Itália nunca se exagera em matéria de sentimentalismo e beija-mãos: são mesmo os argumentos políticos mais eficazes que possuímos.

Bebeu o vinho que lhe tinham trazido, mas isto pareceu aumentar-lhe ainda mais a amargura.

– O senhor ainda não esteve no continente depois da fundação do Reino, Príncipe? Que sorte a sua. Não é um espectáculo edificante. Nunca estivemos tão desunidos como desde que estamos unidos. Turim não quer deixar de ser a capital, Milão acha a nossa administração inferior à austríaca, Florença tem medo que lhe levem as obras de arte, Nápoles chora pelas indústrias que perde, e aqui, aqui na Sicília, está germinando nem sei que enorme, irracional, catástrofe... Por agora, um pouco graças talvez a este vosso humilde servo, já não se fala em camisas vermelhas, mas há-de tornar a falar-se. E quando desaparecerem estas, aparecerão outras de diverso colorido; e depois, outra vez, vermelhas. Como acabará tudo isto? Há o

“Grande Sol do Futuro”, diz-se. Haverá. Mas o senhor sabe melhor do que eu, Príncipe, que mesmo as estrelas fixas, verdadeiramente, não o são.

Talvez um tanto bêbado, profetizava. D. Fabrício, diante destas perspectivas inquietantes, sentia o coração apertar-se-lhe.

O baile continuou ainda durante muito tempo e bateram as seis da manhã: estavam todos estafados e gostariam de já estar na cama há pelo menos três horas; mas ir embora cedo seria proclamar que a festa não tinha sido um êxito e ofender os donos da casa que, pobrezinhos, tinham tido tanto trabalho. Os rostos das senhoras estavam lívidos, os vestidos amarrotados, os hálitos fétidos. “Maria! Que cansaço! Maria! Que sono!” Por cima das gravatas em desordem, as caras dos homens eram amarelas e rugosas, as bocas empastadas de saliva amarga. As suas visitas a um quartinho desmazelado, ao nível da loggia da orquestra, faziam-se mais frequentes: nele estavam dispostos em boa ordem uns vinte bacios enormes, àquela hora quase todos cheios, alguns já extravazando pelo chão. Sentindo que o baile estava no fim, os servidores ensonados já não substituíam as velas dos lustres: os cotos pequenos espalhavam nos salões uma luz difusa, fumarenta, de mau augúrio. Na sala do bufete, vazia, havia apenas pratos desmantelados, copos com um dedo de vinho que os criados bebiam à pressa, olhando em volta. A luz da aurora insinuava-se pelas junturas dos umbrais, plebeia.

A reunião estava a desagregar-se e à volta de Dona Margarida havia já um grupo de gente que se despedia. “Belíssimo! Um sonho! À antiga!” Tancredo teve um trabalhão para despertar don Calogero, que, com a cabeça para trás, adormecera sobre uma poltrona afastada; as calças tinham-lhe subido até ao joelho e, por debaixo das calças de seda, viam-se-lhe as extremidades das ceroulas, verdadeiramente saloias. Também o Coronel Pallavicino estava

com olheiras; declarava, porém, a quem quisesse ouvi-lo, que não iria a casa e que passaria directamente do Palácio Ponteleone para a praça de armas; assim de facto impunha a férrea tradição dos militares quando iam a bailes.

Já com a família instalada na carruagem (o orvalho humedecera as almofadas), D. Fabrício anunciou que voltaria para casa a pé; um pouco de fresco far-lhe-ia bem, tinha uma sombra de dor de cabeça. A verdade é que ele queria alcançar um pouco de conforto a olhar as estrelas. Havia ainda algumas ali mesmo em cima, no zénite. Como sempre, vê-las reanimou-o: sempre longínquas, onnipotentes e ao mesmo tempo tão dóceis aos seus cálculos; o contrário precisamente dos homens, demasiado vizinhos sempre, débeis, e, no entanto, tão recalcitrantes.

Nas ruas havia já algum movimento: um ou outro carro com montanhas de imundície, mais altas quatro vezes que o burrico que as arrastava. Uma carreta comprida e descoberta transportava empilhados bois mortos pouco antes no matadouro, já feitos em quartos e exibindo os seus mais íntimos mecanismos com a impudicícia da morte. A intervalos uma ou outra gota vermelha e densa caía na calçada.

Duma viela transversal, o Príncipe entreviu a parte oriental do céu, ao de cima do mar. Lá estava Vénus, envolta no seu turbante de vapores outonais. Essa era sempre fiel, esperava sempre por ele nas suas saídas matutinas, em Donnafugata, antes das caçadas, agora depois do baile.

D. Fabrício suspirou. Quando se decidira ela a marcar-lhe um encontro menos efémero, longe das imundícies e do sangue, na própria região das certezas perenes?

Capítulo VII

A MORTE DO PRÍNCIPE

Julho, 1883

D. Fabrício conhecia desde sempre aquela sensação. Havia dezenas de anos que ele sentia o fluido vital, a faculdade de existir, a vida em suma, talvez até a vontade de viver, desprendendo-se de si, vagarosa mas continuamente, como os pequenos grãos de areia que escorregam um a um, sem pressa e sem detença, pelo estreito orifício da ampulheta. Em certos momentos de actividade intensa, de grande atenção, esse sentido de contínuo abandono desaparecia para reaparecer, imperturbável, nos fugazes momentos de silêncio ou de introspecção: tal como um zumbido contínuo nos ouvidos ou como um bater de pêndulo se impõem quando tudo o resto se cala; e, nesse momento, apercebemo-nos de que eles sempre ali estiveram, vigilantes, mesmo quando se não ouviam.

Fora desses instantes, bastava-lhe sempre um mínimo de atenção para ouvir o sussurro daqueles grãos de areia que deslizavam levíssimos para longe, daqueles átomos de tempo que se lhe evadiam do espírito e para sempre o deixavam. A sensação, de resto, não andava, de princípio, ligada a qualquer mal-estar. Muito pelo contrário, esta imperceptível perda de vitalidade era a

prova, a condição, por assim dizer, da sensação de viver; para ele, afeito a escrutar espaços exteriores ilimitados, a explorar vastíssimos abismos interiores, aquilo estava bem longe de ser desagradável: era o sentimento de um esboroamento contínuo, miudinho, da personalidade, acompanhada, porém, da vaga esperança de que, algures, essa mesma personalidade se reconstruía (obrigado, Senhor) menos consciente mas mais ampla. Aqueles grãozinhos de areia não se perderiam; desapareciam apenas para se acumular, quem sabe aonde, e cimentar uma arquitectura mais duradoura. Mas, arquitectura, a bem dizer, não era a palavra exacta: era pesada de mais; e grãos de areia, de resto, também não. Eram antes como partículas de vapor de água que se evolassem dum pântano estreito, para formar no céu grandes nuvens ligeiras e livres. Às vezes surpreendia-se de que o reservatório vital pudesse ainda conter o que quer que fosse após tantos anos de perdas. “Nem mesmo que fosse grande como uma pirâmide!” Outras, mais frequentes, orgulhava-se de ser quase o único a aperceber-se dessa fuga contínua, enquanto, à sua volta, ninguém parecia sentir o mesmo; e até encontrara nisso motivo para desprezar os outros, como o veterano despreza o recruta que se ilude, julgando as balas que à sua volta silvam moscardos inócuos. São coisas que, sabe-se lá bem porquê, não se confessam; deixa-se que sejam os outros a intuí-las, mas ninguém, à sua volta, as intuía: nenhuma das filhas que sonhavam com um além-túmulo idêntico a esta vida, repleto de tudo, de magistrados, cozinheiros e conventos; nem Stella, que, apesar de devorada pela gangrena da diabetes, se aferrava mesquinamente a esta vida de padecimentos. Talvez apenas Tancredo o tivesse compreendido, por um momento, quando lhe dissera com a sua ironia esquiva: “Tu, meu tio, tu cortejas a morte.” Agora a corte chegara ao seu fim: a bela tinha dado o “sim”, a fuga estava decidida, o compartimento do comboio reservado.

Porque o caso agora era diferente, mesmo totalmente diferente. Na varanda do Hotel Trinacria, sentado numa poltrona, as suas pernas muito compridas enroladas num cobertor, ele sentia que a vida lhe fugia em ondas imensas, umas após outras, com um fragor espiritual comparável à cachoeira do Reno. Estava-se numa segunda-feira de Julho, era meio-dia, e o mar de Palermo, compacto, oleoso, inerte, estendia-se à sua frente, inverosimilmente imóvel, agachado como um cão que se esforça por tornar-se invisível às ameaças do dono; em vão: o Sol, imóvel e perpendicular, lá estava, sobranceiro, especado, de pernas afastadas, a fustigá-lo impiedosamente. O silêncio era absoluto. Sob aquela altíssima luz, D. Fabrício não ouvia senão o som interior da vida que irrompia de si aos borbotões.

Chegara essa manhã mesmo de Nápoles, havia poucas horas; tinha lá ido consultar o professor Sémmola. Acompanhado pela filha já quarentona, Concetta, pelo neto, o pequeno Fabrício, tinha feito uma viagem lúgubre, lenta como cerimónia fúnebre. A barafunda do porto à partida e o burburinho da chegada a Nápoles, o odor acre do camarote, a vozearia incessante daquela cidade paranóica, tinham-no enchido daquela exasperação plangente dos debilíssimos, que os fatiga e os prostra, e que suscita a exasperação contrária nos bons cristãos que têm muitos anos de vida nos alforges. Tinha querido voltar por terra: decisão imprevista que o médico ainda tentara combater; mas ele insistira, e tão imponente era ainda a sombra do seu prestígio que levava a sua avante. O resultado foi ter de permanecer trinta e seis horas a fio encafuado num caixote sobreaquecido, sufocado pelo fumo dos túneis que se repetiam como sonhos febris, deslumbrado pelo sol nas passagens descobertas, explícitas como realidades brutais, humilhado pela centena de serviços miúdos que era obrigado a requerer do neto estarecido. Atravessaram paisagens malélicas, gargantas amaldiçoadas, planuras

maláricas e entorpecidas: aqueles panoramas da Calábria e do Basilicate que lhe pareciam bárbaros, quando de facto eram tal qual os sicilianos. A linha ferroviária não estava ainda pronta: no seu último troço, perto de Reggio, fazia um largo desvio por Metaponto, através de plagas lunares que, por escárnio, ostentavam os nomes atléticos e voluptuosos de Crotona e Síbaris. Depois, em Messina, após o mentiroso sorriso do estreito, logo desmentido pelas áridas colinas peloritanas, um novo desvio, demorado como uma cruel moratória processual. Desceram em Catânia, depois de terem trepado até Castrogiovanni: a locomotiva resfolegante, faldas fabulosas acima, parecia ir estostrar como um cavalo que se força; depois de fragorosa descida, tinham chegado a Palermo. À chegada, as costumeiras máscaras dos familiares com o repintado sorriso de comprazimento pelo bom êxito da viagem. Foi, aliás, pelo sorriso consolativo das pessoas que o aguardavam na estação, do seu fingido, e mal fingido, aspecto alegre, que ele teve a revelação do verdadeiro sentido do diagnóstico de Sémmola, que, a ele, só lhe dissera frases tranquilizadoras; e foi então, depois de ter descido do comboio, quando beijava a nora sepultada em crepes de viúva, os filhos que lhe sorriam alvarmente, Tancredo, de olhos ansiados, Angélica, com a seda do corpete retesada pelos seios maduros, foi então que ouviu o fragor da cascata.

Devia ter desmaiado porque não se lembrava como tinha chegado à carruagem; achou-se estendido dentro dela com as pernas encolhidas, apenas com Tancredo a seu lado. A carruagem não se mexera ainda, e, de fora, chegava-lhe ao ouvido o pairar dos familiares. “Não é nada.” “A viagem foi longa de mais.” “Com este calor qualquer de nós desmaiaria.” “Ir até à villa cansá-lo-ia demasiado.” Estava de novo perfeitamente lúcido: dava conta da conversa grave que se desenrolava entre Concetta e Francisco Paulo, da

elegância de Tancredo, do seu fato cinzento e castanho aos quadradinhos, do seu chapéu mole castanho; e notou ainda como o sorriso do sobrinho não era desta vez zombeteiro, antes tingido de melancólica afeição; e desta observação tirou o sentimento agridoce de ser amado pelo sobrinho e, também, de saber que estava liquidado, dado que aquela perpétua ironia se resignava a ser escorraçada pela ternura. A carruagem começou a andar e virou à direita.

– Mas para onde vamos nós, Tancredo?

A própria voz o surpreendeu. Havia nela o eco do estrépito interior.

– Meu tio, vamos para o Hotel Trinacria; estás cansado e a villa é longe; descansas uma noite e amanhã vais então para casa. Não te parece bem?

– Mas então porque não vamos para a nossa casa à beira-mar? Ainda é mais perto.

Isso, porém, era impossível: a casa não estava mobilada, como bem sabia; se só servia para ocasionais refeições frente ao mar; se nem sequer tinha uma simples cama!

– No hotel ficarás melhor, tio; terás todas as comodidades.

Tratavam-no como a um recém-nascido; de resto, que forças tinha ele senão precisamente as de um recém-nascido?

Um médico foi a primeira comodidade que encontrou no hotel; tinha sido chamado à pressa, durante a sua síncope, quem sabe. Mas não era o doutor Cataliotti, que sempre tratava dele, engravatado de branco, o rosto sorridente atrás de ricos óculos de aro de ouro: era um pobre diabo, o médico daquele bairro angustiado, testemunha impotente de quantos milhares de agonias miseráveis. Acima da sobrecasaca descosida, alongava-se um

pobre rosto macilento, eriçado de pêlos brancos, rosto sem ilusões de intelectual famélico; o relógio sem cadeia que tirou do bolso ostentava manchas de verdete que tinham trespassado o dourado postiço. Ele também não passava de um pobre odre que os solavancos do caminho tinham rasgado e que derramava, sem o saber, as últimas gotas de azeite. Tomou o pulso a D. Fabrício, receitou-lhe gotas de cânfora, mostrou os dentes cariados num sorriso que queria ser tranquilizador mas que, ao invés, pedia desculpa; e foi-se embora com passos de veludo.

Depressa chegaram da farmácia vizinha as gotas; fizeram-lhe bem; sentiu-se um pouco menos débil, mas o ímpeto do tempo que fugia de si não diminuiu de fúria.

D. Fabrício olhou-se ao espelho do armário: mais depressa reconheceu o seu fato, que se reconheceu a ele mesmo; muito grande, ressequido, as faces encovadas, barba de três dias, mais parecia um daqueles ingleses maníacos que deambulam nas gravuras dos livros de Júlio Verne, que costumava, pelo Natal, oferecer ao pequeno Fabrício. Um Leopardo em péssima forma. Por que razão havia de querer Deus que ninguém morresse com a própria cara? Porque a todos assim sucede, morre-se com uma máscara no rosto: mesmo os jovens; mesmo aquele soldado de cara mascarrada; mesmo Paulo, quando o tinham levantado do passeio, a face contraída e retalhada, enquanto gente perseguia na poeira o cavalo que o derrubara. E se nele, que era velho, o fragor da vida em fuga era tão poderoso, qual não devia ter sido o tumulto daqueles reservatórios ainda plenos que se esvaziavam num instante daqueles pobres corpos juvenis? Gostaria de transgredir quanto pudesse aquela absurda regra de camuflagem forçada; sentia, porém, que não podia; que levantar a navalha teria sido como, há tempos, erguer, sei lá, a escrivantina.

– É preciso chamar um barbeiro – disse a Francisco Paulo. Mas de súbito pensou: “Não. É uma regra do jogo; odiosa mas formal. Barbeiam-me depois.” E disse em voz alta:

– Deixa estar!, depois pensamos nisso.

A ideia deste extremo abandono do cadáver, com o barbeiro dobrado sobre ele, não o perturbou.

O criado de quarto entrou com a bacia de água tépida e uma esponja, tirou-lhe o casaco e a camisa, lavou-lhe a cara e as mãos, como se lava um menino, como se lava um morto. A fuligem de dia e meio de comboio tornou funérea também a água. Naquele quarto baixo sufocava-se: o calor levedava os cheiros, exaltava o bafio das peluches mal espanejadas; as sombras de escaravelhos ali esmagados às dezenas reapareciam nos odores medicamentosos; saindo da mesa de cabeceira, recordações tenazes de urinas antigas e diversas entristeciam o quarto. Mandou abrir as persianas: o hotel estava na sombra, mas a luz, reflectida por um mar metálico, cegava; melhor isso, porém, que aquele fedor a prisão. Mandou levar uma poltrona para a varanda e, apoiado ao braço de alguém, arrastou-se até lá fora; depois daquele par de metros, sentou-se com a sensação de restauro que experimentava, outrora, ao repousar após quatro horas de caça na montanha.

– Diz a toda a gente que me deixe em paz; sinto-me melhor; quero dormir.

Tinha sono, de facto; mas achou que ceder agora a modorra era tão absurdo quanto comer uma fatia de torta antes de desejado banquete. Sorriu. “Sempre fui um guloso muito prudente.” E ali ficou ele, imerso no imenso silêncio exterior, no pavoroso alarido interior.

Conseguiu voltar a cabeça para a esquerda: no flanco do monte Pellegrino lá estava a fenda na cadeia de montanhas e, mais longe, as duas colinas ao pé

das quais era a sua casa. Assim inacessível, parecia-lhe muito longínqua; tornou a pensar no observatório, nos telescópios destinados daí em diante a decénios de poeira; no pobre Padre Pirrone, que era, também ele, poeira; nos quadros das suas propriedades, nos monos da tapeçaria, no grande leito de cobre onde expirara a sua querida Stella; em todas essas coisas que agora lhe pareciam humildes, se bem que preciosas, nesses entrelaçamentos de metal, nessas tramas de fio, nessas telas recobertas de terra e de sucos de ervas..., a que ele dava vida e que, dentro em pouco, se precipitariam, inocentes, num limbo feito de abandono e de olvido. O coração contraiu-se-lhe, esqueceu a própria agonia ao pensar no fim iminente dessas pobres coisas tão amadas. A fita inerte de casas atrás de si, a barreira dos montes, as extensões flageladas pelo sol, também o impediam de pensar claramente em Donnafugata: parecia-lhe uma moradia surgida em sonhos; não mais sua, parecia-lhe: de seu não tinha agora senão aquele corpo acabado, aquelas lajes de ardósia debaixo dos pés, aquele precipício de águas tenebrosas a caminho do abismo. Estava só, naufrago à deriva numa jangada à mercê de correntes indomáveis.

Havia os filhos, é certo. Os filhos! O único que se lhe assemelhava, João, fora-se em boa hora. Todos os dois anos, enviava-lhe saudades de Londres; já se não ocupava de carvão e comerciava em diamantes; depois de Stella falecer chegara com o endereço dela um bilhete e, pouco depois, um pequeno embrulho com uma pulseira. Aquele, sim. Também ele “cortegara a morte”: com o abandono de tudo organizara mesmo para si aquele tanto de morte de que é possível dispor continuando a viver. Mas os outros... Havia ainda os netos: o pequeno Fabrício, o mais jovem dos Salinas, tão belo, tão vivo, tão gentil...

Tão odioso. Com a sua dupla dose de sangue Málvica, com os seus instintos de gozador, com as suas tendências para uma elegância burguesa. Era inútil tentar acreditar no contrário: o último Salina era ele, gigante mirrado que agonizava agora na varanda de um hotel. Porque o significado de uma linhagem nobre está todo nas tradições, quer dizer, nas recordações vitais: e ele era o último a possuir recordações insólitas, distintas das das outras famílias. O pequeno Fabrício, esse, quando muito, havia de ter recordações banais, iguais às dos companheiros de liceu, recordações de merendas económicas, de partidinhas maldosas a professores, de cavalos adquiridos com o olho mais no preço que em seus méritos; e o sentido do nome transformar-se-ia nele em pompa vazia, amargurada sempre pela preocupação de poderem outros estadear mais que ele. Depois desenrolar-se-ia a caçada ao matrimónio rico, quando esta se tornasse a rotina habitual, e não uma aventura audaz, uma verdadeira rapina como fora o casamento de Tancredo. As tapeçarias de Donnafugata, os amendoais de Ragattisi, talvez, sabe Deus, a fonte de Anfitrite, das coisas venerandas e frágeis que eram, teriam a fortuna grotesca de serem metamorfoseados em terrinas de foie gras depressa digeridas, em mulherezinhas de ba-ta-clan mais efémeras que seus arrebiques. E dele subsistiria tão-só a recordação de um velho e colérico avô que tinha esticado o pernil por uma tarde de Julho, mesmo a tempo de impedir o rapaz de ir a banhos a Livorno. Não fora ele mesmo quem dissera que os Salinas seriam sempre os Salinas? Enganara-se. O último era ele. Garibaldi, esse Vulcano barbudo, tinha vencido finalmente. Do quarto vizinho, aberto para a mesma varanda, chegou-Lhe a voz de Concetta:

– Não havia outra coisa a fazer; era preciso que viesse; não me consolaria nunca se o não tivessem chamado.

Compreendeu logo: tratava-se do padre. Por momentos teve a ideia de recusar, de mentir, de se pôr a gritar que estava muitíssimo bem, que não precisava de coisa alguma. Depressa, porém, compreendeu o ridículo das suas intenções: era o Príncipe de Salina e como um Príncipe de Salina devia morrer, com padre e tudo o mais. Concetta tinha razão. Por que motivo, de resto, devia ele subtrair-se ao que era desejado por milhares de outros moribundos? Calou-se, à espera de ouvir a sineta do viático. Logo a ouviu: a paróquia da Pietá era quase defronte. O som argentino e festivo galgava as escadas, irrompia pelo corredor, tornou-se agudo quando a porta se abriu: precedido pelo gerente do hotel, um suíço irritadíssimo por ter moribundo durante o seu exercício, o Padre Bálamo, o pároco, entrou, transportando sob a píxide o Santíssimo protegido por estojo de coiro. Tancredo e o jovem Fabrício ergueram a poltrona, trouxeram-na outra vez para o quarto; os outros tinham-se ajoelhado. Mais com o gesto que com a voz, o Príncipe ordenou:

– Saíam, saíam.

Queria confessar-se. As coisas fazem-se ou não se fazem. Saíram todos, mas quando houve que falar apercebeu-se de que não tinha grande coisa a dizer: recordava-se de alguns pecados precisos, mas pareciam-lhe tão mesquinhos que, para ser franco, não valia a pena ter importunado um digno sacerdote em dia de canícula como aquele. Não que se sentisse inocente: era antes toda a sua vida que sentia culpável, não este ou aquele facto singular; e isto já não tinha ele tempo de dizer. Os seus olhos exprimiram, sem dúvida, uma perturbação qualquer que o sacerdote tomou por expressão de contrição; como de facto, em certo sentido, era. Foi absolvido: o queixo, ao que parecia, devia apoiar-se-lhe sobre o peito porque o padre teve de se ajoelhar para lhe insinuar a sagrada partícula entre os lábios. Depois foram

pronunciadas as sílabas imemoriais que aplainam o caminho, e o sacerdote retirou-se.

Já não tornaram a levar a poltrona para a varanda. O pequeno Fabrício e Tancredo sentaram-se ao pé dele e cada um lhe agarrava uma das mãos; o rapaz olhava-o fixamente, com a curiosidade natural de quem assiste à sua primeira agonia, e nada mais; quem morria não era um homem, era um avô, o que era muito diferente. Tancredo apertava-lhe a mão e falava, falava muito, falava alegremente: expunha projectos a que o associava, comentava os factos políticos; era deputado, fora-lhe prometida a Legação em Lisboa, conhecia uma data de anedotas secretas e saborosas. A voz nasal, o vocabulário subtil delineavam um friso fútil por sobre o borbotar, cada vez mais fragoroso, das águas da vida. O Príncipe sentira-se grato por aquele pairar e apertava-lhe a mão com grande esforço mas com pouco resultado. Estava-lhe grato, mas não o ouvia. Fazia o balanço consumptivo da sua vida, queria joeirar do imenso acervo de cinzas do passivo as palhetas de ouro dos momentos felizes. Ei-los: duas semanas antes do casamento, seis semanas depois; meia hora por ocasião do nascimento de Paulo, quando sentiu o orgulho de ter prolongado de um pequeno ramo a árvore da casa Salina (o orgulho fora abusivo, sabia-o agora, mas existira deveras); algumas trocas de impressões com João antes deste desaparecer (alguns monólogos, para ser verdadeiro, durante os quais julgara descobrir no rapaz alma semelhante à sua); muitas horas no observatório, absortas na abstracção dos cálculos e na procura do inatingível. Mas estas horas podiam deveras ser colocadas no activo da sua vida? Não seriam antes uma benesse antecipada de beatitudes mortuárias? Que importava, tinham existido.

Na estrada, em baixo, entre o hotel e o mar, um realejo parou e pôs-se a tocar na doida esperança de comover forasteiros que naquela estação não

havia. Remoía: Tu que para Deus abriste as asas. O que restava de D. Fabrício pensou em quanto fel aquelas músicas mecânicas não misturariam, naquele mesmo momento, por toda a Itália, a quem sabe quantas agonias. Tancredo com a sua intuição correu à sacada, atirou uma moeda, fez-lhe sinal para se calar. O silêncio lá fora fechou-se sobre si, o alarido interior agigantou-se.

Tancredo. Decerto, muito do activo do balanço era Tancredo: a sua compreensão tanto mais preciosa quanto tingida de ironia, o gozo estético de vê-lo desembaraçar-se por entre as dificuldades da vida, a afeição zombeteira como convém que seja toda a afeição. Depois, os cães: Fufi, a enorme Mops da sua infância, Tom, o impetuoso cão de água confidente e amigo, os olhos mansos de Svelio, a deliciosa estupidez de Bendicó, as patas acariciadoras de Pop, o pointer que neste momento devia procurá-lo debaixo das moitas e das poltronas da villa e que não mais o encontraria; um ou outro cavalo, mas estes já mais distantes e estranhos. Havia ainda as primeiras horas dos seus regressos a Donnafugata, o sentido de tradição e perenidade expresso em pedra e em água, o tempo congelado; o tiroteio alegre de algumas caçadas, o massacre afectuoso de lebres e perdizes, algumas boas gargalhadas com Tumeo, alguns minutos de compunção no convento entre o cheiro a mofo e a confeitos. Havia mais? Sim, havia mais, mas já eram pepitas misturadas de terra: os momentos de satisfação em que dera respostas cortantes a tolos, a alegria de descobrir que na beleza e no carácter de Concetta se perpetuava uma verdadeira Salina; um ou outro momento de fúria amorosa; a surpresa ao receber a carta de Arago em que espontaneamente este o felicitava pela exactidão de difíceis cálculos relativos ao cometa de Huxley. E porque não? A exaltação pública quando recebera a medalha na Sorbona, a sensação delicada de algumas finíssimas

sedas de gravata, o odor de certos couros macerados, o aspecto ridente, o aspecto voluptuoso de algumas mulheres encontradas na rua: a que entrevira ainda ontem na estação de Catânia, misturada na multidão com seu vestido de viagem marron e luvas de camurça, que parecia, de fora, procurar-lhe o rosto desfeito escondido no compartimento sebento do comboio. Que gritaria a da multidão! “Sandúiches!” “II Corriere deli'l sola!” E depois o arfar do comboio cansado, sem fôlego... E aquele sol atroz à chegada, aquelas expressões fingidas, o irromper da catarata...

Na sombra que subia tentou contar o tempo que deveras vivera. O seu cérebro já não resolvia o simples cálculo: três meses, vinte dias, um total de seis meses, seis por oito oitenta e quatro... quarenta e oito mil... 1/840 000. Reagiu. “Tenho setenta e três anos, por alto terei vivido, verdadeiramente vivido, um total de dois... três anos o máximo.” E o sofrimento, o tédio, quanto tinham durado? Inútil cansar-se a fazer contas: todo o resto, setenta anos. Sentiu que as mãos já não apertavam as do neto e do sobrinho. Tancredo levantou-se à pressa e saiu... Não era já um rio o que irrompia de si, mas um oceano, tempestuoso, erizado de espuma e de vagalhões desenfreados...

Devia ter tido outra síncope porque deu por si a estenderem-no na cama. Alguém lhe tomava o pulso. Pela janela, o reflexo desapiedado do mar deslumbrava-o; no quarto ouvia-se um sibilar: era o seu estertor, não o sabia. À sua volta havia uma pequena multidão, um grupo de pessoas estranhas que o olhavam fixamente com expressão estarecida. Pouco a pouco lá as foi reconhecendo: Concetta, Francisco Paulo, Carolina, Tancredo, o pequeno Fabrício. Quem lhe tomava o pulso era o doutor Cataliotti; julgou sorrir-lhe as boas-vindas, mas ninguém se apercebeu.

Todos, excepto Concetta, choravam; até Tancredo, que dizia: “Tio, querido tio!”

De repente, de entre o pequeno grupo, surgiu uma jovem; esbelta, de vestido de viagem marron de ampla tournure, de chapéu de palha ornado com um véu de bolinhas que não conseguia esconder-lhe a maliciosa formosura do rosto. Insinuava a mão pequena, com luvas de camurça, entre os cotovelos dos que choravam, pedia desculpa, aproximava-se. Era ela, a criatura desejada desde sempre, que vinha buscá-lo: estranho que, jovem como era, se lhe tivesse rendido; a hora de partir o comboio devia estar próxima. Já perto dele, face a face, levantou o véu e, assim, púdica mas pronta a ser possuída, pareceu-lhe mais bela ainda que nunca antes, quando entrevista nos espaços estelares.

O fragor do mar aplacou-se de todo.

Capítulo VIII

A VISITA DE MONSENHOR, O VIGÁRIO-GERAL – O QUADRO E AS RELÍQUIAS – O QUARTO DE CONCETTA – VISITA DE ANGÉLICA E DO SENADOR TASSONI – O CARDEAL: FIM DAS RELÍQUIAS – FIM DE TUDO

Maio, 1910

Quem ia de visita às velhas meninas Salina encontrava quase sempre pelo menos um chapéu de padre sobre as cadeiras da antecâmara. As meninas eram três. Lutas secretas pela hegemonia caseira tinham-nas oposto, e cada uma delas, carácter forte a seu modo, queria ter confessor particular. Como naquele ano de 1910 se usava ainda, as confissões faziam-se em casa e os escrúpulos das penitentes exigiam que fossem muitas vezes repetidas. Ora, a esse pequeno pelotão de confessores é necessário acrescentar ainda o capelão que todas as manhãs vinha celebrar missa na capela privada, o jesuíta que assumira a direcção espiritual geral da casa, monges e padres que vinham arrecadar dádivas para esta ou aquela paróquia ou obra pia; e compreender-se-á então como o vaivém de sacerdotes era incessante, e por que a antecâmara da villa Salina mais parecia muitas vezes aquelas lojas de Roma à volta da Piazza delia Minerva, que expõem nas montras tudo quanto

há de chapéus eclesiásticos possíveis e imagináveis, desde os, flamejantes, de Cardeal aos cor de tição, dos curas de aldeia.

Então naquela tarde de Maio de 1910, a reunião de chapéus era deveras sem precedentes. A presença do Vigário-Geral da Arquidiocese de Palermo anunciava-se por um vasto chapéu de fino castor e delicada cor purpurina, muito bem arrumado em cadeira separada, só com uma luva ao lado, a direita, de seda tecida na mesma cor delicada; a do seu secretário por uma luzidia peluche negra de pêlos longos, de copa circundada por fino cordãozinho violeta; a de dois padres jesuítas por humílimos chapéus de feltro, tenebroso, símbolos de reserva e de modéstia. O chapelico do capelão jazia numa cadeira isolada, como convém ao de uma pessoa submetida a inquérito.

A reunião daquele dia não era de facto coisa de pouca monta. De harmonia com disposições pontifícias, o Cardeal-Arcebispo tinha iniciado uma inspecção aos oratórios privados da Arquidiocese, com o objectivo de se assegurar dos méritos das pessoas que tinham a permissão de neles mandar dizer missa, da conformidade da decoração e do culto com os cânones da Igreja, da autenticidade das relíquias neles veneradas. A capela das Signorine Salina era a mais conhecida da cidade e uma das primeiras que Sua Eminência se propunha visitar. E precisamente para tomar disposições com vista a esse acontecimento, fixado para o dia seguinte de manhã, Monsenhor, o Vigário-Geral, deslocara-se à villa Salina.

À Cúria Arquiepiscopal tinham chegado, destilados sabe Deus através de que filtros, rumores desagradáveis sobre aquela capela; não evidentemente em relação aos méritos das proprietárias e do seu direito a cumprir na própria casa os seus deveres religiosos: estes eram pontos fora de discussão. E nem mesmo se punha em dúvida a regularidade e a continuidade

do culto, coisas quase perfeitas, se se abstraísse uma exagerada relutância, de resto compreensível, das signorine Salina em fazer participar nos ritos sacros pessoas estranhas ao seu mais íntimo círculo familiar. A atenção do Cardeal fora atraída para uma imagem venerada na villa e para as relíquias, para as dezenas de relíquias, expostas na capela. Sobre a autenticidade destas corriam os boatos mais inquietantes e desejava-se que a sua genuinidade fosse comprovada. O capelão, apesar de ser eclesiástico de boa cultura e de melhores esperanças, fora repreendido com energia por não ter aberto suficientemente os olhos às velhas senhoras: recebera, se é lícito exprimirmo-nos assim, uma verdadeira “lavagem de tonsura”.

A reunião tinha lugar no salão central da villa, o dos macacos e dos papagaios. Num divã coberto de pano azul debruado a vermelho, aquisição de há trinta anos, que destoava desagradavelmente com as tintas evanescentes da preciosa decoração, sentavam-se a signorina Concetta com Monsenhor, o Vigário-Geral, à direita; de cada lado do divã duas poltronas a ele semelhantes acolhiam a signorina Carolina e um dos jesuítas, o padre Conti, enquanto a signorina Catarina, que tinha as pernas paralisadas, estava instalada na sua cadeirinha de rodas e outros dois eclesiásticos se contentavam com cadeiras cobertas de seda igual à decoração, que pareciam então a todos de menor mérito que as invejadas poltronas.

As três irmãs andavam à roda dos setenta, um pouco mais, um pouco menos; Concetta não era a mais velha; mas a luta hegemónica, a que se fez referência de início, encerrara-se há tempos com a debellatio das adversárias. Deste modo, e como mostrara bem a sua força, ninguém pensaria jamais em contestar-lhe as funções de dona de casa.

Na sua pessoa subsistiam ainda restos da passada beleza: gorda e imponente nos seus rígidos vestidos de moire negra, usava os cabelos muito brancos levantados sobre a cabeça, de modo a descobrir a fronte quase indemne; isto, juntamente com olhos desdenhosos e uma contracção rancorosa sob o nariz, conferia-lhe aspecto autoritário e quase imperial; a tal ponto que um sobrinho seu, tendo entrevisto um dia, já não sabia em que livro, o retrato de uma czarina ilustre, chamava-lhe em família “A Grande Catarina”, alcunha inconveniente que, de resto, a total pureza da vida de Concetta e a absoluta ignorância do sobrinho em matéria de história russa tornavam no fim de contas inocente.

A conversa durava há uma hora, já se tomara café e fazia-se tarde.

Monsenhor, o Vigário, resumia os seus argumentos:

– Sua Eminência deseja paternalmente que o culto celebrado em privado seja conforme os mais puros ritos da Santa Madre Igreja, e é precisamente por isso que a sua atenção se dirige em primeiro lugar para a vossa capela, porque Ela sabe como a vossa casa esplende, farol de luz, sobre o laicado de Palermo, e deseja que da inatacabilidade dos objectos venerados brote maior edificação para vós próprias e para todas as almas religiosas.

Concetta calava-se, mas Carolina, a irmã mais velha, explodiu:

– Temos então de nos apresentar diante das pessoas das nossas relações como acusadas; isto de uma inspecção à nossa capela, desculpe-me que lhe diga, Monsenhor, não devia sequer ter passado pela cabeça de Sua Eminência.

Monsenhor sorria, divertido:

– Minha senhora, não imagina quanto a vossa emoção é grata a meus olhos; ela é expressão de uma fé ingénua, absoluta, gratíssima à Igreja e,

certamente, a Nosso Senhor Jesus Cristo; e é tão-só para fazer florescer mais essa fé e para a purificar que o Santo Padre recomendou estas revisões, que aliás se estão realizando há alguns meses em todo o mundo católico.

A referência ao Santo Padre não era, para dizer a verdade, oportuna. Carolina, de facto, pertencia àquela categoria de católicos que estão persuadidos de que possuem as verdades religiosas mais a fundo que o próprio Papa; e algumas moderadas inovações de Pio X, a abolição de algumas festas secundárias, por exemplo, tinham-na já exasperado anteriormente. – Esse Papa faria melhor se se ocupasse do que lhe diz respeito.

E porque lhe surgiu a dúvida de ter ido demasiado longe, persignou-se, murmurou um Gloria Patri. Concetta interveio:

– Não digas coisas que não pensas, Carolina. Que impressão levará de nós Monsenhor aqui presente?

Este, para dizer a verdade, sorria mais que nunca: pensava apenas que se encontrava em face de uma garota envelhecida na estreiteza de ideias e de práticas pouco esclarecidas. E, benigno, perdoava.

– Monsenhor pensa que se encontra diante de três santas senhoras – disse ele.

O Padre Conti, o jesuíta, quis diminuir a tensão:

– Eu, Monsenhor, estou entre os que melhor podem confirmar as vossas palavras: o Padre Pirrone, cuja memória é venerada por quantos o conheceram, falava-me muitas vezes, era eu noviço, do santo ambiente em que estas senhoras foram educadas; de resto, o nome de Salina basta como referência.

Monsenhor queria chegar a factos concretos:

– Melhor, signorina Concetta, agora que tudo está esclarecido, gostaria de visitar, se mo permitem, a capela, para poder preparar Sua Eminência para as maravilhas de fé que verá amanhã.

No tempo do Príncipe Fabrício não havia capela na villa: a família toda deslocava-se à igreja nos dias de guarda, e até o Padre Pirrone, para celebrar a sua missa, tinha todas as manhãs de andar um bom pedaço de estrada. Depois da morte do Príncipe Fabrício, porém, quando, por várias complicações de sucessão que seria fastidioso narrar, a villa se tornou exclusiva propriedade das três manas, estas pensaram logo em montar oratório próprio. Escolheram uma sala um tanto fora de mão que, com as suas meias colunas de granito fingido encastoadas

nas paredes, despertava tenuíssima reminiscência a basílica romana: do centro do tecto mandaram raspar uma pintura inconvenientemente mitológica, alindaram o altar, e pronto.

Quando Monsenhor entrou, a capela estava iluminada pelo sol da tarde moribunda; e, em cima do altar, o quadro veneradíssimo pelas solteironas, em plena luz. Tratava-se de uma pintura no estilo de Cremona, que representava uma jovenzinha delicada, bastante agradável, olhos voltados ao céu, abundantes cabelos esparsos em graciosa desordem sobre os ombros, seminua; na mão direita apertava uma carta amachucada; a sua expressão era de comovida expectativa não isenta de certo júbilo que lhe brilhava nos olhos candidíssimos; ao fundo verdejava suavemente a paisagem lombarda. Nada de Jesus Meninos, nem de coroas, nem de serpentes, nem de estrelas: nenhum, em suma, daqueles símbolos que soem acompanhar a imagem de Maria; o pintor devia talvez ter-se fiado em que a expressão virginal era

suficiente para a identificar. Monsenhor aproximou-se, subiu um degrau do altar, e, sem se ter persignado, quedou-se a olhar para o quadro durante minutos, exprimindo sorridente admiração, como se fosse crítico de arte. Atrás dele as irmãs benziam-se e murmuravam ave-marias.

O prelado desceu o degrau, voltou-se e:

– Uma bela pintura – disse –, muito expressiva.

– Uma imagem milagrosa, Monsenhor, miraculosíssima – explicou Catarina, a pobre enferma, debruçando-se do seu instrumento de tortura ambulante. – Quantos milagres não tem feito!

Carolina continuou:

– Representa Nossa Senhora da Carta. A Virgem entrega a santa missiva e invoca do Filho Divino a protecção para o povo de Messina; protecção que foi gloriosamente concedida, como se viu dos muitos milagres havidos por ocasião do terramoto de há dois anos.

– Bela pintura, minha senhora; qualquer que seja o assunto é uma obra de arte e isso é necessário ter em conta.

Voltou-se depois para as relíquias: nada menos de setenta e quatro cobriam inteiramente as duas paredes ao lado do altar. Cada uma encerrada em moldura contendo um cartãozinho com a indicação de que coisa se tratava e um número referente à documentação que a identificava. Os documentos, em si, muitos deles volumosos e carregados de selos, estavam fechados numa caixa forrada de damasco, num canto da capela. Havia molduras de prata lavrada e de prata lisa, molduras de cobre e de coral, molduras de tartaruga; havia-as de filigrana, de madeiras raras, de buxo, de veludo vermelho e de veludo azul, grandes, minúsculas, octogonais, quadradas, redondas, ovais; molduras que valiam patrimónios e molduras compradas em feiras da ladra;

todas iguaizinhas para aquelas almas devotas e exaltadas pela religiosa tarefa de dragões de sobrenaturais tesouros.

Fora Carolina a verdadeira alma dessa coleção: tinha desencantado uma tal Dona Rosa, velha gordíssima, meia monja, que possuía relações frutuosas em todas as igrejas, todos os conventos, todas as obras pias de Palermo e arredores. Ora, tinha sido Dona Rosa a trazer, todos os dois meses, para villa Salina, uma relíquia de santo envolta em papel de seda. Conseguira, dizia ela, arrancá-la a paróquia em apuros ou a casa nobre em decadência. Se o nome do vendedor nunca fora mencionado, era apenas por compreensível, e até louvável, discrição; e, por outro lado, as provas de autenticidade que ela trazia e entregava sempre ali estavam, claras como o dia, escritas como eram em latim ou em caracteres misteriosos que lhes diziam ser gregos ou siríacos. Concetta, administradora e tesoureira, pagava. Depois era a procura e a adaptação de molduras. E de novo a imperturbável Concetta pagava. Tempo houve, que ainda durou um bom par de anos, em que aquela fúria colecionadora chegou a perturbar o sono de Carolina e Catarina: de manhã contavam uma à outra sonhos de achados miraculosos que esperavam se realizassem, como acontecia muitas vezes depois de confienciarem suas visões a Dona Rosa. O que sonhava Concetta não o sabia ninguém. Depois Dona Rosa morreu e o afluxo das relíquias cessou quase de todo; de resto já sobreviera certa saciedade.

Monsenhor olhou, apressado, algumas das molduras mais ao alcance da vista.

– Tesouros – dizia –, autênticos tesouros. Que maravilha de molduras!

Depois felicitando-as por tão “belos tesouros” (assim mesmo, dantescamente) e prometendo voltar no dia seguinte com sua Eminência

(“Sim, às nove em ponto”), fez a genuflexão, persignou-se, virado para uma modesta Madona de Pompeia pendurada numa parede lateral, e saiu do oratório.

Depressa ficaram as cadeiras da antecâmara viúvas dos seus chapéus, e os eclesiásticos subiram para três carruagens do Arcebispado, que, com seus cavalos mursesos, tinham ficado à espera no pátio. Monsenhor fez questão em levar na sua carruagem o capelão, o Padre Titta, que com esta distinção ficou muito desvanecido. As seges lá se puseram a caminho e Monsenhor guardava silêncio; costearam a opulenta villa Falconéri, com a sua buganvília em flor transbordando do muro do jardim, esplendidamente tratado; e quando atingiram a descida para Palermo, entre laranjais, Monsenhor disse:

– Com que então o meu amigo, Padre Titta, teve fígados para celebrar durante anos o Santo Sacrifício diante daquela serigaita? Daquela fulana que recebeu bilhete a marcar encontro e que espera o amante? Não me venha cá dizer que também o senhor julgava estar em presença de uma imagem santa?

– Monsenhor, sou culpado, sei-o bem. Mas não é fácil afrontar as signorine Salina, a signorina Carolina, principalmente, O senhor não pode saber o que isso é. Monsenhor arrepiou-se com a recordação: – Meu filho, tocaste a chaga com o dedo: e isso será

tomado em consideração.

Carolina fora desafogar a ira escrevendo a Clara, a irmã casada que vivia em Nápoles; Catarina, cansada talvez da interminável e penosa palestra, tinha sido posta na cama; Concetta voltou ao seu quarto solitário. Este era um daqueles quartos (tantos são que seria mais justo dizer que todos são assim) que têm duas faces: uma, a mascarada, que mostram ao visitante

ignaro; a outra, a face nua, que se revela só a iniciados, a seu dono antes de mais, ao qual se manifestam na sua esqualida essência. Era um quarto assoalhado e sobranceiro ao profundo jardim; num canto, a cama alta com quatro travesseiros (Concetta sofria do coração e tinha de dormir quase sentada); nenhum tapete, mas um soberbo sobrado branco de intrincados quadrados amarelos, um precioso cofre com dezenas de gavetas incrustadas de pedra dura e de estuque; escrivaninha, mesa central e todo o mobiliário num estilo à Maggiolini cheio de brio, de execução rústica, com figuras de caçadores, de cães, de feitos venatórios, que se agitavam, todos cor de âmbar, sobre o fundo de palissandro; mobiliário que a própria Concetta considerava antiquado e mesmo de péssimo gosto, mas que, vendido no leilão que se seguiu à sua morte, constitui hoje o orgulho de um rico mandatário quando a sua “patroa” oferece um cocktail às amigas invejosas. Pelas paredes, retratos, aguarelas, imagens santas. Tudo muito limpo, muito em ordem. Duas coisas apenas podiam talvez parecer insólitas: no canto oposto ao leito avantajavam-se quatro enormes arcas de madeira pintadas de verde, cada uma com um volumoso cadeado; e, diante delas, no chão, um montão de pelica em mau estado. Ao visitante ingénuo o pequeno quarto teria, quando muito, arrancado um sorriso, tão claramente se revelava nele a bondade bonacheirona, as preocupações de uma velha solteirona.

Para quem conhecesse os factos, para Concetta, ele era um inferno de recordações mumificadas. As quatro arcas verdes continham dúzias de camisas de dia e de noite, de roupões, de fronhas, de lençóis cuidadosamente subdivididos em “usados” e “por usar”; o bragal de Concetta em vão confeccionado há cinquenta anos. Aqueles ferrolhos jamais se abriam, com medo que de lá saltassem demónios incongruentes, e, com a omnipresente humidade de Palermo, a roupa amarelecia, desfazia-se, inútil para sempre e

para todos. Os retratos eram de mortos que ela já não amava, as fotografias de amigos que em vida a tinham ferido e que, por isso apenas, ela não esquecera na morte; as aguarelas mostravam casas e lugares na maior parte vendidos, desbaratados por dez réis de mel coado, por sobrinhos dissipadores. E se bem se olhasse o tal montículo de pelica carunchosa, notar-se-iam duas orelhas espetadas, um focinho de madeira negra, dois olhos atónitos de vidro amarelo: era Bendicó, há quarenta e cinco anos morto, há quarenta e cinco anos embalsamado, ninho de teias de aranha e da traça, odiado pelos criados que há dezenas de anos pediam que o deitassem ao lixo. Mas Concetta sempre a tal se opusera: fazia questão em não se afastar da única relíquia do seu passado que não lhe inspirava sensações penosas.

Mas as sensações penosas daquele dia (numa certa idade, cada dia traz, pontual, a respectiva pena), as sensações penosas daquele dia referiam-se todas ao presente. Bastante menos fervorosa do que Carolina, bastante mais sensível do que Catarina, Concetta tinha compreendido o significado da visita de Monsenhor, o Vigário-Geral, e previa-lhe as consequências: a ordem de afastamento de todas ou quase todas as relíquias, a substituição do quadro do altar, a eventual necessidade de reconsagrar a capela. Na autenticidade das relíquias ela nunca acreditara muito e tinha-as sempre pago com a atenção distraída de um pai que salda contas de brinquedos que a si próprio não interessam mas que servem para conservar os filhos sossegados. A remoção desses objectos era-lhe indiferente; o que a pungia, o que constituía o espinho daquele dia, era a triste figura que a casa Salina ia fazer agora, em face das autoridades eclesiásticas, e, dentro em pouco, em face da cidade inteira. A reserva da Igreja era o que de melhor no género se podia encontrar na Sicília, mas isso não queria dizer grande coisa: dentro de

um mês, de dois meses, tudo se saberia; como tudo se sabia nessa ilha que em vez do tridente grego deveria ter como símbolo próprio a siracusana orelha de Dionísio que repercute o mais leve suspiro cinquenta metros em redor. E ela, além disso, sempre tivera em muita conta a estima da Igreja. O prestígio do nome em si mesmo tinha-se desvanecido pouco a pouco. O património, dividido e redividido, na melhor das hipóteses, equivalia ao de tantas outras casas menos ilustres e era muitíssimo mais pequeno que o de alguns opulentos industriais. Mas, no que diz respeito à Igreja, às suas relações com ela, os Salinas tinham sempre conservado a sua proeminência; era preciso ver como Sua Eminência recebia as três irmãs quando elas iam visitá-lo pelo Natal. Mas agora?

Entrou uma criada de quarto:

– Excelência, está a chegar a Princesa. O automóvel já está no pátio.

Concetta levantou-se, ajeitou os cabelos, lançou sobre os ombros um xaile negro de rendas, reassumiou o olhar imperial; e chegou à antecâmara quando Angélica já subia os últimos degraus da escadaria exterior. Sofria de varizes: as suas pernas, que sempre tinham sido um pouquinho curtas de mais, sustentavam-na mal, e avançava apoiada ao braço de um servidor cujo gabão negro se abria ao subir a escada.

– Querida Concetta!

– Minha Angélica! Há quanto tempo não nos víamos!

Desde a última visita tinham passado, para sermos precisos, apenas cinco dias, mas a intimidade entre as duas primas (intimidade semelhante, por vizinhança e sentimentos, à que muito poucos anos depois estreitaria italianos e austríacos em trincheiras contíguas), essa intimidade era tal, que cinco dias podiam, na verdade, parecer muitos.

Muitos vestígios da beleza se descobriam ainda em Angélica, agora à beira dos setenta; a doença que três anos depois a transformaria numa larva miseranda seguia já seu curso, mas estava ainda submersa nas profundidades do sangue: os olhos verdes eram ainda os de antes, apenas levemente embaciados pelos anos, e as rugas do pescoço estavam escondidas por espessas fitas negras do capote que ela, viúva há três anos, usava, não sem um coquetismo que podia parecer nostálgico.

– Que queres tu – ia dizendo Concetta enquanto se dirigiam enlaçadas para o salão –, que queres tu, com estas festas eminentes do cinquentenário da expedição dos Mil não tenho um minuto de meu. Calcula que, há dias, vieram dizer-me que eu fazia parte da comissão de honra; uma homenagem à memória do nosso Tancredo, não há dúvida, mas uma trabalhadeira para mim! Pensar no alojamento dos veteranos que virão de todos os cantos da Itália, distribuir convites para a tribuna sem ofender ninguém; assegurar a adesão de todos os presidentes dos municípios da ilha. A propósito, querida, o presidente da Câmara de Salina é um clerical e recusou-se a tomar parte no desfile; por isso pensei logo no teu sobrinho, em Fabrício: tinha ido fazer-me uma visita, e, zumba, catrafilei-o. Não pôde dizer-me que não, e, assim, no fim do mês vamos vê-lo a desfilarem de casação, Rua da Liberdade abaixo, à frente de um grande cartaz com o nome de Salina em letras deste tamanho. Não te parece um belo golpe? Um Salina a prestar homenagem a Garibaldi. Será uma fusão da velha e da nova Sicília. Pensei também em ti, querida; aqui tens um convite para a tribuna de honra, mesmo à direita da tribuna real. E tirou da bolsinha parisiense um cartãozinho vermelho-garibaldino, de cor idêntica à da faixa de seda que Tancredo durante algum tempo usara por cima do colarinho.

– Carolina e Catarina vão ficar ofendidas – continuou a dizer da maneira mais arbitrária –, mas eu só podia dispor de um lugar: de resto, tu tens mais direito a ele do que elas; eras tu a prima preferida do nosso Tancredo.

Falava muito e falava bem; quarenta anos de vida em comum com Tancredo, coabitação tempestuosa e intermitente, mas suficientemente longa, apagaram-lhe os últimos vestígios do acento e das maneiras de Donna-fugata: tinha-se mimetizado ao ponto de fazer, cruzando-as e torcendo-as, aquele gesto elegantíssimo de mãos, que era uma das características de Tancredo. Lia muito, e sobre a sua mesa de cabeceira os mais recentes livros de Anatole France e de Paul Bourget alternavam com os de d'Annunzio e de Matilda Serão; e nos salões de Palermo passava por especialista em arquitectura dos castelos do Loire, sobre os quais discorria muitas vezes com exaltação imprecisa, contrapondo, talvez inconscientemente, a serenidade renascentista deles à inquietação barroca do palácio de Donnafugata, contra o qual nutria uma aversão inexplicável para quem não lhe conhecesse a infância submetida e abandonada.

– Mas que cabeça a minha, querida! Esquecia-me dizer-te que daqui a pouco virá cá o senhor Tassoni; é meu hóspede na villa Falconéri e quer conhecer-te: era um grande amigo do pobre Tancredo, um seu companheiro de armas também, e parece que lhe ouviu falar de ti. O nosso querido Tancredo!

O lencinho de fimbria subtil saiu da bolsinha, enxugou uma lágrima dos olhos ainda belos. Concetta tinha sempre intercalado uma ou outra frase aqui, além, no zumbido contínuo da voz de Angélica. Ao nome de Tassoni, porém, calou-se. Revia a cena, tão longínqua mas clara, como uma paisagem que se descobre através de um óculo às avessas: a grande mesa branca circundada de tantos mortos; Tancredo perto dela, agora também desaparecido (de resto, ela própria, o que estava, de facto, senão morta?); a

narrativa brutal, o riso histérico de Angélica, as suas, não menos históricas, lágrimas. Fora a reviravolta da sua vida, aquela; a estrada que seguira então tinha-a conduzido até aqui, a este deserto nem sequer habitado pelo amor, extinto, e pelo rancor, apagado.

– Soube dos aborrecimentos que tiveram com a Cúria. Que miudinhos! Mas porque não me preveniste? Alguma coisa teria podido fazer: o Cardeal deve-me favores, sabes? Receio bem que agora seja tarde de mais. Mas vou trabalhar nos bastidores. De resto, estou convencida que não vai ser nada.

O senhor Tassoni, que chegou daí a bocado, era um velhinho muito elegante, cheio de vivacidade. A sua fortuna, grande e ainda em aumento, fora conquistada à custa de competições e lutas, o que, longe de o amolecer, o mantivera num contínuo estado energético que, agora, superava os anos e os tornava fogosos. De uma permanência de poucos meses no Exército Meridional de Garibaldi ficara-lhe um ar militarão destinado a nunca se apagar. Esse ar, unido à cortesia, formara um filtro que lhe proporcionara, primeiro, muitos doces sucessos e, agora, acrescentado ao número das suas acções, lhe permitia, egregiamente, aterrorizar conselhos de administração bancários e algodoeiros; meia Itália e grande parte dos países balcânicos cosiam os botões com os fios da empresa Tassoni & Cia.

– Minha senhora – ia ele dizendo a Concetta, enquanto se sentava ao pé dela num escabelo baixo, próprio para pajem, e que precisamente por isso escolhera –, minha senhora, realiza-se agora um sonho da minha juventude longínqua. Quantas vezes, nas gélidas noites de acampamento sobre o Voltorno ou à volta das espaldas de Gaeta cercada, quantas vezes o nosso inesquecível Tancredo me falava de Vossa Excelência! A mim, parecia-me conhecê-la, minha senhora, e haver frequentado esta casa entre cujas paredes decorreu a juventude indómita do meu amigo. Sou feliz por poder, se bem

que com atraso, depor a minha homenagem aos pés de quem foi a consoladora de um dos mais puros heróis da nossa libertação.

Concetta estava pouco afeita a conversar com gente que não conhecia desde a infância, e era pouco amante da leitura. Não tinha tido, portanto, meio de se imunizar contra a retórica e, por isso, era sensível ao seu fascínio a ponto de ficar dela possessa. Comoveu-se com as palavras do senador: esqueceu a anedota guerreira cinquentenária, deixou de ver em Tassoni o violador de conventos, escarnecedor de pobres religiosas estarecidas, mas um velho, um sincero amigo de Tancredo, que falava dele com afecto, que lhe trazia a ela, sombra, uma mensagem do morto transmitida através das águas mortas do tempo, que os desaparecidos tão de raro conseguem transpor.

– E que lhe dizia de mim o meu querido primo? – perguntou a meia voz, com uma timidez que fazia reviver a mocinha de dezoito anos naquele acervo de seda negra e de cabelos brancos.

– Ah! tanta coisa! Falava de si quase tanto como de Dona Angélica! Esta era para ele o amor; a senhora, ao invés, era a imagem da adolescência suave, daquela adolescência que para nós, soldados, tão célere passa.

O gelo apertou de novo o velho coração; e já Tassoni, levantando a voz, se voltava para Dona Angélica:

– E recorda-se, Princesa, do que ele nos disse em Viena há dez anos?

Voltou-se outra vez para Concetta, explicando:

– Eu tinha lá ido com a delegação italiana negociar o tratado de comércio; Tancredo, com aquele seu grande coração de amigo e de camarada, com a sua afabilidade de grande senhor, hospedou-me na Embaixada. Talvez o tornar a ver um companheiro de armas naquela cidade hostil o tivesse comovido e quantas coisas do seu passado não nos contou então! Num

camarote da ópera, entre dois actos do D. Giovanni, confessou-nos, com a sua ironia inigualável, um pecado, um seu imperdoável pecado, como dizia ele, cometido contra si; sim, contra si, minha senhora.

Parou um instante para dar tempo a que se preparassem para a surpresa:

– Imagine que nos narrou como certo dia, durante um jantar em Donnafigata, se permitiu inventar uma fábula e contar-lha; uma fábula guerreira sobre os combates de Palermo; e como a senhora acreditou nele e se ofendeu porque o pequeno facto era um tanto audaz para a opinião de há cinquenta anos. A senhora exprobara-lho. “Era tão encantadora”, dizia, “a fixar-me com os seus olhos encolerizados e com os lábios graciosamente entumecidos de ira como os de cachorrinho enraivecido; era tão encantadora que se não me tivesse contido tê-la-ia beijado mesmo ali, diante de vinte pessoas e do meu temível tio.” Vossa Excelência, minha senhora, tê-lo-á olvidado; mas Tancredo recordava-o muito bem, tanta delicadeza havia naquele coração; recordava-o também porque esse delito cometera-o ele precisamente no dia em que encontrara Dona Angélica pela primeira vez.

E saudou a Princesa com um daqueles gestos de homenagem – a direita abaixando-se no ar – cuja tradição goldoniana se conservava apenas entre os senadores do Reino.

A conversa continuou ainda por algum tempo, mas não se pode dizer que Concetta nela tivesse tomado grande parte. A imprevista revelação penetrou no seu espírito com lentidão, e, ao princípio, não a fez sofrer demasiadamente. Mas quando as visitas se despediram e se foram embora, ficando sozinha, começou a ver mais claro, por consequência, a sofrer mais. Os espectros do passado há anos que estavam exorcizados; encontravam-se, naturalmente, dissimulados em tudo: eram eles que enchiam de amargura a

comida, de tédio a companhia; mas o seu verdadeiro rosto há muito tempo já se não mostrava; agora, eis que se revelava, envolto na fúnebre comicidade das dores irreparáveis. Decerto seria absurdo pretender que Concetta amasse ainda Tancredo: a eternidade dos amores dura pouco, não cinquenta anos. Mas da mesma maneira que uma pessoa há cinquenta anos curada de variola ostenta ainda as marcas no rosto, possa embora ter esquecido o tormento do mal, ela trazia na sua oprimida vida actual as cicatrizes da própria desilusão daí em diante quase histórica, tão histórica que se lhe celebrava oficialmente o cinquentenário. Até esse dia, quando ela, raramente, tornava a pensar em tudo quanto acontecera em Donnafugata naquele Verão longínquo, sentia-se sustentada por um sentimento de martírio suportado, de injustiça sofrida, pela animosidade contra o pai, que tinha descurado dela, por um sentimento lancinante em relação ao outro morto. Agora, ao contrário, estes sentimentos derivados, que tinham constituído a armadura de todo o seu modo de ser, desfaziavam-se também. Não tinha havido inimigos, mas uma única adversária, ela própria. O seu futuro tinha sido assassinado por imprudência sua, pela raiva impetuosa dos Salinas; e escapava-lhe agora, precisamente no momento em que após dezenas de anos as suas recordações voltavam a viver, a consolação de poder atribuir a outros a própria infelicidade, consolação que é o último filtro enganador dos desesperados.

Se as coisas tinham sido como dizia Tassoni, então as longas horas passadas em saborosa degustação de ódio diante do retrato do pai, o ter escondido a mínima fotografia de Tancredo para não ser obrigada a odiá-lo também, tinham sido estúpidos erros, pior, injustiças cruéis; e sofreu quando lhe tornou à mente a inflexão calorosa, o acento suplicante de Tancredo, quando pedia ao tio que o deixasse entrar no convento; tinham sido palavras de amor

em sua intenção aquelas, palavras incompreendidas, afugentadas pelo seu orgulho, e que, em face da sua aspereza, tinham batido em retirada, a cauda entre as pernas como cachorrinhos espancados. Do fundo atemporal do seu ser uma dor subiu manchando-a toda, ante aquela revelação da verdade.

Mas era então essa a verdade? Em nenhum lugar como na Sicília a verdade tem tão breve vida; deu-se o facto há cinco minutos e já o seu núcleo genuíno desapareceu, camuflado, aformoseado, desfigurado, oprimido, anulado pela fantasia e pelos interesses: o pudor, o medo, a generosidade, a má vontade, o oportunismo, a caridade, todas as paixões, as boas como as más, se precipitam sobre o facto e reduzem-no a pedaços; num instante, deixa de existir. E a infeliz Concetta a querer encontrar a verdade de sentimentos não exprimidos, mas apenas entrevistos meio século antes! Já não havia a verdade! A sua precariedade fora substituída pela irrefutabilidade da dor.

Entretanto, Angélica e o senador faziam o breve trajecto até à villa Falconéri. Tassoni parecia bastante preocupado:

– Angélica – disse (tinha tido com ela uma efémera ligação galante há trinta anos, e conservava aquela insubstituível intimidade que dão algumas horas passadas entre os mesmos lençóis) –, receio ter de qualquer maneira ferido a sua prima. Notou como estava silenciosa no fim da visita? Ficaria desolado, é uma senhora tão simpática!

– Creio bem que sim, Vittorio – respondeu Angélica, exasperada por duplo, se bem que fantasmagórico, ciúme –. Ela estava doidamente apaixonada por Tancredo; mas ele nunca fez caso dela. E, destarte, uma nova pàzada de terra veio cobrir o túmulo da verdade.

O Cardeal de Palermo era deveras uma santa alma; e, agora que há tanto tempo já não existe, permacem vivas as recordações da sua caridade e da

sua fé. Quando vivo, porém, julgavam-no bem diversamente: não era siciliano, não era sequer meridional ou romano, e deste modo a sua actividade de setentrional esforçara-se muitos anos antes por fazer levedar a massa inerte e pesada da espiritualidade ilhoa, em geral, e do clero, em particular. Coadjuvado por dois ou três secretários da sua terra, julgara ele, nos primeiros anos, ser possível remover abusos, desimpedir o terreno dos mais flagrantes empecilhos. Mas depressa teve de reconhecer que era disparar tiros em algodão em rama: o pequeno furo produzido no momento era colmatado, após breves instantes, por milhares de fibrilhas cúmplices, e tudo ficava como dantes, com a mais o custo da pólvora, o ridículo do esforço inútil e o deterioramento do material. Como a todos aqueles que, naqueles tempos, queriam reformar o que quer que fosse a maneira de ser siciliana, depressa se formara acerca dele a fama de “original” (o que nas circunstâncias ambientais era exacto) e tivera de contentar-se com passivas obras de misericórdia, as quais, de resto, mais não fizeram do que diminuir ainda a sua popularidade, quando elas exigiam acaso dos beneficiários a ainda que mínima fadiga de, por exemplo, se deslocarem ao palácio arquiiepiscopal.

O prelado ancião, que na manhã de catorze de Maio se dirigiu à villa Salina, era portanto um homem bom, mas desiludido, que tinha acabado por assumir em relação aos seus diocesanos uma atitude de desdenhosa misericórdia (muitas vezes, aliás, injusta), atitude que o levava a adoptar maneiras bruscas e cortantes que cada vez mais o submergiam nos pântanos da desafeição. Ora, as três manas Salina estavam, como sabemos, fundamentalmente ofendidas com a inspecção à sua capela. Porém, almas infantis e afinal de contas femininas, antegozavam dela as satisfações secundárias, mas inegáveis: como receber em sua casa um Príncipe da

Igreja, poder mostrar-lhe o fausto da casa Salina, que elas de boa fé julgavam ainda intacta, e, antes de mais, poder por meia hora ver borboletear em casa delas uma espécie de sumptuoso volátil vermelho, e admirar-lhe os tons vários e harmónicos das diversas púrpuras e o jaspeado das pesadíssimas sedas. As pobrezinhas, porém, estavam destinadas a ser desiludidas mesmo nesta última tão modesta esperança. Quando elas, tendo descido ao fundo da escada exterior, viram sair da carruagem Sua Eminência, tiveram de verificar que ele se pusera em pequeno uniforme. Sobre a severa sotaina negra, apenas minúsculos botõezinhos purpúreos indicavam a sua altíssima dignidade: mau grado o rosto de ultrajada bondade, o Cardeal não tinha maior imponência que o Arcipreste de Donnafugata. Foi cortês mas frio, e, talvez com demasiado tacto, soube mostrar respeito pela casa Salina e as virtudes individuais das suas senhoras e desprezo pelas ineptidões e pela devoção formalísta destas. Não deu réplica às exclamações de Monsenhor, o Vigário-Geral, perante a beleza das mobílias que havia nos salões que atravessavam, recusou o mínimo refresco (“Muito obrigado, minha senhora, um pouco de água apenas: hoje é a véspera da festa do meu santo patrono”), não se sentou sequer. Foi direito à capela, ajoelhou-se um instante ante a Madona de Pompeia, inspeccionou de fugida as relíquias. Abençoou, porém, com paternal mansuetude as donas da casa e a criadagem, todos ajoelhados na sala de entrada, e depois:

– Minha senhora – disse a Concetta, que tinha no rosto os sinais de uma noite de insónia –, durante três ou quatro dias não se poderá celebrar na vossa capela o Ofício Divino; terei o cuidado de fazer proceder o mais depressa possível a uma reconsagração. Segundo me parece, a imagem da Madona de pompeia ocupará dignamente o lugar do quadro que está agora no altar, o qual, de resto, poderá ir fazer companhia as belas obras de arte que

admirei ao atravessar os vossos salões. Quanto às relíquias, deixo aqui don Tacchiotti, meu secretário e sacerdote dos mais competentes, ele examinará os documentos e comunicar-vos-á os resultados das suas investigações.

Quanto decidir será como se o houvesse decidido eu próprio.

Deixou benignamente que todos lhe beijassem o anel e subiu pesadamente para a “carruagem mais o seu reduzido séquito.

As equipagens não tinham ainda alcançado a curva dos Falconéri, já Carolina, as maxilas cerradas e os olhos cintilantes, exclamava: “Quanto a mim, este Papa é turco”, enquanto dava a cheirar éter sulfúrico a Catarina. Concetta conversava calmamente com Don Tacchiotti, que lá tinha acabado por aceitar uma chávena de café e um babá.

Depois o sacerdote exigiu a chave da caixa dos documentos, pediu licença e retirou-se para a capela, não sem primeiro ter tirado da sua bolsa um martelinho, uma serra pequena, uma chave de parafusos, uma lupa e dois lápis. Fora aluno da Escola de Paleografia do Vaticano; ainda por cima era piemontês. O seu trabalho foi longo e rigoroso; o pessoal ao passar diante da entrada da capela ouvia marteladinhas, rangidos de parafusos e suspiros. Três horas depois, don Tacchiotti reapareceu com a sotaina coberta de pó e as mãos negras, mas contente e com uma expressão de serenidade no rosto cheio, de óculos. Pedia desculpa por trazer na mão um grande cesto de vime:

– Tomei a liberdade de me apropriar deste cesto para pôr o rebotalho: importar-se-ão, por acaso, que o pouse mesmo aqui?

E depôs num ângulo o cesto que transbordava de papéis rasgados, de cartões, de pequenas caixas cheias de ossinhos e cartilagens.

– Tenho o prazer de vos comunicar que encontrei cinco relíquias perfeitamente autênticas e dignas de serem objecto de devoção. O resto está

ali – disse, mostrando o cesto. – Podiam dizer-me, minhas senhoras, onde poderei escovar-me e lavar as mãos?

Voltou cinco minutos depois e enxugava as mãos numa toalha em cuja fimbria um Leopardo, bordado a vermelho, dançava.

– Esquecia-me de dizer-lhes que as molduras estão em ordem em cima da mesa da capela; algumas são verdadeiramente muito belas.

Despedia-se:

– Minhas senhoras, os meus respeitos. Catarina, porém, recusou-se a beijar-lhe a mão.

– E do que ficou no cesto, o que devemos fazer?

– Absolutamente aquilo que quiserem, minha senhora; guardá-lo ou deitá-lo ao lixo; não têm valor algum.

E porque Concetta queria mandar aparelhar uma carruagem para o levar:

– Não se dê ao incómodo, minha senhora; vou almoçar com os oratorianos aqui a dois passos. Não preciso de nada.

E, tornando a pôr na bolsa os instrumentos, lá se foi de pé ligeiro.

Concetta retirou-se para o seu quarto; não sentia a mínima sensação: parecia-lhe viver num mundo conhecido mas estranho, que já tivesse exaurido todos os impulsos que podia ceder, e que consistisse, daí em diante, em puras formas. O retrato do pai não era mais que alguns centímetros quadrados de tela, as caixas verdes alguns metros cúbicos de madeira. Daí a nada trouxeram-lhe uma carta. O sobrescrito estava lacrado a negro com uma coroa em relevo: “Caríssima Concetta, cá soube da visita de Sua Eminência e estou contente por se terem podido salvar algumas relíquias. Espero conseguir que Monsenhor, o Vigário-Geral, venha celebrar

a primeira missa na capela reconsagrada. O senador Tassoni parte amanhã e recomenda-se à tua boa recordação. Irei ver-te em breve e entretanto beijote com afecto e igualmente a Carolina e Catarina. Tua: Angélica.” Continuou a não sentir nada: o vazio interior era completo; apenas do montão de pelica se exalava uma névoa de mal-estar. Era a dor desse dia: até o bom do Bendicó lhe insinuava recordações amargas. Tocou a campainha:

– Aninhas – disse –, este cão está realmente cheio de caruncho e de pó: é de mais. Leva-o, deita-o fora.

Quando arrastavam a carcaça para fora, os olhos de vidro fixaram-na com a humilde repreensão das coisas que se rejeitam, que se querem anular. Poucos minutos depois, o que restava de Bendicó foi arrojado para o canto do pátio que o carro do lixo visitava todos os dias. Durante o voo, janela abaixo, a sua forma recompôs-se um instante: dir-se-ia dançar no ar um quadrúpede de longos bigodes, e a dextra anterior erguida parecia amaldiçoar. Depois, a paz tornou a cair sobre um montículo de poeira lívida.

[1] Em francês no original, como, aliás, muitas outras palavras e frases não se traduzem. (Nota do tradutor.)

[2] Corresponde ao nosso presidente da Câmara Municipal. (Nota do tradutor.)

[3] Câmara de Deputados e Ministério dos Negócios Estrangeiros. (Nota do tradutor.)